

VALENTINA

Na câmara escura



*Inspirado na sensual
personagem de
Guido Crepax*

EVIE BLAKE





VALENTINA

Na câmara escura



*Inspirado na sensual
personagem de
Guido Crepax*



EVIE BLAKE

VALENTINA
Na câmara escura

Evie Blake

Título original em inglês: *Valentina and the dark room*

ISBN 978-0-7553-9887-4

Copyright © Noelle Harrison 2011

Inspirado na personagem Valentina, de Guido Crepax

Ilustrações Copyright © Guido Crepax, Crepax Estate. Todos os direitos reservados

Copyright © Luisa Mandelli, Antonio Giovanni Crepas, Caterina Crepas e Giacomo Emilio Crepas

TODOS OS DIREITOS NO BRASIL RESERVADOS PARA

Editora Europa

Rua MMDC, 121

São Paulo, SP

Editor e Publisher Aydano Roriz

Diretor Executivo Luiz Siqueira

Diretor Editorial – livros Mário Fittipaldi

Tradução do original em inglês Natalia Ferreira

Revisão de Texto Cátia de Almeida

Edição de Arte Jeff Silva

Foto da capa © Magone/Shutterstock

Sobre este livro

Criada pelo célebre artista gráfico italiano Guido Crepax, a jovem fotógrafa de moda Valentina Rosselli é uma das mais emblemáticas heroínas de *graphic novels* de todos os tempos. Com seus cabelos pretos cortados rente à nuca, inspirados na artista de cinema dos anos 1920 Louise Brooks, ela é a essência da sofisticação europeia. No seu íntimo, vive uma mulher apaixonada e excitante, que não pensa duas vezes para mergulhar em mundos desconhecidos e experimentar seus desejos mais secretos.

Neste romance, Valentina vive em Milão com seu amante Théo e recebe dele um presente inusitado: um álbum de fotos antigas, com negativos enigmáticos, cujas imagens, à primeira vista, são indecifráveis. Adepta do processo fotográfico tradicional, ela amplia os negativos em sua câmara escura e, ao montar o quebra-cabeça, descobre que se tratam de *closes* de uma mulher retratada em poses eróticas.

Ao mesmo tempo, Valentina recebe uma proposta de trabalho igualmente inusitada: criar uma série de fotos artísticas e eróticas em um clube de sadomasoquismo. Inicialmente avessa ao tema, acaba acreditando que suas incursões nesse mundo podem ajudá-la a descobrir quem é a mulher retratada nos negativos. E também qual a relação dela com a sua vida.

Louise Brzezinska, por sua vez, vive em Veneza no ano da Grande Depressão, 1929. Presa num casamento infeliz com um poderoso homem de negócios, certa vez é confundida com uma prostituta e resolve viver a experiência. Ao ver aflorar toda a sua sensualidade e desejo reprimidos, passa a levar uma vida dupla, alternando a recatada vida de socialite com seu alter ego, Belle, a cortesã mais famosa de Veneza.

Mesmo separadas por décadas, Valentina e Belle têm uma relação atemporal entre elas: ambas estão em busca de sua verdadeira identidade. Belle acredita que só o amor pode ser libertador, enquanto Valentina mergulha em uma viagem erótica que vai revelar traços de sua personalidade que ela jamais pensou existir.

Sobre a autora



Evie Blake é o pseudônimo da escritora e roteirista Noëlle Harrison. Autora de uma série de peças de teatro e de quatro livros, traduzidos para cinco idiomas, estreou na literatura com o romance *Beatrice*, de 2004. Nascida em Londres, atualmente vive em Bergen, na Noruega.

Table of Contents

Frontispício	
Expediente	
Sobre este livro	
Sobre a autora	
Dedicatória	
01 Belle	
02 Valentina	
03 Belle	
04 Valentina	
05 Belle	
06 Valentina	
07 Belle	
08 Valentina	
09 Belle	
10 Valentina	
11 Belle	
12 Valentina	
13 Belle	
14 Valentina	
15 Belle	
16 Valentina	
17 Belle	
18 Valentina	
19 Belle	
20 Valentina	
21 Belle	
22 Valentina	
23 Belle	
24 Valentina	
25 Belle	
26 Valentina	
27 Belle	
28 Valentina	
29 Belle	
30 Valentina	
31 Belle	
32 Valentina	
33 Belle	
34 Valentina	
35 Belle	
36 Valentina	
37 Belle	
38 Valentina	
Agradecimentos	
Próximo livro da série	
Valentina, ícone de uma geração	

*Para Barry, que é tudo para mim, e
para a Valentina que temos dentro de nós*

Belle

NUA, ELA FOI CARREGADA até a beira-mar. Colocaram seu corpo sobre a areia ainda quente do sol, seus pés de frente para o mar. Sentia as ondas batendo contra seus tornozelos, como um amante tocando seus dedos com beijos gelados.

Era uma noite sem lua, mas acesa por estrelas que brilhavam, pequenos pontos de esperança no céu, lágrimas dentro de seu coração. Estava tão escuro que ela não conseguia enxergar o rosto deles. Sentia como se escapasse do mundo real para outro universo. Um lugar habitado apenas por suas fantasias. Seus acompanhantes se tornaram algo mais do que meros homens. Eram criaturas das sombras pulsando em seu desejo, sua necessidade.

Estavam sob as estrelas, em campo aberto, mas a falta de luz era tamanha que poderiam estar numa caverna escura ou numa sala sem qualquer entrada de luz. Sentia uma ponta de medo, mas não o suficiente para querer parar. Uma outra personalidade estava prestes a explodir dentro dela.

Valentina

VALENTINA LEVANTA O CORPO apoiada em seus cotovelos e contempla seu namorado, adormecido a seu lado. Já faz seis meses que decidiram morar juntos. Ela se inclina para o lado e enrosca os braços nas costas de Théo. Adora abraçá-lo enquanto ele dorme, quando não pode saber o quanto ela gosta dos dois juntos. E de todas as possibilidades que isso significa.

Carinhosamente, desliza os dedos pelas costas perfeitas de Théo e se permite um momento raro de pura afeição. Um gesto que tem o cuidado de jamais repetir quando ele está acordado.

Valentina examina sua pele branca de linho e a compara ao tom desbotado da pele de Théo Steen, avaliando o contraste perfeito entre seus corpos. Ela, pálida e de ossos leves e pequenos, como Louise Brooks, seu ícone de beleza. Ele, com a pele escura e quente, mais do que qualquer amante latino que já tenha passado por seus braços, e que ressalta o azul desconcertante dos olhos. Faria mais sentido se a pele dela fosse mais escura, pois era italiana. Théo era de Nova York, filho de imigrantes holandeses.

Ela não tem muitas informações sobre o passado dele, mas, do pouco que sabe, tudo indica que os dois viveram vidas muito diferentes. Théo ainda é muito próximo dos pais e, para Valentina, sua infância parecia ter sido encantada. Ele toca violoncelo, além de ser um cavaleiro e um espadachim excepcional. Fala uma miríade de idiomas. Poderia ter escolhido qualquer profissão que desejasse. Era um daqueles homens com grande potencial para se tornar irritantes: um sujeito bem-sucedido, que não precisava se preocupar em ganhar a vida e, portanto, podia se dar ao luxo de se dedicar à sua paixão, a arte moderna. Em vez de ser despachado logo depois do primeiro encontro, aqui estava ele, deitado em sua cama, perdido na inocência do sono, bem ao seu lado. Estavam morando juntos.

Valentina olha para seu amante adormecido. Théo está deitado de bruços. Sua cabeça, virada para o outro lado. Ela imagina onde seus sonhos o estejam levando. Fantasia sobre a possibilidade de ele despertar com a memória do toque carinhoso sobre as suas costas. Na noite passada, ela quis tanto que ele gozasse, embora estranhamente não sentisse a necessidade de um orgasmo. Não, isso não era muito de seu feitio, não era nada Valentina. Tanto quanto não era típico dela não exigir sexo agora pela manhã. Será que com o tempo a paixão diminui?

Quando não houvesse mais tesão entre os dois, o que sobraria? Estranhos antes de se encontrar e novamente estranhos ao se separar. Já teria chegado o tempo de acabar tudo? “Não, ainda não”, sussurra uma voz dentro de sua cabeça. Ela está entrando em pânico desnecessariamente. É tudo tão novo para ela; dividir a casa, a vida.

Nunca havia dividido seu apartamento com alguém antes dele. Não desde que sua mãe havia partido. Ainda a surpreende a facilidade com que tudo deu certo com a mudança de Théo. Mas, no fundo, sabe exatamente qual foi a motivação que permitiu a entrada dele em seu apartamento. Uma reação instintiva ao aviso deixado pela mãe: estaria sendo usada? Instintivamente, coloca essa ideia de lado. Théo hesitou muito antes de aceitar a proposta, perguntou muitas vezes se ela tinha certeza de que era isso mesmo o que queria. Definitivamente, há algo diferente com ele: já havia visto o pior dela e ainda não tinha ido embora.

Valentina enrola com força a ponta do lençol em volta de seu dedo, um anel de algodão branco que aperta sua carne com tanta força que a faz morder os lábios de dor. Apesar de sua vida tranquila, ele não parecia achar que tudo estava garantido. Tentava agradá-la sempre que podia.

Ela volta a se deitar e sorri olhando para o teto, estudando cada brilho emitido pelo cristal de seu lustre, enquanto divaga sobre a noite passada. Cuidadosamente, molha os lábios com a língua e ainda consegue sentir o gosto de Théo neles. Ela ainda sente o gosto salgado de seu amante ao se lembrar de como o acariciou com sua boca. Ela o afastou, apesar da sua vontade de estar dentro dela, e não deixou que a tocasse. Queria que fosse só para ele. Então, continuou a saga: lambendo, provocando com os dentes, percorrendo tudo com sua língua enquanto apertava sua ereção aveludada com força dentro da boca. Ela precisava sentir sua entrega, sua vulnerabilidade. Sua força. Ela o levou ao limite.

Quando Théo gritou o nome dela, foi como se uma chama surgisse em seu coração, queimando e aquecendo ao mesmo tempo. Era uma sensação que misturava medo e satisfação. Como isso era possível? Normalmente ela não gostava que seus amantes falassem durante o sexo. Imagine então gritar... Sempre insistia no silêncio. Detestava falsas declarações de amor, nascidas no calor do momento. Mesmo assim, Théo a havia chamado e, em algum lugar de sua intimidade, ela havia respondido, ainda que não quisesse reconhecer. O gosto salgado permanecia em seus lábios. Não é de se admirar que tenha sonhado com o mar. Ela fecha os olhos e tenta expulsar imagens indesejáveis da cabeça, o sorriso sumindo dos lábios, mas as sensações desconstruídas do sonho que tivera ressurgem. Mergulha cada vez mais fundo na água, sem conseguir emergir para a luz; vêm a escuridão e o sufocamento.

— O que está acontecendo?

Ela abre os olhos. Théo está deitado de lado, sua cabeça apoiada na mão. Seus olhos azuis a tranquilizam.

— O que está acontecendo?

— Tive um pesadelo esta noite.

Ele a puxa para perto. Ela deixa que a abrace, que seus braços a envolvam. Volta a fechar os olhos e sente o queixo de Théo descansar sobre sua cabeça.

— Quer me contar? — pergunta, a voz abafada nos cabelos dela, mas Valentina não responde e Théo não insiste.

É tão boa a sensação de estar nos seus braços. Ela não quer arrastar os dois de volta para o mundo sombrio de seu pesadelo e estragar um dia novo em folha.

— Não — ela diz finalmente.

— Ok, querida.

Ele a beija na testa.

Palavras de carinho saem tão facilmente da sua boca... Seriam verdadeiras? Para ela é muito difícil fazer o mesmo. Querido, amor, docinho são palavras que, muitas vezes, ficam presas em sua garganta, mas jamais são pronunciadas. Querida... Essa palavra a toca em algum recanto profundo e ela se enrijece nos braços dele, querendo empurrá-lo para longe. Gentilmente, Théo desembaraça seu corpo do dela, como se sentisse sua necessidade de espaço.

— Vou fazer um chá — diz, saindo da cama, evitando cuidadosamente o contato com seus olhos.

Ela o observa em toda sua gloriosa nudez enquanto ele caminha para o outro lado do quarto. Apesar de vestir o roupão de seda dela, a peça só torna mais evidente sua masculinidade, enfatizando os contornos do seu corpo. Ela sente um arrepio logo abaixo do umbigo, profundo, cada vez mais profundo, enquanto o observa sair pela porta. Por que sentiu frio enquanto estava aninhada em seus braços? Agora, tudo que desejava era transar com ele.

Olha para o relógio. Já passa das sete. Deveria se levantar, estava cheia de coisas para fazer, mas não conseguia se obrigar a deixar o santuário em sua cama. Bocejando, ela se espreguiça esperando pelo chá que Théo está preparando. Que bom que não tinha estragado aquela manhã com seus temores.

Valentina não gosta do passado. Nunca entendeu a proposta de transparência completa de muitos relacionamentos contemporâneos. Essa necessidade de dragar cada pedaço de sua história pessoal, expô-la e esperar que seu parceiro faça o mesmo. Sempre se espantava ao constatar como muitas mulheres jovens tentavam manipular seus namorados apelando para isso. A última coisa que pretendia ser era uma vítima. Não, o melhor era nunca olhar para trás, deixar sempre um pouco de mistério não revelado. Ela acredita que cada um tem o

direito de manter seus segredos para si. Esse sempre tinha sido seu lema. E mesmo assim...

Não consegue tirar da cabeça as palavras de Gina Faladi. Não que a jovem tivesse falado por mal, Gina é um doce de pessoa, embora submissa demais, na opinião de Valentina. Dava para perceber como deixava que seu namorado, Gregório, tomasse conta de tudo. Sabe lá Deus como ele seria entre quatro paredes. E, apesar dessa atitude submissa, era uma das melhores maquiadoras com quem Valentina já tinha trabalhado. Na semana passada, as duas tinham ido a Praga para uma sessão de fotos de moda para uma revista. Na volta, enquanto tomavam uma taça de vinho no avião, Gina fez a pergunta que Valentina não para de remoer.

“Para onde ele vai?”

Valentina começara a responder com a intenção de dizer que não tinha a menor ideia e que isso não tinha nenhuma importância, porque nem ela nem Théo eram ciumentos. Mas, ao ver as sobrancelhas de Gina se juntarem em questionamento, mudou de ideia.

“Vai trabalhar.”

Ela bebericou seu vinho.

“Vai a exposições, encontros com artistas, comprar obras de arte...”, ampliou a explicação, sem dar muitos detalhes. Era uma boa desculpa e, quem sabe, até a verdade. Mas o fato era que Valentina não tinha a menor ideia de por que seu amante desaparecia por dias seguidos uma vez por mês. Apesar das críticas e resenhas e dos dois livros publicados antes mesmo de eles se conhecerem — um sobre o expressionismo alemão e outro sobre futurismo na Itália dos anos 1920 — não havia trabalho suficiente para justificar tantas viagens de um crítico de arte. E por que ele estava em Milão, afinal? Sua ocupação atual, professor convidado na universidade, não pagava bem. Com certeza, poderia conseguir uma posição melhor se voltasse para os Estados Unidos. Quando perguntou a Théo o que estava fazendo na Itália, ele evitou uma resposta objetiva, limitou-se a agitar os braços, como um verdadeiro italiano, e disse apenas que precisava estar ali agora. Todos os dias, ela esperava ouvi-lo dizer que precisava voltar para casa. Mas ele já estava em Milão há quase um ano quando se conheceram. No começo, Valentina não se importava com as viagens de Théo. Na verdade, durante os primeiros meses em que estavam vivendo juntos, ela secretamente comemorava suas partidas. Não tinha completa certeza de que queria morar com ele e às vezes, culpava as palavras de sua mãe pela decisão.

“Não deixe que a domine; isso é tudo o que eles querem. E, pelo amor de Deus, não vá morar com ele!”

Como sempre, sua mãe tinha conseguido acabar com suas expectativas. Por

que insistia em procurá-la? Valentina viveu numa espécie de frenesi depois das primeiras semanas excitantes ao lado de Théo e teve a péssima ideia de se abrir com a mãe. Chegou até a esperar ansiosamente a melhor hora de ligar para os Estados Unidos, onde morava.

Devia ter ouvido sua intuição. Em vez de ficar feliz, imediatamente sua mãe apontava tudo o que poderia dar errado, numa enxurrada de negatividade. “Valentina!”, tinha avisado. “Você e eu... Não somos capazes de nos entregar completamente a um único homem. Precisamos de espaço. Aprendi isso da pior maneira. Não apresse as coisas.”

Aquelas palavras enfureceram Valentina. Definitivamente, era uma mulher totalmente diferente de sua mãe, a quem considerava uma mulher fútil, autocentrada e que necessitava de atenção constante. Incapaz de dividir o que quer que fosse com alguém, até mesmo com os próprios filhos. Valentina precisava provar que a mãe estava errada. Foi assim, para completa surpresa de Théo, que o convidou para dividir o mesmo teto. Por que não? O proprietário do lugar onde ele vivia havia pedido o imóvel e ele precisava se mudar. O apartamento dela era enorme e não lhe custava nada, já que pertencia à sua mãe. Seriam colegas de quarto que transavam, ela explicou para ele. A incongruência de seu convite fez com que ele caísse na risada, chamando-a de louca. Mesmo assim, aceitou.

Se realmente quisesse ser honesta consigo mesma, Valentina teria de admitir que temia que a mãe tivesse razão. Achava difícil fazer concessões. Embora as brigas entre os dois fossem raras e seus gostos para música, comida e arte serem semelhantes, as pequenezas, as minúsculas coisas do dia a dia, a incomodavam. Ela gostava da porta do quarto aberta durante a noite e de uma luz acesa no corredor, enquanto Théo preferia a escuridão completa e a porta fechada. Ela trabalhava em silêncio. Ele preferia ouvir música. Geralmente escolhia trilhas de que os dois gostavam, mas às vezes selecionava músicas de bandas dos anos 1980 que a mãe dela adorava, como Joy Division ou The Cure, sempre alto demais. Tão alto que ela podia ouvir ainda que estivesse fechada na câmara escura ampliando fotos. Essa perturbação sempre fazia com que ela rangesse os dentes. Às vezes, ele falava demais. Sempre tomando cuidado para não revelar muito sobre sua vida ou insistir demais em perguntas sobre a mãe dela (uma armadilha na qual outros amantes caíam e que fazia com que ela os dispensasse), ele era obcecado por discutir, debater, trocar pontos de vista.

O tema poderia variar entre uma exposição ou um filme que tivessem visto, o tipo de debate que ela apreciava. Mas Théo também adorava discutir questões cotidianas e falar sobre temas como economia ou história. O tempo todo ele a crivava de perguntas sobre a política italiana. O que as pessoas achavam de

Mussolini hoje? O que havia acontecido à família dela durante Segunda Grande Guerra? Valentina não tinha interesse nenhum nesses assuntos. Já havia se fartado de ouvir sobre política quando era criança. As histórias que sua mãe lhe contava eram todas sobre o que tinha acontecido à sua família antifascista durante a Guerra. E isso já bastava para sua vida toda. Tanto que não suportava as discussões de seu irmão Mattia com sua mãe. Nas raras vezes em que ela os encontrava, debatiam e debatiam sobre os certos e os errados do comunismo. Às vezes ela culpava esses choques de visões políticas pela partida do pai, há muitos anos.

Valentina não gosta de idealistas. Aqueles que negligenciam as próprias famílias para salvar o mundo. Théo parecia mais pragmático. E como poderia ser diferente com a criação americana que teve? Mas, quando começava a falar sobre o mundo e a esperança de que as coisas mudassem, deixava-a irritada. Será que ele percebia as linhas duras que se formavam ao redor de sua boca, e como suas mandíbulas ficavam tensas quando ele exigia ouvir sua opinião sobre esses temas? Não podia ser coincidência que, no dia seguinte a um desses debates tensos, ele anunciasse uma viagem, como se percebesse que ela precisava ficar sozinha.

Valentina estava acostumada a ficar só. Foi criada como se fosse filha única, já que Mattia tinha sido mandado para um internato logo depois de seu nascimento. Na ocasião, ela estava entrando na adolescência — estava com 13 anos, e já não via o pai desde os seis. Mesmo Mattia dizia não conhecê-lo de verdade. Portanto, eram apenas ela e a mãe, que a ensinou desde cedo a ser autosuficiente. Quando era muito jovem, sua mãe a levava em seus próprios ensaios fotográficos e Valentina aprendeu a se ocupar com os livros. Era uma leitora ávida.

Aos 12 anos, sua mãe a deixou em Milão e se mudou para os Estados Unidos. A desculpa era não interromper a escola da menina, mas Valentina suspeitava que ela não queria a filha adolescente atrapalhando sua vida. Os homens amavam Tina Rosselli, ela era um ícone em seu universo de estilo e *glamour*. É preciso dizer que sua mãe nunca escondeu a idade, mas andar acompanhada por uma versão mais jovem dela mesma era demais para sua vaidade. Por isso, aos 13 anos Valentina podia passar uma semana inteira sozinha em seu apartamento, sem outra companhia além do gato Tash. Ela se lembrava de uma ocasião em que tinha convidado a amiga Gaby para ir à sua casa depois da aula e de ver o espanto estampado no rosto dela, quando ficou claro que Valentina tinha ficado sozinha a semana inteira, algo que procurava não contar para ninguém enquanto estava na escola.

— Mas quem toma conta de você? — Gaby perguntou, de olhos arregalados,

repletos de pena.

— Não preciso que ninguém tome conta de mim — Valentina respondeu, arrogante.

— Você faz tudo sozinha? E suas roupas, quem lava?

Valentina tomou consciência de seu uniforme amarrotado. As freiras sempre brigavam com ela por causa de suas roupas desleixadas. Uma crítica que ela evitava transferir para sua mãe, que tinha orgulho de sua própria aparência e da de sua filha. Tina sempre havia recomendado que Valentina andasse perfeitamente vestida. Para ela, isso era mais importante do que comida.

— Não ligo para minha aparência — respondeu sem parecer dar grande atenção à pergunta. — É só roupa de escola.

Gaby havia pendurado a mochila nas costas de uma cadeira. A mesa estava cheia de lixo, de restos de comida e de louça suja.

— Você cozinha? — ela perguntou.

— Mais ou menos — respondeu Valentina, abrindo a geladeira e conferindo, meio sem jeito e se achando adulta, o conteúdo. — Você está com fome?

— Sempre! — sorriu Gaby. — Vamos comer bobagem? Eu vou dar uma corrida até a padaria enquanto você cozinha.

Valentina largou o corpo contra a porta da geladeira e continuou a olhar desalentada para seu conteúdo. Um pote de *pesto*, um pedaço de queijo parmesão e uma embalagem de *rigatoni*. E isso era tudo. Gaby juntou-se a ela na frente da geladeira. Passou o braço pela cintura da amiga quando viu os poucos ingredientes.

— Só tem isso? — perguntou horrorizada, baixinho.

Valentina não respondeu. Enxergava as poucas caixas e potes ali dentro com os olhos de sua amiga. E sentiu muita vergonha de sua mãe.

— Minha mãe não dá muita bola para comida...

Gaby apertou-a pela cintura.

— Eu posso cozinhar algo para você. Minha mãe me ensinou.

Valentina mordeu os lábios. Amava sua amiga Gaby, mas às vezes também sentia muita inveja dela. A mãe de Gaby era uma daquelas típicas mães italianas, uma autêntica *mamma*. Gordinha, carinhosa, sempre tentando enfiar comida pela sua boca. Era exatamente por isso, reclamava Gaby, que ela era cheinha. Apesar disso, Valentina admirava as curvas da amiga e seu corpo apetitoso. Valentina era mais alta e esguia, não tinha curvas. E sua mãe nunca quis ensiná-la a cozinhar.

— Ok, vou à padaria e trago uns doces para nós — Valentina ofereceu-se.

— Traga muitos, uns quatro de cada tipo! — Gaby gritou antes que a amiga saísse pela porta.

Gaby sabia mesmo cozinhar. Ela preparou um lindo prato de *rigatoni* ao *pesto* de tomate (onde encontrou aquilo no meio da bagunça dos armários?). Quando Valentina voltou com os doces, a amiga já tinha varrido o chão, lavado a louça e limpado a mesa. Ficou admirada. O desejo de Gaby de tomar conta dela a espantava, porque sabia que não faria o mesmo pela amiga.

— Você não se sente solitária? — Gaby perguntou enquanto Valentina limpava o prato, lambendo a colher com apetite.

— Nunca! — respondeu Valentina, se encostando na cadeira e apreciando a rara sensação de ter a barriga cheia. — Adoro ficar sozinha. Mas não acharia ruim se você se tornasse minha cozinheira!

Aquele desejo de ficar sozinha nunca a havia abandonado. Até ouvir as palavras fatais de Gina, Valentina ansiava pelas ausências temporárias de Théo. Apenas dois, no máximo três dias. Era o suficiente para ela se reabastecer de sua solidão e sentir falta dele. Mas não era tempo suficiente para se preocupar sobre seu paradeiro ou sobre o que ele estava fazendo. O fato de ele nunca ter oferecido nenhuma explicação, nenhuma informação sobre onde ia e o que fazia demonstrava que acreditava que os dois estavam acima de questões de posse com as quais outros casais poderiam se preocupar. Antes de serem amantes, eram duas pessoas que dividiam um apartamento. Théo nunca perguntava o que ela estava fazendo.

Valentina se levantou da cama e abriu as cortinas e a veneziana. O ar frio de outono a deixou gelada. Apesar de sua pele se arrepiar com o frio, ela gosta de ficar nua. Fecha os olhos e sente o vento como se fosse uma mão acariciando seu corpo, desde sua testa, tocando suas bochechas e descendo pelo pescoço, passando por sua garganta e seu peito. Sente os mamilos enrijecerem quando a temperatura cai dentro do quarto, enquanto o vento lambe a parte interna de suas pernas. Escuta o barulho constante do tráfego em Milão, o coração da cidade batendo, mas mesmo assim consegue extrair um pouco de paz daquilo tudo. Cria imagens aleatórias de tranquilidade: uma pomba voando dos claustros de Santo Ambrósio, um barco navegando pelo Canal Navigli, um balanço empurrado solitário pelo vento no Parque Sempione. Sente o aroma das folhas amareladas do outono na Via de Amicis. Gosta desta época do ano em Milão. A cidade parece finalmente ter se refrescado depois de um verão muito abafado e úmido. Agosto podia ser um verdadeiro pesadelo, quarenta graus, mas com céu cinza-chumbo, pesado de umidade. Todos os que podiam partiam. Ela e Théo tinham fugido para a Sardenha por três semanas. Apesar do calor, a brisa do mar circulava e resfriava o ar opressivo na ilha.

Ao abrir os olhos, ela sente saudades da Sardenha, de estar do lado de fora de casa, nua na areia quente, sentindo a brisa do mar envolvê-la. Imagina-se

flutuando na água, leve, enquanto caminha pelo quarto e sente o peso de sua nudez no apartamento. Repara em sua bunda ao passar em frente ao espelho. Os homens sempre gostaram da sua bunda. Ela detesta ver outras mulheres envergonhadas com o próprio corpo. Lutando para se enfiar dentro de maiôs, escondidas atrás de toalhas de praia, desconfortáveis com seus contornos e constrangidas ao experimentar roupas nos provadores. Será que não conseguem enxergar o quanto são bonitas, em toda sua diversidade e contornos curvilíneos, com sua pele aveludada, seios de todas as formas e tamanhos, na maciez do ventre e nos quadris largos, voluptuosos? As únicas outras mulheres que conhecia que eram, como ela, tranquilas sobre a própria nudez, eram as modelos que fotografava. Mas eram garotas magras como palitos, que estavam longe de ter qualquer autopercepção de seu corpo.

Às vezes, quando encontra modelos que são obviamente anoréxicas, fica tensa, quase irritada. E ela, seus amigos podem confirmar, é uma pessoa bastante liberal, que evita julgar os outros. Mas a anorexia ressuscita fantasmas antigos em Valentina. Imagens de sua mãe que ela prefere esquecer.

Quando Théo volta com uma bandeja de chá, Valentina está novamente acomodada, sentada, esperando, com um travesseiro entre suas costas e a cabeceira de ferro da cama. Esta é uma das vantagens de morar com alguém. Só por preparar um bule de chá, Théo faz com que ela se sinta cuidada, preciosa. Ele coloca a bandeja com cuidado no meio da cama e se senta ao lado dela:

— Você serve?

Isso a faz sorrir. Imagina que a última coisa que sua mãe faria seria servir uma xícara de chá a alguém.

— Claro — ela responde, olhando por baixo dos seus longos cílios. — Como você sabe, algumas vezes gosto de ter o controle das coisas.

Ele ri de volta, divertido, enquanto ela pega o bule e começa a colocar o chá em uma das xícaras. Théo se inclina e segura seus seios com as mãos.

— Não quero minha propriedade queimada com pingos de chá quente — ele explica, piscando em seguida.

Ela o afasta, desdenhando, embora tenha gostado do toque. E se encosta novamente no travesseiro, segurando a xícara entre as mãos, pensando se os dois já formavam a imagem de um velho casal, sentados lado a lado com suas xícaras de chá de manhã. Bem, pelo menos estavam nus, pensou, confortando-se.

— Você está bem agora? — ele pergunta.

Valentina faz que sim com a cabeça enquanto toma um gole do chá. O líquido quente a tranquilizou, fazendo-a esquecer a sensação ruim do pesadelo. Théo

coloca sua xícara sobre o criado mudo ao lado da cama, se inclina e a beija no pescoço, logo abaixo da orelha. O coração dela acelera.

— Tenho de pedir algo a você — sussurra ele, seu hálito levantando os cabelos do corpo dela.

Involuntariamente, ela sente seu corpo se enrijecer. Não, não agora. Não quer falar sobre esse assunto nesta manhã.

— Tenho de me levantar. Quero revelar algumas fotos antes de ir para a próxima sessão.

Ela tenta se esquivar enquanto pousa a xícara de volta na bandeja.

— É só um pedido pequeno, Valentina, não se preocupe — diz Théo.

Ela vê que Théo está sorrindo para ela, se divertindo.

Será que está rindo dela?

— Então diga logo.

— Meus pais estão vindo para a Europa. Vão para Amsterdã primeiro, visitar alguns parentes, mas querem vir me ver... nos ver... aqui em Milão.

— Eles sabem sobre mim?

— É claro que sabem sobre você! — Théo ri de seu espanto. — Nós estamos morando juntos há quase um ano, Valentina. Estão doidos para conhecê-la.

Ela olha horrorizada para Théo. Está completamente relaxado, como se estivesse falando de algo realmente pequeno. Como se a vinda de seus pais para Milão fosse algo simples. Como se também não fosse nada de mais ele querer que ela conheça seus pais. Ela fica com a boca seca por alguns minutos, incapaz de responder.

— Eles só chegarão no fim de novembro — ele continua. — Sei que está longe ainda, mas quis avisá-la o quanto antes — diz ele, hesitante e já notando o choque no rosto dela. — Eu sei que você não gosta muito de assuntos de família.

Ela sacode a cabeça com veemência.

— Não, Théo, desculpe-me, mas não posso conhecer seus pais.

— O quê?

Ele fica chocado com a resposta.

— Eu disse a você antes. Sou assim — diz com firmeza, jogando as cobertas para longe e tentando sair da cama. Mas Théo a segura pelo braço.

— Valentina... —, diz com suavidade. — Não há nada com que se preocupar. Eles são boas pessoas. Falei muito sobre você e só querem conhecê-la.

Ela sacode a cabeça com força.

— Você falou de mim para eles?! — sibila.

— É claro que falei. Você é minha namorada... — Théo parece magoado.

— É a primeira vez que ouço isso —, ela responde, com certa dose de crueldade.

Ele franze a testa, confuso.

— Bem, e o que você é então, senão minha namorada? Moramos juntos. Já passamos por...

— Não fale... Já pedi a você para não mencionar isso de novo.

— Mas, Valentina...

Ela levanta as mãos e o impede de falar.

— Sou sua amante, Théo. E esse papel é um pouco diferente do de uma namorada. Sermos namorados implica termos um relacionamento sólido, com um possível futuro. Amantes são transitórios. É uma condição temporária.

— Meu Deus, Valentina! — Théo diz exasperado. — Você é uma mulher intratável.

— Lembre-se, Théo — ela avisa com calma, e essa calma traz uma sensação boa, de controle. — Quando você se mudou para cá, eu disse que era uma decisão boa para nós dois. Esse acordo servia a nós dois. Mas eu também disse que não duraria para sempre, lembra?

Ela escuta o som da própria voz como se fosse a voz de uma outra pessoa e tem a lembrança desagradável de ouvir sua mãe falando. “Não o deixe possuir você.”

— Valentina, não estou pedindo que assuma nenhum compromisso comigo. Eles são os meus pais. Eu gostaria que você os conhecesse, é só isso.

— Desculpe-me, Théo — ela responde, levantando-se e olhando para baixo para encará-lo. — Eu não quero. Eles podem ficar aqui com você e eu saio. É muito melhor desse jeito.

Ele a avalia de cima a baixo, incapaz de acreditar no que ouviu. Seu olhar faz com que os mamilos dela se retesem. Ela repara na reação de Théo ao corpo nu dela.

— Não é melhor assim — Théo contrapõe suavemente, suplicando a ela com seus olhos azuis.

Uma parte dela quer ceder e atender ao pedido, voltar para a cama, se aninhar nos braços dele e concordar com o que quer que ele esteja dizendo. Mas o medo a domina. Não suporta a ideia de conhecer os pais dele. Isso o traz para muito perto e, ao mesmo tempo, a leva para muito perto do mundo dele. Se isso acontecer, como ela vai encontrar o caminho de volta para seu próprio mundo quando tudo acabar? Porque é certo que vai acabar um dia. Nada dura para sempre. Ela suspira e se vira para não ter de continuar a encará-lo, pega o roupão jogado no chão e veste, tentando amarrá-lo à cintura.

— Não posso falar sobre isso agora, tenho de me arrumar. Tenho muita coisa para fazer hoje.

Ela se aproxima da penteadeira e pega uma escova. Apática, começa a pentear

o cabelo curto, preto e brilhante. Observa Théo se levantar da cama, ainda desconcertado e derrotado pela conversa. Sentindo-se culpada, ela decide que é hora de mudar de assunto e tenta animá-lo.

— Quer ir à exposição de Isabella hoje à noite? — pergunta, enfim, tentando parecer entusiasmada.

Théo para no meio do quarto com a toalha nas mãos.

— Não posso, vou ter de me ausentar. Tenho outro trabalho.

— Outra vez?

As palavras escapam de sua boca. Valentina se sente morrer. Gostaria de poder não as ter dito. Vira-se rapidamente, mas pode ver o rosto dele no espelho à sua frente. Ele sustenta uma expressão impassível.

— Não quer que eu vá? — pergunta.

Ela recua furiosamente.

— Não é isso! Claro que eu não me importo. Só fiquei surpresa. Não sabia que você ia viajar hoje. — Sua voz falha e ela se sente uma tola, exposta.

— Você quer que eu cancele? — ele pergunta, encostado contra o batente da porta, olhando com interesse.

— Não. Claro que não — retruca Valentina, agressiva. — Só estou imaginando aonde você vai, nada de mais.

Ela tenta se mostrar indiferente, como se estivesse mais interessada em pentear o cabelo.

— Tem certeza de que não prefere que eu fique? — ele insiste.

Ela sente a intensidade do seu olhar, embora ainda se recuse a olhá-lo nos olhos.

— Já disse que não. Não me importo nem um pouco — ela tenta, com rispidez, encerrar o assunto. — Estava curiosa, só isso.

Théo deixa a toalha cair e fica em pé atrás dela. Ele se inclina e acaricia sua mão. Ela sente a ereção dele contra suas costas cobertas pela seda do roupão. Sabe que está tentando excitá-la e fazê-la virar-se e tocá-lo. Ela resiste.

— Sempre achei que você não se interessava em saber nada sobre onde eu vou ou o que faço — ele comenta, com calma.

— E você tem razão. Não sei por que perguntei. Gosto de mistérios. — Agora ela tenta dar leveza à conversa. — Impede que as coisas caiam na rotina.

— Certo.

Ele a gira no banco e sorri, como se soubesse de algo que ela não sabe.

— O quê?

Ela aperta a barriga dele com um dedo. Sua musculatura é tão firme que não cede à pressão. Que crítico de arte tem um abdômen desses?

— Tenho um presente para você — diz Théo. — Acho que vai ajudá-la a não

sentir tédio enquanto eu estiver viajando.

— Vai? — ela pergunta com a voz um pouco rouca, esticando os braços para tocá-lo.

“Ainda dá tempo para uma última transa antes de começar a trabalhar”, ela pensa. Está morrendo para sentir Théo dentro dela mais uma vez. A conversa desta manhã a deixou desestruturada e nada como uma boa trepada para acalmá-la. Quando a ponta dos seus dedos está quase alcançando o corpo dele, Théo dá um passo para trás e sacode a cabeça, olhando para ela.

— Calma, Valentina — ele se esquivava, atravessando o quarto até chegar ao armário. — Paciência.

Ele abre o armário, pega um grande pacote e o coloca na penteadeira, bem à frente dela.

— Por que me comprou um presente? — ela pergunta, no momento em que os olhos dos dois se encontram no espelho.

Ele hesita por um instante, mas sustenta seu olhar, bastante expressivo, com palavras que ela não quer entender. Valentina baixa os olhos.

— Porque acho que é hora de você tê-lo.

Então não é algo que queira ou algo de que realmente precise. Por que ele está sendo tão estúpido? Ela começa a abrir o pacote, mas Théo coloca suas mãos sobre as dela e a segura pelos pulsos. Ela olha de volta para o reflexo dele no espelho. Aqueles olhos... Quando seu olhar se prende ao olhar glacial de Théo, aos seus olhos nórdicos, ela sente como se o tempo tivesse parado e só por esta vez, deseja saber quais são os mistérios guardados neles. Ela vê o seu reflexo, pequeno e nu, um pontinho desenhado nas pupilas dele.

— Mais tarde — ele diz, puxando-a do banco. — Abra depois que eu sair.

Ele a beija e Valentina sucumbe à sua boca. As mãos dele começam a desfazer o nó da faixa que prende o roupão em torno do corpo dela e o empurram pelos seus ombros, até que caia no chão. Toca a sua pélvis com o pênis ereto. Agora, ela o deseja dentro de si. Fica em pé na ponta dos pés e passa uma das pernas em volta dele. Ele está quase sem fôlego quando a levanta e a penetra.

— Valentina — ele murmura. — Minha Valentina...

— Psiu! — Ela coloca seu dedo sobre os lábios, implorando por silêncio.

Ele a leva para a cama, ainda enrolada à sua volta, e vai cada vez mais fundo dentro dela. Caem enlaçados sobre o colchão, como se fossem um, e ela o aperta com força, com urgência, incitando-o a ir mais rápido e mais forte. Ele se ergue sobre ela, segurando suas duas mãos e as levanta sobre sua cabeça. Está completamente envolvida em prazer. Ele alterna movimentos exasperadamente lentos e a surpreende com arremetidas mais fortes, que a fazem perder momentaneamente o fôlego. Ela se junta a ele com toda sua força, movendo-se

contra ele, até que se tornem uma entidade única pulsando forte. Fecha os olhos, relaxada afinal. É disso que ela precisa, do completo abandono de si mesma. Ela é toda sensação, seu corpo no comando, sem pensamentos para atrapalhar. Théo a toca fundo, como só ele sabe fazer, e ela começa a pulsar ainda mais forte em volta dele. Sente-se como se fosse tomada por ondas na água, aumentando e diminuindo de intensidade em direção a um vórtice bem ali, no meio dela. Gozam juntos. Ela tem a sensação de ser arrastada pela águas, como se sua própria cama fosse o fundo do oceano. A água está escura.

Théo a abriga em seus braços. Valentina sabe que precisa se levantar, que está atrasada para trabalhar, mas fica paralisada, presa nos braços do amante.

— Valentina? — ele sussurra em seu ouvido.

— Não fale — ela suplica — Não estrague nossa paz.

Ele a ignora.

— Valentina, por favor, quer ser minha namorada?

Ela não responde.

— Valentina, quero que sejamos mais do que amantes. Mais do que duas pessoas que dividem um apartamento.

Ela se volta para encará-lo.

— Não, Théo. Eu não quero.

— Você tem certeza?

Ela acena com a cabeça, dizendo que sim. O semblante dele fica tão triste que ela quase muda de ideia.

Mas para quê? Ela sabe que não foi feita para ser namorada de ninguém.

Tenta consolá-lo com seu corpo. Coloca as mãos sobre seu torso e enrola os dedos nos pelos do seu peito, puxando-os. Lambe os dedos e volta para o peito dele, beliscando os mamilos. Ele apenas a observa, sem falar. O corpo dele também não deseja responder a ela; então ele afasta as mãos dela.

— Por que não? — ele pergunta, olhando-a fixamente com seus olhos azuis.

— Não quero que você deixe de ser quem é. Só quero poder chamá-la de namorada.

— Théo... Não posso... Você sabe disso... Eu disse antes de ficarmos juntos...

Suas palavras são inadequadas como resposta. Saem atropeladamente de sua boca. Ela puxa suas mãos das mãos dele.

— Você pode pelo menos pensar sobre o assunto? Só tentar, Valentina?

Ela tem vontade de gritar para ele que não adiantaria nada. Que ela não pode se apaixonar por ele. Mas não o faz. Concorde em pensar sobre o pedido. E o

deixa ir cheio de esperança. Isso não é justo.

Agora é muito tarde, ele partiu outra vez. Ela não tem ideia para onde, só imagina que seja algum lugar frio porque pegou um casaco pesado e sapatos quentes para a neve. “Você quer ser minha namorada?” Não, nunca poderia ser namorada dele. Por que ele não pode simplesmente deixar as coisas como estão? Casuais, divertidas, sexy. Mas ela suspeita que morar com alguém nunca é algo casual. Será que foi tola de permitir que um homem se mudasse para sua casa?

E por que ele quer qualquer tipo de compromisso? Ela não quer vê-lo ir embora, mas não pode dar o que ele quer. “Talvez mamãe tivesse razão, afinal de contas”, pensa com amargura. Talvez as duas realmente sejam parecidas. Inconstantes, borboleteando de homem em homem.

Valentina tenta afastar esses pensamentos de sua cabeça e pega o pacote em sua penteadeira. É surpreendentemente pesado, então ela o coloca de volta. É um embrulho feito em papel pardo, comum, desses de embalar encomendas, e amarrado com barbante. Sem um cartão, um carimbo ou uma etiqueta. Ela está curiosa: o que pode ser? Torce para que não seja nenhum grande gesto romântico. Ah, Deus. E se for algum tipo de pista para um pedido de casamento? A ideia a aterroriza. Nunca vai querer se casar.

Ela dá um passo para trás e encara o pacote, sem ter certeza de que está preparada para ver o que está ali dentro, mas sente que é algo importante. Caminha em direção ao banheiro e liga o chuveiro. Enquanto a água quente cai sobre suas costas, seu ventre, suas coxas, abre a boca e deixa a água escorrer entre os lábios. Tenta se desfazer da ansiedade, esquecer-se do olhar de Théo antes de sair. Por que todos os seus amantes querem enjaulá-la? Ela esperava que Théo fosse diferente. Deu tanto espaço para ele em sua vida e ainda não está satisfeito. O que a aborrece ainda mais é perceber o quanto as excursões misteriosas dele a estão perturbando cada vez mais. Às vezes, ela se pega acordando no meio da noite, angustiada, pensando se ele está bem. Sempre chega perto de mandar uma mensagem e, só no último segundo consegue se controlar. A regra é nunca entrar em contato quando o outro está fora. A última coisa que ela quer é se tornar carente.

Valentina está vestindo meias finas quando a curiosidade vence sua resistência. Ela tem que saber. Pega o pacote vestida apenas com sua tanga e uma meia. Aperta-o e tenta adivinhar seu peso, balançando-o. É grande demais para ser uma aliança, graças a Deus. Poderia ser um livro ou uma ampliação em um porta-retrato. Desfaz o nó do barbante, o que leva tempo, porque está bem apertado. Típico de Théo. Então, vagarosamente, rasga o papel e o joga no chão,

aos seus pés.

Ela encontra um livro de capa preta. Olhando melhor, parece um álbum, antigo, encadernado com uma espécie de veludo, tão gasto que perdeu o brilho. Quando o abre, um forte cheiro de rosas a atinge em cheio, doce e decadente. Ela se senta na cama, surpresa. Estranho. O presente é uma charada. Junto da primeira página, ela encontra um negativo e sabe que é antigo porque é maior do que os atuais. Também porque tem as bordas levemente amareladas. Está preso à página, grossa como um papelão, por um pedacinho de fita adesiva, que ela consegue soltar com facilidade. Ela o remove e o segura contra a luz, mas é impossível decifrar a imagem. Vira a página para conferir se há outros negativos. Todas trazem negativos. Sem palavras ou fotos. Sem explicação. Ela fica irritada e joga o livro sobre a cama. Que tipo de presente é este, Valentina?

“Não é o tipo comum.”

Ela consegue escutar a voz de Théo em sua cabeça. Sente-se mais segura. Pega um dos negativos que tirou do álbum. É mais do que um presente, pensa, é um jogo. Um arrepio de excitação percorre seu estômago. Théo está jogando com ela, dando-lhe pequenos fragmentos... de quê? Dele, dela, do mistério sobre ele? Isso é divertido e definitivamente não é um pedido de casamento, nem tem nada a ver com romance. Delicadamente, ela deposita o negativo sobre a escrivaninha. Veste a outra meia. Mal pode esperar para entrar em seu quarto escuro e fazer a ampliação para descobrir a primeira pista do quebra-cabeça proposto pelo amante.

Belle

ELA SÓ VOLTA A mergulhar em sua lagoa de devaneios solitários quando já é madrugada. Espreguiça-se na cama, os braços para o alto, as mãos puxando a cabeceira e os pés esticados, com os dedos apontados para a frente. Os lençóis acolhem seu corpo nu. Por uma minúscula fresta nas cortinas, vê a luz rosada do dia nascendo. Ouve o canto de um pássaro e o imagina pousado em sua varanda, com as penas brilhando ao sol, tão livre quanto sua própria alma. Fecha os olhos e se lembra das sensações da noite, o contato da pele de estranhos e o cheiro dos desejos compartilhados.

Não se sente safada nem santa. Havia se descolado desses rótulos. Escuta os sinos de Veneza, batendo no mesmo compasso do seu coração, a distância do canal sob sua janela. Põe a mão sobre a testa, tirando o cabelo da frente, como se sentisse febre, mas é só a recordação do calor das mãos dele sobre sua testa, menos de duas horas atrás.

O ano é 1929. Imagine a senhora Louise (Ludwika) Brzezinska como a senhorita Louise Brooks. Ela e a atriz são almas gêmeas, mulheres que desejam compartilhar sua sexualidade, seu erotismo e sua afeição. Apesar do marido possessivo, Louise não consegue viver apenas uma vida com ele. É impelida a correr riscos porque precisa alimentar a essência da outra Louise. A Louise que emergia para a vida com o nome de Belle e que assistia ao seu drama pessoal de perto. Uma vez que sua sede por sexo foi despertada, não pôde mais ser saciada.

A primeira vez aconteceu por acidente. Estava a caminho de uma festa à fantasia. A ausência do marido, em viagem ao exterior, não a fez desistir de ir à festa pela qual estava esperando há tanto tempo. Sua vida tinha se tornado muito monótona. Todos os dias eram preenchidos com tarefas da casa e obrigações para com a família dele. A única oportunidade para sair parecia ser a missa. A festa oferecia uma oportunidade especial de fuga, já que, ainda por cima, poderia se fantasiar. Ela adorava se fantasiar, se tornar outra mulher.

Decidiu ousar: inspirou-se na imagem de um cartão-postal americano, que ganhara de presente de um dos amigos do marido. O cartão mostrava uma jovem vestida com trajes egípcios. Desde a descoberta do túmulo de Tutancâmon, há alguns anos, ela estava fascinada com o imaginário daquela civilização. Encontrou alguns livros sobre antigos deuses egípcios na biblioteca do marido. Figuras sombrias e ameaçadoras, metade humanas, metade feras. Dedicou-se a

estudar Horus e Toth, com suas cabeças de pássaro, e o mais sinistro de todos, Anúbis, meio homem, meio chacal, guardião dos mortos e, ainda assim, potente em sua sexualidade. Algumas vezes, durante suas noites solitárias, quando passava horas debruçada sobre esses livros, sonhava com Anúbis, sua esplêndida cabeça de cão, rosnando, lambendo e mordendo, enquanto sua parte homem estava enterrada dentro dela, satisfazendo-a de um jeito que seu marido jamais conseguirá.

Na noite da festa, Louise queria ser uma egípcia exatamente porque essa fantasia lhe proporcionava sensações de prazer e a levava ao limite, representado por Anúbis, uma mistura ao mesmo tempo sedutora e macabra. Ela pediu à costureira um vestido brilhante. Um longo negro, de tecido fino, quase transparente, ornado com pedraria dourada, sob o qual usava uma camisa de seda bege com uma fenda ao meio. As duas peças se mantinham no lugar presas por uma faixa de cor damasco amarrada à cintura, enfatizando seus contornos. Sobre o vestido, usava uma peça pouco maior do que um sutiã, cravejada de miçangas e pedras douradas. Em sua cabeça, exibia uma faixa dourada, elegantemente presa ao cabelo cortado rente à nuca. O vestido era mais do que ousado, Louise tinha adorado. Havia planejado usar a lancha do casal para seguir pelo canal, mas como a noite estava quente, no último minuto decidiu dispensá-la. Pina, sua camareira, insistiu para que levasse uma estola de lã sobre os ombros, com medo de que a patroa estivesse vestida de maneira inapropriada. Antes, havia implorado para que Louise vestisse uma de suas peles, mas ela recusara, dizendo que estava muito quente.

Louise ouvia as batidas dos saltos de seus sapatos contra o calçamento enquanto caminhava pelas ruas de Veneza. Amava andar pela cidade e se deixar perder em seus becos por horas a fio, para desgosto do marido.

Esta noite, aproveitou para escolher o caminho mais longo porque não queria chegar muito cedo à festa. Escolheu uma rota tranquila e vazia, cruzando a cidade, e tinha certeza de que seu comportamento descuidado seria desaprovado por ele. Quase nunca conseguia obedecê-lo. Quando conseguia, sentia uma satisfação enorme, ainda que ele não ficasse sabendo.

Ela passou pelo Campo de San Paolo e parou em uma de suas pequenas pontes. Colocou as mãos sobre o parapeito e contemplou o pedaço do Grande Canal que conseguia avistar dali. As ruas de Veneza eram um emaranhado de pequenas vielas e becos sobre o mar. Às vezes, ela se sentia enjoada: aquela cidade poderia ser o paraíso ou uma jaula. Pegou sua cigarreira da pequena bolsa e a abriu. A caminhada a deixou com calor e esperava que suas bochechas não estivessem muito vermelhas com o esforço. Fumaria apenas um cigarro e então continuaria seu caminho, o mais arrumada que conseguisse. Queria parecer

distante e desinteressada quando chegasse à festa, como uma sombria alma egípcia. Puxou a estola dos ombros e a olhou com desagrado. Louise Brooks não seria vista com uma estola tão medíocre como aquela nem em seu leito de morte. Antes mesmo que se desse conta, a havia jogado no canal. Detestava aquela estola. Balançou a cabeça e ajustou a faixa dourada na cabeça.

— Quer que eu pegue para você? — ouviu um homem dizer, assustando-se.

— Não, obrigada — ela respondeu, virando-se para encará-lo.

Não era alto, mas ela achou seu rosto bonito. Olhos escuros e amendoados e um bigode atraente. Parecia jovem, talvez da sua idade, talvez até um pouco mais moço. Ela tragou seu cigarro, encarando-o, e viu nos olhos dele a surpresa pela atitude audaciosa.

— Você está indo a alguma festa a fantasia? — ele perguntou, apontando para a sua roupa.

— Não, às vezes gosto de me vestir assim — mentiu, adorando a sugestão implícita na resposta.

Colocou a cabeça para o lado e sorriu. Ele sorriu de volta e ela notou que um de seus dentes da frente tinha um ponto lascadinho, um pedacinho quebrado. Espontâneo, um pensamento chegou à sua cabeça... Como seria a sensação de ter os seios entre os dentes dele? Como seria a sensação de seu dente afiado roçando sua pele? Ela olhou em seus olhos e suas pupilas haviam se dilatado tanto que os olhos estavam quase totalmente negros. Ele deu um passo na direção dela e ela não se mexeu.

— Você está trabalhando? — ele perguntou tão baixo que parecia que o som tinha vindo das águas do canal.

“Trabalhando?”

O que ele queria dizer?

Ele deu mais um passo em direção a ela. Pelo brilho nos olhos dele e pelo dinheiro que começou a retirar de um pequeno bolso em seu peito, ela entendeu o que significava a pergunta.

Ele agora estava bem perto. Quando pressionou seu corpo contras as camadas de tecido fino de sua roupa egípcia, ela sentiu a excitação dele através de suas calças. Leve, a saia não ofereceu resistência quando ele a tocou, revelando as coxas nuas. Para alguém tão jovem, ele era bastante seguro ao abordar uma mulher que julgava ser prostituta.

Ele era belo? Tinha boa aparência, parecia respeitável e ainda assim ela tinha sentido nele a mesma sensualidade que emanava dela.

— Quanto?! — ele sussurrou.

Ela tremeu de medo e excitação. Deveria ter lhe dado um tapa no rosto e ido embora, mas não foi. Respondeu com uma quantia qualquer, sem nenhuma ideia

se era o valor que se cobrava. Atirou seu cigarro sobre o parapeito da ponte e reparou que sua mão tremia muito, como se estivesse em choque com o que tinha acabado de fazer. Ela disfarçou, unindo as mãos, recolhendo seu espanto para si mesma. “O que estou fazendo?”

Ele pegou algumas notas do bolso, olhando em volta, como que garantindo que ninguém estivesse vendo, e as entregou. Ela nem chegou a contá-las. Pegou-as com as mãos ainda trêmulas e guardou-as na carteira.

— Onde? — ele perguntou com urgência, sua mão na cintura dela, como se ele temesse que fosse fugir com o dinheiro.

“Onde?”

Ela não tinha a menor ideia. Não havia pensado nisso. Não poderia levar um estranho para casa. E ainda que pudesse, se não seguisse seu instinto naquele momento, jamais o faria. Se fossem até sua casa, poderia simplesmente devolver o dinheiro dele e mandá-lo embora.

No mesmo instante em que essas dúvidas apareciam, uma sensação de poder tomou conta dela, algo que não havia sentido desde que se casou. Louise estava novamente no controle.

— Ali. — A voz saiu rouca, baixa, quando apontou um pequeno esconderijo sob a ponte, que mal podia ser visto da rua.

Ele esperava que ela tomasse a iniciativa. E essa era a melhor sensação para ela. Depois de dez anos de submissão, com seu marido decidindo quando eles iam para a cama (ela nunca foi autorizada a tocar em seu pênis. Só se deitava e deixava que ele se satisfizesse), agora este jovem queria que ela o tocasse. Ela estendeu a mão, agora trêmula de ansiedade, e o contato com o sexo dele causou-lhe uma sensação diferente da que esperava. Forte e macio ao mesmo tempo. Ela apertou-o com força e relaxou em seguida. Sentiu-o acariciando a palma de sua mão, como se fosse seu direito estar ali.

Suas costas estavam apoiadas em uma parede bem antiga. Ele puxou sua saia, tão simples como se abrisse uma cortina. Enfiou os dedos em sua vagina e os moveu por alguns minutos. A sensação foi maravilhosa. Seu marido nunca a havia tocado assim. Ela tirou a lingerie sob a saia, abriu bem as pernas e, ainda segurando o pênis, trouxe-o para dentro de si.

Ela era uma antiga egípcia agora, em uma tumba negra de desejo. Era a escrava de Anúbis. O jovem arfou em seu pescoço. Ele levantou uma de suas pernas e a enganchou nas costas dele. Ah, esse rapaz já tinha feito isso antes, ela pensou. Imaginar que ele a considerava experiente também a excitava. Tudo o que ele queria dela era sexo. Ele lambia seu pescoço, faminto. Ela afastou seu

top de seda e tirou o sutiã. Colocou sua mão atrás do pescoço dele, forçando a cabeça para os seus seios, agora à mostra. Ah, ela o sentia chupar seus mamilos e, sim, o dente quebrado roçando em sua pele, mordiscando o bico de seu peito.

Ele dava estocadas cada vez mais rápidas e fortes e ela acompanhava seu ritmo, não deitada como se estivesse morta, como fazia com seu marido. Estava transando com seu deus chacal egípcio, e ela o desejava e o temia ao mesmo tempo. Mergulhava nas diferentes camadas do toque dele. O longo tempo de desejo reprimido veio à tona e dali ela extraía o seu tesão. Não, sexo não é morte, como parecia com seu marido. Sexo é vida.

Louise estava sendo penetrada tão fundo por seu deus chacal que havia deixado de ser de carne e osso, não era mais uma mulher, mas um punhado de pó dourado dançando pelo ar da noite, um pequeno pedaço do Egito trazido à vida em Veneza.

Fazia tanto, tanto tempo desde que experimentara essas sensações... Estava completamente preenchida pelo pênis daquele jovem. Sentia suas vibrações excitá-lo cada vez mais e ele acelerou o ritmo, mordendo seu mamilo. Então, com um solavanco, ele a penetrou mais fundo do que seu marido jamais fora. Gozou.

Depois de um momento para recuperar o fôlego, saiu de dentro dela. Ele estava rindo de satisfação, mas ela controlou sua própria vontade de sorrir, embora estivesse orgulhosa do efeito que tinha provocado nele. Havia muito tempo que não se sentia tão feliz.

— Boa noite, madame — ele disse, levando as mãos dela a seus lábios e beijando-as com delicadeza, como um verdadeiro galanteador. E então desapareceu pela ponte.

Louise foi deixada tremendo, em choque, não pelo que tinha acabado de fazer, nem envergonhada de si mesma ou enojada pelo sexo, mas pela descoberta de quem ela realmente era: um receptáculo de sexo. Ela sabia em seu coração, tanto quanto qualquer um que reconhece uma vocação. Nunca havia se sentido tão viva, tão inteira, tão eufórica. O que era o amor sem o sexo? Não podia ser amor de verdade. Mas a definição de seu marido sobre sexo se parecia mais com o conceito de procriação. A única razão para tocá-la era querer um filho. O que tinha acabado de acontecer com ela era a libertação sexual em sua completa glória. Aquele rapaz e ela haviam dividido seu desejo em uma viela escura e suja, nos canais escondidos de Veneza. Essa tinha sido sua libertação.

Ela arrumou as roupas. Pegou outro cigarro e o fumou calmamente, olhando para a imagem da lua refletida no canal. A estola vermelha que havia jogado fora parecia uma ferida contra a superfície prateada da água. Uma profecia da dor que estava por vir, pensou com temor. Imaginava se teria coragem de fazer isso de

novo. Atirou longe a ponta do cigarro no canal e seguiu em direção à festa, que, apesar de ter grande chance de ser chata, não estragaria a melhor noite de sua vida até agora.

Enquanto caminhava rapidamente e com determinação, ela imaginou se poderia ter as duas vidas ao mesmo tempo. Os acordes de *Danse Macabre*, de Sant-Saën, tocavam em sua cabeça, como se a música tivesse decidido acompanhá-la, conclamando todos os fantasmas dissolutos de Veneza a se juntar a ela naquele momento libertador. Será que ter ao mesmo tempo o amor e a paixão a faria feliz? Será que a destruiria? Não tinha certeza. Sabia apenas que nunca haveria a possibilidade de ter as duas coisas com seu marido. Se tivesse alguma esperança de viver o tipo de amor que acabara de experimentar, teria de se separar em duas: Louise, a esposa do respeitável negociante polonês que morava em Veneza, e Belle, sua persona secreta, a puta. Louise fez uma promessa a si mesma enquanto caminhava. Iria encontrar esse tipo de amor, sem medir as consequências. Se Anúbis em carne e osso aparecesse para levá-la, ela o acompanharia alegremente. Porque vida sem aquele amor era a morte para Louise.

Valentina

COMO VALENTINA CONTARIA A ele? Como iria dizer que não poderia ser o que ele queria: sua namorada? Namorar era o primeiro passo para... para o quê? O noivado? O casamento? Depois de ouvir sua resposta, tudo começaria a se deteriorar, sabia, não importava o quanto tentasse manter as coisas intactas. Era uma pena, porque não queria perdê-lo. Admitia que se sentia bem quando ele partia por poucos dias em suas viagens misteriosas. Sua ausência dava a ela a oportunidade de fazer de conta que tudo estava bem. Quem sabe se concordasse em participar do jogo, se aceitasse usar o presente, o álbum e os negativos que ganhara dele, não seria o suficiente para manter as coisas como estavam...

Com os olhos fechados, tenta sufocar memórias familiares que ameaçavam tomar conta de seus pensamentos, lembranças do fim de outros relacionamentos. Relembrou aqueles últimos dias antes de chegar o fim, quando um de seus antigos amantes ia embora e deixava sua vida para sempre. Como era possível que um simples toque que a excitava num dia a deixasse completamente indiferente em outro? O que havia de errado com ela? Por que sempre que um homem se declarava ela simplesmente se desligava do relacionamento imediatamente? “Sou um pouco como eles, como os homens” pensou, aborrecida. “Borboleteando de um fim de relacionamento para outro, mas sem ser chamada de insensível, sem coração ou superficial.”

* * *

Ela coloca a ampliação da foto no banho químico e agora espera para ver o resultado. Com o relógio de pulso, começa a controlar o tempo que falta para encerrar a operação, enquanto observa as paredes carmim de sua câmara escura, o eterno esconderijo de sua mãe, onde procurava refúgio quando queria se esconder dela e de Mattia. E provavelmente de seu pai. Agora, o quarto pertencia à Valentina, embora ela só o usasse para trabalhar, já que não gostava das memórias que aquele espaço evocava. Ainda gostava de usar filme e de todo o processo artesanal de ampliação, mas nunca tinha gostado do pequeno quarto escuro. Estalando os dedos, conta: mais 20 segundos até que a revelação esteja completa.

O banho seguinte, de fixador, recebe a foto: mais cinco minutos ainda. Tenta

não espiar para a figura enquanto o processo não termina. Então, rearranja as ampliações antigas no varal de secagem para conseguir um espaço extra para a nova. Avalia as fotos, enquanto as recolhe, considerando se seriam realmente boas para integrar uma exposição. Théo pensava que sim, mas ela mesma não tinha tanta certeza disso.

Até onde sua memória alcançava, Valentina se lembrava de estar envolvida com o mundo da fotografia. Sua mãe tinha sido uma fotógrafa de moda, como ela agora. Sua primeira câmera tinha sido presente de aniversário de 8 anos. Era uma Kodak Duaflex II, remanescente dos anos 1950, que sua mãe usara durante anos. Ainda funcionava, tanto que nunca teve coragem de se desfazer dela. Embora tivesse crescido na era digital, sua mãe insistiu para que aprendesse a usar câmeras convencionais, com filme, e a revelar e ampliar suas fotos. Ela era autodidata (bem, na verdade, “mãe-didata”) por necessidade, não estava em seu temperamento seguir os outros, preferia a liberdade de aprender sozinha. Por isso, sua passagem pela universidade tinha servido apenas como um complemento às suas técnicas.

Théo dizia que era isso o que a tornava tão boa: fotografava com o coração tanto quanto com a cabeça. Quando apertava o botão do obturador de sua câmera, ainda que fosse durante uma sessão de fotos profissional, seu primeiro envolvimento era instintivo e ao mesmo tempo meticulosamente orquestrado. Valentina tinha paixão real pelos detalhes da vida, percebia coisas que outras pessoas nem sequer notavam, como a textura de um lábio, um fio de cabelo solto, o ângulo no arco de uma sobrancelha, o comprimento de um cílio, o formato do rosto ou quão bem torneado era um tornozelo. Considerava esses detalhes — *closes*, como gostava de chamá-los — extremamente sugestivos. Sempre usava os dedos para criar uma moldura com a qual focava pontos específicos no corpo de Théo, migalhas em seu queixo, por exemplo, e se inclinava, aproximando-se para examinar bem de perto, avaliando as texturas de cada migalha, até que ele entrelaçasse seus dedos nos dela, desfazendo a moldura imaginária e zombando da sua obsessão

Ela examinava seus últimos trabalhos. Depois de muitos anos fotografando mulheres para revistas de moda e olhando para corpos vestidos com tão pouca roupa, que pareciam estar nus, percebeu que precisava criar maneiras mais criativas de fotografá-los. Amava a beleza das formas femininas. Não era gay, mas sempre sentia uma certa onda de erotismo quando olhava para essas mulheres, o que a incentivava a tentar criar imagens ainda mais sensuais. Usando filme e fotografando em preto e branco, só tinha conseguido coragem para fotografar a si mesma com essa abordagem mais erótica.

Conscientemente, fugia de modelos e era tímida demais para pedir que outras

mulheres posassem. Até esta última leva de fotos que secavam em sua câmara escura, vestira-se sempre escolhendo alguns dos modelos que tinham pertencido à sua mãe, sobreviventes dos anos 1960. As duas eram extremamente parecidas: comparar imagens delas em fotos com as mesmas roupas chegava a ser enervante. O objetivo de Valentina era criar um mundo de imagens fantásticas, no qual as mulheres se tornassem irreais, diluídas num universo que harmonizasse inocência e luxúria, seduzindo quem quer que visse as fotos para que, por mais pudico que fosse, não pudesse negar a beleza contida sob a forma de desejo.

Esta nova série de imagens tinha sido feita em Veneza, uma cidade que sempre a havia atraído com seus encantos ocultos, poéticos e sensuais. Na verdade, sempre tinha se sentido mais em casa naquela cidade do que em Milão. Procurava fazer suas fotos logo nas primeiras luzes da manhã. Encontrou um prédio abandonado e começou a explorá-lo com fotos despreziosas, quase estudos de luz. Usava uma portinhola espremida para chegar ao canal por um longo corredor. Naquele dia, tinha chovido bastante e o nível da água estava alto. Valentina se agachou na beirada e começou a tirar fotos das águas turvas. Apesar da luz do sol iluminando a superfície, era impossível enxergar o fundo por causa da sujeira. “Tão cheia de segredos”, pensou. O cheiro da decadência de Veneza chegava às suas narinas, vinha da água salgada e putrefata, que mal refletia seu rosto. Ela parecia compenetrada. Mudou de posição e um pequeno pedaço de Veneza se esfarelou na água.

As marolas mostravam suas pernas e ela tirou fotos do seu reflexo. Então, decidiu enquadrar diferentes partes de seu corpo refletidas na água. Tirou sua jaqueta de couro e fez uma foto de seus braços nus. Parecia que eles não lhe pertenciam mais, eram apenas uma linha pálida, esguia e ondulante, acenando para ela. A garota na água esverdeada não era mais Valentina, era outra muito parecida com ela, mas ao mesmo muito diferente, não era aquela a imagem que gostaria que tivessem dela. “Olhe para mim”, ouviu a imagem chamando. Seu rosto pálido e olhos escuros pediam atenção. Fez mais fotos antes de se aproximar mais da água e se despir completamente. Um novo clique revelou a parte de dentro de um joelho e de uma coxa, provocantemente enquadrados. Outra imagem do abdômen enrugado pela posição agachada, e do umbigo, uma semente negra flutuando na água. Um zoom aproximou a imagem de seu peito boiando na superfície da água como uma grande flor branca. Quanto tempo havia durado a sessão de fotos com a garota nua na água ela não sabia. Tinha ficado tão completamente absorta em seu trabalho que ficou excitada e sem fôlego. Ela nunca havia se sentido daquela maneira durante uma sessão de fotos de moda.

Lentamente, os sons da manhã ao seu redor começaram a aparecer. Um *vaporetto* passou na parte de cima do canal, fazendo com que a água ondulasse mais, destruindo as imagens refletidas. A garota sensual que Valentina fotografava desapareceu e, repentinamente, ela viu a si mesma, agachada e completamente nua, ao lado do canal. Rapidamente, deixou a câmera de lado e recolheu suas roupas.

Agora via nas ampliações o resultado daquele mergulho em sua própria sensualidade. As imagens pareciam ser ainda mais eróticas sob a luz vermelha da câmara escura. Ela não se lembrava de ter se despido naquela manhã. Mesmo assim, as provas de que tudo aquilo tinha acontecido estavam à sua frente, preto no branco. De que outra maneira poderia ter criado essas imagens de sua mulher-fantasia na água? Segurou a última ampliação, um *close* da parte de baixo de seu corpo agachado, da cintura até os joelhos. Seu abdômen ondulado pelo reflexo de luz e sombra na água e, mais embaixo, entre suas pernas, uma sombra escura e sugestiva. Quem olhasse as fotos perceberia que Valentina estava nua, mas não conseguiria ver nada além da massa escura, não conseguiria ver sua vagina claramente. Não pôde evitar que uma onda de excitação tomasse conta de seu corpo ao olhar para a imagem. Desejou que Théo estivesse ao seu lado naquele momento, no quarto escuro, para que pudessem transar imediatamente.

Valentina deixou as fotos de lado e começou a acariciar seu corpo gentilmente, pressionando o bico de seu peito, apenas para se dar conta de repente: os negativos! Estava muito curiosa para desvendar o presente de Théo. Retirou a ampliação do tanque e enxugou-a de leve com uma toalha. Com a foto nas mãos, saiu do quarto escuro em direção ao banheiro, ligou o secador de cabelos e começou a secá-la. A imagem não passava de algo esfumado, como se não fosse nada além de luz e sombra. O secador foi desligado e ela caminhou para o quarto com a foto seca nas mãos, ainda vestida apenas com um robe sobre as meias finas. Pôs a foto sobre a escrivaninha e olhou para a imagem enquanto tirava o robe e abotoava seu sutiã, acomodando os seios na lingerie.

“Bem, o que é isso, Théo?”

Ela não conseguia decifrar a imagem. Seria algum tipo de paisagem? Dava para identificar uma linha no horizonte que parecia ser a curva de um vale entre dois montes, mas era tudo o que conseguia ver. Havia algo sobre a textura dessa paisagem, entretanto, além da idade da foto, que a fazia pensar que a imagem não era exatamente o que parecia ser. Está perdendo a paciência, precisa descobrir o que é imediatamente. Chega a pegar o telefone para ligar para Théo, mas desiste: isso significaria quebrar suas próprias regras, e apenas poucas horas depois de ele ter partido. Além disso, não gostava de conversas ao telefone, que considerava algo estritamente funcional, que servia para o trabalho e para

organizar sua agenda. Olha para a tela do telefone por um momento, pensativa. Inclina a foto para mais perto do abajur na escrivaninha e dá um passo para trás. E então enxerga a foto completamente.

Havia algo na curva da paisagem. Sim, não era uma foto tirada de longe, era um *close*. Como ela não tinha percebido antes? Depois de clicar tantos corpos femininos! Era a imagem do contorno das costas de alguém. Mas de quem? Agora ela estava realmente curiosa. Estava tão intrigada com aquela imagem que fez algo que não havia feito desde o dia em que Théo havia se mudado para o apartamento dela: decidiu espiar a escrivaninha dele, só para ver se encontrava algum documento ou uma anotação que indicasse de onde teriam vindo aqueles negativos ou quem era aquela modelo. Ele não precisaria ficar sabendo. Este presente devia ter algum objetivo especial e ela não aguentaria esperar que ele voltasse para descobrir qual seria esse objetivo. O que ele havia dito mesmo? “Acho que já é hora de dar isto para você.”

Embora o estúdio fosse uma sala compartilhada, aquele ainda era o apartamento dela. O estúdio havia se tornado um território de Théo, tanto quanto a câmara escura era sua. Ficava nos fundos do apartamento, com vista para um pequeno jardim comum e para uma pequena parte de Santo Ambrósio. Os claustros do convento eram seu ponto de reclusão favorito. Era para lá que fugia quando precisava ficar sozinha para meditar.

Ela abre a porta e acende a luz, surpresa ao se deparar com novos trabalhos de arte pelas paredes, pinturas que ainda não havia visto. A última vez que esteve ali havia apenas um par de quadros pendurados. Agora eram cinco, dispostos de maneira displicente, sem nenhuma ordem ou orientação. O que era bem estranho, já que Théo era um curador de arte e organizava exposições. Ela olhou para as telas e ficou ainda mais confusa, pois conhecia o gosto dele: arte moderna, expressionismo alemão ou minimalismo abstrato, e duas das telas eram exatamente o oposto dessas escolas, e ainda por cima reproduções. Um dos quadros, por exemplo, era uma reprodução de Watteau e Valentina sabia que Théo não gostava nada do estilo rococó. Bem, aquilo não era importante nem era problema dela. Ela não estava tão interessada assim na coleção de arte do amante.

Com alguns passos, chegou à escrivaninha, que em contraste com a confusão instalada nas paredes, estava impecavelmente organizada. A lâmpada sobre a mesa tinha desaparecido e a que iluminava o teto era fraca. Por isso, Valentina foi até a janela e puxou a corda da persiana para abri-la, permitindo a entrada da luz do dia. Encontrou uma pequena caixa sobre a escrivaninha, que depois de aberta não revelou conteúdo interessante ou pista sobre as fotos: apenas um par de alicates, fios, cortador de vidro e um pequeno martelo, material usado para

pendurar quadros.

Enquanto vasculhava tudo, sentiu um arrepio nas costas e se voltou para a janela aberta. Viu um homem no jardim. Seria um novo vizinho? Achava que não, especialmente porque ele estava ali parado, olhando diretamente para ela. Fechando a persiana rapidamente, consciente de que estava praticamente nua, observou o homem por entre as lâminas. Ele carregava uma câmera e continuava parado no mesmo lugar. Era alto, de cabelos absurdamente louros. Instintivamente soube que não era italiano. Para que aquela câmera? Era um dia cinzento, chovia, não era exatamente o tempo adequado para fotografar. Parecia que ele estava esperando que ela aparecesse. Estaria fazendo fotos dela?

Surpreendeu-se ao perceber que não estava zangada. Sentia, na verdade, uma leve excitação com a ideia de um homem parado no jardim observando-a seminua. Contra a sua vontade, naquele exato momento desejou de novo que Théo estivesse lá. Ele a havia viciado em sexo... O pensamento a divertia, porque não precisava de tanto encorajamento assim.

Sentada na cadeira de Théo, tamborilou os dedos na escrivaninha enquanto olhava os quadros na parede. Como desejava que ele estivesse ali! E a deitasse e a devorasse ali mesmo. Queria transar com ele de novo, ali, como tinham feito na primeira hora depois de ele ter se mudado. Tinha sido dela a ideia de deixá-lo usar o estúdio para que ele tivesse um lugar tranquilo para escrever. Apesar de terem se tornado inseparáveis, nos últimos dias antes dele se mudar oficialmente, ela tinha ficado nervosa. Sua mente, sempre racional, estava perplexa: “Você convidou um homem para morar com você. Está abrindo mão da sua privacidade!”. Mas não conseguiu se controlar e insistiu no convite, apesar do temor que sentia de sua própria decisão. Havia uma atração muito forte entre eles, era tudo tão intenso! Parecia que fagulhas se acendiam quando estavam juntos.

Ela se lembra de estar vestida com um dos modelos dos anos 1960 da sua mãe. Escolhera-o para usar naquela noite porque iriam a uma festa. Era um minivestido marinho, com uma grande fenda que descia desde o pescoço até o meio das costas. Théo estava parado ao seu lado quando ela mostrou a ele as estantes cheias de livros de arte que seu pai havia deixado. Ele colocou a mão dentro da fenda na parte de trás do vestido, inclinou-se para ela e a beijou. Ela nunca esqueceria a sensação das mãos dele sobre a sua pele naquele dia. Algo havia estalado por dentro, como se todo o seu corpo se abrisse, oferecendo-se completamente para que ele a desfrutasse.

Valentina suspirou e fechou os olhos, repassando a cena no estúdio. A maneira como ele a tinha levantado e pousado sobre a escrivaninha havia sido tão espontânea e estimulante... Habilmente, ele a tinha beijado, enquanto tirava tudo

o que estivesse no caminho. Delicadamente, empurrou-a para que deitasse sobre o revestimento de couro do tampo, colocou-se entre suas pernas e fez com que o sentisse inteiramente dentro dela, até que ela explodisse em êxtase. Quanto tempo mais ela teria de esperar até que ele voltasse? E depois que ele voltasse, ainda iria tocá-la da mesma maneira depois que ouvisse sua resposta ao pedido dele?

Angustiada, colocou os dedos dentro da calcinha, um modelo fio dental de que ele tanto gostava. Ela viu Théo em sua imaginação e fez de conta que eram dele os dedos que agora a tocavam por dentro. Enquanto se masturbava, movendo as mãos cada vez mais ritmadamente, imaginou que o homem louro no jardim era Théo, que havia voltado e a observava de longe. Ele a ama tanto que precisa fazer fotos dela; ouviu a voz dele chamando por ela, em perfeita harmonia com o cantar dos pássaros no jardim. Imaginou-se abrindo totalmente a persiana e a janela. Théo entraria no estúdio, colocaria sua câmera sobre a escrivaninha e se ajoelharia à frente dela para afastar suas pernas e enterrar seu rosto entre elas. Teve a perfeita impressão de que acariciava seus cabelos escuros. Ela se permitiu confiar nele e abriu sua alma, o que jamais fizera a homem algum. E então gozou com seu amante imaginário a levantando sobre a mesa e a penetrando com mais força. Eles estão agora sobre a escrivaninha, como da outra vez, aliviando a urgência como se fossem duas pessoas possuídas.

Quando seu coração retomou o ritmo normal, ela abraçou os joelhos, sentada na meia-luz, fazendo a cadeira de Théo girar. As pinturas na parede se tornaram um carrossel de cor e energia. Por que imaginou que Théo estava de volta se, em princípio, pensou que ele nem sequer partira? Segura na ponta da mesa e a cadeira para de girar, fazendo com que seus olhos caíam sobre uma das novas pinturas, uma cópia de um mestre holandês. Outra escolha estranha para ele. O quadro mostra uma mulher, dentro de uma casa holandesa, com pisos preto e branco e molduras na janela. Ela está em pé próxima a uma janela aberta, segurando uma carta contra a luz, sua cabeça voltada para longe de quem olhasse para o quadro, como se percebesse os olhares curiosos e quisesse guardar sua privacidade. “Somos iguais”, Valentina admitiu para si mesma. “Ela está tentando esconder seus sentimentos.”

Nunca um homem teve um efeito tão avassalador sobre ela antes de Théo. Fazê-la gozar só de se lembrar do seu toque? Será que conseguiria manter este relacionamento? Seria possível receber bem os pais dele e fazer o papel de namorada? A ideia aperta o seu coração. Ela se levanta de repente, empurrando a cadeira de volta para baixo da mesa com um ruído agudo no chão de madeira. É ridículo! Ele apenas pediu para chamá-la de namorada, nem perto a pediu em casamento. Era um desejo absolutamente normal, depois de seis meses vivendo

sob o mesmo teto. Antonella diz que é a namorada de alguém diferente a cada quinze dias. Exatamente como Théo havia dito, nada de mais. Mesmo assim, parece muito complicado para Valentina. Se ela for a namorada de Théo, então será dele. E ela não pode deixar isso acontecer de novo. Porque Valentina não é de ninguém.

Belle

ELA SE RECLINA EM SUA CAMA, como a modelo que posa para o artista. Está nua, vestida apenas com suas meias finas pretas e as ligas que as mantêm no lugar. Percorre com os dedos sua pele nua, para baixo, sobre os quadris, e para cima novamente, acariciando a lateral do seio. Seu perfil lembra o de uma colina em uma paisagem. Percebe os movimentos dele por trás, tirando a roupa e a encarando de costas. Sorrindo, nem precisa olhar para trás para saber que ele está dobrando cada peça meticulosamente antes de colocá-las sobre o assento da poltrona. O Doutor é extremamente preciso em cada situação, particularmente quando se trata de sexo.

Ela fecha os olhos e imagina que está em um filme mudo, sem necessidade de falar. Seu corpo dirá o que for necessário. Uma mão quente a segura pelos ombros e ela sabe que o médico está pronto. Vira-se e o encara, maravilhoso em sua majestosa e potente nudez, que ela observa com prazer. Nunca tinha olhado de maneira tão franca o corpo do próprio marido, cujo pênis nem fazia mais questão de conhecer agora que também era Belle. E Belle hoje conhecia muito melhor o corpo do Doutor do que o do esposo.

— Você está doente, Belle? — o Doutor perguntou.

Ela faz que sim com a cabeça.

— Quer que eu faça você se sentir melhor?

Concorda novamente.

O Doutor sorri e abre sua pasta preta. Belle umedece seus lábios secos com a língua. O que ele estaria tirando da pasta? Fica meio assustada, embora saiba que ele nunca a machucaria. Apesar de nunca terem tocado no assunto, Belle e o Doutor haviam circulado durante anos pelos mesmos lugares, frequentando o mesmo meio. Ele a chamava de sua Belle, nunca pelo seu nome, Louise, e nunca tinha dado a entender que conhecia sua verdadeira identidade — que, obviamente, conhecia.

Que outra mulher em Veneza usava aquele corte de cabelo tão característico? Aquele Chanel curto e bem aparado, exatamente como aquele de madame Louise Brzezinska?

O Doutor tirava da mala seus instrumentos, exibindo o brilho duro do metal frio.

— Quer que a ajude a se sentir melhor, Belle? — ele pergunta novamente e

sorri, benevolente, quando a vê acenar que sim com a cabeça.

Segura um fórceps de aparência assustadora e o avalia antes de colocá-lo de volta na valise.

— Muito bem, então vire-se e veremos o que posso fazer por você.

Ela se vira novamente de costas para ele, as imagens dos instrumentos médicos brilhantes ainda em sua cabeça. Ele nunca havia feito isso antes, mas talvez desta vez ele quisesse tocá-la com uma daquelas coisas. O pensamento a assusta e a excita ao mesmo tempo, enquanto sente a faixa de seda ser colocada sobre seus olhos e amarrada atrás de sua cabeça, gentilmente, com muito respeito, como deve ser em um contato físico entre médico e paciente. Não é possível enxergar através da venda e sua respiração acelera, porque agora já sabe exatamente o que o Doutor pretende, embora sempre sinta uma imensa expectativa a cada visita dele e a cada vez que ele venda seus olhos. Era um homem extremamente atencioso, permitia que ela vivenciasse suas fantasias, enquanto ele realizava as dele.

O Doutor gentilmente a empurra, fazendo com que se deite na cama. Ele segura seu tornozelo direito e afasta sua perna para o lado. Puxa a liga e, devagar, abaixa a meia até deixá-la enrolada no tornozelo, amarrando-a aos pés da cama. Não é um nó apertado, que deixaria marcas em sua pele, apenas o suficiente para ela sentir a pressão da amarra. Ele move sua outra perna agora, repetindo o ritual para amarrá-la do outro lado da cama.

Ela está deitada de costas, suas pernas completamente abertas em um “V” provocante; seus braços continuam livres. O Doutor gosta que ela afunde as unhas em suas costas. Belle sempre se perguntou como ele explicava as marcas para sua esposa, mas talvez ele estivesse ali justamente porque sua esposa não visse mais o corpo nu do marido.

Deitada com os olhos vendados, escuta o Doutor caminhar pelo quarto e sabe que ele a observa, ali, exposta, escancarada. Ele mexe em seus instrumentos, um a um. Ela poderia estar com medo, mas não está. Seus braços estão livres e ela poderia se soltar facilmente se quisesse. Só que ela não quer. Não tem o menor desejo de tirar a venda ou desfazer os nós dos tornozelos.

Ela sente o peso dele sobre a cama quando ele se senta e se inclina sobre seu corpo.

— Tenho aqui exatamente o que você precisa para se sentir melhor — ele sussurra para ela.

— Por favor, doutor! — ela pede.

— Onde dói?

— Aqui, Doutor! — Ela levanta o braço e aponta para a sua barriga.

Ele demora para agir, fazendo com que o abdômen dela se contraia em

expectativa. Será que ele vai usar um de seus instrumentos? Finalmente, ela sente os lábios quentes dele sobre sua pele e a tensão é substituída por alívio. Ele massageia sua barriga com as mãos.

— Onde mais dói, Belle?

Ela leva a mão até o seio e aponta o mamilo.

— Aqui, Doutor.

Ele tira a mão dela da frente e começa a beijá-lo gentilmente, enquanto acaricia o outro mamilo ao mesmo tempo. Belle sente seu corpo derreter sob as mãos curativas do Doutor. A venda a impede de ver qualquer coisa, o que só torna o momento ainda mais excitante. Ela imagina que o homem que a acaricia desta maneira não o faz apenas por desejo, mas porque a ama e quer que ela sinta prazer. No fundo, Belle sabe que o Doutor não a ama, mas isso não importa. Ele se tornou seu homem ideal, o amante definitivo que espera conseguir encontrar um dia.

Ela leva suas mãos para o meio de suas pernas.

— Aqui, Doutor. Dói muito mais aqui.

Devagar, ele a beija por todo o caminho, da ponta dos mamilos, depois entre os seios e até a pélvis. Sua boca chega então ao ponto onde ela mantém o dedo. Ele o beija e o tira de sua frente. Ele a beija entre as pernas, fazendo-a se sentir melhor, como gosta de dizer. Um amante tão bom este homem... Ela tem vontade de dar parabéns à mulher dele quando a encontrar. Ele a beija e a lambe cada vez mais profundamente, usando os dedos para ir cada vez mais fundo, afastando os lábios com precisão cirúrgica até encontrar seu clitóris. Mesmo completamente vendada, Belle fecha os olhos de prazer. Está amarrada à cama e ainda assim se sente livre como um pássaro. Um pássaro-preto, que ela escuta cantar em sua cabeça. Ele canta de prazer, enquanto o Doutor a cura com a língua.

“No momento do êxtase, me torno apenas espírito.”

Esse espírito, essa energia que ela pensa ser, parece fogo que corre em seu sangue e a alimenta, enquanto o Doutor a leva cada vez mais perto do clímax. Ela imagina que outro homem está fazendo sexo com ela, mas ainda não o conhece de fato. É apenas uma projeção do homem que ela deseja tanto encontrar, que ela sente que está a caminho; este homem que fará tudo por ela.

O Doutor se afasta dela.

— Como você se sente agora, Belle? — ele pergunta.

— Um pouco melhor, Doutor, mas eu preciso que você tenha certeza de que não vou adoecer novamente — ela pede.

— Claro, minha querida — responde o Doutor educadamente.

Um segundo mais tarde, ela sente seu pênis duro dentro de si. Agora ele a

estava penetrando com prazer e urgência.

— Melhor agora? — ele pergunta.

— Ah, sim, por favor, um pouco mais! — ela implora.

— Boa garota! — Ele começa a pegar ritmo.

Agora, ela sabe que o Doutor está mergulhado em seu próprio mundo de fantasia. Ela também está longe, longe deste quarto em Veneza. Está em seu lugar especial, em algum ponto entre as dimensões do mundo real, entre o céu e o fundo mar. Ao mesmo tempo, sente que está em um lugar pequeno, onde só existe desejo e prazer. Mantém seus pensamentos longe dali, permitindo que as sensações a transportem para além de seu corpo, que a levem ao seu limite, uma linha fina entre a calmaria e a tempestade, onde tenta permanecer o máximo que puder, mas são apenas mais alguns segundos até sucumbir ao ritmo incansável do Doutor e chegar ao orgasmo. Ele não para nem por um minuto e ela sente seu corpo vibrar em réplicas contínuas, enquanto ele a penetra mais e mais. Sabe que ele está imerso em sua própria fantasia e sente seus movimentos cada vez mais urgentes, rápidos e vigorosos. Suas pernas estão presas na cama, mas não a impedem de levantar o peito e cravar fundo as unhas nas costas dele. Ele geme de prazer e empurra os dedos dela ainda mais fundo em sua carne, enquanto goza com um gemido longo e alto.

Belle agora está em pé ao lado da janela, as cortinas esvoaçando para dentro e se enrolando em seu corpo nu. Vê o Doutor remando com vigor para longe, sua mala preta, fechada, arranjada cuidadosamente no barco, ao lado dele — está novamente respeitável e sério. Quem iria imaginar do que o bom médico gosta quando não está ocupado salvando vidas? Ela considerou que talvez ela fosse também um tipo de médico. Ajudando seus clientes a encontrar alívio e satisfação que aparentemente não encontram mais no casamento ou no relacionamento com suas mulheres.

Ela se compara à mais famosa das cortesãs de Veneza, Verônica Franco. Prostituta intelectual, admirada pelos homens não só por suas habilidades eróticas, mas por sua mente privilegiada também. Verônica Franco equilibrava virtude física com integridade intelectual. Belle queria começar a escrever poesia e, quando tinha tentado criar algo em sua cabeça, instintivamente as palavras que surgiram eram em italiano e polonês. A vista do canal estreito à sua frente desapareceu e foi substituída pela imagem das florestas em sua casa. Árvores verdes e altas, esgueirando-se para tocar o céu, balançando ao sabor de vento, sussurrando para ela... Recriando essas novas sensações que seu corpo estava apenas começando a experimentar.

“Estou me movendo. Os galhos, as folhas que tapavam meu coração começam a ser afastadas pela brisa.”

Quando Verônica Franco reinou absoluta em Veneza, em meados do século 16, não era nenhuma vergonha ser prostituta. Por isso, Belle racionaliza, ela própria não está sendo imoral agora, séculos mais tarde. Está apenas estimulando seus clientes a tratar melhor suas esposas. Não era melhor que viessem até ela, que desejava a prática do ato sexual, do que submeterem suas noivas e esposas aos seus desejos? Esse era o seu talento especial, então por que não dividir esse dom com quem desejasse, com quem escolhesse? Ela gostaria que existisse um homem que entendesse seu ponto de vista. Alguém que a amasse e entendesse que ela precisava ser livre.

Ela se vira e olha para a cama, os lençóis ainda amarrotados do sexo recente. O Doutor tinha deixado uma pilha generosa de notas sobre o travesseiro, mais do que suficiente para pagar o aluguel do apartamento no mês seguinte. Difícil acreditar que fazia apenas um ano desde o seu primeiro e surpreendente encontro como Belle, na noite da festa à fantasia.

Nas semanas seguintes à experiência, tinha tentado sem sucesso esquecer tudo sobre o assunto, mas as sensações permaneceram e não a abandonaram nem por um instante. Dedos imaginários a tocavam constantemente e a lembrança de ter tido aquele desconhecido ao alcance das mãos a perseguiram dia e noite. Especialmente aquela sensação de desejo intensa, a necessidade de satisfação, como se ela tivesse uma coceira e não conseguisse alcançar o ponto exato para se aliviar. Por não conseguir remover a imagem do sexo entre ela e o jovem desconhecido, tentou se libertar levando essa lembrança para dentro do quarto, com seu marido.

Foi um desastre. O *signor* Brzezinski disse que ela parecia uma depravada em sua fantasia egípcia e, em seguida, a fez tirar a roupa e limpar a maquiagem, ignorando seus soluços sentidos com o desapontamento. Ele a tinha deixado vazia de qualquer desejo. Era exatamente o que chamava de apatia que parecia excitar e dar prazer ao seu marido cruel. Só depois de ela ter perdido todo o desejo é que ele se deitou com ela, sua passividade o estimulando a continuar. Ficou claro que ele não se importava se ela estava sentindo prazer ou não.

Todas essas emoções voltaram, sua humilhação e sua falta de poder, esmagando aquela parte dela que tinha acabado de ser desenterrada na noite em que tinha se tornado escrava de Anúbis. Foi este tipo de desespero que a levou a começar sua carreira como prostituta.

Assim que seu marido viajou novamente a negócios, ela se disfarçou o melhor que pôde e saiu para explorar a cidade. Nas primeiras vezes em que se aventurou, encontrou alguns poucos clientes e os atendeu na Ponte di Rialto, mas, quando o clima se tornou mais frio, logo percebeu que ficaria mais confortável e mais respeitável se alugasse um quarto, de preferência bem

distante de sua casa.

As coisas tinham mudado rapidamente. Agora, ela vivia uma vida dupla: às vezes, a esposa dedicada do comerciante polonês, *signor* Brzezinski; outras, a exótica cortesã Belle, com sua *entourage* de clientes especiais. Sabia que essa não era a vida ideal, mas era do que precisava agora. Afinal, não estava magoando ninguém. Nem mesmo seu marido iria se entristecer se descobrisse, porque ele não a amava. Onde estava o mal em ser Belle?

Desde que tinha se tornado uma prostituta por escolha própria e não por necessidade, Belle só dormia com os homens que queria. Tinha uma regra de ouro: não fazia amor com os camisas-negras, os partidários de Mussolini. Ela não suportava os fascistas, embora seu marido admirasse o ditador abertamente. Havia também outros monstros caminhando pelas ruas e ela sempre tomou muito cuidado para não encontrar nenhum deles. Tinha ouvido falar sobre verdadeiros animais que gostavam de machucar prostitutas e não queria correr o risco de levar um deles para a cama.

Atravessou seu quarto e foi para a sala da frente. Olhou pela janela, voltando seu olhar para a laguna. Um nevoeiro flutuava sobre a água esverdeada e uma auréola dourada brilhava atrás dele, com os raios de sol tentando romper sua parede espessa. O efeito era etéreo, de sonho. Era como se estivesse vivendo em uma cidade mística, um lugar mágico e de fantasias. Seria possível viver este tipo de vida em alguma outra cidade além de Veneza? Pensava que não. Esta cidade que emergia do oceano, fundada por Vênus, se presta à fantasia sexual. É parte da sua história.

Ela inspeciona os barcos na proximidade, olha os marinheiros e os estivadores, ocupados desembarcando cargas exóticas dos navios. Ela pensa sobre todas as terras distantes por onde esses barcos passaram, quantas mulheres, exatamente como ela, vivendo em outras cidades e portos, poderiam ter olhado para eles e desejado subir a bordo também... Sua atenção se voltou para um barco em particular, uma escuna branca e bonita, mais especificamente no homem que caminhava no passadiço. Ela não conseguia ver seu rosto, mas admirou seu corpo, apesar da distância. Era alto e caminhava com uma graciosidade incomum, na verdade exibindo uma segurança sexual que ela tinha aprendido a reconhecer. Imaginou se ele já tinha ouvido falar dela e se pegou desejando que ele fosse um marinheiro à procura de Belle.

Valentina

MAIS UMA VEZ, VALENTINA estava atrasada e, por isso, caminhava tão rápido quanto lhe permitiam seus saltos altíssimos, uma combinação perfeita com um dos vestidos herdados do guarda-roupa elegante de sua mãe que tinha decidido usar. O modelo desta vez era uma criação da estilista Bridget Roley, um minivestido listrado em preto e branco, que a fazia se sentir ousada, conferindo-lhe um ar seguro, diferentemente de sua timidez habitual. Era uma sensação agradável.

Ela saiu para a noite agitada de Milão, confiante de que os carros iriam parar simplesmente para permitir que ela passasse, e como não parariam? Especialmente porque ela estava linda em um dos vestidos de sua mãe. Pensou em pegar um táxi para chegar mais depressa à galeria, não muito longe dali, no fim da elegante Corso Magenta, uma das mais movimentadas ruas da cidade. “É culpa de Théo estar assim, tão atrasada”, pensa. Se ele não tivesse dado a ela o álbum pela manhã, ela não teria gasto seu tempo entre o fim da sessão de fotos e a hora de sair para a exposição ampliando o maior número de fotos possível do álbum.

O resultado tinha sido desapontador. Todos os negativos eram *closes* de diferentes partes do corpo nu de uma mulher, enquadrados em uma estética que remetia aos anos 1920. Pareciam pequenas peças de uma foto maior, mas o que queriam dizer? Por que Théo havia lhe dado aqueles negativos? Seria apenas porque ela era uma fotógrafa interessada em erotismo e ele os encontrara em alguma de suas viagens? Ou não haveria motivo? Aquela era uma conclusão insatisfatória. Ela esperava mais dele. E sua atitude, quando lhe entregou o presente pela manhã, tinha dado a entender que o presente tinha alguma mensagem oculta, outra razão além das fotos em si. Ele havia dito que já era hora de ela ter as fotos. “Bem”, ela pensou, aborrecida. “Ele superestimou ou subestimou minha compreensão. Não sei bem ao certo.”

Por ora, o melhor a fazer era deixar Théo e sua enigmática caixa de fotos para lá. Eram um mistério que poderia ser resolvido quando ele voltasse de viagem e isso não aconteceria nos próximos dois dias. Hoje, sua missão era outra: em uma pasta de couro preto, carregava seu portfólio de fotos eróticas, as que tinha feito em Veneza. Finalmente tinha criado coragem de pedir ao dono de uma galeria, Stephano Linardi, que as olhasse. Queria pedir a ele a oportunidade de montar

uma exposição com elas na cidade. Por um instante, voltou a pensar em Théo e na confiança inabalável que ele tinha em seu talento, e uma parte dela desejou que ele estivesse ali, ao seu lado, para apoiá-la. Detestava ir a esses eventos sozinha, achava difícil fazer o jogo do social e passar horas falando de amenidades com fashionistas e figuras conhecidas do jet-set das artes. Já Théo era completamente diferente dela. Ele ficava muito à vontade nesse meio, encantando a todos com seu sotaque americano e sua conversa fácil, recheada de assuntos dos mais variados temas e histórias engraçadas sobre o comportamento de primas-donas e exposições de tirar o fôlego que tinha frequentado. Ela havia se acostumado à sua companhia, embora sempre tivesse sido cautelosa para não ser muito afetuosa em público. Demonstrações desenfreadas de paixão no elevador ou no banheiro eram aceitáveis, mas nada de andar de mãos dadas na frente de amigos e colegas, isso seria ultrapassar os seus limites.

A Galeria Linardi estava completamente lotada, e ela ficou feliz por Antonella. “Tomara que venda tudo”, pensou, pegando uma taça de *prosecco* de um garçom que passava, acenando para conhecidos que encontrava na multidão. Cumprimentava todos, mas não parava para conversar.

— Oi, Valentina! — cumprimentou Antonella, envolvendo-a em uma abraço franco e aberto, que a deixou meio cambaleante.

— E então? — perguntou Valentina, indo direto ao ponto.

— Dez. Já vendi dez telas!

— Incrível! Isso é fantástico! — Valentina aperta o braço de Antonella em uma demonstração de entusiasmo, ela não é tão efusiva quanto a amiga.

— É, sim! — Antonella responde feliz consigo mesma. — E já falei de você para Stephano. Você trouxe algumas fotos?

Valentina aponta para o portfólio com a cabeça e sente sua boca ressecar em um de seus típicos ataques de nervosismo.

— Excelente. Vamos procurá-lo.

Antonella enfia seu braço sob o de Valentina e a arrasta pela multidão.

— Stephano! Stephano! — grita para que sua voz fosse ouvida além do burburinho.

Valentina recua, assustada. Isto é muito rápido e agressivo para o seu gosto, mas é uma tática que funciona, já que Antonella conseguiu uma exposição na Linardi mais rapidamente do que qualquer outro artista que conhecesse.

Ao ouvir seu nome, um homem alto, magro e de cabelos louros encaracolados, usando um par de óculos Armani, se volta e olha para elas. Antonella abre caminho na multidão e põe Valentina na frente dele, fazendo uma apresentação curta e apressada antes de desaparecer entre os convidados. “Por que ela sempre faz isso comigo?”, constrangeu-se. Às vezes, sua amiga a deixa

exasperada com a mania de achar que todos são tão diretos como ela.

— Então você é a Valentina Rosselli, a fotógrafa de moda? — Stephano perguntou, olhando-a com curiosidade por trás dos óculos.

Valentina sempre achou que homens de óculos eram sexy, mas não sabia bem por quê. Ela adorava quando Théo colocava os seus para ler, ficava excitada e acabava por tirar o livro de suas mãos, envolvendo-o em mais uma rodada de sexo.

— Sim — respondeu, seu rosto endurecendo numa máscara impassível, o que sempre acontecia quando se sentia intimidada.

— E, claro, você é a filha de Tina Rosselli, e está seguindo agora os passos de sua mãe.

Valentina ficou ainda mais tensa. A última coisa que ela quer neste momento é falar sobre sua mãe e sua obra fotográfica.

— Sim, mas sou uma artista com estética e carreira próprias — ela respondeu um pouco rispidamente. — Trouxe o meu portfólio para mostrar para você.

— Bem, está meio barulhento aqui — ele responde olhando para ela curiosamente. — Vamos conversar em meu escritório.

Ele aponta para uma escada em espiral e para o corredor adjacente, de tijolos a vista, com as paredes estranhamente vazias para uma galeria de arte. O escritório era uma grande caixa branca, dominada por uma enorme ampliação de um artista chamado Vignelli pendurada na parede atrás da escrivaninha.

— Devo dizer — Stephano observou, sentando-se em sua cadeira — que você se parece muito com ela.

Valentina concorda, irritada. Quando os milaneses iriam esquecer sua mãe? Ela já os tinha esquecido, obviamente há muito tempo. Tina Rosselli não pisava em Milão havia sete anos.

— Aqui.

Valentina empurrou seu portfólio meio desastrada para cima dele, tudo para que parasse de falar em sua mãe. Ele abriu a pasta e se debruçou sobre ela, sem falar nada por alguns minutos. Ficou bastante tempo olhando para a última foto, aquela em que estava nua e agachada na beira do canal, usando apenas o reflexo da água para tapar sua vagina exposta pela pose. Sabia que não estava visível, mesmo assim sentiu-se um pouco desconfortável ao pensar que ele a estava vendo em uma situação de completa exposição.

— São muito boas — ele disse, piscando os olhos por trás dos óculos. — Mas acho que não são adequadas para a galeria Linardi.

— O que você quer dizer? — Valentina se deu conta de estar surpresa por ele ter elogiado suas fotos.

No fundo, também sabia que as fotos eram boas.

— Esta é uma galeria de arte mais tradicional, mais especificamente de telas e pinturas. Temos alguma coisa de fotografia também, mas o que fazemos aqui em termos de fotos não é pornografia.

— Isto não é pornografia — retrucou com a voz fria.

Stephano Linardi se encolheu sob seu olhar e agitado abriu o portfólio na última foto.

— E como a senhorita descreveria esta última foto, por exemplo, senhorita Rosselli? — Ele a espiava por trás de seus óculos.

— Como uma foto erótica. Como arte.

Ele bufou, fechando o portfólio.

— Talvez em sua opinião. Não me interprete mal, são belas fotos, e sua técnica é interessante, mas nós temos uma clientela específica aqui em Milão, e não estou certo de que este seja o lugar adequado para expor o seu trabalho. Sinto muito.

Valentina arrebatou o portfólio de volta. Este homem era um daqueles esnobes da arte, ela já o detestava completamente.

— Não tem problema, vou procurar outra galeria.

Ela não ia tentar persuadi-lo, nunca havia implorado por nada em sua vida e estava claro que ele estava decidido a não lhe dar uma chance.

— Mas, veja — ele disse, juntando as mãos e entrelaçando os dedos — por que você não deixa um *pen-drive* com as imagens de seu trabalho comigo? Eu realmente a acho muito talentosa. Vou sondar por aí e descobrir se algumas das galerias mais *avant-garde* se interessam por elas. Que tal? Eu realmente sinto muito, mas estamos em Milão. Talvez se você tivesse tentando em Nova York ou Londres fosse mais fácil.

* * *

Valentina se esquece completamente de Stephano Linardi e de sua galeria. Ela se recusa a se desapontar e decide que aquela galeria é realmente muito conservadora para sua sensibilidade libertina. Considera a possibilidade de ir para casa, mas não quer ficar sozinha, então resolve circular mais um pouco pela galeria, esperando por Antonella, que decide continuar a noite com amigos na balada. As duas eram amigas de longa data, desde a faculdade de arte. A partir de então, uma gravitava em torno da outra, graças ao desejo comum de nunca seguir os outros, de tentar sempre uma saída diferente.

Eram focadas, passionais e ambiciosas. Antonella se especializou em belas-artes, enquanto Valentina seguiu o caminho da fotografia. Antonella era diferente na época da faculdade. Mais quieta, com certeza, muito mais séria. Ainda é

obviamente muito ambiciosa, mas neste último ano parecia que tinha saído completamente de sua concha. Era uma mulher miúda, de sorriso apimentado, olhos castanhos e os seios desproporcionalmente grandes para alguém com sua constituição física. Vivia rodeada de homens o tempo todo, por isso nunca ficava sozinha — sempre havia algum bonitão pronto a lhe estender o braço. Apesar de tantos pretendentes, afirmava estar ainda em busca de um amor verdadeiro, do homem certo para a sua vida. Era mística e, por isso, Valentina adorava provocá-la. Antonella sempre conseguia fazer com que ela se sentisse mais leve, como se houvesse esperança de um final hollywoodiano algum dia.

Nesta noite, Antonella estava eufórica, quase insuportável com o sucesso da exposição. Apesar disso, Valentina a acompanhou, sem estar certa de já ter encontrado aquelas pessoas com sua amiga. Eles foram para um novo *club*, lotado de jovens bonitos e com o ar carregado de fumaça de cigarro, apesar da proibição. Mal haviam passado dez minutos, Antonella já estava sendo paquerada por um espanhol musculoso. Logo depois, desapareceu com seu galã, mandando um beijo bêbado para Valentina.

Agora que Antonella havia partido, Valentina pensou que realmente deveria ir para casa. Mal conhecia as outras pessoas. Mas, cada vez que pensava em ir, lembrava que Théo estava fora, e ela não queria ir para sua cama vazia naquela noite. Decidiu que iria encontrar alguém ali mesmo no *club* e levá-lo para casa com ela. Embora não estivesse em um relacionamento exclusivo com Théo, como ela não cansava de repetir para ele, de alguma maneira tinha descoberto que não se sentia tentada a dormir com outros homens desde que o tinha conhecido. Mas não tinha certeza se, para Théo, era assim também. Ela se perguntou mais uma vez para onde ele ia. O que havia acontecido com ela, um espírito livre, como ele a chamava?

Théo amava suas contradições: na superfície, o perfeito retrato dos bons modos, mas por trás das aparências havia outra Valentina, aberta e transbordante de desejo. Não achou que ela fosse uma vagabunda por ter dormido com ele logo na primeira vez que saíram juntos. Ao contrário, disse que ela era uma deusa. Agora, parecia que ele queria que ela mudasse esse seu jeito.

Namorada.

Era isso, decidido. Iria pegar um qualquer esta noite e levá-lo para casa. Não faltavam boas opções ali mesmo ao seu alcance. A mesa em que estava, com o que tinha sobrado das amigas de Antonella, estava cercada de homens jovens. Depois de pedir mais uma taça de vinho, avalia as possibilidades e gosta da aparência de um rapaz em particular, que parece ser um pouco mais velho e tem cabelo louro bem liso. Dá um meio sorriso para ele e o fisga, antes de se virar para tomar um gole do vinho. Em segundos, ele está ao lado dela. A música

vibrando por todo seu corpo, fazendo seu coração acelerar, enquanto ela o olha nos olhos, com uma mensagem clara.

— Oi — ele grita, sua voz superando a música alta. — Adoro o seu cabelo.

Ela acaricia seu cabelo na nuca.

— Obrigada. Sempre o deixei assim.

— Sério?

— Sim, desde que eu era garotinha. — Ela abre bem os olhos, imitando voz de criança, e sorri para ele.

Uma hora mais tarde, Valentina e Alessandro, do cabelo escorrido e louro, saem cambaleando do *club* e enfrentam a dura noite de outono. Conseguem um táxi e os dois tropeçam para dentro dele. Logo que o carro começa a rodar, eles se jogam um nos braços do outro. Alessandro está praticamente em cima dela, num canto do carro, empurrando sua língua para dentro da boca de Valentina. De repente, a aventura não estava mais tão interessante quanto ela achou que seria. Sem nenhum aviso, simplesmente o afasta.

— Qual o problema? — ele pergunta, tirando o cabelo da frente do rosto com a mão suada.

Dá para ver algumas espinhas ainda remanescentes em sua testa. Parecia mais jovem agora. Qual seria realmente a idade dele?

— Preciso de um pouco de ar — ela responde, baixando a janela do seu lado do carro.

Ele mergulha novamente sobre ela, que tenta retribuir. Realmente tenta. Mas Théo não sai da sua cabeça e esse rapaz tem o cheiro errado. Ele é todo errado. Ela escorrega por debaixo dele e se muda para o outro lado do carro.

— Sinto muito, Alessandro, mas não consigo.

O pobre rapaz parece arrasado.

— Por quê? Qual o problema?

— Nenhum, eu me sinto mal. Desculpe-me.

O resto do trajeto é feito em um silêncio hostil. Quando eles param na frente do prédio de Valentina, ela sai o mais rapidamente possível do carro e atira uma nota de vinte euros pela porta aberta. Alessandro pega o dinheiro sem nem olhar para seu rosto. Onde ela estava com a cabeça? Talvez ele ainda fosse um estudante. Ela era pelo menos uns dez anos mais velha. Sobe a escada do prédio depressa, repentinamente sóbria, apesar de todo o vinho que tinha bebido. Sente-se um pouco tola com o episódio e percebe outro sentimento se aproximar, uma certa ansiedade: queria que Théo estivesse ali para que os dois rissem muito do episódio e comentassem o quão tola ela tinha sido.

Quando estava abrindo a porta do apartamento, seu telefone tocou. Mas quem é que iria ligar às quatro horas da manhã?

Théo.

Ela vasculha sua bolsa até encontrar o telefone, mas, quando olha na tela, não reconhece a chamada. Certamente não era Alessandro, pois ele não tinha ficado com seu número. Pensa no estranho desta tarde no jardim. Será que ele tinha conseguido seu telefone de alguma maneira?

— Alô?

— Senhorita Rosselli?

— Sim, quem é?

— Desculpe-me ligar tão tarde assim...

— Com quem estou falando?

A curiosidade é maior do que sua vontade de desligar o telefone.

— Meu nome é Leonardo Sorrentino. Gostaria de saber se estaria interessada em fazer algumas fotos para mim...

— Você precisa entrar em contato com a minha agência — ela o interrompe no meio da frase.

— Não, não estou falando de fotos de moda. Estou falando de seu outro trabalho com fotografia.

Valentina emudeceu. Poucas pessoas conheciam seu trabalho erótico em fotografia. Não estava disponível nem mesmo em seu site. Como é que esse homem tinha conseguido seu telefone?

— Quem lhe falou sobre meu trabalho?

— Sinto muito, mas não posso dizer, porque meus clientes desejam permanecer anônimos. Eles estão financiando um projeto de artes visuais que criei e acreditam que você seja a pessoa ideal para documentá-lo, especialmente por você ser mulher.

— Não sou uma documentarista, sou uma fotógrafa de moda — Valentina retrucou.

— Eu sei — ele fez uma pausa. — É precisamente por isso que eles querem você. Gostaríamos de ter sua abordagem artística para este projeto, precisamos que você nos mostre outros pontos de vista, que rompam com os estereótipos...

— Francamente, eu não tenho ideia do que você está falando.

— Deixe-me explicar. Eu dirijo um clube, um lugar especial para aqueles que desejam um jeito muito particular para expressar sua sexualidade.

— E qual é esse jeito? — perguntou Valentina, com visões escuras de coisas terríveis em sua cabeça.

— Acho que você conhece esse jeito pelo nome de sadomasoquismo, mas acho que esse é um nome infeliz para o que nós fazemos. Tem mais a ver com jogos sexuais ou sexo com histórias, como eu prefiro chamar.

S&M. O interesse de Valentina cresceu consideravelmente. Sempre fora

fascinada pelo tema, embora nunca tivesse enveredado por esse caminho. Nunca pensou que sentiria vontade de experimentar. Não era obrigatório que mulheres fossem amarradas e se fizessem coisas com elas? Ainda assim, tinha de admitir que, algumas vezes, quando Théo e ela estavam transando, tivesse sentindo vontade de pedir que ele a amarrasse. Não sabia por quê. Será que isso significava que uma parte dela era submissa e fraca?

— Então... — Leonardo continuou. — Você é curiosa o suficiente para me ligar amanhã e conversar comigo sobre o assunto?

— Ok — ela concordou vagarosamente, sem estar certa de como iria se sentir depois que acordasse. Sempre poderia cancelar tudo. — Posso perguntar por que você me ligou a esta hora para conversar?

— Eu a vi hoje mais cedo na exposição, mas não consegui alcançá-la antes que saísse. Eu tinha de trabalhar... E só terminei tudo agora. Imaginei que você ainda estivesse acordada, Stephano me disse que você havia saído para dançar com uns amigos.

Então tinha sido Stephano Linardi quem a havia recomendado. “Ele deve ter visto as imagens que deixei no *pen-drive*. Isso é que era trabalhar rápido”, pensou. Deveria agradecer ao dono da galeria, mas ainda não conseguia evitar a sensação de desapontamento, quando pensava que ele havia rejeitado suas fotos.

Valentina não consegue dormir. Ela liga seu laptop e digita S&M. Imediatamente, diversas imagens perturbadoras aparecem na tela. Vê uma mulher amarrada com uma corda grossa e grosseira, seus pulsos atados aos tornozelos. Vê ainda uma jovem pendurada em uma espécie de rede, feita também de cordas, que se enrolavam em volta de seu corpo, fazendo com que seus seios escapassem por entre os trançados e deixando seu corpo completamente exposto e vulnerável. Aquelas mulheres realmente gostavam daquilo? Desliga o computador e o fecha com força. Ela queria ter alguém com quem conversar sobre o assunto, mas não havia ninguém tão próximo quanto Théo, e ele não estava disponível, é claro. O que ele pensaria deste “projeto”? No fundo, sabia que seria completamente a favor, sempre a chamava de intrépida e já tinha declarado em mais de uma oportunidade que adorava o senso de aventura dela. Será que ela havia se tornado monótona nos últimos tempos? E, se isso fosse verdade, seria essa a razão para ele viajar? A imagem do estudante com espinhas volta à sua cabeça e ela reage, tentando esquecê-lo. No que estava pensando mesmo?

Ela caminha pelo quarto, abre o zíper de seu vestido e o deixa deslizar pelo corpo. Solta as meias da liga e elas escorregam por suas pernas. Sua exaustão é

tamanha que as deixa amontoadas no chão do quarto exatamente onde caíram. Ela se deita vestida apenas de calcinha e sutiã. Estica os braços e alcança a última imagem que ampliou antes de sair. Olha para a foto por um longo tempo, até seus olhos começarem a se fechar, pesados de sono. É um *close* de um tornozelo. Um pequeno tornozelo com algo amarrado em volta. Como uma de suas meias finas, talvez? Ela estremece ao pensar no que poderia ter acontecido à dona do tornozelo. Amarrada e indefesa. Ao mesmo tempo, sente-se inexplicavelmente excitada. Será que o estranho ainda estaria lá no jardim, vigiando o apartamento? Será que ele queria arrombar a porta e a amarrar? Fazer coisas impensáveis com ela? É um pensamento sujo, terrível. Valentina fecha os olhos, levando os dedos pela calcinha. Ela imagina seus tornozelos sendo amarrados aos pés da cama. Seus braços também. As mãos que a tocam não são mais as dela, pertencem a outra pessoa. Agora, ela está vendada e no escuro, todo seu desejo e seu terror se combinam em uma única sensação. O que vai acontecer? Essas imagens eróticas que Théo lhe dera de presente a estão empurrando para algum novo limite. Ela não tem certeza de que ele queira que ela o ultrapasse. Será que ele queria que Valentina levasse uma vida dupla?

Belle

O DOUTOR VOLTOU PARA uma nova visita à sua Belle. Ela está ajoelhada em sua cama, olhando pela janela, e ele está parado atrás dela. Ele amarra a venda em sua cabeça e o coração dela dispara no ritmo mais acelerado, reservado para as visitas dele. O que faria com ela hoje? Ansiosa, molha os lábios com a língua. Realmente gosta de suas sessões com ele.

Mais uma vez, ele segue um ritual: deita-a e amarra seus tornozelos aos pés da cama.

— Acho que você está se sentindo muito mal hoje, não, Belle? — ele pergunta.

— Sim, Doutor. Por favor, pode me ajudar?

— Vamos ver o que eu posso fazer por você hoje — ele responde, sorrindo.

Ela ouve o abrir do fecho da valise e o barulho dos instrumentos batendo uns contra os outros enquanto o Doutor vasculha lá dentro. Ele brinca com seus apetrechos novamente, provocando-a, incitando a sua imaginação. Em sua cabeça, ela vê todos os objetos que ele mostrou da última vez. Será que vai usar alguma daquelas coisas? Sua respiração fica mais curta.

— Não tenha medo, Belle — diz o Doutor, com se estivesse lendo sua mente. — Tenho uma coisa aqui que vai fazê-la se sentir muito melhor.

Para sua surpresa, a sensação em sua pele não é a de seus lábios macios a tocando, mas a de um líquido viscoso escorrendo. Ele está despejando algum tipo de óleo sobre sua barriga, e o esfrega com vigor, massageando com movimentos circulares lentos e deliberados. Ela sente o cheiro doce e fresco de ervas enquanto o líquido se espalha por sua pele. O Doutor derrama um pouco mais do óleo em seu corpo, agora em seus seios. Volta a descer as mãos em movimentos firmes, na direção da barriga, e segue, sem ser interrompido, para as coxas. Suas mãos, fortes e gentis, trabalham sem parar em seu corpo, seus dedos afundando em sua carne, e ela se perde na sensação divina da fragrância do óleo aromático, misturado à sensação deliciosa de ser acariciada pelo toque lento e contínuo das mãos dele.

Ele continua devagar, percorrendo cada parte de seu corpo, da ponta do queixo até suas mãos e dedos, seus seios, sua barriga, suas coxas, as canelas, os pés e os dedos. Ele solta seus tornozelos dos pés da cama e a vira de costas para recobri-la com outra dose de óleo. Agora, Belle sente as mãos dele, sempre vigorosas, na

parte de trás do pescoço e deslizando pelas suas costas, descendo, descendo, descendo até chegar às nádegas.

— Está se sentindo melhor, Belle?

Ela geme para seu travesseiro, incapaz de falar. Está se tornando tão líquida quanto o óleo que penetra em sua pele. O Doutor se deita sobre suas costas, pressionando a parte da frente de seu corpo contra sua pele lubrificada. É uma sensação deliciosa estar tão junto assim. É como se o óleo os mantivesse unidos, seu aroma exalando um encantamento que faz com que Belle escape do quarto. Ela não está mais na Veneza do presente, foi levada para um tempo em que a cidade estava tomada pelos mouros de pele escura e pelos cristãos envoltos em seu misticismo.

Então ele a penetra. Juntos, iniciam um movimento cadenciado. Para Belle é como se estivessem criando algo lindo, para todos verem: uma tela com todos os detalhes das sensações de prazer que ele lhe proporcionava.

— Querida... — ele a chamou gentilmente, pegando velocidade e colocando seus braços sob o corpo dela, encaixando os seios nas mãos.

Ele arremete para dentro e ela cavalga com ele, como um garanhão árabe através das dunas do Saara. Ela está dançando para ele sob o céu do deserto, sob uma chuva de meteoros, que imita a excitação que percorre seu corpo, pequenos sinos tilintando em volta de sua barriga. Eles estão se beijando, as bocas cheias de mel, se alimentando de tâmaras doces. Estão agora deitados em almofadas em sua tenda, que ondula ao vento. E ela se perde na tempestade de areia de seu completo abandono ao sexo, rodopiando até chegar ao orgasmo. O Doutor, seu príncipe árabe, se enterra cada vez mais dentro dela.

Hoje, o Doutor não se levanta de imediato. Belle sente o óleo aromático que ele espalhou em seu corpo e seu esperma escorrendo entre suas coxas. Instintivamente, toca o líquido com os dedos. Adoraria ser capaz de levar esta sensação de liberdade para seu apartamento, para o seu casamento.

Tinha tentado excitar seu marido como fazia com os seus clientes, mas não obteve sucesso. A motivação dele não era prazer, mas paz. Se ele estivesse satisfeito, então talvez não ficasse tão bravo com ela o tempo todo. Logo que Belle se casou, acreditava que era seu dever tentar satisfazê-lo na cama, porque, se não fosse pelo *signor* Brzezinski, ela e sua mãe teriam ficado completamente desamparadas.

Dejetos da Guerra, sem ninguém para protegê-las, ela prometeu a seu pai que aceitaria a proposta de casamento do *signor* Brzezinski para que elas pudessem ficar protegidas. O marido tinha sido uma rota de fuga da miséria, por isso nunca

tinha deixado de sentir que devia algo a ele. Não o amava, e era claro para ela que ele também não a amava. Ela nunca conseguiu entender por que foi escolhida, por que ele tinha se casado com ela por vontade própria, enquanto ela tinha aceitado somente por não ter outra opção.

O *signor* Brzezinski tinha sido gentil e agradável, ela se lembrava dele tratar com delicadeza a ela e a sua mãe nos primeiros anos de casamento, quando eles foram morar em Veneza. Foi apenas depois da doença de sua mãe que sua atitude havia mudado. E depois que sua mãe saiu da casa deles, o *signor* Brzezinski se transformou completamente. Passou a ser outro homem, como se uma alma negra estivesse escondida atrás daquele exterior polido durante todo aquele tempo, só esperando a oportunidade perfeita para aparecer. Ele se tornou violento no quarto e mais de uma vez a tinha estuprado durante o sono. Durante o dia, a repreendia constantemente, nada do que ela fazia estava bom o suficiente. Seu casamento tinha se tornado um verdadeiro pesadelo. Incomodava seu marido só de respirar.

O Doutor vai embora tão furtivamente quanto chegou. Belle tira sua venda e se levanta da cama encharcada de óleo; seus lençóis estavam arruinados, mas não tinha importância. Ela andou em direção ao seu espelho de corpo inteiro e olhou para sua imagem refletida. Gostou do que viu, uma mulher em sua melhor fase, com o rosto ainda rosado pelo calor de ter sido sexualmente satisfeita. Com olhos grandes e escuros, brilhando com a excitação da aventura árabe que tinha vivido com o Doutor. Ela ajeita o cabelo, arranjando alguns fios fora do lugar que a estavam incomodando. Seu cabelo estava ainda mais brilhante naquela noite, como se houvesse estrelas do deserto escondidas sob as madeixas. Tão diferente da mulher que era em casa com o *signor* Brzezinski. Entra no banho, cuidadosamente remove todo o óleo de seu corpo, agora mergulhado em água quente e temperada. Ela se enxuga com pressa, sabendo que seu marido iria chegar logo em casa e esperava encontrá-la à mesa de jantar. Ela precisa chegar antes dele para poder tirar suas roupas de Belle e vestir as da passiva e infeliz Louise.

Corre para casa, atravessando a Ponte di Rialto, passando pelo mercado e cruzando o Campo Rialto Nuovo, suas botas atacando com vigor as pedras da rua. Uma pomba bate as asas e alça voo, fazendo com que olhasse para cima. Naquele exato momento, ela captura o olhar de um homem que passava. Não tira os olhos dele. Reconhece algo em algum nível de seu inconsciente. Ele tem um rosto como o de um lobo, com olhos cor de amêndoas queimadas e uma argola de ouro na orelha. Parece um pirata, um aventureiro do passado. O homem sorri para ela. Belle sabe que poderia tê-lo se quisesse.

No entanto, agora ela estava a caminho de casa e não tinha tempo. Seguiu seu

caminho, tentando ignorar a pulsação dentro de seu peito. Sente o olhar dele às suas costas e sabe que ele a está observando, mas não vira para encará-lo. Afinal, ele é só outro marinheiro.

Valentina

A HISTÓRIA DE COMO Théo e Valentina se conheceram ainda a deixa atônita, quase como se não pudesse acreditar que havia acontecido com ela. Nunca acreditou em amor à primeira vista, claro que não, como poderia? Então acha que só pode ter sido um caso de desejo à primeira vista ou alguma outra coisa do gênero.

Seu comportamento na noite em que se encontraram pela primeira vez foi totalmente incompreensível. Não bebera, então não entendia como teve coragem de levar um completo desconhecido para seu apartamento. Sabia ser espontânea, mas aquilo ultrapassava todos os limites de espontaneidade que conhecia. Imagina que, no fundo, Théo nunca tinha sido um total desconhecido para ela. Talvez enigmático e misterioso, mas ela sentia que o conhecia desde que trocaram o primeiro olhar no metrô.

Passava pouco das 22 horas, a noite era quente e perfumada, e ela havia ido ao cinema com sua amiga Gaby. Tinham ido assistir *Meia-Noite em Paris*. Despediram-se logo depois que o filme acabou porque Gaby iria encontrar seu novo amante, um tópico que Valentina fazia questão de não abordar, apesar de todas as tentativas de Gaby de obter a opinião da amiga. O que ela iria dizer? O namorado de Gaby era um homem casado e Valentina estava preocupada, mas se recusava terminantemente a dizer o que ela deveria fazer. Não tinha nenhum direito de julgar, era uma decisão que só Gaby poderia tomar.

Deixando de lado a preocupação com o coração ameaçado de sua companheira, caminhou do cinema diretamente para a estação do metrô. Tinha decidido ir direto para casa. O vagão não estava cheio e ela não pensava particularmente em nenhum assunto, distraíndo-se com os anúncios pregados nas paredes do trem que ia lendo durante o trajeto. Começou a avaliar o filme e o enredo e pensar sobre a possibilidade de se mover através do tempo, como fazia o personagem. Para qual época do ano gostaria de se transportar? Se pudesse voltar no tempo, para quando iria? Na hora, pensou nos anos 1920, em Hollywood, na era do cinema mudo. O jazz, a juventude solta e ousada, o hedonismo! Sorriu para si mesma com a possibilidade de poder conhecer de verdade Louise Brooks. Como seria ter uma conversa com uma das mulheres que mais admirava? O que perguntaria à atriz?

“Você acredita no amor, Louise? Você acha que é possível ser completamente

livre e ainda assim ser amada?”

Ao imaginar as respostas de seu ícone de beleza e estilo de vida, sentiu uma onda de tristeza envolver seu coração, porque sabia que Louise Brooks pagou caro por ser uma mulher à frente de seu tempo. Hollywood havia dado as costas para ela e seu talento tinha sido completamente desperdiçado, descartado por falta de reconhecimento. Ela acreditava que, se a atriz vivesse nos tempos atuais, poderia tranquilamente ter interpretado o personagem de Marion Cotillard no filme de Woody Allen.

Valentina olhou pelo vagão sem focalizar nenhum ponto específico. Imaginou que ela mesma estivesse dentro de um filme, viajando para o passado. Os outros passageiros se tornaram borrões, sombras completamente desfocadas, como se fossem objetos supérfluos no filme em sua imaginação. Ajeitou sua saia-lápis, cruzou as pernas envoltas em meias finas e pousou sobre elas as mãos protegidas por um par de luvas. Era agora a senhorita Valentina Rosselli, uma nova e aclamada estrela do cinema mudo de Hollywood, a caminho de mais um dia de filmagens. Não estava em um vagão no metrô de Milão, mas em um bonde na Los Angeles de 1926. Completamente imersa em sua fantasia, não se dera conta de que olhava fixamente para os olhos curiosos de Théo Steen. Ele tinha se misturado completamente nas imagens confusas e difusas de sua imaginação. Por um momento, não registrou bem a qual dos mundos ele pertencia, mas só podia ser ao mundo real, ele era mais real do que qualquer outro homem que já tinha visto em sua vida. Não dava para não o admirar: vestido com extremo bom gosto, com um terno risca de giz e gravata, o cabelo escuro bem penteado, parecia ter saído diretamente da tela do cinema, um galã de Hollywood. E aquele homem maravilhoso a estava encarando abertamente, sem nem piscar ou tirar os olhos dela por um minuto.

Ela estava presa, completamente imobilizada pelos olhos dele, de um azul tão profundo que pareciam pertencer a um feiticeiro. Será que estava sendo enfeitiçada? Percebia seus próprios olhos se arregalarem, suas pestanas batendo involuntariamente, e sabia que sua pupila estava se dilatando. O trem parou na estação próxima ao Duomo e um grupo de adolescentes entrou, preenchendo o espaço entre ela e o estranho à sua frente. Mesmo assim, seus olhos buscaram um espaço para se encontrar novamente. Os corpos jovens entre os dois só aumentaram as doses de erotismo implícito daquela elétrica conexão visual.

Bem que Valentina tentou fugir do encanto daqueles olhos hipnóticos, mas não conseguiu. Apenas redobrou a atenção enquanto inspecionava cada centímetro de seu rosto. Escaneou minuciosamente os cabelos tão negros quanto os dela, a pele bronzeada e o queixo quadrado com um cavanhaque. Estremeceu ao pensar na sensação daquele queixo se esfregando em sua pele. Ele a estava

devorando com os olhos, fazendo-a estremecer de ansiedade e temor — ele poderia ser um homem perigoso. Tentou mudar o foco de sua atenção para algum outro ponto. Pensou até em saltar na estação de Cardusio e caminhar até sua casa, mas quando estava se preparando para sair, ele sorriu e esse sorriso mudou sua vida para sempre.

Valentina raramente sorria, provavelmente por isso se sentia atraída por todos os que conseguiam fazê-la sorrir. O sorriso de Théo era envolvente, aberto e desafiador. Estava na cara que ele não era perigoso. Ela inclinou a cabeça para o lado e sorriu de volta para ele, um meio sorriso ao estilo Louise Brooks, com uma das sobrancelhas levantadas, uma pergunta perdida em seu rosto, e isso era tudo o que se sentia capaz de fazer. Os jovens desceram em Cairolí e só ficaram os dois dentro do vagão. Não se falaram, as palavras teriam estragado completamente o momento, o encanto entre eles. Eles se levantaram exatamente no mesmo momento para sair do trem. Como ele sabia que era a sua estação? Ela caminhou em direção às portas duplas do vagão, sentindo a presença dele bem atrás dela. Pouco antes de o trem chegar a Cadorna, ele segurou a mão dela e, pondo-se à sua frente, a beijou. O trem parou e ela caiu sobre seu peito. Quando as portas se abriram, eles desceram juntos, de mãos dadas.

Ainda assim não tinham pronunciado nenhuma palavra. Não havia necessidade delas, porque seus olhos já tinham dito tudo o que era preciso naquela viagem mágica de trem. Caminharam lado a lado e permaneceram juntos enquanto subiam pela escada rolante e passavam pela catraca para, então, entrar numa noite tempestuosa. Era março, estava chovendo torrencialmente, o que só aumentou a tensão sexual do momento. Ele colocou os braços sobre os ombros dela numa tentativa de protegê-la da chuva e a fez correr pela rua, permitindo que ela o conduzisse para onde quisesse levá-lo.

Quando entraram no apartamento dela, beijaram-se novamente, mais profundamente desta vez, abraçando-se e aprendendo as formas do corpo um do outro através das roupas molhadas. Ele suspirou e deu um passo para trás, enquanto ela tirava as luvas encharcadas e derrubava seu casaco no chão. Com as mãos livres novamente, começou a desabotoar os pequenos botões em sua blusa, um a um, calma e deliberadamente. Esperou que ele dissesse alguma coisa, mas era como se ele já soubesse o que ela estava esperando dele. Nada de palavras. Nada além da honestidade inquestionável embutida no desejo puro e franco. Arqueando uma de suas sobrancelhas, ele tirou o paletó e começou a desabotoar sua camisa.

Valentina o olhou satisfeita, um calor intenso aumentando em volta deles, como uma nuvem quente que se formava à medida que tiravam suas roupas. Suas peles ainda não haviam se encontrado, o que só aumentava a expectativa e

a promessa do prazer que sentiriam quando finalmente seus corpos se tocassem.

Aproveitaram cada passo daquela coreografia, uma dança intensa, de preliminares infinitas. Ele arrancou sua camisa de dentro das calças e a tirou. Ela deixou sua blusa cair no chão. Vagarosamente, abriu o fecho de seu sutiã e deixou que seus seios aparecessem. Percebeu os músculos dele se contraírem, sua respiração ficar mais curta e seu olhar se intensificar de desejo. Percebeu também sua ereção tentando romper a barreira das roupas e sentiu uma pontada na pélvis: ela o queria. Ela não devia estar fazendo isso, despindo-se para um completo estranho em seu apartamento, não devia se expor daquela maneira, em troca da promessa indecente de sexo intenso. Eles não tinham sequer se apresentado e, mesmo assim, a vontade de se entregar completamente ao momento a impulsionava, ela queria se perder com aquele homem. Escorregou as mãos para trás de sua saia e começou a descer o zíper, saindo de dentro dela e olhando para ele, vestida agora apenas com sua calcinha minúscula e suas meias finas presas pelas ligas.

Os lábios dele se curvaram em um sorriso de aprovação, seus olhos se aqueceram ao olhar para ela. Ele abriu suas calças e as deixou escorregar pelas pernas até o chão. A visão do pênis forçando sua passagem pelo tecido macio da samba-canção a excitava. Ela queria tocá-lo, cheirá-lo, senti-lo dentro dela, aquele homem dos sonhos que parecia ter saído de um filme de sua época de ouro, vivo e respirando, ali ao seu lado, em um filme mudo da vida real.

Atrevida, ela deu o primeiro passo e passou a língua em seu peito, lambendo minúsculas gotas da chuva que ainda restavam sobre sua pele. Ele a segurou pelos ombros com uma das mãos e a puxou para perto de si. Ela pôde sentir o pênis duro contra sua barriga, e ficou ainda mais excitada quando se deu conta de que ele era muito mais alto do que ela. Queria escalá-lo, queria que ele a deitasse no chão e a envolvesse em suas pernas longas e musculosas. Queria que ele fizesse sexo com ela desesperadamente.

Eles esfregaram seus corpos ainda molhados e gelados, aquecendo-os. O silêncio entre eles era inebriante, como se soubessem que qualquer palavra pudesse quebrar a ligação instantânea que havia se formado. Ela se sentia como outra mulher, qualquer traço de normalidade dela tinha sido deixado de lado para dar espaço ao desejo puro e simples. O que a estava impulsionando a agir assim? A sua fantasia romântica de que tudo aquilo estaria acontecendo em um filme, ou seria o puro tesão que, percorrendo seu corpo, a mobilizava? Seria ainda a própria loucura que estava cometendo que a alimentava?

Ela não sabia. Nem se importava.

Ela pegou a mão dele e o puxou para o quarto, caminhando de costas entre as roupas jogadas pelo chão. Ele a acompanhou e, mal entraram no quarto, tomou-a

nos braços e a deitou na cama. Foi um gesto tão romântico que a deixou sem fôlego, nunca nenhum homem a havia carregado para a cama e se ajoelhado a seu lado, pairando sobre ela em um estado de pura admiração. Ele acariciou o corpo dela com a ponta dos dedos e ela expirou de maneira forte e gutural, o que a fez pensar que nunca havia exalado direito o ar dos pulmões. Ele desabotoou o fecho da liga que segurava suas meias finas e as desenrolou pernas abaixo. Era perceptível o prazer que sentiu com o gesto: não há mais muitas mulheres que usam ligas hoje. Ele enrolou um dos dedos na lateral de sua calcinha, uma fio dental minúscula, e a arrebitou com força. A energia entre eles mudou quando ele a levantou e os dois começaram a se beijar. O coração dela começou a bater mais forte, agora que seus corpos aquecidos se comprimiam um contra o outro. Sua pele se arrepiava inteirinha ao menor toque dele, como se eles estivessem destinados a se encontrar, como se algum poder oculto os tivesse conduzido para o encontro inesperado no metrô de Milão. Era uma ideia ridícula, mas uma fantasia deliciosa. Os lábios dele nos seus, seu gosto tão doce e perfeito, ela se abaixou para despi-lo e aninhar seu pênis entre suas mãos. Ela o queria agora, antes que o momento acabasse e o encantamento entre eles se desmanchasse.

Enquanto se beijavam, Valentina alcançou uma gaveta no criado-mudo ao lado da cama, de onde tirou um pacote de preservativos. Ela se afastou um pouco dele, encontrou sua mão e entregou o envelope para ele. Queria ter certeza de que ele queria usar: viu que sim quando ele sorriu, aprovando o gesto. Um cavalheiro, claro, e totalmente a favor da camisinha. Ele se sentou sobre os tornozelos para vesti-la, encaixando-a no pênis e desenrolando-a vagarosamente, enquanto ela o observava, excitada pela ansiedade. Ele a abraçou e os dois rolaram pela cama, com ela por cima. Ela então beijou-o e trouxe-o para dentro de si.

Fazia alguns meses desde que tinha transado pela última vez, e imediatamente soube que faria sexo como nunca havia feito antes em toda sua vida. Será que era o completo anonimato entre eles que tornava aquela situação tão absurdamente íntima e irresistível? O quanto aquele ser humano confiaria nela, e ela nele? Era uma sensação inebriante. Ela levantou o corpo e se equilibrou antes de se abaixar, empurrando-o para dentro de si novamente. Ele segurou os seios dela com as mãos em concha, seus lábios entreabertos, sua língua batendo nos dentes. Ela achou que ele fosse gozar dentro dela e ela sentiria prazer com o sexo, mas nada além disso, porque nunca gozava se seu parceiro estivesse usando camisinha, menos ainda se fosse a primeira transa, sempre a mais estranha. Mas algo diferente estava acontecendo com aquele desconhecido.

Ele não sucumbiu ao seu próprio prazer. Em vez disso, segurou os braços dela com as mãos e a ajudou a se mover para cima e para baixo, cada vez mais

rápido. Nunca uma de suas transas tinha durado tanto tempo. Eles rolaram novamente na cama e ele ficou por cima, arremetendo contra ela com vigor redobrado, até que ela sentiu o corpo inteiro tremer. Isto estava mesmo acontecendo? Ela estava arquejando, subindo pelas paredes, a ponto de conseguir, estava tão perto, tão perto... Ele se inclinou e mordiscou seu mamilo antes de uma nova e derradeira estocada, que fez Valentina sentir seu corpo inteiro vibrar em um glorioso orgasmo. Ela olhou em seus olhos, quase negros agora, e ele a olhou de volta, de um jeito franco, exibindo tudo o que estava sentindo. Ele arfou e a alcançou em pleno gozo, caindo sobre ela, como se estivessem mergulhando em si mesmos.

Das poucas vezes em que tinha saído com um homem logo na primeira vez, não se lembrava de uma que não tivesse sido um completo fiasco. Era um verdadeiro desastre quando tudo acabava e ela tentava se livrar do parceiro da vez sem parecer muito rude ou ansiosa para que fosse logo embora de sua casa. No entanto, desta vez tinha sido completamente diferente. Que mágica era aquela? Parecia que ele a achava tão irresistível quanto ela. Porque, logo depois de terem feito sexo, não caíram exaustos para o lado para dormir, nem conversaram. Simplesmente começaram tudo outra vez. Como ele conseguia? Seria algum tipo de super-homem? Nem se lembrava mais de quantas vezes tinham transado naquela primeira noite, mas tinham explorado cada milímetro de seus corpos por oito horas seguidas. Ele por cima, ela por cima. Em pé. Sentada de costas para ele e ele se inclinando para poder segurar seus seios com as mãos. Ajoelhada à sua frente, com ele a penetrando por trás. Sentada sobre ele em uma cadeira da cozinha, quando ela tinha ido buscar água para eles e ele a havia seguido. Sobre ele, no chão do *hall* de entrada no caminho de volta para o quarto. Enrolados um no outro no chuveiro, na manhã seguinte. Toda essa paixão dava a ela a sensação de que finalmente tinha encontrado o que estivera procurando toda sua vida. E, ainda assim, ela nem sabia como ele se chamava.

Valentina limpa o negativo com uma rajada de ar quente do secador de cabelos e gentilmente passa uma escova macia sobre ele, para tirar a poeira acumulada ali, sabe-se lá por quantos anos. Coloca o negativo em um saquinho plástico e cuidadosamente o guarda em sua cômoda.

Ela se lembra dos primeiros momentos na manhã seguinte, quando achou que iria se irritar com a presença daquele completo estranho em sua cama, a tradicional vontade de que ele fosse embora imediatamente. Só que não tinha sido assim. Ela acordou com ele a beijando e eles transaram de uma maneira tão afetuosa que pareciam ser namorados de longa data.

Não se irritou mesmo depois de terem se apresentado: Théo Steen, americano, especialista em história da arte, em Milão para fazer seu pós-doutorado, solteiro. Valentina Rosselli, fotógrafa profissional, natural de Milão e solteira. E nem mesmo depois de Théo ter brincado durante o café da manhã, dizendo, entre mordidas famintas num brioche, que esta poderia ser uma história engraçada para contarem a seus futuros netos. Achou que ele só estava sendo engraçadinho. Como duas pessoas que se conheceram daquele jeito poderiam ter alguma expectativa de manter um relacionamento? O fato é que, de alguma maneira, eles tinham se tornado amantes. Ela ficou muito surpresa quando ele ligou para ela na noite seguinte e a convidou para sair. Ela tinha achado que nunca mais o veria na vida, e acabou aceitando o convite meio desconfiada. E, agora, a vida deles está entrelaçada, não importa o quanto ela tente se manter distante. Será que esses negativos tinham a ver com isso? Seriam uma maneira de Théo se comunicar com ela?

Ela pega as ampliações que já tinha feito e as dispõe na cama, lado a lado. São cinco imagens no total, incluindo a “paisagem” das costas e do tornozelo amarrado. Uma é claramente um lóbulo de orelha com um brinco de ouro pendurado. De alguma maneira, ela sabe que é a orelha de um homem, o brinco é muito simples e pequeno para ser a joia de uma mulher. Há ainda a foto de um braço e uma mão escondidos por uma luva, segurando um longo colar de pérolas. Valentina gosta particularmente desta imagem, do contraste da luva preta com as pérolas brancas. Há também uma foto de lábios escuros que não sorriem e parecem estar manchados de batom, que imagina vermelho, pois a imagem é preto e branco. A mais intrigante e tentadora de todas as fotos é a imagem de um olho. Apenas um. A foto tinha sido feita tão de perto que era difícil decifrar o que era na primeira inspeção. O olho estava voltado para baixo, então tudo o que podia ser visto era uma pálpebra iridescente, emoldurada por uma sobrancelha reta e bem-feita e os longos cílios.

Quem seria aquela mulher? Valentina estava consumida pela curiosidade. A única pessoa que lhe daria uma ideia sobre a resposta para aquela pergunta poderia perfeitamente estar do outro lado do Atlântico. Será que Théo estava tentando enlouquecê-la com todo aquele mistério? Ele sabia que o quebra-cabeça iria deixá-la obcecada e ao mesmo tempo encantada. Mas como iria descobrir a identidade da mulher naquele *close*? Ou do homem? Ela não tem nenhuma informação sobre eles, nada na escrivania de Théo ou em outro lugar. Morde os lábios, pega a imagem do tornozelo amarrado e a olha novamente com atenção. Essas imagens começaram a fazer parte de seus sonhos agora. Na última noite, sonhou que os seus tornozelos estavam atados aos pés da cama, exatamente como os da foto. Teve um sonho incrivelmente erótico com Théo,

que acariciava seu corpo todo, e acordou desejando que estivesse ali. Talvez tenha sido o telefonema de Leonardo Sorrentino que a tenha feito sonhar daquela maneira. Bem, ela não tem tempo para fazer uma análise psicológica de seu sonho, tem um encontro na vida real com Leonardo, o dono de um clube de S&M.

O que vestir para uma situação como essa? O encontro é no começo da noite e ela não quer exagerar na roupa para não chamar atenção demais naquele lugar. Ao mesmo tempo, ela não queria estar vestida de uma maneira muito simples ou muito conservadora. Depois de vários testes, ela se decidiu por um *jeans* preto e um *body* coberto por uma jaqueta de couro, sempre uma opção segura, que valorizava seu cabelo *à la garçonne*. Ela passa um *gloss* de cor escura sobre os lábios e pega o *case* com a câmera a caminho da porta. Ela não tem certeza de que vá precisar de seu equipamento, mas prefere estar preparada.

Tinha acabado de chamar um táxi para levá-la ao clube, quando reparou em um homem saindo de trás de um carro, do outro lado da rua. Com as mãos nos bolsos, ele a observa de maneira franca e aberta. Ela olha para trás para checar se não havia mais ninguém ali do lado. Não. Definitivamente, estava olhando para ela. Percebeu que não era o mesmo homem que a tinha vigiado no jardim. Este era mais velho, mais baixo e mais parrudo, com cabelos grisalhos. Ele parece prestes a dizer alguma coisa, mas ela não dá a ele essa oportunidade e entra rapidamente no carro. Enquanto o táxi se afasta, ela se vira, olha pela janela de trás e o vê exatamente no mesmo lugar, com as mãos no bolso e o cenho franzido em desgosto. Com dois estranhos a encarando nas últimas 24 horas, era impossível não ficar um pouco perturbada. Novamente desejou que Théo estivesse de volta. Sem pensar duas vezes, pesca o celular dentro da bolsa, poderia ligar para ele e pedir que voltasse. O que será que ele diria sobre esses dois episódios, será que iria achá-la paranoica? Vai ver o homem no jardim não passava de sua imaginação, mas o outro homem, aquele que ela acabara de ver, era bem real, e parecia querer falar com ela. Despreza o pensamento e se recrimina por ele, era só um idiota querendo puxar conversa. Isso era o que Théo diria: “Valentina, você não tem ideia do impacto que causa nos homens”. Ela ria quando ele falava desse jeito e o chamava de ridículo, não era nenhuma Marilyn Monroe. Ele completava: “Realmente, você não é, minha querida. Mas nem todos os homens estão atrás de louras peitudas, não é?”

Ela joga o celular de volta na bolsa e deixa a história do homem desconhecido para lá. Sua noite promete ser muito interessante: o que aquele Leonardo Sorrentino iria mostra para ela? Precisa ficar calma e centrada, sem se preocupar com outras coisas agora.

O clube de S&M fica em uma região de Milão que Valentina não conhece muito bem, no bairro de Isola, na Via Garigliano, onde Milão tinha sido muito parecida com Veneza, até que Mussolini decidisse bloquear todos os canais. Era uma área um pouco abandonada e indigente, mas a cada dia se tornava mais e mais moderna. Mais ou menos como S&M, tendência cada vez mais aceita. Ela experimentava um misto de medo e excitação, seu coração batia mais acelerado e sentia o estômago revirar. Depois das imagens que tinha visto na internet, tinha decidido não olhar mais nada, não queria se sentir ainda mais confusa do que já estava. Não se tratava de julgar o que aquelas pessoas faziam, só não sentia nenhum tipo de atração pela dor. Mas admitia que estava realmente intrigada, queria entender esse lado escuro da sexualidade humana. Será que isso era algum tipo de perversão? Ou seria algo libertador, uma expressão válida de instintos naturais?

Quando encontra Leonardo Sorrentino, fica surpresa: ele é exatamente o oposto do que esperava. Para começar, era jovem. A imagem que tinha criado dele era a de alguém mais velho, um senhor careca e um pouco obsceno. Claro, um estereótipo. Leonardo era uns dois anos mais velho do que ela, no máximo. Tinha a pele morena como a de Théo, na verdade ele lembrava um pouco o seu amante, com sorriso fácil e franco. Mas era um pouco mais baixo e seus olhos eram castanhos e não azuis.

Ele está vestindo um terno impecável azul-escuro — que parecia ter custado muito caro — e camisa lilás, que, apesar da cor, não parecia nem um pouco feminina nele. Detectou a fragrância tradicional Armani assim que passou pela porta de entrada inócua do clube.

— Senhorita Rosselli, obrigado por ter vindo — ele a cumprimentou.

— Pode me chamar de Valentina — ela respondeu, sentindo-se estranha com toda aquela formalidade.

— Leonardo — ele sorri de volta, apertando a mão dela.

Leonardo a conduz por um corredor de mármore escuro brilhante, com iluminação tênue vinda de luminárias na parede. A qualquer momento, Valentina espera ser jogada em uma sala cheia de instrumentos de tortura, mas quando chegam a um aposento no final daquele corredor, ela se decepciona com sua normalidade. Não havia nada de mais ali: iluminação suave, um grande sofá de cor creme sobre um tapete no mesmo tom... Nada de chicotes ou correntes à vista.

Leonardo a convida para sentar, tira seu paletó e o pendura no encosto da cadeira. A camisa lilás era de seda pura e ficava muito bem em seu peito bem definido. Apenas dois botões abertos: nem pouco nem muito, na medida.

Oferece a ela uma taça de vinho branco de uma garrafa que tirou de um frigobar no canto da sala.

— Eu preciso dizer o quanto gostei de sua série de autorretratos eróticos nos canais de Veneza — ele diz, servindo o vinho.

Valentina sente seu corpo se enrijecer pela abordagem absolutamente direta dele. Nada de rodeios com o *signor* Sorrentino! Ela o imagina olhando as imagens de seu corpo totalmente exposto e acredita que ele a viu por inteiro, ainda que apenas na imaginação.

— Como você conseguiu ver essas fotos? — ela pergunta. — Elas não foram publicadas em lugar algum, não estão nem na internet.

— Sinto muito, mas eu prometi que não iria contar a você como vi as fotos, Valentina.

— Foi Stephano Linardi? Ele deu a você uma cópia do meu *pen-drive*? — ela perguntou, sabendo que estava sendo um pouco direta demais, talvez até rude.

Sempre achou difícil seguir etiqueta. Leonardo levantou uma sobrancelha como resposta. Valentina continuou:

— Ele disse que essas fotos eram pornografia e não arte.

— Em minha opinião, elas não são nem uma coisa nem outra — diz Leonardo. — Eu as chamaria de uma narrativa erótica. Você está contando uma história erótica com suas imagens.

Ele faz uma pausa e toma um gole de vinho.

— Eu também vi esse mesmo traço em suas fotos de moda, como você coreografa cada cena que vai fotografar. É exatamente por isso que eu gostaria que aceitasse fazer esse projeto para a gente, é muito importante encontrar alguém que tenha o tom certo.

— Preciso saber, em primeiro lugar, por que você precisa de fotos daqui.

— Na verdade, a ideia não foi minha — Leonardo admite. — Foi outra pessoa que entrou em contato comigo e que deseja publicar um livro sobre erotismo e fotografias de bom gosto sobre a cena sadomasoquista. Claro, ela insiste que eu não revele sua identidade. Talvez tenhamos ainda uma exposição das fotos.

“Como é que S&M poderia ser de bom gosto?”, o pensamento passa rapidamente por sua cabeça. Interpretando o silêncio dela corretamente, Leonardo diz:

— Posso assegurar a você que, às vezes, o sadomasoquismo pode ser muito bonito e gracioso, Valentina.

— Eu não tenho nenhuma experiência com esse tipo de imagens — ela reforça, tentando não parecer envergonhada de admitir.

— É exatamente por isso que eu pedi a você para fazer as fotos. Você não tem preconceções, não tem vícios. Se você acha que sadomasoquismo é uma coisa

doentia, bem, neste caso, eu sugiro que você não aceite o trabalho, pelo seu próprio bem.

Ela pensa sobre o que ele acaba de dizer, enquanto toma um gole de vinho e observa Leonardo por baixo dos cílios. Ele é a personificação de uma pessoa saudável e ela não consegue evitar imaginar se ele é um dominador ou um submisso. É difícil imaginá-lo fazendo algo brutal. Como no episódio do álbum e dos negativos que Théo havia lhe dado, também agora a curiosidade faz com que ela continue, não vai sair dali sem aproveitar a oportunidade.

— Não, claro que não considero S&M doentio. Na verdade, é um tema que me fascina — diz a ele.

Leonardo olha para ela novamente com um sorriso largo, quase deslumbrante, que ela não consegue retribuir. Teme que esteja parecendo grosseira, mais do que o normal. Ele inclina a cabeça para o lado, intrigado com sua expressão azeda, e seu sorriso vai sumindo do rosto.

— Bem, ok, então — ele diz, levantando-se e voltando a falar de maneira um pouco mais formal. — Antes de tudo, deixe-me mostrar o clube a você, para que possa começar a pensar em algumas ideias. Realmente, é sua a decisão sobre o que vai fazer e como. A maioria dos meus clientes já concordou em ser fotografada, então você pode escolher entre parecer uma mosca na parede e simplesmente registrar o que está acontecendo ou criar sua própria cena, se preferir. — Ele faz uma pausa e sorri novamente para ela, desta vez de uma maneira mais maliciosa. — Isso deve ser divertido para você.

Ela não sorri de volta.

— Talvez — responde com frieza, mas percebe seu corpo se aquecer embaixo da jaqueta de couro.

Criar as próprias cenas? A ideia era sedutoramente erótica. Ela pode usar toda sua paixão pelos detalhes e pela teatralidade neste cenário sensual. As possibilidades a deixam zozua.

— Lembre-se, Valentina — Leonardo continua. — Não quero pornografia. Qualquer homem ou mulher por aí pode fazer isso. Quero algo artístico. Foi por isso que a escolhi. Queremos erotismo.

— Eu entendi — ela diz enquanto o segue pelo longo corredor de mármore negro.

Quando chegam ao topo de uma escada também revestida de mármore escuro, ele se vira para ela:

— Não há ninguém aqui no momento. É um pouco cedo, mas vou mostrar a você uma das salas que nossos clientes podem usar. Você está pronta?

Ela acena com a cabeça, seguindo-o escada abaixo. A luz agora é um pouco mais fraca e ela sente um arrepio de medo percorrer sua espinha. Detesta lugares

escuros e confinados. No final da escada, chegam a um *hall* pequeno e oval, com três portas saindo dali. Uma das lâmpadas lança uma luz sombria sobre o local.

— Então, Valentina — Leonardo aponta para uma das portas — Atrás de cada uma dessas portas há diferentes níveis de experiência, por assim dizer. A de madeira a leva a um mundo de mais prazer do que dor. Já a de couro permite que você conheça o universo de mais dor do que prazer.

Valentina engole em seco: “Qual a diferença? Quanto de dor é possível sentir e ainda assim ter prazer?”.

— E esta porta... — Ele caminha em direção à porta de aço polido cintilante no *hall* escuro — Esta é a Câmara Escura.

Ele pressiona a mão dela, virando-se com uma expressão triunfante. Ela consegue ver que ele é definitivamente um dominador, sem dúvida.

Ela desvia o olhar de Leonardo e encara a porta de metal.

— O que acontece na Câmara Escura? — Sua voz soa quase como um sussurro.

Leonardo dá um passo em sua direção. Está tão próximo dela que sua loção pós-barba fica quase insuportável.

— Na Câmara Escura você sente medo, Valentina, porque, como está destacado no nome, não há luz ali. Você não consegue ver nada, nem mesmo sua mão na frente de seu rosto.

— Por que alguém iria querer entrar aí? — Sua voz fica mais baixa.

Leonardo a flerta com o olhar.

— É precisamente o seu medo que consegue fazer com que você potencialize sua experiência sexual a níveis que não conseguiria em nenhum outro lugar.

Valentina não se move. Sabe que este homem quer que ela reaja de alguma maneira. Que ela ria, talvez, ou grite. Ou ainda saia correndo pelas escadas para fugir. Exatamente por isso ela não vai exibir nenhum tipo de reação.

— Certo — responde com calma. — Acho que não é interessante para mim. Se é completamente escura, não posso tirar fotos.

Leonardo concorda com a cabeça, agora um sorriso preguiçoso se espalhando por seu rosto.

— Exatamente. Não há nenhuma necessidade de você entrar na Câmara Escura... A menos, é claro, que queira...

Valentina o interrompe na hora.

— Você pode me mostrar as outras salas, por favor? Não posso demorar.

O sorriso dele aumenta ainda mais, porque sabe que ela está mentindo. Ele já a decifrou: ela tem medo da Câmara Escura.

— Muito bem — ele diz, passando por ela para abrir a porta de madeira. — Esta é a nossa sala Atlântida. Você vai entender o nome, espero, quando tiver

visto como ela funciona.

Valentina para na soleira e olha para a mão de Leonardo. Repara nas unhas feitas por manicure enquanto ele torce a maçaneta devagar. Seu coração acelera. Sente que, uma vez que tenha entrado na sala Atlântida, sua vida nunca mais será a mesma. É uma escolha que está fazendo sozinha, sem o consentimento de seu amante. Mesmo assim, segue em frente, enquanto parece escutar a voz de Théo em sua cabeça: “Minha intrépida Valentina”.

Belle

ALGUÉM BATE NA PORTA e Belle olha para o espelho, para conferir sua aparência. Alisa o vestido, suas mãos escorregando sobre o tecido negro e macio, o uniforme de uma das empregadas que ajustou para seu próprio corpo. Adora esse trabalho, se sentar na varanda, olhando o pôr do sol e costurando alguma peça de roupa enquanto ouve o vizinho tocando Bach no cravo. Não tem autorização para costurar em casa, mas adora criar novas peças e mesmo fazer esses pequenos ajustes, como este no uniforme de Pina, feito para atender às necessidades de seu cliente.

O vestido ficou muito mais curto do que era antes, curtíssimo aliás, mal chegando até suas coxas, onde a costura das meias finas terminava e encontrava o fecho da liga na cor branca, toda decorada com rendas. Um avental branco e franzido cobria o vestido. Seu uniforme ficava completo com um pequeno adorno na cabeça sobre seus cabelos cortados rente à nuca.

O Russo bate novamente à porta. “Uau, ele está impaciente hoje”, ela pensa, enquanto pega seu espanador de pó.

— Boa tarde, senhor.

Belle inclina-se para frente para cumprimentá-lo, enquanto o Russo entra apressadamente no apartamento.

— Boa tarde, Kátia — ele responde com ar aborrecido. — Por que você demorou tanto para abrir a porta?

— Desculpe-me, senhor, fui o mais rápida que pude.

— Bem, não foi rápida o suficiente — ele responde fixando nela um olhar gelado, fazendo seu coração bater um pouco mais forte. — Você terá de ser castigada.

— Sim, senhor.

— Você sabe por quê?

— Porque não obedeci suas ordens.

— Isso mesmo, Kátia. Da última vez, eu mandei você atender a porta rapidamente assim que me ouvisse bater. Hoje, tive de bater duas vezes até você abrir.

O Russo estica os braços para que ela o ajude a tirar seu casaco. Ele cheira a tabaco e sândalo, uma mistura intoxicante. Entrega a ela seu chapéu e suas luvas para que ela os arrume sobre o aparador. Segura um pequeno chicote na mão

direita, que fica batendo incessantemente sobre a palma da mão esquerda. A visão do chicote faz o estômago de Belle se contrair de apreensão.

Ela o conduz até o quarto, ele a segue de perto, usando o cabo chicote para levantar sua saia e espiar seu corpo nu.

— Estou satisfeito por você ter atendido às minhas orientações e deixado de usar sua lingerie.

“Ele sempre fala de uma maneira tão formal”, Belle pensa consigo mesma, como o verdadeiro burocrata que é. Ela sente quando ele move o cabo do chicote pela sua pele, descendo para o meio de suas pernas devagar, provocando-a e excitando-a, fazendo-a soltar um gritinho de medo e ansiedade.

— Contenha-se, por favor, Kátia. Você deve receber sua punição com humildade.

— Sim, senhor — ela responde baixando os olhos, a voz tênue, entrando no jogo dele e adotando um comportamento falsamente modesto.

Ele se senta em sua cama e coloca o chicote ao seu lado. Em seguida, entrelaça os dedos e acena para que ela se aproxime.

Belle fica em pé à frente dele e sente seus mamilos se retesarem sob o tecido barato que imita seda do seu uniforme de empregada. A voz do Russo baixa uma oitava.

— Então, Kátia, diga-me, o que você é?

— Eu sou uma subordinada, senhor, que não cumpriu suas ordens.

— E o que você sugere que eu faça sobre sua desobediência?

— Quero que o senhor me bata, por favor.

O Russo a segura pelo braço e a puxa com força, fazendo com que ela caia de bruços sobre os joelhos dele. O gesto deixa a respiração dela mais curta e rápida. Já fizeram isso antes, mas ela sempre sente um calafrio, embora não saiba exatamente por quê. Quando seu marido batia nela, não gostava nem um pouco, sentia-se humilhada e zangada. Mas quando o Russo dava-lhe uma boa surra, ela achava tudo extremamente erótico, provavelmente porque ela concordava com a sessão de espancamento. Sabia que tudo o que tinha a fazer, caso não estivesse gostando do ritmo das coisas, era pedir a ele que parasse e ele pararia. Ela poderia quebrar a magia da pequena encenação dos dois a qualquer momento, mas simplesmente não tinha vontade, adorava ser dominada daquela maneira. Sua pele está completamente arrepiada, esperando o primeiro toque contra sua pele e sentindo a ereção dele pressionando seu peito, agora que estava de bruços sobre aquele homem, com um vestido que deixava o seu traseiro parcialmente à mostra, de uma maneira obscena, apenas esperando para começar a levar umas boas palmadas.

O Russo levanta a minúscula saia do uniforme de empregada de Belle e expõe

sua nudez. Ele massageia vigorosamente suas nádegas com as mãos, seus dedos se enfiando em sua carne com prazer. Ela se pergunta se ele vai usar o chicote. Todos os seus sentidos estão em alerta e, quando sente a primeira palmada, seu corpo vibra inteiro, num misto de dor e alívio por ele finalmente tê-la tocado. Sabe que a surra estimula o Russo e sabe que vale a pena esperar pelas delícias que virão depois dos tapas. Ele bate nela de novo e de novo. Ela sente sua pele arder. Cinco, seis tapas fortes e ele para. Ela escuta a respiração dele, pesada de desejo, enquanto ele se levanta.

— Boa menina — ele diz, colocando as mãos entre as pernas dela e tocando sua vagina molhada, pronta para recebê-lo. — O que você quer que eu faça agora, Kátia? — ele pergunta, os pelos de sua pequena barba tocando o rosto dela, fazendo cócegas em seu queixo.

Belle coloca as mãos para baixo para alcançar o pênis duro, um grande volume tentando escapar das calças.

— Quero que o senhor me mostre quem é o meu senhor. — Ela sorri de maneira doce para ele e arregala um pouco os olhos, em uma expressão de inocência.

Belle está de quatro sobre o tapete persa. Seu vestido e seu avental descartados ao lado dela, usa apenas suas meias finas, as ligas e o pequeno chapéu. O Russo a penetra com um gemido baixo e a segura por baixo, com os seios dela nas mãos. Imediatamente começa a castigá-la com estocadas tão fortes que ela quase cai sobre o tapete. Ela ama o sexo selvagem do Russo. É um contraste delicioso à sua atitude aristocrática e distante. Ele segura sua cintura com as duas mãos e se move dentro dela, com um ritmo passional e urgente, quase animal. Belle fecha os olhos e se junta a ele, completamente tomada pelo prazer. Ela é Kátia, sua pequena empregada russa, sua escrava sexual que faz tudo o que ele manda, porque ele toma conta dela e sempre vai cuidar dela. É uma fantasia que gosta de viver, apesar de detestar sua vida com o marido. É uma contradição, ela sabe, mas não consegue explicar.

O Russo está gritando agora — Kátia, *maia daragaia*! — e goza, seu orgasmo lançando vibrações de prazer tão fortes que ela também chega ao clímax. Os dois caem sobre o tapete persa e ele rola para o lado, deitando-se perto dela.

Belle olha para ele, agora um homem completamente diferente daquele que chegou. Lágrimas escorrem por seu rosto, deixando sua expressão completamente devastada.

— Ah, Igor, meu querido — ela diz, tomando-o nos braços. Ele pressiona o rosto contra os seios dela e ela acaricia seus cabelos, deixando-o chorar. Ela olha

para o corpo dele, cheio de cicatrizes, suas costas cobertas de vergões vermelhos, as marcas do tempo na prisão na Sibéria. Apesar de sua criação aristocrática, Igor era na verdade um revolucionário, um camarada de Lenin. Seria engraçado pensar como este comunista convicto gostava de jogar mestre e servo em seus encontros se não fosse uma figura tão trágica. Foi obrigado a fugir da Rússia quando Lenin morreu e Stalin tomou seu lugar. Como Trotski, tentou impedir a chegada de Stalin ao poder e, agora, também como seu companheiro Trotski, era um homem procurado. Belle tinha se obrigado a sentir pena dele, embora nunca tivesse perguntado sobre a Revolução Russa, nunca quisera saber se ele era um daqueles soldados que queimavam tudo por onde passavam, como tinha acontecido em sua cidade natal. Já fazia muito tempo que aquilo tudo acontecera.

Ela segura Igor em seus braços até que ele deixe de chorar, os dois deitados nus no chão. Ela se sente limpa com a enxurrada das emoções dele.

— Quem é Kátia? — Belle pergunta sem nenhum aviso.

Igor suspira, voltando-se para olhá-la com seus olhos melancólicos.

— Apesar de meu passado revolucionário, Belle, tenho de confessar que não vim de uma família de trabalhadores. Fui criado com todas as regalias de uma família burguesa. Nós tínhamos uma empregada que se chamava Kátia. — Suspira novamente, como se ele carregasse todo o sofrimento do mundo sobre os ombros, e então se afasta dela, ficando em pé.

Ela se senta no tapete, olhando suas costas pálidas, duras e estreitas, e pensa que ele parece uma garça, uma criatura alheia e solitária, observando a vida passar.

— Eu amava Kátia — ele diz, baixando a cabeça.

— O que aconteceu, Igor?

Apesar de seu desespero palpável e óbvio, ela sente que ele precisa contar a história para ela. Igor se volta para encará-la de frente, com os olhos ainda encharcados, mas com a expressão acesa.

— Ela morreu por minha culpa. Eu deveria cuidar dela, era tão leal, tão inocente, tão doce...

Belle se levanta e caminha na direção dele, abraçando-o; não estão mais presos aos espasmos do prazer, sua nudez agora era algo puro e que demonstrava mútua confiança. Ele baixa a cabeça e fala com a boca encostada no ombro dela.

— Eu a deixei para trás, acreditando que ela estaria mais segura... Minha família escapou, mas Kátia não conseguiu. Eu mandei que ela fosse com eles, caso chegasse o momento de fugir, mas ela se recusou. Ela quis me esperar até que todos já tivessem partido e os Brancos, os soldados russos que tentavam conter as forças da revolução, chegaram procurando por mim. Eles fizeram Kátia

pagar pela minha ausência.

— Ah, Igor. — Belle o abraça apertado. Ele levanta a cabeça e a olha, mostrando toda a angústia dos seus olhos azuis e pálidos.

— Querida Belle, obrigado por me entender.

Ela aperta a mão dele.

— Você vai encontrar o amor novamente, Igor.

— Você realmente acredita nisso, Belle? — ele pergunta.

Ela consulta o próprio coração. Há uma parte perversa dela que quase tem inveja dele, pois ao menos ele soube o que era amar alguém um dia.

— Sim, eu acredito nisso do fundo do meu coração, acredito que cada um de nós vai saber o que é o verdadeiro amor um dia. Mesmo se tivermos perdido o ser amado, se mantivermos nossos corações abertos e disponíveis, poderemos reencontrar o amor.

— Todos? — ele pergunta com um sorriso triste. — Mesmo Stalin e Mussolini?

— Sim, mesmo eles — ela responde sorrindo também, dando um tapinha carinhoso no rosto dele.

Valentina

A SALA ATLÂNTIDA TRAZ um misto de surpresa e certo grau de desapontamento. Era muito diferente de como Valentina a tinha imaginado: era, sobretudo, um ambiente calmo e tranquilo, muito diferente do antro de dor e iniquidade que projetara para aquele lugar. As paredes tinham sido pintadas de azul da prússia, vivo e alegre em contraste com o chão imaculado do piso de mármore branco. No centro da sala reinava, sozinha, uma grande mesa preta, que parecia extremamente pesada, acomodada sobre um tapete de fibra alta, também na cor azul, que cobria boa parte do piso. Não havia janelas ali, apenas uma enorme claraboia que deixava passar uma luz dourada, como se ainda fosse o meio do dia, embora ela soubesse que já estava escuro lá fora.

Em um dos cantos do quarto, havia uma *chaise* de ferro forjado. Para completar o ambiente, pilares de madeira branca pareciam sustentar o teto. Era um quarto arrumado com princípios minimalistas, tudo muito básico, como se saído das páginas de uma revista de decoração moderna.

— Então, Valentina — Leonardo se antecipa. — Deixe-me explicar tudo sobre a sala Atlântida. Ele caminha para a escrivaninha e se senta virado para ela, suas pernas ligeiramente afastadas, um pouco provocantes.

Ela tenta não olhar para sua virilha e desvia o olhar para a claraboia acima dela.

— Achei que seria mais escuro aqui dentro — ela comenta.

— É uma impressão comum para quem não conhece S&M. Mantemos a sala assim porque alguns dos nossos clientes não gostam de escuro — Leonardo explica. — Eles desejam encenar suas fantasias em um ambiente corriqueiro, como se fosse suas vidas cotidianas. Esta é uma sala que designamos para as modalidades de servidão leve.

Ele dá a volta na mesa e começa a abrir diversas gavetas na escrivaninha, fazendo um sinal para que ela vá espiar o conteúdo.

— Aqui guardamos um grande número de objetos e brinquedos que um dominador pode desejar usar em seu submisso ou sua submissa.

Dentro da primeira gaveta havia um punhado de brinquedos sexuais elétricos, a maioria deles vibradores, mas em uma quantidade e variedade estonteantes: pequenos massageadores de clitóris em tons de rosa, peças elegantes e curvas em diversos pontos para provocar diferentes estímulos e vibradores duplos, para

duas pessoas. Um deles é tão imenso que chega a ser assustador. Valentina imagina como seria ter algo como aquilo dentro dela... Reconhece a maioria dos produtos como parte da linha de uma empresa especializada em objetos sexuais de extremo bom gosto e com *design* diferenciado. Caros, podiam custar milhares de euros e eram produzidos com materiais nobres, como ouro, platina e aço cirúrgico. São tão lindos que parecem obras de arte. Ela imagina os gritinhos de prazer que Antonella daria se visse aquela coleção. Sua amiga certamente iria querer explorar completamente o conteúdo das gavetas. Um dos itens em especial chama a sua atenção por seu lindo *design*, e ela o pega em suas mãos. É um vibrador em forma de vagem, preto fosco e com um anel em sua ponta. Leonardo se inclina para alcançar a gaveta ao lado dela, sua mão tocando de leve no braço de Valentina, fazendo com que ela prendesse a respiração.

— Funciona com esta outra peça — ele diz, pegando da gaveta um objeto dourado e redondo. É um controle remoto.

Ele aperta o botão e o brinquedo que Valentina tem nas mãos começa a vibrar. Seu rosto enrubesce.

— Tem diversas velocidades — informa Leonardo, de uma maneira tão displicente que poderia estar explicando o funcionamento do controle da TV.

— Obrigada pela aula — Valentina retruca com ironia, o brinquedo ainda vibrando na palma de sua mão.

— Você sabe o que é isso? — ele pergunta com os lábios curvados em um sorriso malandro, apontando para o anel no final do brinquedo.

— Bom, acho que é um tipo de vibrador, não?

— Sim, claro. — Ele balança a cabeça afirmativamente, tentando manter a fisionomia séria. — Mas é para ser usado pelo casal. — Leonardo pega o objeto da mão de Valentina e engancha o anel do fim do vibrador em dois de seus dedos. — É um anel peniano. É colocado no pênis para estimular o homem, ajudando com a ereção.

— Entendi — ela consegue responder, tentando manter um ar digno, como se esta fosse uma conversa banal, que qualquer um poderia manter com um homem que tinha acabado de conhecer.

— Já esta outra parte, o corpo do objeto, pode ser usada tanto para estimular o clitóris quanto para ser colocada nas bolas do parceiro.

Valentina não consegue deixar de pensar nela e em Théo usando o brinquedo. A ideia faz com que ela fique corada novamente. Mas a onda de calor desta vez se espalha pelo peito e vai se trançando por seus músculos, fazendo com que seu coração dispare. Uma vontade regida por algum tipo de desejo selvagem e primitivo faz com que sinta uma vontade quase incontrolável de tocar Leonardo. É uma sensação absurda. Ela dá um passo para o lado e se afasta dele

rapidamente, colocando o brinquedo de volta na gaveta. Leonardo, aparentemente ignorando a reação física de Valentina, abre outra gaveta para continuar sua apresentação.

— Aqui estão os brinquedos que uma *dominatrix* normalmente gosta de usar para dar prazer a seu submisso... Quer dizer, se ele for um homem...

A coleção de brinquedos desta gaveta é feita de *plugs* para homens e massageadores do ponto G. Um deles parece ser desconfortavelmente grosso. Ali há também uma coleção de anéis penianos, alguns particularmente bonitos, feitos de ônix brilhante, de ouro envelhecido ou ainda pontilhados em prata com pequenos diamantes incrustados. Ela se perguntava se Théo gostaria de ter um daqueles.

Finalmente, Leonardo abre a última gaveta.

— Aqui estão os objetos usados para sessões de tortura leve — ele diz, olhando para ela com um olhar curioso, como se estivesse esperando para ver sua reação.

Ela mantém uma expressão inescrutável em seu rosto, em especial porque se sente um pouco tola por não saber o que era o brinquedo que tinha segurado nas mãos e não deseja se expor novamente. Mas não há novas surpresas no interior desta gaveta, apenas o equipamento básico para sessões de dominação e submissão: diversas correntes de prata, com espessuras e comprimentos variados, cordas, amarras de seda, vendas de diferentes materiais, algemas e uma mordaca daquelas com uma bola para ser colocada na boca de quem vai ser amarrado.

— Vamos a um exemplo. — Leonardo pega uma corrente, caminha até um dos pilares de madeira no quarto e passa por ele uma das pontas, puxando-a para si. — Uma pessoa pode ser acorrentada desta maneira. — Ele vira a corrente em volta do pilar vertical e fica em pé, as costas apoiadas nele. — Ou as correntes poderiam ser presas à sua volta desta maneira.

Ele captura o olhar de Valentina. Ela, por sua vez, não consegue deixar de imaginar como seria ser acorrentada a um desses pilares. Há uma pausa pesada entre os dois, só quebrada pelo barulho que ele provocou ao derrubar as correntes no chão. Em seguida, ele pega as algemas na gaveta e as atira, forçando Valentina a segurá-las na mão.

— Também é possível algemar o parceiro, ou parceira, à *chaise*... Ou à escrivaninha... As variações são infinitas.

Ele passa pela escrivaninha, acariciando a mesa com a mão enquanto caminha. Ela nota como seus dedos são longos e elegantes e imagina o que ele saberia fazer com eles.

— Este ambiente pode se tornar um espaço de fantasia — ele diz, abrindo

portas duplas atrás dele e revelando um espaço para guardar coisas. — O consultório de um médico ou um dentista, por exemplo.

Ele desliza uma cadeira com rodinhas para que ela a veja. Ela olha sem acreditar em sua apresentação, fazendo com que ele sorria de novo.

— Por favor, sente-se! — ele convida.

Ela hesita em atender, considerando o que fazer, enquanto segura as algemas com força entre as mãos.

— Não se preocupe, não vou fazer nada.

Ela dá de ombros, envergonhada com sua excessiva falta de jeito, cria coragem e caminha em direção à cadeira.

— Encoste-se bem — diz Leonardo. — Relaxe.

Ela nota o tom bem-humorado da voz dele. Ao toque de um botão, o encosto da cadeira reclina para trás, exatamente como em uma cadeira de dentista.

— Agora você poderia ser amarrada a esta cadeira e toda sorte de coisas poderia ser feita para lhe dar prazer... — Ele faz uma pausa — ... e, lógico, dor. — Leonardo sorri para ela.

Fica claro para Valentina que ele está se divertindo em mostrar tudo aquilo. Acometida por uma vontade quase incontrolável de gargalhar, tem de se controlar: é uma situação absolutamente nova para ela, que quase nunca tem vontade rir. Aqueles objetos todos parecem meio bobos quando vistos em uma sala clara e iluminada como aquela. “São realmente apenas brinquedos”, ela pensa. “Tudo o que aquelas pessoas faziam era brincar com eles. Eram bem inofensivos, não eram?”

Mas a sensação de que tudo ali era brincadeira aos poucos perde força quando ela olha para Leonardo e ele se inclina sobre ela, sua fragrância começando a penetrar em suas entranhas mais profundamente, provocando uma leve sensação de tremor em sua pélvis, um sinal claro de que estava excitada — na verdade, sentia uma mistura de medo e excitação. Está sentindo saudade de Théo, só pode ser isso. Se é Théo quem ela quer, então por que Leonardo provoca este tipo de reação nela?

— Alguma ideia, Valentina?

Ela se senta ereta na cadeira, ignorando o olhar dele, e joga as pernas para fora do apoio.

— Vou pensar em algo.

Ele segura sua mão e a ajuda a se levantar. A pele dele é macia e quente, mas não quente demais.

— Bem, deixe-me explicar um pouco sobre os personagens que estarão aqui amanhã — ele retoma o assunto.

— Ok!

Ela tira sua mão da dele e começa a vasculhar sua bolsa, tentando encontrar um bloco, as algemas ainda em suas mãos.

— Pensei em começarmos devagar, para você ir se acostumando e não encontrar logo de cara algo que a desagrade. Valentina, nós realmente precisamos que você capture o nosso ponto de vista aqui. Não há nem rastro do sorriso malandro de antes, sua postura agora é bem assertiva.

— Sim, eu já entendi — ela responde, devolvendo a ele as algemas.

Seus dedos se tocam novamente e o contraste de sua pele quente com o metal frio das algemas faz com que ela sinta um pequeno calafrio.

— OK, então — ele concorda, guardando as algemas de volta na gaveta. — Tenho duas clientes agendadas para amanhã à noite, Rosa e Célia. São duas dançarinas que alternam os papéis de dominadora e submissa. Ambas são muito sensuais.

Valentina anota tudo em seu bloco: Rosa. Célia. Dançarinas. Sensuais.

Leonardo abre as portas para ela.

— Isso é tudo? Apenas as duas mulheres? — ela pergunta.

— Sim, acho que é o suficiente para sua primeira vez. Elas têm lindos corpos — Leonardo sussurra em seu ouvido quando ela passa por ele. — Tenho certeza de que você será capaz de criar algo extremamente erótico e visualmente prazeroso com essas duas garotas.

Valentina sente ondas de alívio acalmarem seu coração. Corpos de mulheres nuas é algo com que está acostumada. Precisaria se preparar para fazer sua primeira foto de um nu frontal masculino, especialmente em um cenário com amarras e dor como o de S&M, mas, mulheres nuas, ela sabia o que fazer com elas.

Eles voltam ao corredor mal iluminado. Valentina dá uma olhada para as portas de aço da Câmara Escura. Sua presença era tentadora para ela.

— Nenhuma dessas mulheres se interessa por este quarto, Valentina — Leonardo intervém ao notar o olhar dela em direção às portas de aço. — Embora, às vezes, elas tenham se sentido tentadas a passar para o outro lado desta porta — ele acrescenta, dando batidinhas na porta de couro verde. — Este é o quarto que chamamos de Submundo de Veludo. Espero que você venha a usar este ambiente também para algumas de suas fotos. Você gostaria de conhecê-lo?

— Claro! — A resposta vem da maneira mais desinteressada que conseguiu, embora esteja morrendo de vontade de ver o que há do outro lado.

O Submundo de Veludo era tudo o que Valentina esperava encontrar em um quarto de S&M. É exatamente o oposto da sala Atlântida. Decorado como um bordel do século 19, com papel de parede flocado e sofás de veludo, abrigava no

centro uma cama enorme, com quatro postes e um dossel com cortina púrpura. As paredes e o teto estavam cobertos com espelhos com molduras douradas, nos quais Valentina via dezenas de reflexos de si mesma enquanto andava pelo quarto. Notou que, graças às suas roupas sóbrias, parecia quase uma senhora carola naquele ambiente colorido e opulento.

— Tenho de confessar, este quarto é o mais popular dos dois — diz Leonardo, sentando-se na cama e afofando um dos travesseiros. Os sadomasoquistas de Milão ainda apreciam um pouco de luxo. — Agora ele se acomoda na cama, afastando as pernas como tinha feito na sala Atlântida e se reclinando sobre uma das almofadas. Será que ele estava mesmo tentando provocá-la? — Há muitos brinquedos e utensílios neste quarto. Você gostaria de explorá-lo um pouco?

— Sim.

Ela se vira de costas para ele em sua pose provocante e começa a circular pelo quarto. A primeira coisa que nota é uma cruz de madeira pendurada na parede do fundo, com amarras de couro para as pernas e os braços. Encontra um arreio de algum tipo suspenso no teto e uma rede como a que tinha visto na internet. Em outra parede, havia uma seleção de chicotes pendurados. Ela caminha até eles e passa os dedos na tira de couro do maior, apertando-a, e não se contém:

— *Dio Mio!* Isso deve doer!

É muito difícil para ela aceitar a ideia de ser açoitada. Não entende por que uma mulher gostaria de ser espancada, mas mesmo assim tenta evitar qualquer tipo de julgamento. Precisa entender melhor a motivação dos parceiros antes. É para isso que ela está ali, certo?

— Infelizmente, estamos ficando sem tempo — Leonardo avisa, olhando para o relógio. — Este quarto está reservado e preciso começar a arrumá-lo em dez minutos.

Valentina se volta para ele, que se estica na cama. Imagina se Leonardo seria uma das pessoas que usam aquele quarto. Seus lábios estão secos e ela tenta umedecê-los com a língua.

— Você pode dar outra olhada aqui amanhã ou em algum outro dia, certo? — Ele se levanta subitamente.

Ela já viu o suficiente aquela noite. Sua cabeça está cheia de imagens da sala Atlântida e do quarto Submundo de Veludo. Entre todo choque e curiosidade, ela também se sente estimulada e, sim, também teve algumas ideias para as fotos que quer fazer amanhã. Azul. Dançarinas. Belezas nuas. Todos aqueles lindos vibradores. Suas fotos serão explícitas, claro, mas são mulheres, o que a deixa um pouco mais tranquila para ousar.

Leonardo a acompanha para o andar de cima e para o *hall* de entrada novamente.

— Então nos vemos amanhã à noite? — ele pergunta, olhando-a longamente.

— Com certeza — ela dá uma piscadela.

— Eu não a assustei? — ele brinca, um sorriso quase tímido desta vez.

— Absolutamente não — ela diz, dando um beijo em cada uma de suas bochechas. Seu aroma Armani penetra novamente em suas narinas e ela se afasta, quando seus olhos focalizam um detalhe que não tinha visto antes: Leonardo está usando uma pequena argola dourada em uma das orelhas. Não é um adereço que combine com sua aparência elegante de homem de negócios.

— Bem, obrigado, Valentina — ele agradece enquanto a acompanha até a porta de saída.

— Pelo quê? Foi você quem me contratou... — ela tenta ser simpática.

— Sim, mas você não precisava aceitar.

Ele sorriu ainda mais uma vez antes de fechar a porta atrás de si e deixá-la na rua escura, em frente à porta, os olhos cor de amêndoa dele ainda impressos em suas íris.

Valentina caminha em direção ao metrô, pensando em tudo o que aconteceu naquele encontro, revivendo suas impressões sobre as duas salas que havia visto no clube. Em um certo sentido, foram um pouco decepcionantes, mas ao mesmo tempo, deixaram-na confusa. Acha que a sala Atlântida é a mais erótica das duas. E havia ainda a Câmara Escura. Será que ela criaria coragem para conhecer aquele espaço algum dia?

Ela tentou focar no trabalho que tinha a realizar. Era, de fato, um grande projeto, um grande e emocionante trabalho de fotografia, sua primeira exploração real do mundo do erotismo. O presente que Théo havia lhe dado ontem parecia mais adequado do que nunca, o álbum e as fotos eróticas antigas. Parecia ser algum tipo de sinal, confirmando que aquilo que ela acabara de concordar em fazer — um livro de fotografias S&M, nada menos do que isso — seria um impulso positivo em sua carreira.

Ela acelera o passo ao pensar no presente de Théo. Ele poderia estar em casa, às vezes ficava fora só por uma noite. Se já tivesse voltado como ela desejava, ele poderia explicar tudo sobre o presente para ela e depois... Bem, seu *tour* no clube com Leonardo havia lhe dado muitas ideias do que ela e Théo poderiam fazer. A última coisa em sua cabeça seria dar uma resposta para a pergunta que ele tinha feito ontem à noite. De alguma maneira, o encontro com Leonardo havia deixado seu humor mais leve. Hoje, decidir se ela seria ou não a namorada de Théo não era tão importante quanto ser sua amante.

Belle

ELA QUERIA A ESCURIDÃO. Por isso, naquela noite Belle iria para a Ponte di Rialto, onde sua carreira como prostituta começou. Não suportaria que seus clientes vissem as marcas em seu corpo. Naquela manhã, o *signor* Brzezinski não tinha usado os punhos para acertá-la. Castigou-a com o cabo de sua escova, atingido-a com força nas costas e nas nádegas. Exatamente no mesmo ponto em que o Russo tinha lhe aplicado a surra, só que não tinha sido bom. Ele bateu nela incansavelmente, até que ela se viu obrigada a implorar que parasse. Qual tinha sido sua ofensa? Dirigiu-se a ele em polonês e riu.

O *signor* Brzezinski estava parado no meio do quarto, com as mãos sobre os quadris, declarando que grande líder era Mussolini, discursando sobre como finalmente ele estava levando a Itália de volta à sua antiga glória como império. Por um momento, Louise pensou que seu marido era parecido com o ditador: baixinho, careca, cabeça grande e lábios grossos, muito enfático quando queria deixar algo claro, pontuando bem seus argumentos. Italiano demais para ser italiano, enfim. Ele estava ridículo: um polonês parrudo, vestido com um robe de seda vermelha comprido demais e que arrastava pelo tapete quando ele andava; e seu péssimo italiano, jorrado em palavras com sotaque terrível, como se ele estivesse falando com a boca cheia de bolas de gude.

Ela riu e até falou com ele em polonês, esquecendo-se por um momento de que precisava ser cuidadosa.

— Mas nós somos poloneses! O que importa Mussolini e a Itália para você?

O *signor* Brzezinski se moveu rapidamente pela sala e a esbofeteou no rosto.

— Nunca mais fale em polonês comigo.

Ela o desafiou ainda mais, o que tinha a perder? Conhecia aquele jeito dele de apertar os olhos e sabia o que vinha adiante.

— Mas é de onde nós viemos. Você não pode apagar suas origens.

Ele a pegou pela mão e a arrancou da cama, mas ela decidiu engolir seus gritos, que só deixavam tudo pior.

— Eu pertenço a esta cidade — ele sibilou. — E você pertence a mim, desde o dia em que seu pai me deu você de presente.

Ele pegou a escova de cima da penteadeira e ela observou seu cabo de prata brilhando à luz da manhã: a visão a fez prender a respiração. “Tão duro, tão frio, tão doloroso”, ela pensou. Ele a empurrou para o chão e sua boca se encheu de

pelos do tapete. Sentou-se então sobre o corpo dela, com uma perna em cada lado, imobilizando-a completamente. O primeiro golpe acertou as coxas em cheio. Ela apertou os dentes, não iria dar a ele o prazer de vê-la chorar ou gritar de dor.

— Você nunca mais vai falar polonês nesta casa outra vez — ele rosnou, erguendo sua camisola de seda e batendo mais forte em suas nádegas.

Louise fechou os olhos com força, tentando escapar com sua imaginação daquela sessão brutal e agonizante de pancadas em seu corpo nu. O que tinha acontecido a seu marido? Ele não era sempre daquele jeito.

Enquanto Belle caminha pela noite escura e silenciosa na cidade, ouvindo apenas o movimento das águas contra as paredes do canal, lembrou-se de quando eles se mudaram para a cidade, anos atrás. A mãe dela tinha se mudado com eles. O *signor* Brzezinski era muito gentil com ela. Louise se lembra de se sentar na varanda, admirando as cores esverdeadas do canal. Pela primeira vez, desde que tinham enterrado o seu pai, sua mãe tinha sorrido. O *signor* Brzezinski tinha se juntado às duas, com uma garrafa de champanhe em uma das mãos e três taças na outra. Ele se sentou entre as mulheres e fez um brinde.

— À nossa nova vida em Veneza — ele disse em polonês, virando-se para a mãe de Louise. — Que eu sempre tenha condições de tomar conta das minhas duas senhoras especiais, como seu marido me ordenou.

Louise se lembrou ainda de que sua mãe tinha ficado pálida à simples menção do marido, mas não chorou. Retribuiu o brinde do genro com um olhar, triste e derrotado.

O que tinha acontecido com aquele homem? Enquanto sua mãe tinha vivido com eles, ele nunca tinha sido abusivo com Louise. Ela era tão jovem quando eles se casaram e ele havia prometido esperar até que estivesse pronta...

No entanto, sob aquela máscara de cortesia havia um demônio rondando. Às vezes ela o escutava gritar em seu quarto, ouvindo, na sequência, o barulho de móveis quebrados. Ela se sentava na cama, com medo de ir até ele, imaginando se sua mãe também havia escutado aquilo. Imaginava que aquele comportamento era consequência do que ele havia passado na Polônia. Claro, aqueles acontecimentos poderiam destruir um homem. Testemunhar o assassinato de sua família inteira... O estranho é que aquelas situações pareciam tê-lo deixado mais forte, mais bem-sucedido e determinado.

Ela nunca soube como ele ficou rico ou como conseguiu tirar a ela e a sua mãe de Varsóvia, bem debaixo do nariz dos alemães, depois da morte de seu pai.

Como sua mãe gostava de lembrá-la sempre: elas deviam sua vida a ele.

A mãe de Louise parecia evitar o *signor* Brzezinski durante o dia. Ela nunca se recuperou realmente da morte do marido, não se adaptava a Veneza e não

conseguia aprender italiano. Enquanto os anos iam passando, ela se recolheu em um universo confuso e enevoado, o que era uma pena, porque ainda era uma mulher jovem e muito bonita, suas feições eslavas atraíam o olhar dos homens. Sua mãe poderia ter se casado novamente, mas decidiu ficar com Louise e o *signor* Brzezinski, até aquele dia terrível, sete anos atrás.

Em sua cabeça, ela se movimentava da Itália para a Polônia e via o marido morto na casa deles. Muitas vezes, Louise a tinha encontrado parada no meio de um cômodo, falando com o nada: “Isso está errado, Aleksy, muito errado. Veja o que está causando a ela”. Se tentasse perguntar à sua mãe sobre o que ela estava falando, a mulher olharia a filha dentro dos olhos e perguntaria quem era ela.

“Onde está Ludwika? O que aconteceu à minha filhinha?”, ela perguntaria.

O *signor* Brzezinski insistia que a senhora deveria ir para um hospital em Poveglia para seu próprio bem e pela segurança de todos. Havia dito a ele que um novo médico no local vinha conseguindo avanços incríveis com doenças mentais. Se havia alguém que conseguisse trazer sua mãe de volta, seria esse médico. Mas, cada vez que Louise a visitava — o que ela admitia ser cada vez mais raro, porque achava a experiência muito perturbadora —, a senhora parecia mais perdida. Não falava mais e vagava pela praia da ilha miserável se comunicando com fantasmas invisíveis, mas não conseguia reconhecer a própria filha parada ali em carne e osso.

Foi exatamente na noite em que a mãe de Louise havia partido que o *signor* Brzezinski tinha começado a mudar. Louise estava triste, soluçando em seu travesseiro, por causa da partida de sua mãe, que a enchia de culpa. O que seu pai pensaria dela por deixar sua mãe ir para aquele lugar horrível? O *signor* Brzezinski entrou em seu quarto e, no início, Louise achou que ele fosse consolá-la. Ele se deitou na cama ao seu lado, mas, em vez de tomá-la em seus braços, como ela esperava, ele tirou as mãos dela do rosto molhado.

— Pare de chorar! — ordenou em italiano.

Ela ficou tão surpresa que parou quase que imediatamente, olhando para seu rosto, uma sombra no escuro do quarto.

— Agora que sua mãe partiu, Louise, finalmente é hora de você crescer.

Ele abaixou as alças de sua camisola até que caísse pela cintura e começou a apalpar os seios dela com violência.

— Não, hoje não! — ela pediu a ele em polonês — estou muito triste.

Para seu choque, seu marido a estapeou no rosto, fazendo sua bochecha arder. Lágrimas encharcaram seus olhos novamente.

— Nunca mais tente me repelir. Você é minha esposa e está na hora de você cumprir com sua obrigação. Quero um filho, Louise.

Até aquele momento, Louise tinha conseguido manter sua virgindade, mas

naquela noite ele a arrancara à força.

Depois do ataque, ele tinha sido gentil e até a abraçou quando ela soluçou de choque e medo. Ela se lembra das palavras dele até agora. Elas sempre a deixavam um pouco confusa.

— É sua vez agora, Louise — ele sussurrou. — Faça com que eu ame você.

Ele parecia quase desesperado em seu pedido, sua voz trêmula, como um homem que realmente possuísse um coração. Algo que Louise sabia agora que ele não tinha.

Como ele a havia machucado naquela manhã! Parecia que estava ficando cada dia pior. Mesmo assim, ela não podia deixá-lo. Havia feito uma promessa a seu pai e havia jurado que se casaria e protegeria sua mãe. Não podia quebrar essa promessa. Sua mãe podia estar internada em um hospício, mas um dia ainda recuperaria seu juízo e voltaria para casa. Louise precisava ficar em Veneza, pelo menos até o dia em que sua mãe morresse, caso não conseguisse se curar em vida. Se ela pudesse continuar seguindo sua vida dupla, talvez a ajudasse a sobreviver a seu casamento.

Belle caminha rapidamente pelas vielas estreitas de Veneza, fazendo com que o pesadelo de sua casa comece a desaparecer devagar. Seu marido tinha saído com alguns companheiros de negócios, mas estaria de volta mais tarde, bêbado e mais violento do que ele tinha sido naquela manhã. Ela precisava se limpar de seu cheiro e da lembrança de seu toque da única maneira que conhecia.

Descendo pela ponte, não demorou muito para que encontrasse um marinheiro anônimo. Ele era alto e negro como a noite e seu odor apimentado era tão forte que rapidamente afastou o cheiro de seu marido.

Ela o conduz para um canto escuro, a uma pequena distância da ponte, mas ele sacudiu a cabeça.

— Você pode vir ao meu barco? — perguntou com uma voz melódica.

Normalmente ela não aceitaria, mas hoje queria correr riscos. Ele a puxa para perto, colocando a mão em sua cintura, quase a levantando do chão.

Eles caminham pelo cais. Muitos barcos estão ancorados, balançando lado a lado, seus cordames estalando e gemendo nas águas calmas da laguna. Ele lhe oferece a mão para ajudá-la a subir a bordo.

— Este é o seu barco? — ela pergunta, imaginando se não seria um barco pirata exótico das Índias.

— Eu não tenho um barco. Sou apenas um primeiro-oficial. Você gostaria de conhecer meu capitão?

Ele sorri para ela, surpreendendo-a com dentes largos e brancos. Então este é o jogo dele? Sou um presente para o capitão? Ou será que ele tinha ido buscá-la por encomenda? Ele a leva para a parte de baixo do barco, onde o odor

masculino é forte: suor, sexo e força. Para uma mulher mais sensível, seria um cheiro exagerado, provavelmente desagradável, mas não para Belle, que se sente ainda mais estimulada. Ela está em um antro masculino e essa constatação aguça seus sentidos, fazendo-a se sentir ainda mais despudorada.

O primeiro-oficial a leva para a cabine do capitão e fecha a porta atrás dele. Para sua surpresa, não há ninguém lá. Ela se volta para o acompanhante, como que perguntando onde estava o dono do aposento.

— Ele está vindo — diz o negro, levando sua mão até o rosto dela, tocando-o carinhosamente com o dedo. — Mas tenho ordens de prepará-la antes da sua chegada.

Ela prende a respiração e sente um aperto no peito. O que aquele lindo homem faria com ela? A ansiedade percorre seu corpo e, de repente, ela não sente mais dor. A lembrança da surra com o cabo da escova está desaparecendo para sempre e seu corpo está se acalmando, se abrindo.

— Bem, bem — ela diz de um jeito coquete. — Apague as velas primeiro, sim?

O capitão, tão pálido quanto o primeiro-oficial era negro, a mantém no lugar, sua mão direita puxando sua franja para trás e a esquerda encaixada em seu queixo, fazendo-a olhar para cima. Ela sente a respiração dele em seu pescoço e seu corpo nu apertado contra o corpo dela, seu pênis pressionado contra suas costas. Tudo o que ela quer agora é senti-lo dentro dela, mas ele está se segurando, olhando o primeiro-oficial ajoelhado em frente a ela.

À luz fraca da única vela que continuava acesa, o primeiro-oficial desamarra as botas dela, soltando em seguida as meias finas da liga. Eram as últimas peças de roupa que Belle ainda vestia. Então levanta as pernas dela, uma de cada vez, acariciando-as, antes de começar a beijar cada um de seus dedos.

Ao mesmo tempo, o capitão tinha tomado um de seus seios com a mão direita e o acariciava, o bico retesando-se entre os dedos dele. Belle se sente fluida e doce como melado. Nunca tinha feito isso antes, compartilhado seu corpo com dois homens ao mesmo tempo.

Sente o cheiro do sal dos setes mares nas pequenas fendas da cabine de madeira e ouve o murmúrio persuasivo das águas acariciando o casco do navio, quando o primeiro-oficial começa a passar a língua vagarosamente em sua vagina. Soltou um pequeno gemido, estimulando-o a enfiar a ponta um pouco mais fundo. Onde aquele homem lindo e exótico tinha aprendido a fazer aquilo? É tão melhor do que sexo apenas com um homem por vez...

Ela percebe que há uma competição entre o capitão e o primeiro-oficial. Quem

é o melhor? Quem vai aguentar mais tempo sem chegar ao orgasmo? O primeiro-oficial para de lambê-la e, a um comando do capitão, eles a levam para um canto ainda mais escuro da cabine, onde é possível enxergar apenas os contornos de algumas almofadas jogadas no chão. Eles a colocam sobre as almofadas e se deitam, cada um de um lado dela, em sentidos opostos.

O primeiro-oficial, à sua direita, recomeça a rotina com sua língua hábil e percorre cada pedaço dela, enquanto o capitão passa a dividir o espaço, enfiando seus dedos e tirando em seguida de modo ritmado. Depois de sentir a textura da intimidade de Belle, leva os dedos à boca, lambendo-os para impregnar-se do seu sabor. Ela então se vira para a direita, sabendo por instinto o que eles querem dela. Essa percepção é o que a faz tão boa. É por isso que eles a procuram, todos os homens de Veneza querem conhecê-la, todos os marinheiros, soldados, aventureiros e oportunistas. Todos a querem, ela é um dos tesouros escondidos daquela cidade.

Levantando a mão, segura o pênis do primeiro-oficial e o acaricia antes de levá-lo à boca. Ela o escuta gemer de prazer enquanto passa sua língua e o engole inteiro. Ao mesmo tempo, o capitão se lança com força para dentro dela. Louise retribui apertando-o entre suas pernas, empurrando seu corpo contra o dele. Ouve-o pronunciar algum nome de mulher que ela não entende, mas quem se importa? Tudo o que ela quer é se esbaldar em todo esse sexo e se esquecer da dor e do ódio desta manhã.

Agora o pênis do capitão entra e sai com força de dentro dela, cada vez mais rápido. Com uma de suas mãos, puxa-a para ele pela cintura. O prazer mais selvagem que ela sentia ao ser penetrada com tanta força, aliado à sensação de gozo mais delicado que a língua do primeiro-oficial produzia em seu clitóris, era sublime. Ela está muito perto do clímax, mas quer que seja um momento perfeito para os três. Então, dedica-se com prazer ao que está em sua boca. Quando sente que ele está pronto, dedica-se ao capitão, mexendo-se com ele cada vez mais rápido.

O barco balança sob eles, enquanto suas pernas se contorcem juntas. O veludo das almofadas pincelando seus corpos aproxima ainda mais um ao outro, enquanto os três, completamente estranhos e ao mesmo tempo unidos por uma ligação divina, são quase um só. Belle abre sua boca e massageia o pênis do primeiro-oficial com a língua e as mãos, levando-o ao limite e recebendo seu esperma, enquanto o capitão goza abundantemente dentro dela. Em resposta, seu corpo todo estremece em pequenos espasmos, tão inteiro e completamente fracionado. Eles ficam imóveis, conectados entre si por seus corpos, pelas batidas de seus corações e por seus desejos saciados. Ela se sente afundar nas almofadas e nas águas profundas da laguna sob eles, fundindo-se com tudo o que

estava a seu redor. Está inteira novamente.

Belle olha para a laguna, parando no atracadouro enquanto passa pelos barcos, todos no escuro, como se os marinheiros estivessem dispersos pela cidade, bebendo e farreando. Depois de se despedirem com respeito, deixou seu capitão escocês e seu primeiro-oficial jamaicano para trás. Recebeu uma bela quantia. Não desejava vê-los novamente. A noite tinha servido aos seus objetivos e agora ela deveria voltar para casa, provavelmente para ser estuprada por seu marido, mas pelo menos ela teria a satisfação de ter gozado antes.

Enquanto se afasta do cais, nota um barco branco e vê o marinheiro que vira no dia da última visita do Doutor. Claro que era o mesmo marinheiro, exatamente o mesmo. Preguiçosamente, imagina quem ele seria. Há algo realmente diferente nele. Sente um calafrio percorrer sua espinha, como se tivesse tido uma premonição de que algo aconteceria e envolveria aquele homem. O sino de uma igreja toca, como se fosse um aviso na noite escura, enquanto ela olha novamente para o barco e pensa que se parece muito com um navio fantasma, como se tivesse saído de outra dimensão.

Os sinos e a noite escura a remetem de volta a Poveglia, flutuando em algum lugar naquelas águas escuras, e à sua mãe, com seus fantasmas perdidos, mortos-vivos que habitavam aquele lugar terrível. Tentou afastar esses pensamentos e esquecer essa memória dolorosa. A última vez que tinha pisado naquela terra amaldiçoada, que não era coberta de areia, mas das cinzas dos ossos de suas vítimas, tinha sido triste. “Quem é você? Onde está Ludwika?”, os lamentos de sua mãe pareciam vivos dentro dela. Era como se ela soubesse que Louise tinha se transformado em Belle, uma prostituta, a vergonha suprema para seus pais.

Um clarão de luz aparece na noite. Alguém a bordo do navio-fantasma acendeu uma lamparina. Em um *flash*, ela vislumbra um rosto, indistinguível, com uma auréola de ouro brilhando em seu entorno, como uma visão do futuro, um círculo de esperança. Seria o marinheiro misterioso? O círculo de luz diminui até que se torna apenas um ponto luminoso. Ela sacode o corpo, como se quisesse acordar de um sono profundo, e começa a se distanciar. Mas a imagem da luz, do rosto e do navio-fantasma ficam em sua cabeça, fazendo com que pense que a lamparina tivesse sido acesa para ela e aquele homem misterioso a estivesse procurando na escuridão.

Valentina

VALENTINA LÊ O E-MAIL sem acreditar.

Até a próxima semana. Divirta-se. Amor.
Théo xx

Ele nunca passou tanto tempo assim fora. O que estava acontecendo? Por que resolveu ficar mais, aonde quer que tivesse ido? Não estava preocupada com outras mulheres. Não era isso. O que a magoava era o fato de ele a estar evitando. De não querer passar mais tempo ao lado dela, de obrigá-la a dormir sozinha por todos aqueles dias. Detestava dormir só, era seu ponto fraco.

Sua criação a tinha treinado para ser alguém emocionalmente independente. Sua mãe praticamente a tinha criado sozinha, sem a necessidade de um homem para ajudá-la. Tentara sempre, e com insistência, incutir o senso de independência em cada fibra do corpo da filha.

O apartamento delas em Milão funcionava como uma base estável para as duas, mas viviam viajando para outros lugares. Tina tinha feito questão de que ela viajasse bastante para outros lugares do mundo, queria que sua filha se tornasse mais madura e esperta do que as amigas da mesma idade. E, mais importante do que tudo: que dominasse completamente a arte de manipular os homens. Só que alguma coisa não funcionou bem em seus planos, porque Valentina cresceu tímida e antissocial. No fundo, nem sequer fazia questão da aprovação de sua mãe; o que ela gostaria mesmo era de ter recebido mais afeto. Talvez todas as suas questões difíceis em relação aos homens tivessem origem no fato de seu pai ter abandonado a família quando ela era muito nova. Agora, aparentemente, seu amante tinha feito a mesma coisa, o que a fazia pensar se tinha herdado de sua mãe a impossibilidade de ser amada. Será que havia afastado Théo? Ele havia pedido para que ela fosse sua namorada, o que significava, em outras palavras, que queria manter com ela um relacionamento mais estável. O que ela havia dito? Que iria pensar. Seria esta a razão de ele estar demorando tanto para voltar? Será que ele estava tentando lhe dar mais tempo para pensar direito no assunto?

Ela não precisava de mais tempo, já sabia que não poderia atender ao pedido dele. Havia se apaixonado uma vez na vida e depois daquela ocasião —

desastrosa, aliás — prometeu que nunca mais baixaria sua guarda novamente. Sua mãe a havia alertado sobre os riscos de se apaixonar, mas ela decidiu ignorar suas palavras completamente. Desde os 19 anos, Valentina faria qualquer coisa para mostrar que era diferente de sua mãe, então se apaixonou perdidamente por seu professor de fotografia na faculdade, Francesco Merico.

Não se importou nem um pouco com a diferença de idade de mais de dez anos entre eles, nem com o fato de ele ser um homem casado. Quando estavam juntos, ela era a dona completa de sua atenção e seu tempo. Era a primeira vez que ela se sentia como o centro do universo de alguém. Ele lia poesia para ela, fazia incontáveis fotos dela e, claro, era seu tutor nos prazeres do sexo. Valentina tinha dado tudo a ele: seu coração, sua virgindade, seus pensamentos, sua criatividade. Ela se encolhia ao pensar em como havia sido ingênua, realmente acreditou que ele também estava apaixonado e que ia deixar a esposa para ficar com ela. Viveram imersos nesse faz de conta durante sete meses, ela enlevada na fantasia de que seus encontros secretos eram românticos e emocionantes, um amor proibido, erótico, quase de sonhos. Finalmente, ela se sentia como uma mulher.

Não demorou muito para o conto de fadas acabar. Ela ajudava a mãe nas tarefas corriqueiras da casa e, uma tarde, foi buscar um vestido que havia sido deixado para ajustes na Galleria Vittorio Emmanuelle, um dos centros comerciais mais sofisticados da cidade, quando viu Francesco à sua frente, caminhando ao lado da mulher. Rapidamente, escondeu-se na multidão e seguiu o amante. Viu que ele abraçava a esposa pelos ombros, protegendo-a dos esbarrões com outras pessoas, um gesto afetuoso. Não se pareciam em nada com um casal que estivesse à beira da separação. Valentina teve certeza disso quando Francesco e a mulher pararam em frente a uma vitrine e os dois se viraram ligeiramente em sua direção. Pôde então ver o rosto da senhora Merico mais claramente. Ela loura, muito bonita e tinha um rosto de querubim. E, claramente, estava grávida.

Valentina precisou afastar seus olhos, olhando para a estrutura de ferro e vidro do domo que cobria o local. Não, não podia ser verdade. Voltou seus olhos para o casal novamente. A senhora Merico apontava para alguma coisa na vitrine, sua outra mão repousada protetoramente sobre sua barriga, sua imensa barriga de grávida. Francesco conversava animadamente com a esposa, e Valentina percebeu uma afeição em seu olhar, que julgava ser uma exclusividade dela.

O choque fez com se curvasse para a frente, sem ar, imaginando fugir por um buraco no chão feito de mosaicos antigos. Seu gesto foi tão marcante que uma senhora, ao passar por ela, perguntou se estava se sentindo bem. “*Sì, sì, grazie*”, respondeu, recompondo-se. A última coisa que queria era que Francesco enxergasse seu sofrimento e sua humilhação ao vivo e em cores. Ela se virou em

seus saltos e fugiu correndo pelos corredores lotados da galeria. As alas pareciam não ter fim, ela se sentia movendo-se em câmera lenta. Sua dor de cabeça tornava cada passo mais difícil, como se em suas pernas estivessem presas pesadas correntes. Finalmente, ela saiu do outro lado, na Praça La Scala.

Sua cabeça latejava, uma dor de cabeça horrível, que a deixava enjoada. Quando chegou em casa, estava sem ar, engasgada com seus sentimentos. Ficou aliviada por sua mãe não estar ali para dizer, triunfante, “Eu te disse!”. Não conseguiu chegar em seu quarto. Deitou-se no chão da sala em posição fetal, desamparada. Não chorou, mas soluçava por dentro.

Valentina ainda sente vergonha quando se lembra de como tinha reagido mal ao episódio. Achava que o fato de ter se apaixonado a tinha transformado em um monstro. Mesmo que tivesse visto a realidade do que era seu relacionamento com Francesco com seus próprios olhos, não suportava a ideia de deixá-lo partir. Uma parte dela queria fazê-lo pagar por sua dor. Quando a mulher de Francesco viajava, ela insistia em ir ao apartamento dos dois e transar intensamente com ele, na cama deles. Era sua maneira de acabar com aquele homem. Seu objetivo era fazer com que ele pensasse nela a cada momento que estivesse na cama com sua esposa. Não parava de importuná-lo com perguntas que a mostravam como uma mulher carente. Ele realmente a amava? Quando ele ia deixar sua esposa? Dizia também que não poderia viver sem ele.

Seguia uma rotina rígida, estava em uma caçada lenta e muito focada. A esposa grávida e a criança não tinham a menor importância para ela. Francesco, por sua vez, nunca tentou terminar o relacionamento e repetia as declarações de amor por ela. Algumas vezes ela chegava a acreditar no que ele dizia. Ele era tão convincente, parecia tão infeliz quando falava sobre sua situação e sobre como era difícil terminar com a mulher agora que ela estava grávida, que aquilo tinha sido um erro, que ele não queria ter filhos... Na maioria das vezes, no entanto, tudo aquilo soava como uma grande e descarada mentira, tudo o que ela enxergava era a imagem da senhora Merico, doce e cativante, em sua gravidez. Nenhum homem conseguiria abandonar aquela situação.

As coisas seguiam muito mal, ela estava completamente apaixonada e a ponto de contar tudo para a mulher dele. Foi quando sua mãe resolveu intervir e a forçou a viajar para a Grécia durante três semanas. Seus dias eram preenchidos com caminhadas no solo árido das montanhas, em meio ao ar seco, mergulhada na história das ruínas antigas ao seu redor. Não se sentia completamente viva, mesmo assim decidiu acompanhar sua mãe e obedecer as orientações dela, como uma criança.

Juntas, mãe e filha mergulharam nas águas perfeitamente azuis do Mar Egeu e devagar, a beleza pura do país ajudou Valentina a encontrar um fio de esperança

de que dias mais felizes estariam por vir. Lentamente, começou a deixar o fundo do poço onde tinha caído, e sua dor começou a ceder. Quando voltou para Milão, estava decidida: nunca mais deixaria algo assim acontecer com ela novamente. Queria apenas encontrar Francesco ainda mais uma vez para ter a satisfação de dizer a ele que estava tudo acabado. Queria dizer que ele não prestava.

Só que ela nunca teve oportunidade. Na noite em que voltaram à cidade, sua mãe a informou que não deveria nem pensar em procurar por seu professor. Havia pedido a ajuda de amigos poderosos para que ele não conseguisse mais nenhum emprego em Milão, obrigando-o a deixar não só a faculdade onde lecionava, mas também a cidade. Francesco partiu com sua mulher grávida e se estabeleceu na Inglaterra, onde conseguiu um emprego menos prestigioso, mas honesto e adequado.

— Que tolice... — sua mãe disse, enquanto se servia de uma taça de vinho tinto e se esparramava no grande sofá da sala.

— Francesco? — Valentina perguntou num sussurro, ainda zozza com a ação drástica de sua mãe.

— Não, não ele. Estou falando da pobre coitada da esposa dele — sua mãe disse com maldade. — Tenho certeza de que já tirou a virgindade de alguma outra aluna antes de você e vai fazer isso novamente. Que triste a vida que essa mulher escolheu para si.

Valentina ficou em pé, parada em silêncio por um momento, absorvendo as palavras duras de sua mãe.

— Talvez você devesse mesmo ter contado tudo a ela, teria feito um favor a essa mulher — Tina continuou.

Tomou um gole de vinho e olhou para a filha com os olhos brilhantes.

“Ela acha isso tudo divertido, como minha mãe pode ser tão cruel?”, Valentina pensou antes de gritar:

— Ele me amava!

Sua mãe levantou as sobancelhas, os olhos brilhando sobre a borda da taça de vinho.

— Valentina — ela disse com suavidade. — Você não aprendeu nada comigo?

“Aprendi demais!”, gostaria de gritar para sua mãe. Tinha aprendido demais sobre o que sua mãe chamava de ilusão do amor. Que a melhor maneira de seguir a vida era dividindo seu corpo e nunca o seu coração.

— É claro que ele não amava você. Ele não ama ninguém, nem você nem a esposa e talvez ele nem ame a ele mesmo, esse ser patético.

— Pare! — ela gritou. — Pare de interferir na minha vida, de me dizer o que fazer...

— Estou tentando ajudá-la — sua mãe disse com calma, sem reagir ao ataque.

— Bem, saiba então que você não está me ajudando em absolutamente nada. Você me transformou em uma aberração... Igual a você mesma! Você expulsou meu pai de casa, afastou todos os homens que a amaram, até mesmo seu próprio filho você mandou para longe. Ninguém suporta estar perto de você por muito tempo...

Sua voz falhou, estava tão brava que não conseguia mais falar. Só sabia que sua mãe tinha errado e não devia ter interferido, não deveria ter feito Francesco e a família deixarem a cidade. Ela queria tê-lo encontrado uma última vez e ter dito pessoalmente que estava tudo terminado. Ou será que na verdade o que queria era dar e ele uma nova chance? De qualquer forma, era sua decisão, sua escolha.

Sua mãe não reagiu à explosão, apenas olhou para a filha, como se fosse a primeira vez que a estivesse vendo realmente. Valentina achou que tinha visto lágrimas nos olhos dela, mas será que sua mãe ainda tinha a capacidade de chorar? Ela nunca vira isso acontecer. Apenas a sugestão de ver sua mãe chorando era apavorante para ela.

— Estou saindo de casa — ela gritou com raiva e saiu correndo da sala, batendo a porta de seu quarto e passando a chave.

Não queria ser importunada. Preocupação desnecessária, porque sua mãe nunca iria atrás dela. Então, o ódio ainda percorrendo seu corpo, percebeu que não estava mais doente de amor. Era como se uma janela tivesse sido aberta e ela pudesse respirar ar puro e fresco novamente.

Na manhã seguinte, dormiu até tarde. Quando se levantou, não havia sinal de sua mãe, apenas um bilhete sobre a mesa da cozinha.

Vejo que você já é uma mulher agora. E, como eu, precisa de espaço. Tenho de ir para os Estados Unidos para um trabalho, não sei quando estarei de volta, mas vou telefonar. Aproveite o apartamento. É seu.

Tina.

Era típico de sua mãe. Puxar o tapete debaixo dos seus pés. Valentina tinha programado uma grande conversa com ela nesta manhã, tinha até pensado que talvez sua mãe se desculpasse por interferir em sua vida amorosa daquela maneira. Mas não. Tudo o que ela teria da mãe seria aquele bilhete, assinado Tina. Nem “mamãe” ou “mãe”, nada disso. Nem um beijo de despedida. Percebeu então que tinha deixado sua mãe muito zangada. Bem, ela também estava muito brava. Ela que vá para os Estados Unidos e se divirta com seus trabalhos glamourosos. Quem se importa? Ela não precisava mais de sua mãe, já tinha 20 anos, afinal de contas.

O que Valentina não sabia era que sua mãe nunca mais voltaria para Milão. Como poderia saber? Tina Rosselli estava cansada de sua cidade natal, onde não podia mais andar sem que soubessem quem ela era. Será que conseguiria manter sua reputação no exterior? Tina tinha decidido viver em um país em que teria de se reinventar. Algumas semanas depois de ter partido, escreveu para a filha, chamando-a para se mudar com ela para Nova York, mas Valentina se recusou terminantemente. Tina reforçou o convite algumas outras vezes, mas ela se manteve firme em sua decisão de não deixar Milão. O tempo passou e a verdade é que mãe e filha já não se viam há sete anos.

Até hoje ela culpa a mãe por ter perdido Francesco. Era ilógico, ela sabia disso. Mas também era verdade que Tina a havia privado de ter encerrado o relacionamento em seus próprios termos. Ela precisava saber se Francesco realmente a amava ou se ela tinha sido apenas mais uma diversão para ele. Queria perguntar isso a ele, cara a cara.

Nesses anos todos, ela nunca havia se esquecido de como seu amor por Francesco a havia feito se sentir fraca. Nunca mais iria querer se sentir daquela maneira de novo. Conseguia se manter a uma boa distância de todos os homens com quem dormia. Até agora. Até encontrar Théo. Desde que ele tinha se mudado para seu apartamento, a dinâmica do relacionamento dos dois tinha mudado.

Lê o e-mail novamente.

Divirta-se.

O que ele queria dizer com aquilo? As primeiras semanas de seu relacionamento foram muito excitantes, diferentes. Tinham passado momentos deliciosos juntos.

Seu segundo encontro tinha começado de uma maneira quase banal. Théo havia telefonado e a convidado para beber algo com ele, no Príncipe di Savoia, o hotel mais luxuoso de Milão, um lugar incomum para se sentar despreocupadamente. Talvez o plano dele fosse beber um aperitivo e seguir para algum lugar mais informal. Valentina chegou na hora marcada, mas não havia sinal de Théo. Caminhou entre as mesas e cadeiras, encantada com o luxo explícito do local, adorando cada detalhe. Aquilo tudo era tão Milão, tão ela mesma... Escolheu um das poltronas grandes e confortáveis e pediu um mojito enquanto esperava por ele. Adorava o coquetel de rum com hortelã. Para sua surpresa, a garçonete que a atendeu trouxe, além da sua bebida, várias porções deliciosas de entrada, entre elas, um pratinho com azeitonas suculentas e um grande envelope onde se lia, em caligrafia opulenta, seu próprio nome: senhorita Valentina Rosselli.

A letra só podia ser de Théo, ele era o tipo de homem que escreveria com uma

caligrafia caprichada e elegante. Dentro do envelope, encontrou uma chave eletrônica, um pedaço de tecido de seda preta enrolado e um cartão, onde se lia: *quarto 342. Coloque isto antes de entrar.* Ele deveria estar se referindo ao tecido negro, que ela descobriu que era uma venda. Rapidamente dobrou a peça, com medo de que alguém ali no bar do hotel a visse, mas o local estava completamente vazio e a garçonete havia desaparecido de vista. Uma parte dela tinha ficado bem irritada com a presunção de Théo. Este era apenas o segundo encontro. Na verdade, seria o primeiro encontro de fato. Será que ele não tinha pensado em levá-la para jantar antes pelo menos? Pensando melhor, o que mais ela poderia esperar dele, depois de todo aquele sexo logo no dia em que tinham se conhecido? Aliás, antes mesmo de terem se apresentado?

O que ela deveria fazer era tomar seu aperitivo e sair dali imediatamente, deixá-lo criando raízes no quarto 342. Mas o outro lado dela estava absolutamente fascinado com a encenação toda e a obscenidade implícita naquilo tudo. Não era exatamente um segredo ou uma surpresa que a noite terminaria em um quarto qualquer de Milão. Por que outra razão ela teria escolhido seu vestido preto para aquela ocasião, aquele que podia ser aberto baixando um único zíper que corria pelas costas? Por baixo dele, não vestia nada além de meias finas e uma calcinha fio dental, sempre pretas. E daí que a noite iria começar da maneira que ela imaginou que terminaria? Era uma mulher jovem e livre, que podia agir como preferisse.

Com essa ideia na cabeça, caminhou para o elevador e subiu até o terceiro andar do prédio luxuoso. Sempre quis conhecer o Príncipe de Savoia por dentro, mas nunca pensou que seria desta maneira. Os preços estavam muito acima do seu orçamento, como algum dia poderia pagar por tudo aquilo? Pensava no luxo do hotel enquanto caminhava pelo corredor, com as palmas de suas mãos suando e seu coração batendo acelerado. E se ele mudasse de ideia assim que a visse novamente? E se aquela conexão que tinham conseguido da primeira vez só fosse possível por uma noite? Bem, agora ela já estava ali e não podia recuar. Não havia ninguém à vista, então ela vendou seus olhos e encaixou a chave eletrônica na porta. Quando escutou o clique da fechadura se destravando, empurrou a porta e entrou para uma jornada desconhecida e emocionante.

Que noite maravilhosa tinha sido aquela. No fim, Théo havia jantado e tomado vinho com ela, que se mantivera sempre vendada, em completo silêncio, sem conversar. Ainda se lembra do primeiro gole borbulhante do champanhe em sua boca. Ele a alimentou, e o que mais a deixou chocada, ela permitiu que ele o fizesse. Foi uma refeição inesquecível: começou com os antepastos, pequenos pedaços de tomate seco, berinjela grelhada e pimentões assados, tudo temperado com azeite e alho. O prato seguinte era espaguete com farto molho ao pesto de

manjerição e queijo parmesão.

— Chupe! — ele ordenava.

Ela ficava imaginando que ele olhava para os lábios dela enquanto sugava o macarrão deliciosamente preparado. Pensou se ele também estava ficando tão excitado quanto ela.

— Agora, Valentina, chegou a vez da carne — ele disse.

A provocação em sua voz era perceptível. Ela quase começou a rir, mas se segurou.

— Agora, levante-se, por favor.

Percebeu que ele caminhara à sua volta quando sentiu os dedos dele delicadamente abaixando o zíper do seu vestido.

— Vestido esperto este — declarou enquanto descia o zíper todo, até o final de suas costas, fazendo com que a peça escorregasse para o chão e se amontoasse aos seus pés.

Ele pegou sua mão e a guiou de volta para a cadeira. Ela se assustou quando sentiu que ele colocou um prato sobre suas coxas. Ainda estava quente no fundo, mas não de maneira desagradável. Na verdade, o calor que emanava do prato morno se juntou ao que ela vinha sentindo entre suas pernas, causando-lhe uma sensação deliciosa.

— Abra a boca, por favor.

Ele leva um pedacinho de carne já cortada à boca de Valentina. Ela começou a mastigar, estava tão macia que praticamente se dissolveu. Nunca o gosto da carne pareceu tão saboroso para ela.

— Eu quero ver você — ela declarou de repente.

Esse jogo já tinha ido longe demais, ele a tinha alimentado até o limite do desejo. Agora ela queria vê-lo também.

— O que você quiser — ele respondeu gentilmente.

Théo estava parado na frente dela, exatamente como ela se lembrava. Escuro, felino, completamente irresistível.

Ele a paralisou com seu olhar. Ela levou alguns segundos para se dar conta de que ele também estava sem roupas.

— Quero mais — disse, prendendo-o com seu olhar.

— Ainda temos muita carne.

Ela esticou a mão e tocou seu pênis.

— Não foi isso que eu quis dizer — ela respondeu.

— E a sobremesa? — ele perguntou. — É musse de chocolate.

Ela levantou as sobrancelhas, sorrindo para ele.

— Sei exatamente o que posso fazer com a musse. Você é a minha sobremesa.

A noite foi cheia de sensações para Valentina: os sabores, as texturas e o

cheiro da comida misturados ao cheiro e ao gosto dele. É como se Théo fosse capaz de desdobrar e expor diferentes camadas de desejo nela. Quando ela pensava que tinha atingido seu limite, ele a levava ainda mais além.

Tinham estabelecido um padrão para seu relacionamento. Eles se encontravam uma ou duas vezes por semana em algum hotel e se entregavam ao prazer desses encontros durante a noite inteira. Às vezes faziam jogos, como o da noite no Savoia, mas em outras vezes era sexo puro e cru. No começo, tinham usado os hotéis de Milão como ponto de encontro, mas depois de algumas semanas, começaram a se encontrar também em cidades vizinhas, no nordeste da Itália: Bolonha, Verona, Turim e, claro, Veneza. Faziam questão de sempre viajar sozinhos e se encontravam em algum lugar previamente marcado. De alguma maneira, esse método tornava os encontros mais excitantes, quase ilícitos, embora nenhum dos dois fosse casado e não tivesse nenhuma necessidade de fazer as coisas assim. Depois de um mês desses encontros, Valentina decidiu começar a tomar a iniciativa.

Nunca se esqueceria da vez em que mandou uma mensagem para que Théo a encontrasse em um hotel em Bolonha. Ela esperou por ele no bar, vestindo sua capa de chuva. Caía uma tempestade do lado de fora. Ele entrou, elegante, seus cabelos ensopados da chuva, suas roupas úmidas e seu entusiasmo contagiante. O coração dela se alegrou ao vê-lo. Sentou-se ao lado dela, sorrindo maliciosamente.

— Quer tomar alguma coisa? — perguntou.

Era assim que eles começavam seus encontros, como se fossem estranhos que estivessem se encontrando pela primeira vez, se encontrando anonimamente, seduzindo um ao outro. Duas taças de *prosecco* mais tarde, Théo perguntou se ela gostaria de tirar a capa. Valentina estava esperando exatamente por aquele momento. Olhou-o nos olhos enquanto desamarrava o cinto e começava a desabotoá-la.

— Tem certeza de que quer eu tire isto aqui mesmo? — ela perguntou para ele.

Ele olhou para ela, divertido. Ela entreabriu a boca e deixou que sua língua percorresse vagarosamente seus lábios, enquanto abria ligeiramente as pernas, fazendo com que a capa já desabotoada se abrisse ligeiramente para que ele tivesse certeza de que não havia mais nada sob o casaco. Os olhos dele revelaram a sua surpresa.

— Senhorita Rosselli — ele sussurrou com a voz rouca. — A senhorita sabe como chocar alguém.

Com um impulso, desceu do banco e caminhou para fora do bar, com a capa de chuva entreaberta, coletando alguns olhares em sua passagem.

Ele a seguiu para o saguão e para o elevador.

— Qual é o andar? — perguntou, colocando a mão sobre a dela enquanto ela já apertava o botão e, em seguida, levando-a à boca.

— Quarto.

Ele a despiu dentro do elevador. Encantado com a ousadia dela, beijou-a na boca quase que brutalmente antes de vesti-la novamente com a capa e literalmente carregá-la para o quarto. Fizeram sexo descontroladamente, tão logo passaram pela porta.

Passaram dois meses assim. O dia em que ele se mudou para o apartamento dela foi oficialmente inaugurado em cima da escrivania do escritório, mas a verdade é que, gradualmente, a espontaneidade tinha começado a diminuir. Curiosamente, foi Valentina quem começou a perder essa habilidade. Sabia disso por causa da conversa que teve ao telefone com sua mãe, quando Tina havia declarado que nenhuma das duas conseguiria se relacionar de maneira normal com um homem. Num primeiro momento, a declaração a irritou a um nível que agora precisava provar, a qualquer custo, que sua mãe estava errada. Mas, logo depois, percebeu que não abria com o entusiasmo de sempre o envelope seguinte de Théo. Apenas leu seu conteúdo, sem se abalar. Na sequência, ligou para ele e disse-lhe que, agora que estavam morando juntos, não fazia muito sentido manter os encontros secretos. Podiam viajar juntos naquele verão com o dinheiro que economizariam. Ela ainda se lembra do desapontamento na voz de Théo.

— Você tem certeza de que é isso o que quer?

— Claro — ela respondeu com firmeza. — Foi divertido, mas agora que dividimos o mesmo apartamento, não é mais tão apropriado.

— Não entendo. Então somos apenas companheiros de quarto? Você não quer mais fazer sexo? — ele perguntou com uma voz baixa e ansiosa.

— Não é isso. Claro que quero continuar com o sexo. Mas agora que estamos morando na mesma casa, é preciso deixar algumas coisas claras.

Ela fez uma pausa e ele não respondeu, por isso ela continuou em um tom tão leve quanto conseguiu.

— Só acho que é importante você não pensar que pertence a mim. Você está livre para transar com quem quiser.

Ouvira sua mãe dizer essa frase para inúmeros amantes e, agora, parecia ouvi-la novamente enquanto tentava pontuar seu relacionamento com Théo.

Théo ficou em silêncio por alguns minutos.

— Valentina, vamos falar sobre isso quando eu chegar em casa. — Sua voz soou ríspida ao telefone, quase irritada.

Ela deu um jeito de não estar em casa naquela noite quando ele voltasse.

Tinha saído com Antonella e Gaby e, quando voltou, ele já estava na cama. Acordado, esperando por ela, mas ela não o deixou falar. Tapou sua boca com a mão enquanto transaram.

Nenhum dos dois nunca mais tocou no assunto de novo e Valentina nunca mais encontrou envelopes assinados por ele. Quando se lembra dessa noite, tem a sensação de que Théo tinha dito algo para ela, logo depois do sexo, mas ela já estava enrolada no corpo dele, inebriada com o seu perfume, escorregando para o sono, quando ele pode ter dito ou não o seguinte:

— Eu quero o que você quiser, Valentina.

Será que tinha sonhado isso? Talvez fosse isso, porque ele era tão determinado quanto ela, especialmente quando desaparecia em suas misteriosas viagens de trabalho ou mesmo quando flertava abertamente com outras mulheres na frente dela quando saíam juntos. Também não parecia incomodado com as cantadas que ela ouvia.

“Divirta-se.”

Talvez Valentina devesse ter continuado com os jogos que fazia com ele, os encontros secretos e tudo o mais. Mas a verdade é que não andava muito animada para esse tipo de coisa já fazia umas duas semanas, apesar de se esforçar. Tinha de admitir que tinha ficado muito aborrecida ao ler aquelas palavras. Ela iria para sua primeira sessão de fotos com Leonardo e queria contar para Théo as ideias que tinha tido para a sessão de estreia no clube de S&M. Mas ele simplesmente não estava disponível e agora nem saberia que ela iria passar a noite na companhia de sadomasoquistas.

Foi um dos negativos do presente de Théo que lhe deu a ideia para o cenário da noite. A imagem que ela conseguiu ampliar hoje era a de um par de seios enrolados em uma echarpe transparente e rendada, tão apertada que quase os achatava. Apenas os mamilos se destacavam através do tecido. Lembrou-se então de um baú, onde ficavam guardadas roupas antigas de sua avó. Tinha certeza de que tinha visto dentro dele uma echarpe idêntica àquela da imagem.

Para sua surpresa, depois de ter passado horas procurando por uma chave por todo apartamento, descobriu que o baú não estava trancado. Abriu a tampa e se sentou de cócoras, maravilhada. Como é que ela pôde esquecer aquele tesouro de fantasias? Um odor forte subiu do baú e ela o reconheceu, embora não tenha conseguido identificar onde o havia sentido antes. Era um aroma forte, de rosas recém-floridas, talvez fosse o perfume que sua avó usava. Ela foi tirando uma peça atrás da outra, cada uma mais delicada, diferente e linda do que a outra: blusas de seda, vestidos de noite feitos de *chiffon*, jaquetas de veludo, saias e até

um chapéu-sino. Havia também roupas de baixo no baú. Uma camisa de dormir perolada e meias de seda preta, com ligas de renda brancas. E a echarpe. Perfeita, idêntica à das fotos.

Valentina decidiu se vestir menos austeramente naquela noite. Estava nervosa, sem dúvida. Se pelo menos tivesse alguém para ir com ela, mas claro que não havia comentado com ninguém aonde iria nem o que faria. Não tinha certeza sobre como o pessoal da moda reagiria, mas tinha a impressão de que a maioria deles iria achar a ideia fantástica. Ainda assim, preferia manter seu trabalho mais autoral longe dos olhos dos outros. Um novo conjunto retirado do guarda-roupa de sua mãe tinha sido escolhido para a noite que estava por vir. A saia era muito curta, bem típica da década de 1960, mas, como as outras mulheres estariam nuas, ela não iria se sentir desconfortável. Ao descer pelo elevador, pensou se encontraria o homem que estava na rua ontem, mas quando saiu do prédio, estava tudo calmo na Via de Amicis.

Ao chegar, achou o clube diferente. Não estava vazio, havia pessoas agora naquelas salas encenando suas fantasias. Leonardo também não estava por perto. Valentina foi recebida por uma loura de seios grandes, espremidos em um corselete justo, e um par de suspensórios.

— Você deve ser Valentina — ela disse. — Sou Raquel. Seja bem-vinda. — Ela tem um sorriso doce, quase infantil, que não combina com o corpete nem com seus seios enormes. — As meninas estão esperando por você. Estão muito animadas.

Valentina respira fundo, tentando acalmar as batidas de seu coração, e segue Raquel escada abaixo. É sua última chance de desistir do projeto todo. Uma vez que ela tenha aceitado entrar na sala Atlântida hoje à noite, não poderá mais desistir e retomar a sua vida antiga. Tudo iria mudar. Sem nenhuma intenção de ir para casa, ela agora está aqui e gosta de terminar o que começa.

Raquel está parada em frente à porta de madeira, esperando por ela.

— Pronta?

Concordando com a cabeça, Valentina entra na sala Atlântida.

Sentadas na *chaise*, viu duas lindas mulheres da mesma idade dela. Leonardo tinha razão, elas eram realmente lindas. Uma tinha cabelos ruivos e encaracolados, muito longos; a outra, em contraste, tinha os cabelos louros bem curtos, platinados. Ainda estavam vestidas: a ruiva usava um vestido vermelho que combinava com a cor de seus cabelos, meias finas e saltos. A loura se vestia de maneira mais casual, um vestido azul, leve, sem mangas. Estava descalça e tinha as pernas nuas. Eram lindas, com seus lábios brilhantes de *gloss* e sua pele iluminada pela falsa luz solar que vinha da claraboia. Provavelmente eram modelos, pensa, embora não reconhecesse nenhuma das duas.

Raquel as apresentou a Valentina antes de sair. Embora já tivesse coordenado sessões de fotos tantas outras vezes em seu trabalho, por um momento sua mente ficou vazia: não tinha ideia de por onde começar. Finalmente, Rosa, a ruiva, quebrou o silêncio.

— Então, o que você quer de nós? — pergunta com um sorriso doce.

— Eu sou nova nisto — Valentina explica.

— Em fotografia? — perguntou Célia, a loura.

— Não, não. Sou fotógrafa profissional. — Ela coloca sua bolsa sobre a grande mesa preta no centro da sala, abre e pega uma câmera de dentro dela, ainda incapaz de olhá-las no rosto. — Quero dizer que não sei exatamente o que vocês fazem aqui... Nunca estive em um clube de S&M. — Ela acha melhor ser honesta com as moças para evitar confusões.

— De verdade? — Rosa pergunta. Valentina percebe que ela troca olhares com Célia. — Então por que está aqui?

Valentina saca seu fotômetro e disfarça, medindo a luz da sala e sentindo-se um tanto desengonçada e tola.

— Estou interessada em entender o que vocês fazem.

— A única maneira de entender é experimentar.

Célia olha para ela diretamente, com uma sugestão no olhar, como se pudesse ver o que havia através de suas roupas.

Sem dar atenção, ela se volta para Rosa. Precisa se manter profissional, de outro modo só vai se fazer de tola.

— Talvez vocês pudessem começar com o que estavam planejando e então apresento algumas ideias. Eu me inspirei em uma foto antiga, trouxe-a comigo. Talvez eu peça a vocês para que mantenham alguma pose que julguem mais interessante. Tudo bem?

— Claro, sem problemas. Podemos começar? — Rosa pergunta, olhando para Valentina e a deixando desconfortável.

— Sim, claro — Valentina diz, ajustando sua câmera, o coração na boca.

Protegida atrás das lentes, ela mantém distância de Rosa e Célia. As duas mulheres parecem ter iniciado algum tipo de ritual entre elas. Surpreendentemente, Rosa parece ser mais dominante, enquanto Célia faz coisas para agradá-la. Rosa se senta na grande mesa, com as pernas afastadas, enquanto Célia se equilibra, abaixada, com a cabeça enfiada debaixo de seu vestido, aparentemente beijando Rosa sob a saia, embora Valentina não consiga enxergar o que estava acontecendo. Agora, Célia tira as roupas para Rosa enquanto a ruiva se reclina na *chaise* para observá-la. Tira o vestido e fica na ponta dos pés para Rosa, seus braços acima da cabeça. Despiu-se com tanta naturalidade que fez Valentina pensar que ela não está envergonhada ou tímida com sua presença

ali. Ao contrário, aparentemente ela está gostando de cada minuto. As mulheres só têm atenção para o prazer uma da outra.

Valentina não consegue ver espaço para dor naquela situação. Um momento mais tarde, entretanto, Rosa caminha em torno da mesa e pega uma corrente na gaveta de baixo. Ela prende as mãos de Célia a um pilar sobre sua cabeça. O que vai acontecer agora? Rosa caminha para trás de Célia e começa a acariciá-la no meio das pernas. Valentina captura a expressão no rosto de Célia respondendo ao toque de Rosa. É difícil não ficar excitada enquanto assiste aos jogos das duas. Fica imaginando como devem ser a boca e a língua de uma mulher em seu próprio corpo.

Célia fica na ponta dos pés e levanta sua perna esquerda no ar, bem alto, como se estivesse fazendo um *arabesque*, só que para a lateral, mais acima do que os 90 graus tradicionais. Rosa se agacha, passa os braços em volta da perna direita de Célia e começa a lambê-la inteira, subindo pela perna até chegar à sua vagina. Valentina observa cada detalhe da expressão de prazer no rosto de Célia. Em um momento, ela é uma dançarina fria; agora, com a sensação da língua de Rosa pressionando seu corpo, a tensão em sua perna estendida e seus dedos esticados é visível. Ela está perto de chegar ao seu limite. Rosa sabe exatamente quanto tempo manter a pressão antes de se afastar, para que Célia volte a ficar sobre as solas dos pés, sem ar e cheia de desejo. Um *close* de seu rosto mostra seus olhos azuis, elétricos, e sua expressão aberta e querendo mais de Rosa, sua mestra.

Rosa a liberta das correntes presas ao pilar e a leva para a *chaise*. Célia senta e permite ser amarrada pelos pulsos à cabeceira de ferro. Ela se deita com as pernas abertas, esperando, mas Rosa começa a tirar seu vestido vermelho, mantendo as meias finas, exatamente como Valentina teria feito. Ela caminha de maneira provocante para a mesa, lançando um olhar para Valentina. Abre a primeira gaveta e pega um brinquedo grande, que parece um vibrador. Valentina não se lembra de tê-lo visto ali ontem.

Rosa se deita na *chaise* e as duas se beijam. Rosa começa a acariciar Célia com as mãos, passeando devagar e sensualmente com seus dedos delicados e as pequenas meias-luas na ponta de suas unhas sobre a pele de Célia. Devagar, enfia os dedos na vagina da companheira, cada vez mais profundamente; ela se abre completamente para responder às carícias de sua mestra.

Valentina se aproxima das mulheres, certa de que estão tão perdidas em seu êxtase que se esqueceram completamente de sua presença. A poucos metros das duas, ela tira uma foto de Célia, por trás de Rosa, seus olhos fechados e perdidos de prazer. Rosa se deita também com as pernas bem abertas. Liga o brinquedo. Ele tem duas pontas para massagear, é um estimulador duplo de clitóris. Experiente, Rosa encaixa o vibrador no ponto exato do corpo de Célia, que tem

espasmos de prazer.

A sala fica cheia de ruídos, o som do motor do vibrador se misturando aos gemidos das duas. Qual delas vai gozar primeiro? Será que ela conseguirá registrar esse momento na foto ou seria invasivo demais? Para sua surpresa, Rosa abre os olhos e olha diretamente para Valentina. Suas pupilas dilatadas se transformaram em duas poças negras de desejo. Ela desliga o brinquedo e Célia abre os olhos, como se estivesse acordando de um sono profundo. Valentina percebe seu olhar, tão intenso como o de sua mestra, e entende que elas querem que faça alguma coisa para elas. Então, pega a echarpe que trouxe e se aproxima. Segura as mãos quentes de Rosa e a puxa para perto de Célia, antes de soltar as mãos da loura das correntes.

Sem dizer nenhuma palavra, ela começa a amarrar a echarpe em volta das duas, atando-as, os seios se tocando. Rosa olha para ela novamente. Valentina sente as costas das mãos de Célia acariciarem sua perna. Ela dá um passo para trás, um pouco nervosa, e recomeça a tirar fotos. Mas a echarpe escorrega e ela tem de amarrá-la novamente. As duas parecem gêmeas em sua paixão, jovens e modernas ligadas por uma amarra *vintage*. Vai ficar tão lindo em preto e branco, Valentina pensa, tentando evitar olhar para os olhos cheios de pedidos de Rosa, enquanto segue com as fotos.

— Você é tão bonita, Valentina — Rosa sussurra. — Tão *gamine*... — Referia-se às francesas de constituição pequena.

Valentina olha para ela. No mesmo momento, sente a mão de Célia subindo por suas coxas. Ela congela, incapaz de interromper a sensação que aquele toque lhe proporciona. Célia caminha com os dedos por suas pernas até alcançar e invadir sua calcinha. Valentina está aprisionada, incapaz de fazer qualquer coisa, está rígida, paralisada de ansiedade. Por que ela não afasta as mãos de Célia de seu corpo?

— Acho que ela quer se juntar a nós, Rosa — diz Célia. — Dá para perceber.

As duas se soltam da echarpe de Valentina e criam um espaço para ela.

— Venha — convida Rosa. — Por que não? — Ela pega uma venda sob o travesseiro na *chaise*. — Se preferir, pode usar isto e vamos fazer seus sonhos se tornarem realidade.

— Não — diz Valentina, ainda incapaz de se mover.

As mãos de Célia continuam a massageá-la gentilmente, e ela sente que seu corpo começa a reagir, a vibrar, a despeito do fato de ela nunca ter sentido vontade de transar com mulheres antes.

Ela olha para as duas garotas e tudo parece estar no foco, mas como se fosse um sonho. Ela vê três espíritos sensuais em uma trama única, como algo divino. E então Valentina não consegue se controlar.

Belle

O *SIGNOR* R. ENVOLVE a echarpe de rendas no torso de Belle, amarrando mais e mais forte, comprimindo seus seios e causando um certo ardor nos mamilos, tanto que ela gostaria de ter sugerido algum outro tecido. Mas agora é tarde, o *signor* R. virou-se de costas para ela para pegar um vidro de óleo que estava sobre a penteadeira. Belle alcança as calças que ele deixou estendidas no encosto da cadeira e as veste. Adorou ter feito isso, surpreendendo-se com a constatação de que uma simples peça de roupa pudesse fazer uma pessoa se sentir tão diferente. Certamente, seu cliente se tornava outra pessoa assim que ela vestia seu terno. O *signor* R. era um rico e bem relacionado banqueiro em Veneza, cuja voz estrondosa e suas maneiras vulgares sempre o antecederiam em quaisquer situações sociais, embora não fosse uma pessoa desagradável. Era responsável por criar uma organização filantrópica que ajudava os desafortunados de Veneza.

Ele tinha um coração, com certeza, e estava perdidamente apaixonado por sua esposa, uma mulher miúda e delicada, tão tímida quanto ele era confiante. Não se podia dirigir a palavra a ela sem que enrubescesse. Para Belle, era perfeitamente claro que, na casa do *signor* R., era ele quem cantava de galo, exatamente como seu próprio marido. Entretanto, diferente do *signor* Brzezinski, seu cliente banqueiro precisava inverter os papéis de vez em quando. Algo que ele nunca poderia pedir à sua esposa para fazer. Ela precisava fazê-lo seu completo escravo sexual. Tinha passado óleo aromático que Belle comprava de mercadores abissínios na Ponte di Rialto em seu tórax musculoso e sem pelos. O corpo dele era bonito e, quando ele fica em pé à sua frente, ela aprecia seu peito simétrico, seguindo contornos definidos até o abdômen rijo, até os quadris fortes. Ele está vestido com partes da fantasia de egípcia de Belle, apenas com a sobressaia de seda, que desce por seus quadris, deixando os ossos de sua pélvis provocadoramente à mostra. A saia fica agarrada às formas firmes de suas pernas, e o tecido fino não esconde o que está por baixo dele, seu pênis ereto, marcando a peça de roupa feminina, o que só o torna ainda mais másculo.

O que o *signor* R. quer fazer é bem específico: não quer parecer uma mulher ou fingir que é uma, só quer deixar de ser o macho alfa por alguns momentos. Ele quer ser o escravo de Belle, desnudo e vulnerável em sua mais delicada saia. Se isso dá prazer a ele, qual o problema, ela pensa, enquanto fecha as

abotoaduras dele na camisa engomada que acabou de vestir. Olhando-se no espelho, ela fica encantada com seu próprio reflexo. Seu cabelo curto tinha sido penteado com gel, para trás, o que dava a ela uma aparência andrógina. A sensação de se ver assim tão diferente é deliciosa.

Ela caminha em direção ao *signor* R. sentindo-se poderosa, quase masculina, e no controle. Estica os braços e acaricia seu peito besuntado de óleo aromático, observando seus músculos se contraírem como resposta, enquanto sente o pênis dele forçando a passagem pela saia de seda. Ele geme deliciado antes de perguntar a ela:

— O que você quer que eu faça hoje, Belle? — Sua voz está calma e humilde, mas rouca pelo desejo.

— Quero que você se sente naquela cadeira. — Belle pega a cadeira e a coloca no centro do quarto. — E levante sua saia para que eu possa me sentar sobre suas coxas.

— Posso tirar suas calças? Você vai me deixar fazer isso?

Ela levanta uma sobancelha e fica parada na frente dele, pensando, antes de permitir.

O homem se inclina para a frente com vontade e desabotoa os botões da calça que Belle está vestindo, deixando-a deslizar pelas pernas dela até embolar nos tornozelos. Com um passo, ela sai de cima delas. Não há nada sob as calças, o que permite que o *signor* R. admire seu corpo, enrolando seus dedos em seus pelos.

— Toque-me — ela ordena.

Enquanto desabotoa a camisa, imagina-se dando esta mesma ordem para seu marido. O pensamento faz com que ela tenha vontade de cair na gargalhada, o que seria um desastre completo, o *signor* R. ficaria muito aborrecido se ela risse dele.

Ele estende o braço e, com a ponta dos dedos, começa a acariciá-la. Ela se sente ousada e desavergonhada, é maravilhoso poder dar as ordens de vez em quando. Ela fica em pé por cima dele na cadeira enquanto ele enterra a cabeça entre suas pernas e começa a usar sua língua. Com as mãos livres, Belle puxa os mamilos para fora da echarpe de renda, lambe os dedos e os acaricia, gemendo de prazer. Levanta a cabeça dele para cima e para longe dela.

— Pode parar agora — ela volta a ordenar. — Eu vou sentar sobre você. Não pare até que eu goze. Entendeu?

— Sim, Belle! — ele responde com voz humilde.

Ela segura seu pênis com as duas mãos, equilibrando-se sobre ele, e então se senta, empurrando-o para dentro.

É tão bom...

Preenchida completamente pelo pênis do *signor* R., ela sente seu corpo estremecer. Fica na ponta dos pés e se levanta, para cair em cima dele novamente. Ele fecha os olhos.

— Vamos, mais forte — ela ordena com raiva.

Pensa que, se tivesse à mão o chicote do russo, usaria nele agora.

Ele empina os quadris contra o corpo dela e os dois começam a se mover, sem parar, até que ela chegue a um glorioso orgasmo, sem se preocupar se o *signor* R. está sentindo prazer também. Ele não se importa, porque algumas vezes goza e outras não. Para ele, essas visitas não têm a ver com satisfação sexual, mas com fuga. Hoje, entretanto, ele a acompanha o tempo todo. Quando ela cai sobre ele, um orgasmo atrás do outro, ela o ouve gritar antes de dar uma última estocada.

Depois que o *signor* R. vai embora, Belle ainda se sente ponderosa e mandona. Sem dúvida, vai apanhar de seu marido mais tarde por responder a ele, mas agora isso não importa, ainda tem muito tempo para explorar a sensação de liberdade e tem vontade de sair.

Ela vasculha suas roupas penduradas no armário, as fantasias que usa com seus clientes. Vestidos de noite longos e elegantes, seu uniforme de empregada, sua camisola de moça virgem, um conjunto de corseletes de cores e texturas diferentes, carteiras, meias finas, botas, penas e peles. Finalmente, encontra a peça que estava procurando, pegou-a e esticou-a na cama. Era uma roupa de marinheiro: calça branca boca de sino, uma blusa listrada de azul e branco e um lenço vermelho para ser amarrado ao pescoço, sob uma jaqueta longa, e um chapéu para completar. Uma vez vestida, olhou-se no espelho com satisfação, ainda tinha os seios amarrados e o corte da calça disfarçava seu traseiro feminino, suas pernas longas e sua figura delgada. Passava perfeitamente por um jovem marinheiro. Tudo o que tinha a fazer era prender o cabelo dentro do chapéu e tirar o batom.

Nunca tinha saído do apartamento com essas roupas, mas sempre tinha desejado experimentar. Hoje se sentia corajosa o suficiente. Com todas as novas chegadas a Veneza, a cidade estava cheia de rostos novos e estranhos. Passaria com facilidade por um deles.

* * *

Belle anda gingando pela Fondamenta Nuove, caminhando ao lado da laguna. Pela primeira vez na vida, sente a liberdade de caminhar pelas ruas sem que os homens a olhem e avaliem. Chegando ao cais, decide que vai entrar em uma das

tavernas frequentadas por marinheiros de verdade para tomar uma bebida com eles, agora seus companheiros. Logo que entra, reconhece alguns dos rostos na multidão. Claro, eles não têm a menor ideia de que quem acaba de chegar é Belle, a famosa cortesã de Veneza. Está adorando este momento.

Ela se senta em uma pequena mesa no canto do salão, e o proprietário se aproxima para ouvir seu pedido.

— Você parece ser jovem para encarar bebidas fortes, filho — ele diz.

— E isso é problema seu? — Belle responde com maus modos tanto quanto consegue, como um marinheiro, especialmente um tão jovem, teria feito.

Pesca moedas dos bolsos e as joga sobre mesa, sem deixar que suas mãos recém-manicuradas fiquem muito tempo à mostra.

— Rum, por favor. O melhor.

Claro, se ela fosse um marinheiro de verdade, viraria seu copo de rum de primeira, mas é muito forte para ela, e a última coisa que deseja é estragar sua fantasia, engasgando ou cuspidando a bebida. Por isso, coloca seu copo sobre a mesa, tomando pequenos goles da bebida de vez em quando. Tem um gosto bom, passado o primeiro momento em que o álcool desceu queimando sua garganta e fez seus lábios arderem ligeiramente. A sensação é ótima, aquece sua alma. É tão bom ser um homem, ela pensa, poder aproveitar coisas simples da vida, como uma bebida, quando bem entender.

Uma pequena multidão se juntou no canto oposto ao local onde Belle está sentada e ela se esforça para entender o que está acontecendo ali, mas é impossível ver além do aglomerado de pessoas. Ela terminou sua bebida e, depois de ter se recuperado dos efeitos iniciais, que a deixaram um pouco tonta, levantou-se e caminhou em direção ao grupo, passando, intocável, pelo burburinho dos marinheiros espalhados pelo bar. Ninguém pareceu dar a mínima atenção a ela que, de tão pequena e delgada, fora tomada por um garoto. Tanto que a deixaram passar sem nenhum tipo de obstrução. Ainda não dá para ver o que está acontecendo, só consegue ouvir uma voz anasalada falando, em italiano perfeito:

— Parecia que seria nosso fim, amigos. — Ela escuta a voz contando. — Raul e eu tínhamos certeza de que morreríamos ali, mas a sorte estava do nosso lado. Quando estávamos sendo levados para o que seria certamente a nossa morte, bandidos perigosos surgiram ao pé da montanha e atacaram os guardas que nos prenderam. No meio da confusão que se formou, conseguimos escapar. Nossas mãos ainda estavam amarradas às nossas costas, mas mesmo assim corremos em direção a um desfiladeiro de pedras, que dava para o mar. Não dava para vê-lo, mas podíamos ouvir suas ondas. Ah, o mar seria nosso salvador. Foi difícil não cair, correndo como estávamos, com as mãos atadas e os pés descalçados,

ameaçados por cobras e escorpiões. Bem, conseguimos chegar até a praia e nos desamarramos, um soltando os nós dos pulsos do outro, um trabalho demorado que acabou nos atrasando um pouco. Com as mãos soltas, começamos a olhar em volta e encontramos um pequeno barco. Não era maior do que uma tina, mas não estávamos em condições de escolher, amigos...

A audiência cai na gargalhada com a piada.

— Entramos naquela grande bacia e nos acomodamos como deu. Começamos a remar por nossa vida, em velocidade máxima, e, mesmo assim, quase não dá tempo, porque logo que nos afastamos da praia, os bandidos apareceram e balançaram a cabeça decapitada de nossos captores nas mãos.

Alguns dos homens arfam com a descrição tão viva do homem que está contando a história.

— A mensagem deles ficou bem clara para a gente. Se os nossos guardas não tivessem sido tão brutos, teríamos sentido pena deles. Mas, do jeito que se foram, só fiz uma prece por eles, pelo bem que pudesse fazer às suas almas. Raul e eu navegamos pelos mares sem fim da China. Ah, meus amigos, como sofremos, foram dias vagando pelo mar, nos perguntando se não teria sido melhor que tivessem cortado nossas cabeças de uma vez, agora que estávamos com a língua inchada de sede e precisávamos desesperadamente de água. Fomos levados de um lado para o outro, quase sem esperanças, até que um dia avistamos outro barco. E mais outro e outro. Tínhamos chegado a Hong Kong. Chegamos ao cais movimentado gritando em silêncio por alimento, com nossas gargantas tão secas que nem conseguíamos falar. Uma senhora nos deu um balde de água, não muito limpa, eu acho, mas que desceu deliciosamente por nossas gargantas. Nunca uma bebida teve um gosto tão maravilhoso em minha vida.

A multidão comemora e parabeniza o dono da voz por sua boa fortuna. Belle se esforça para enxergá-lo, mas o grupo à sua frente é muito denso. Ela abre caminho para seguir adiante e um estivador enorme, que estava parado à sua frente, finalmente a deixa passar. Sentado a uma mesa em frente a ela com um barril de cerveja gelada, estava a criatura mais audaciosa que já tinha visto na vida; tem certeza absoluta de que se trata do mesmo marinheiro alto e forte que viu nas ruas quando voltava para casa. Será que essa certeza tinha sido pela maneira como ele se inclina para trás em seu banco, pela largura de seus ombros ou pela curva em seu queixo? Os cabelos dele eram tão negros que fazia com que os seus parecessem marrons, e seus olhos eram de um azul profundo, da cor dos oceanos que ele explorava.

— Conte-nos outra aventura, Santos! — alguém pediu.

— Não tenho mais nada para contar... Esta é minha aventura mais recente. Entretanto, meus amigos, aqui estou, em Veneza, a cidade dos mistérios e da

magia. Com certeza alguma nova aventura me aguarda por aqui.

Enquanto fala, olha diretamente nos olhos de Belle, um sorriso malandro em seu rosto. “Ele sabe”, ela pensa, entrando em pânico. Ele sabe que sou uma mulher.

— Ah, isso com certeza — ele continua. — Existem muitos segredos em Veneza que eu gostaria de revelar.

Ele agora a olha de um jeito que faz com que seu coração dispare dentro do peito, causando-lhe um grande medo, como nunca havia sentido. Ela se vira para a porta, só deseja fugir dali de dentro o mais rapidamente possível. Só para de correr quando chega à porta de seu apartamento, sua cabeça encostada contra a madeira fria da porta, acalmando a respiração. Ela tenta se recuperar, recriminando-se por ter sido tão tola, mas sabe que o que acabou de acontecer não era um fato corriqueiro: tinha acabado de ver o seu destino.

Valentina

VALENTINA ESTÁ COMPLETAMENTE NO escuro, não consegue enxergar nada. A venda, de veludo preto e denso, não tem nenhuma fresta que permita a passagem de luz. Fica com medo, mas, ao mesmo tempo, sente que está se dissolvendo em meio às sensações deliciosas e desconhecidas que tomam seu corpo de assalto. Uma das mulheres se ocupa de acariciá-la com sua língua hábil e treinada, enquanto a outra toca seus seios com delicadeza. Ela percebe um dedo abrindo caminho entre seus pelos pubianos para, em seguida, circular levemente seu clitóris, pressionando-o. Arfando com o prazer que sente, vê sua reserva, seu controle natural e seu recato serem deixados de lado completamente.

Rosa e Célia continuam a enlouquecê-la, parecem especialistas em fazê-la chegar perto do orgasmo e pararem um átimo antes que o atingisse, fazendo com se sentisse cada vez mais desesperada para ser libertada daquela deliciosa tortura. Imagina que tipo de fotografia fariam dela naquele momento. Uma que ela nunca poderia fazer: sua própria imagem amarrada pelos pés e pelas mãos à cama com cordas de seda, com as duas jovens mulheres enlaçadas em seu corpo, como duas ninfas gregas. Está completamente entregue ao controle das duas e acha sua impotência e o risco de confiar nelas, duas completas desconhecidas, algo absolutamente enlouquecedor.

Tudo parece se derreter ao seu redor. Valentina sente a cama ondular, como se estivesse em um barco, entregando-se completamente à sua fantasia. É por isso que esta sala se chama Atlântida, leva as pessoas a mergulhar em um lugar profundo do próprio inconsciente. Ela imagina as duas mulheres soltando suas amarras e retirando sua venda, seu corpo inteiro pulsando e desejando desesperadamente gozar, mas elas se sentam, sorrindo, com as pernas cruzadas na posição de lótus. O cabelo de Rosa esvoaçando ao vento, enquanto a cama/barco balança no mar agitado. Ela olha em volta maravilhada. As paredes azuis do quarto tinham desaparecido e, em lugar delas, apenas o azul do oceano. Ainda consegue enxergar a terra, muito, muito longe delas.

— Onde estou? — pergunta.

— Estamos na sua fantasia, Valentina — diz Célia, piscando para ela.

— Vamos nadar! — Rosa a convida e salta graciosamente da borda. Célia oferece a mão à Valentina.

— Venha — ela diz.

Valentina se deixa conduzir pela mão e as duas garotas nuas mergulham no oceano, cada vez mais fundo, seguindo os cabelos vermelhos de Rosa. A sensação da água salgada do mar contra sua pele supersensibilizada faz com que ela se sinta sem peso, como se o oceano a estivesse carregando para onde quisesse. Elas descem ainda mais fundo, tão fundo que Valentina imagina como vão conseguir respirar, mas repara que está respirando normalmente, sem nenhum esforço, como se ela fosse uma criatura marinha. Passam por cardumes de peixes-dourados que flutuam entre elas e grandes tufo de algas marinhas se enlaçam em seu corpo antes de empurrá-la adiante. Um pequeno cavalo-marinho nada à frente delas, mostrando o caminho antes de desaparecer no escuro do oceano. Finalmente, Rosa para em um monte de rochas no leito do mar. Valentina enxerga uma abertura escura e Rosa gesticula para que ela entre nessa caverna. Ela hesita, não quer entrar. Então para de nadar.

Rosa nada até ela e a segura pelas duas mãos.

— Não tenha medo, não vamos deixar que se perca.

Ela escuta a voz da mulher em sua cabeça e, ainda com medo, acaba deixando que as duas a convençam a seguir em frente, segurando-a pelas mãos. Tudo se aquece e vibra ao seu redor quando entram na caverna. O que havia ali com elas?

Algo que vai machucá-la? Ela percebe uma corrente de água à sua frente, como se fosse um jato de uma mangueira submarina, e sente um par de lábios pressionados contra os dela. Reconheceria esses lábios em qualquer lugar e em qualquer tempo: Théo! Ele está ali com ela.

Valentina flutua como uma estrela-do-mar, as duas mulheres segurando seus braços para os lados e seus pés esticados para baixo enquanto Théo a beija. Ele coloca suas mãos em sua cintura e a puxa para ele, até que seus torsos se encontrem; então ela levanta as pernas para enlaçá-lo. Estão fazendo amor naquele momento, embalados pelo vai e vem da água do mar. Sente Rosa e Célia soltarem suas mãos e desaparecerem na escuridão. Quer Théo dentro dela por toda a eternidade. Não quer parar nunca mais.

Valentina acorda, seu coração batendo forte. Quando abre os olhos, percebe que está em casa, jogada sobre sua própria cama. Seu corpo ainda está quente de emoção, a lembrança do toque de Célia e Rosa em sua pele que não quer desaparecer. Leva suas mãos à boca, não acredita no que fez, mas a verdade é que aquilo tudo tinha mesmo acontecido: transara com as duas mulheres ao mesmo tempo na noite passada. Imagina o que Théo diria de tudo aquilo e se lembra de seu sonho novamente. Seria seu subconsciente dizendo que estava tudo bem se ficasse com ele? Ou seria só pensamento positivo?

Ao se lembrar de Rosa e Célia levando-a do mar para a caverna e do toque de Théo em seu corpo, algo que pareceu tão real, começa a se sentir estimulada novamente. Leva a mão entre as pernas e começa a se masturbar. Fecha os olhos e se imagina na caverna outra vez, pensa em Théo beijando-a e penetrando-a. Sua imaginação dispara e ela pensa nos dois voltando para o barco juntos, navegando pela sala Atlântida. Ela deixa Théo amarrá-la na cama e vendar seus olhos, ela quer deixá-lo fazer isso. Quer mostrar que confia nele e imagina que ele começa a possuí-la com força... Ela goza, arfando, sem fôlego, espalhada na largura da cama.

Uma hora mais tarde, Valentina está sentada em uma cadeira, como um verdadeiro modelo de boas maneiras, em frente à sua mesa de jantar, usando um vestido elegante, com uma xícara de chá em suas mãos. Ainda está se acalmando depois de suas aventuras na noite passada, a mão trêmula ao bebericar o líquido quente. Transou não apenas com uma, mas com duas mulheres. Será que isso a tornava gay? Instintivamente sabia que não, porque a lembrança do sonho que a tirava do sério era o momento com Théo. A força do seu desejo por ele. Nada além de seus sentimentos por ele. Fica assustada com a força de sua necessidade de estar com ele.

Tenta se distrair e pensa nos negativos para tirar as sensações do sonho de sua cabeça. Ainda não chegou nem perto de resolver a charada, por isso começa a colocar uma foto em cada página do álbum preto de fotografias em frente a ela. Costas nuas, um tornozelo amarrado, mãos escondidas em luvas e um braço enfeitado com um colar de pérolas; o lóbulo de uma orelha enfeitado com um brinco... Precisa descobrir o que é esse enigma e pondera se seria alguma mensagem de Théo, se ele estava tentando torturá-la com imagens eróticas durante sua ausência, quando não estava ali para satisfazê-la. Ou se queria que ela se tornasse infiel a ele. O que não faria nenhum sentido, já que ele tinha acabado de pedir que fosse sua namorada. Fidelidade: não era isso o que namorar queria dizer? Já não entendia mais nada.

Valentina ainda não tinha acabado de ampliar os negativos do álbum e agora tinha de revelar o filme da noite passada. Seu peito se contrai com a ansiedade de ver o resultado de seu trabalho. Será que suas fotos ficaram vulgares? Esperava que não, queria imagens sensuais, de bom gosto.

O efeito que pretendia conseguir com as fotos era algo similar ao que as fotos antigas no presente de Théo provocavam nela. Cada uma delas era o *close* erótico de um corpo de mulher, a exceção era o brinco na orelha de um homem. Ela olha para a foto por um longo tempo e consegue ver não só a orelha com o

brinco, também uma parte da bochecha. Imediatamente pensa em Leonardo com sua argolinha de ouro, e como o brinco faz com que ele pareça um pirata do passado. Ela sempre achou que piratas eram sexy.

Coloca a foto de volta na caixa e volta a avaliar os negativos. Quando começou a ampliá-los, estava desesperada para descobrir logo o que eles mostrariam; agora, no entanto, só deseja alongar o prazer de desvendar aquele mistério por mais tempo. Era como se as imagens estivessem entrando em seus sonhos e contando uma história. Ainda não sabe bem se é sobre ela ou sobre a mulher misteriosa dos negativos. Percebe que há um propósito nelas, há algo ali sobre Théo e ela.

Valentina se levanta da mesa e caminha em direção à janela, olhando para a rua, procurando pelo homem que estava na frente de seu prédio na outra noite, mas está tudo vazio lá fora. Um carro passa e espirra a água da chuva. Fazia tempo que não havia um outono tão úmido quanto o deste ano. Se estivesse fazendo sol lá fora, ela não se sentiria tão para baixo, procuraria uma boa árvore em um parque e se deitaria sob ela para ler enquanto comia uma maçã. Passaria horas observando seus conterrâneos milaneses passando pelas ruas: os estilosos, os temperamentais e os ambiciosos. Acha que pessoas de fora, especialmente outros italianos, eram um pouco injustos com Milão. Eles veem a cidade como um lugar austero, focado apenas em negócios e completamente insensível, mas sob essa aparência havia uma outra cidade feita de magia e sonho, como aquela dos edifícios de aparência séria e sem graça da década de 1940, que escondiam jardins encantados do século 16 em seu interior, ou nos pequenos claustros medievais, lindos e delicados, que ficavam perto dali. Ela defendia sua cidade porque sabia como é ser mal interpretada. Com frequência ouvia que era antipática ou distante, tudo porque nunca sorria. E também porque algumas daquelas pessoas tinham ciúmes dela, pelo menos era o que achava. Eles achavam que sua mãe era descolada, que ela era a filha de um ícone dos anos 1960. Se realmente soubessem como era sua vida de fato...

Tinha dificuldade em perceber que a expressão séria em seu rosto mantinha as pessoas afastadas. Ela poderia estar sorrindo por dentro, embora a maioria não se desse conta de seu humor de verdade. Sempre pediam que se animasse, ainda que ela estivesse superentusiasmada. E isso sempre a surpreendia. Sempre provocava uma reação hostil em alguém, geralmente em outras mulheres, por alguma ofensa desconhecida. Claro que não se importava nem um pouco com o que as pessoas pensavam. Tinha Théo e seus melhores amigos, Antonella, Gaby e Marco. E agora, essas duas mulheres, Rosa e Célia. Elas gostavam dela, não é?

Seu telefone toca. Antes de atender, confere o número que aparece no visor. Era Mattia. Sente uma onda de preocupação tomar conta dela, raramente o irmão

a procura.

— Alô, Mattia! Está tudo bem?

— Sim, Valentina. Só queria atualizá-la sobre as últimas novidades de nossa mãe.

— Certo — ela consente, tentando parecer indiferente, e se concentra em observar um pardal se abrigando da chuva no beiral de sua janela. — Quais são as novidades?

— Só queria contar a você que ela se mudou novamente.

— Ok! — diz Valentina.

É gentil da parte de seu irmão avisá-la, mas se sua mãe não queria que ela soubesse onde estava morando agora, por que ela iria se importar?

— Ainda está na América.

— Nada de novo, então. Você a tem visto?

— Não, ela está longe de Nova York. — Ele faz uma pausa. — Além disso, você sabe que ela não gosta da Debbie.

— É verdade.

Valentina tinha se esquecido daquilo. Da grande briga no casamento de seu irmão tantos anos atrás. Tinha apenas 12 ou 13 anos na época, então nunca entendeu exatamente qual tinha sido o problema. Só sabia que sua mãe detestava a nora. As coisas nunca mais tinham sido as mesmas entre mãe e filho depois do casamento. Mattia até que tentou conciliá-las, mas nenhuma das mulheres parecia querer dar o braço a torcer.

Diferentemente da irmã, Mattia não se parecia em nada com a mãe. Ele gostava de manter as coisas agradáveis e leves ao seu redor. Apreciava sua vida confortável ao lado da mulher e dos filhos em Nova York. Valentina sempre planeja visitá-los, mas no fundo sente um pouco de medo, porque, na verdade, não conhece seu próprio irmão. E se os dois acabassem se detestando? Ele era 13 anos mais velho do que ela. Quando se mudou para os Estados Unidos, ela só tinha cinco anos. Sua única lembrança dos dois, quando eram crianças, eram os ciúmes que sentia dele. Morria de inveja de vê-lo nas fotos com os pais ainda casados e felizes. Ela se lembra em especial de uma série de fotos em que eles viajaram de férias para a então Iugoslávia, tantas imagens de um Mattia feliz aos 6 anos, se divertindo no mar, brincando nu na água, com uma varinha de pescar, e de mãos dadas com a mãe, que vestia um pequeno biquíni. Havia fotos de seu pai também nesta série, deitado na praia, lendo, com um cachimbo na boca, como sempre.

Valentina não tem nenhuma lembrança desse tipo.

— E como você está? — seu irmão pergunta.

— Tudo bem, trabalhando.

— Que bom, e como vão as coisas com Théo?

Como ele consegue fazer aquilo? Lembrar-se do nome de Théo? Ele está casado há 14 anos com Debbie e ainda assim Valentina às vezes confunde o nome dela e a chama de Libby.

— Bem.

— Ele parece ser um cara bacana — Mattia continua. — Quem sabe ele não é o escolhido?

Ela não responde, aborrecida. Como ele pode fazer algum comentário sobre seu namorado sem nem sequer conhecê-lo?

— Olhe — ele aproveita a pausa —, sinto muito, não posso ficar muito tempo ao telefone. Só queria contar que mamãe agora está vivendo em Santa Fé, no Novo México. Vou mandar o endereço dela para você.

— Eu não quero, Mattia.

— Está bem... Caso você precise, lembre-se de que eu o tenho.

— Obrigada.

— Ela também me mandou algumas fotos antigas de família. A maioria são dela com nossos avós. Quer algumas? Achei que você poderia se interessar, já que você e Théo colecionam fotos.

De novo aquela familiaridade que a aborrece. Não é porque ele é seu irmão que pode fingir conhecer a ela e a seus gostos.

— Mande para mim as que você não gostar — ela responde bruscamente.

— Ok, então. Cuide-se — ele diz, agora quase em um sussurro. — Tenho de ir.

Ela percebe que Mattia deve ter ligado no meio da noite, sem que Debbie saiba, talvez ele não possa fazer ligações internacionais. Como seu irmão poderia ser tão diferente dela? Ela nem imagina ter de pedir permissão a Théo para algo tão banal como um telefonema, nem ele gostaria que ela o fizesse. Apesar disso, seu irmão parece feliz, casado há muitos anos, algo que sua mãe nunca conseguiu. Tina sempre disse que Mattia era parecido com sua avó materna, Maria, que morreu em um acidente de avião quando a mãe de Valentina tinha apenas 26 anos.

Tina descrevia Maria como conservadora e dizia que se sentia muito mais próxima de sua avó, uma senhora excêntrica, mais até do que a própria mãe. “É estranho como as pessoas podem realmente herdar características de seus parentes”, Valentina pensa divertida. Ela sinceramente espera que os dotes de Tina tenham pulado uma geração.

Apesar do jeito desinteressado ao telefone, está curiosa com o pacote de fotos que seu irmão ficou de enviar para ela. Mais imagens para ela investigar... Ela se sente mal por ter sido áspera ao telefone, pois ele realmente gosta dela e se

preocupa com seu bem-estar, embora nunca tenham passado muito tempo juntos. Talvez ela devesse fazer um esforço real para conhecer a família dele, quem sabe reúna a coragem necessária para ir até Nova York... E, quem sabe, tenha disposição de aproveitar a viagem e chegue até Santa Fé para ver sua mãe... Ela morde os lábios com força, impulsionada pelo pensamento perturbador, e arranca sangue deles.

Por que deveria ir vê-la? É tarefa de sua mãe voltar para visitá-la em Milão, afinal foi ela quem abandonou a filha deprimida e de coração partido, e não o contrário. Tina se colocava em primeiro lugar mesmo em relação aos filhos, e isso talvez fosse algo que nunca pudesse ser perdoado. Seu irmão parecia muito mais magnânimo, era capaz de aceitar sua mãe como ela era, apesar da maneira como Tina tratava sua esposa e de seu completo desinteresse pelos netos.

Valentina se volta para a janela e pega a câmera que usou na noite passada. Era hora de entrar na câmara escura e revelar as imagens que tinha feito na sala Atlântida. Vai ser um teste sobre o quanto ela deseja permanecer apenas como uma observadora imparcial da arte erótica e o quanto, no fundo, deseja fazer parte dela. Olha para o relógio, ainda tem oito horas antes de voltar para o clube de Leonardo. Não tem ideia do que ele preparou para ela naquela noite, o que a faz sentir em parte com medo e, em parte, para ser completamente honesta, excitada.

Ela hesita um pouco antes de começar e deixa a câmera sobre uma mesa. Será que deveria escrever um e-mail para Théo e contar o que aconteceu com Rosa e Célia? Não, talvez fosse melhor fazer isso pessoalmente. Além disso, ele não contou nada para ela sobre onde estava e o que estava fazendo, então por que ela contaria?

Quando checa seus e-mails, encontra mais uma mensagem de Théo e clica para ler o que ele tinha escrito desta vez. Quem sabe ele não daria alguma explicação sobre o presente misterioso? Mas, novamente, o que ela vê é uma mensagem curta e tão enigmática que só aumenta sua frustração:

Querida Valentina, escrevo muito rapidamente e queria poder explicar tudo melhor para você. Mas, por agora, tudo o que posso pedir é para que você não confie em ninguém que perguntar sobre mim. Vou explicar tudo quando voltar. Meu outro recado é para você, por favor, tentar se divertir um pouco.

Théo xx

De novo essa história de diversão? O que ele quer dizer? Não confiar em ninguém? São mensagens tão sem sentido que não consegue ligá-las a si própria. Não é uma pessoa divertida! Começa a pensar novamente que talvez o que Théo

queira é que ela o traia, mas ao mesmo tempo diz para que não confie em ninguém. Será que ele estava se referindo a ele mesmo, avisando-a para não confiar nele? Ela descarta este pensamento imediatamente.

Está imersa em um silêncio tão profundo que escuta o vizinho caminhar no apartamento de cima e abrir a persiana na janela. Escuta o barulho das engrenagens do relógio marcando as horas na parede e o som de uma moto passando sobre a água acumulada da chuva na rua. Olha para o quadro pendurado na parede à sua frente, uma das composições passionais de Antonella, com camadas de azul, do mais pálido até o índigo forte e vivo, cheio de personalidade. O azul tinha sido raspado para exhibir uma faixa fina, mas viva, em tom escarlate, tão tátil quanto uma mancha de sangue fresco. A tela se chama *Expectativa* e está em sintonia com seu humor.

Ela tenta respirar fundo, mas não consegue. É como se estivesse segurando sua respiração, esperando por alguma coisa que estivesse para acontecer. O ar ao seu redor está elétrico, como se uma tempestade estivesse a caminho. Ela se sente no auge de um ponto de grande mudança em sua vida. Se para melhor ou pior, ainda não sabe.

Belle

NESTE DIA, BELLE ESTÁ destinada a ser Louise. Seu marido está em casa e eles vão receber convidados para o jantar. Parceiros nos negócios do *signor* Brzezinski e suas esposas. A cozinheira Renate e a empregada Pina tinham feito as compras e providenciado todo o necessário para a noite. Ela dá carta branca para as duas fazerem como preferirem, sem se importar com o que Renate coloque na mesa para o jantar. Tudo o que Louise quer é estar bonita e parecer uma boa anfitriã, o que para ela é o mais difícil de tudo. Preferia ser Renate ou Pina, trabalhando nos bastidores da cozinha, do que estar no centro do palco da vida social do seu marido. As esposas não gostavam dela, havia ouvido os sussurros sobre o quão distante e esnobe ela era e sobre como eles ainda não tinham filhos. A Brzezinska estéril, era como a chamavam pelas costas.

Essas mulheres a aborreciam, essa era a verdade. Tudo o que faziam era falar sobre seus filhos; se ela tentasse interessá-las em algum outro tipo de assunto que não fosse doméstico, respondiam com um silêncio hostil. Os sentimentos de Louise sobre filhos são ambivalentes. Se tê-los fosse transformá-la em uma dessas tolas tagarelas, com certeza não quereria. De qualquer maneira, a possibilidade dela engravidar realmente parecia muito pequena, pois seu marido vinha tentando isso há anos sem nenhum sucesso. Não fazia sentido desejar algo que ela achava que nunca aconteceria.

Os amigos do marido eram tão ruins quanto suas esposas. Havia apenas dois deles de quem ela realmente gostava: Varelli, porque ele parecia menos entusiasmado com Mussolini (ela suspeitava que ele era comunista) e Greenberg, um judeu americano e um dos poucos homens que a tratava como igual. Ela imagina por quanto tempo esses homens vão ficar na Itália agora que Mussolini estava se tornando cada vez mais violento. Todos os comunistas que ela conhecia tinham desaparecido, não estava gostando dos ares que estavam tomando conta da Itália, toda aquela conversa sobre Roma retornar à sua antiga glória. A Roma antiga não era uma sociedade para ser admirada, pensou, era muito bruta. Por outro lado, tinham todas aquelas orgias, ela lembra enquanto apara as pontas da franja, sem muita paciência.

Os romanos antigos pareciam muito mais tolerantes à sexualidade do que os italianos da era de Mussolini. Ela se lembra de ouvir uma história sobre a princesa Julia, filha do imperador Augusto, que se disfarçava de prostituta em

Roma. Louise era exatamente como ela: uma mulher que tinha uma vida dupla. Entendia perfeitamente por que Julia agia daquela maneira. Como ela, a princesa romana estava presa a um casamento sem amor.

Louise suspira frustrada e coloca a tesoura na penteadeira, pegando uma escova para tirar os cabelos que ficaram em seus ombros. Ela está entediada e queria poder fugir como Belle, sentia-se como um pássaro preso na gaiola. Talvez consiga dar uma escapadela de uma hora. Tudo o que quer é ir ao seu apartamento e fumar um cigarro, olhar as gôndolas passando no canal e ficar sozinha naquela noite. Ela olha para o relógio sobre a penteadeira, seu marido está tirando sua soneca da tarde. Às vezes, ele come tanto no almoço que precisa dormir por umas duas horas. Daria tempo de ir e voltar sem que ele percebesse.

Antes que tenha a chance de mudar de ideia, enrola um echarpe em volta do pescoço, fecha as botas, pega a carteira e sai do quarto, descendo rapidamente as escadas. Fica feliz ao abrir as portas pesadas de sua casa e sentir o ar fresco da rua, feliz como uma criança que acaba de sair da escola. A cidade está vibrando, brilhante. É como se a cidade se tornasse uma metáfora, um anel frágil de felicidade, que às vezes abraça os enlutados. Belle pensa em sua mãe, logo depois da morte de seu pai, no jeito como seus olhos brilhavam quando ela contou sobre o sonho que teve com ele e na mensagem que ele havia passado para ela nos sonhos, ou ainda no que ele havia dito na hora de sua morte. Sua mãe havia ficado de luto para sempre. Ela era exatamente como Veneza: uma cidade melancólica que ficava repentinamente iluminada, como um raio de luz e de esperança. Seus pais se amaram tanto... Essa ideia de um casamento com amor faz com que Belle feche as mãos com raiva. Um amor tão egoísta!

Ela não vai permitir se perder em lembranças desagradáveis hoje. É o fim da tarde e ela tem uma ou, no máximo, duas horas para aproveitar sua liberdade. Que alegria! Caminha rapidamente, se afastando de sua casa e entrando no emaranhado de ruas estreitas e pontes. A luz do fim do dia cria reflexos por todos os lados, do canal debaixo das pontes, dos céus na água, da água nas pedras e das pessoas nos prédios. Ela caminha pelo Campo de San Paolo, atravessando a Ponte di Rialto, em direção ao Castello. Passa em frente ao hospital e sua fachada de mármore branco brilha, fazendo com que tenha de fechar os olhos por um momento. Quando os abre novamente, ele está logo ali à sua frente, o marinheiro.

Ele caminha em sua direção cruzando o Campo San Giovanni e San Paolo, mas ela não tem certeza de que a viu. Belle observa o homem se abaixar graciosamente e acariciar a cabeça de um gato preto, que se enrosca em suas pernas. Ela adoraria ser aquele gato, especialmente quando ele acaricia o bichano sob o queixo. Sentir aqueles dedos tocando seu pescoço... Sem

perceber, está quase ronronando.

Ele se endireita e volta a caminhar em sua direção, mas ela continua sem conseguir se mover. Não vai nem para a frente nem para trás. Ele tem uma aparência encantadora, em sua opinião, vestido com um chapéu de oficial, um longo casaco de almirante, com uma faixa atada à cintura. Criando coragem, dá um passo para a frente, mas, ainda assim, ele parece não ter notado sua presença ali. Ela se sente tomada por uma onda de timidez. Normalmente não tem problemas de olhar de frente para homens quando sai como Belle. Mas hoje ela é uma jovem tola novamente. Quando ele passa, ela olha para ele de lado, mas o marinheiro mantém seu olhar voltado para a frente. Um pouco desapontada, volta a caminhar em direção oposta à dele e se vira para uma última espiada. Fica surpresa ao constatar que ele fez exatamente a mesma coisa. Ele a olhou diretamente, prendendo seu olhar no dela. Imediatamente, Louise sentiu uma onda de calor tomar seu corpo de assalto. Teve de lutar para ficar calma e centrada. Ele é o homem mais bonito que já viu na vida, e sente a mesma necessidade de fugir correndo, como no outro dia na taverna. Ao mesmo tempo, um lado dela simplesmente não consegue mais se mover, como se os olhos dele a tivessem finalmente capturado.

Ela circula um pouco, olhando para a vitrine de um café, e ele faz o mesmo, só que andando na direção oposta, olhando para a fachada de mármore do hospital, caminhando até que eles se cruzem novamente. Só que desta vez ele diz:

— Nós já nos conhecemos?

Ela para e olha para ele, fazendo de conta de só tê-lo notado agora. Enchendo-se de coragem, oferece a ele um sorriso e responde, provocando-o:

— Achei que marinheiros tivessem mais imaginação para cantadas...

— Você está completamente errada — ele afirma, com um brilho divertido nos olhos. — Marinheiros não têm nenhum pinga de imaginação. Nós não precisamos dela, porque vivemos de verdade nossas aventuras.

Louise sabe que não deve se transformar em Belle, não tem tempo para isso. Mesmo assim, não pode permitir que aquele homem vá embora sem saber mais sobre ele. Então, resolve ousar:

— Eu adoraria ouvir uma de suas aventuras.

— Certamente — ele responde com um grande sorriso. — Mas apenas se você me contar algumas das suas também.

Eles caminham juntos e Belle tem certeza de que não vai chegar a tempo para acordar seu marido de seu sono da tarde, mas não se importa com as consequências dessa decisão.

— Permita que me apresente formalmente — ele diz. — Meu nome é Santos

Devine, filho de um marinheiro de Cork, na Irlanda, e de uma dançarina espanhola de Granada. Eu mesmo não sou de nenhum lugar em especial, tenho navegado, ou melhor, me aventurado pelos sete mares por mais de 20 anos.

Belle olha para ele, maravilhada. Será que Santos é real mesmo ou apenas fruto de sua imaginação? Nunca se sentiu tão atraída assim por outra pessoa. Está completamente magnetizada pelo corpo esguio e alto do marinheiro. Ele se move com a graça de um dançarino, qualidade que deve ter herdado da mãe, mas tem uma força difusa, meio etérea, provavelmente sua herança celta. Seu cabelo é negro como o dela e seu rosto, de traços masculinos, possui uma beleza felina. Até as mãos dele são bonitas, ela repara quando ele toma as suas.

— Qual é o seu nome?

— Belle.

— Muito apropriado. Não me lembro de ter visto nenhuma outra mulher tão linda quanto você em todos os mares por onde naveguei.

— Tenho certeza de que você fala assim com as mulheres em cada porto. — Belle responde com esperteza.

Os olhos de Santos revelam suas aventuras, ele não nega a acusação de Belle e, mesmo assim, ainda a encanta.

— Ah! — ele continua. — Mas eu não posso dizer que tenha visto outra mulher tão linda, com um corte de cabelo como o seu, uma moldura brilhante e negra como as asas da graúna, perfeita para o seu rosto delicado.

— Adoro o canto da graúna. — Belle dá corda a ele, prendendo-o com o olhar. — É uma das minhas alegrias.

— Existem graúnas em Veneza?

— Eu me lembro dos pássaros-pretos na minha terra natal.

— Bem, então vou chamá-la de Belle Graúna.

Enquanto caminham por Veneza, sua casa já há tantos anos, a cidade parece se transformar em um lugar completamente diferente. Em plena luz do dia, eles chegam a uma área da cidade onde ela é conhecida, mas nem se importa com isso. Ela agora vê Veneza com os olhos de Santos. Ele explica por que está na cidade, negociando seda do Oriente e trocando pelo cristal veneziano. Conta que acaba de sair da China e a presenteia com histórias de senhores da guerra chineses e de bandidos.

— Você não se cansa de viajar sem porto certo? — ela pergunta, fascinada com as suas histórias. — Não tem vontade de ter uma casa e uma família?

— Nunca tive interesse nas coisas que normalmente interessam os homens — ele explica. — Não me interessa o acúmulo de riqueza e bens ou mesmo de poder, porque essas coisas vêm carregadas de amarras. Procuro liberdade para mim e para os outros. — Ele olha para ela e coloca o braço em volta de sua

cintura, puxando-a para perto dele. — Em especial para as mulheres — sussurra em seu ouvido e ela sente seus lábios roçando de leve seu pescoço enquanto ele fala, fazendo com que um arrepio percorra todo seu corpo.

Caminham agora, de braços dados pela Praça San Marco, em direção ao Grande Canal e o mundo de Belle começa a entrar em colapso. É como se ela tivesse perdido completamente o senso de perspectiva, como se estivesse em pé à beira da laguna pronta para mergulhar, em meio a todos aqueles prédios que pareciam verdadeiras joias coloridas.

— Você aceita um café? — Santos pergunta a ela. — Ou talvez você prefira uma taça de vinho em minha taverna favorita...

Ele está sorrindo para ela e a covinha profunda em seu queixo pede para ser tocada. Os olhos dela cruzam novamente com os dele e ela nota que agora parecem ser da mesma cor das águas do canal, esverdeados como jade. Decide-se pelo café, para manter um pouco sua compostura, embora não consiga esconder o brilho de interesse em seus olhos.

Caminham juntos para o Caffè Florian, embora ela esteja completamente consciente sobre o risco dessa escolha: ali é um dos lugares em que seu marido e seus sócios e parceiros costumam se encontrar para tratar de negócios. Mas ele está roncando em casa agora, o que a deixa a salvo. A praça está silenciosa a esta hora. Além disso, não é Louise quem está ali, é Belle; Belle livre como um pássaro-preto.

É um dia tão lindo para passear, o campanário e a basílica atrás dela, e toda a sua atenção voltada para Santos Devine e seus olhos incrivelmente azuis.

— De onde você é, Belle? — Santos pergunta a ela, mexendo o café em sua xícara com apuro, como se fosse um duque.

— Como assim? Sou de Veneza — ela quase se ofende. — Vivo aqui.

— Ah, sim, sei disso, mas você não é italiana. — Ele inclina a cabeça para o lado. — Seu italiano é excelente, o que me faz pensar que você está aqui há muitos anos; mesmo assim dá para perceber que não é seu idioma natal.

Ela olha para ele com curiosidade, nunca ninguém tinha se interessado por ela tanto assim, desde que tinha se mudado para a cidade. Nem o Russo.

— Sou de Varsóvia — ela revelou, olhando para baixo, para sua xícara de café.

— Ah, você é do trágico reino da Polônia!

— Não era Polônia. Quando eu nasci, ainda era parte do Império — ela ressalva antes de tomar um gole do café. — Por que trágico?

— Pobre Polônia — diz Santos. — Sempre presa entre dois grandalhões briguentos.

— Quer dizer Rússia e Alemanha?

— Exatamente — Santos concorda com a cabeça. — Então você e eu somos de lugares muito diferentes — ele continua. — Somos opostos em um certo sentido, nasci na beirada da Europa Ocidental. Minha alma pertence ao Atlântico, às suas ondas grandes, à sua liberdade e vastidão.

— E eu sou o que então?

— Você é tão profunda quanto o solo duro da Polônia, tão discreta quanto suas florestas e vive cercada por todos os lados. Você está presa, como a Polônia.

Ela chacoalha a cabeça, repentinamente furiosa com ele.

— Não, eu não estou presa! — Ela coloca a xícara sobre o pires com tanta força que a quebra.

O que resta de seu café escuro escorre para a toalha na mesa. Belle leva a mão à frente da boca, completamente surpresa com o que acaba de fazer, enquanto um garçom se aproxima rapidamente para limpar a bagunça. Ela começa a se desculpar pelo acidente, mas Santos permanece em silêncio, olhando para ela, como que a avaliando. Apesar da atração que sente por ele, quer odiá-lo, porque ele é intrusivo, xereta e condescendente. “Mas exatamente por que quer tentar odiá-lo, Belle?”, pergunta-se, agora como Louise. “Porque ele tem razão?”

Assim que o garçom se retira, depois de ter limpado a mesa e providenciado outra xícara de café, Santos começa a falar.

— Desculpe-me se a ofendi, Belle — ele fala com ela em polonês.

Ela fica tão surpresa ao ouvir seu idioma natal, depois de todos aqueles anos, que a emoção bate fundo em seu peito.

— Você conhece a Polônia? — pergunta, morrendo de curiosidade para saber como ele aprendeu polonês.

— Sim, claro — ele responde. — Tive o desprazer de testemunhar a invasão e a retirada do exército russo de lá em 1915, bem como o tratamento que ofereceram aos seus compatriotas e à sua terra.

1915, o ano em que seu pai havia morrido e ela, casado.

— Havia muitos refugiados da guerra em Varsóvia — ela disse num fio de voz. — Quando os russos deixaram o país, queimaram tudo no caminho. Vilas inteiras, casas, florestas, o solo... Deixaram para trás uma terra inabitável.

Ela vê sua imagem refletida nas janelas do Caffè Florian. Quem imaginaria que a sofisticada senhora de Veneza já tinha sido uma pobre polaca refugiada de guerra? Ela era a filha única de um médico de Varsóvia, que amava a esposa acima de todas as coisas. Seus pais se amaram muito, ela se lembra da devoção que um tinha pelo outro, mesmo no fim. Belle gira a aliança em seu dedo, enquanto se lembra de tudo por que tinha passado e surpreende-se de ainda a estar usando. Normalmente, ela a tira quando está na pele de seu alter ego, mas tinha saído com tanta pressa de casa para o sol e a liberdade que nem se lembrou

disso. Agora, percebe que toda sua liberdade é de mentira. Santos está certo, ela é exatamente como sua terra natal, cercada por todos os lados.

— Belle...

Ela o encara e vê que ele a está olhando também, com seu olhar intenso. Ele pega um lenço do bolso da camisa e o oferece. Só então ela se dá conta de que está chorando, as lágrimas escorrendo pelas bochechas. Antes de enxugá-las, sente o cheiro de cravo e menta do tecido.

— Você tem o mar em sua alma — Santos diz, com os olhos brilhando para ela. — Permita-me libertá-la.

Ela o encara com esperança, imaginando se ele dizia a mesma coisa para todas as mulheres casadas que encontrava em suas viagens. Mas não importava se fosse isso, ela mesma já tinha dado passos enormes para se libertar do confinamento de seu casamento. Não importavam as razões de Santos, tudo o que queria era que ele a tocasse. Sente no calor do corpo a necessidade enquanto segura com força o lenço nas mãos enluvadas.

Os dois deixam o café e caminham de volta para a Praça San Marco. Está ficando realmente tarde e ela sabe que o jantar de seu marido está se aproximando, mas só pensa em ficar com Santos. O braço dele enganchado no dela é natural, nem um pouco inapropriado. Sua proximidade a excita, especialmente quando seus corpos roçam enquanto os passos determinam o ritmo de seus corações.

Param no Grande Canal e ficam olhando os barcos flutuando ao sabor do mar. Ela se perde nas cores dos prédios da outra margem. Pensa que exibem o espectro completo de suas próprias emoções neste momento, em que ela está em pé ao lado do homem de seus sonhos: o vermelho da sua paixão, o creme da sua ingenuidade, a cor de vinho da sua espontaneidade, o pêssego do carinho que ela desejava compartilhar e até o verde pálido da melancolia que lançava sombras ao destino deles.

— O que você quer fazer agora, Belle? — ele pergunta, colocando suas mãos nos bolsos e olhando para ela.

Era como se ele estivesse colocando palavras em sua boca, como se ele a tivesse enfeitiçado.

— Quero levá-lo para casa comigo — ela responde sem nem ousar olhar para ele.

— Ah! — ele diz levantando o rosto dela para que o encarasse, traçando delicadamente o contorno de seu rosto com o dedo e o colocando sobre os lábios dela. — Acho que hoje não vai ser possível, Belle Graúna. Tenho outro compromisso que já estava agendado, mas nós vamos nos encontrar novamente.

Belle tenta disfarçar seu desapontamento com a rejeição dele, mas não

consegue evitar que seus olhos se encham de água, desta vez de vergonha. Ele levanta seu rosto novamente.

— Querida, não fique triste, tenha um pouco de paciência. Não tenha tanta pressa de voar assim alto tão rapidamente.

Ele tira o dedo dos lábios dela, inclina-se e a beija com ternura. Ela retribuiu o beijo com sofreguidão, faminta por ele, esperando que ele fosse mudar de ideia, mas depois de alguns momentos, ele se afasta, batendo gentilmente em seu ombro.

— Eu vou encontrar você, Belle — ele a reconforta antes de partir. — Confie em mim.

Ela o vê desaparecer entre as pessoas na Praça San Marco e não entende como pode estar tão aborrecida com a rejeição dele, ou por que isso importa tanto para ela. Afinal, os dois acabaram de se conhecer.

Tenta se lembrar de que ele a havia insultado e sido extremamente prepotente quando sugeriu que estava presa. Também a fez se lembrar de seu passado na Polônia. É um predador, caçando mulheres casadas e vulneráveis. É um homem perverso.

Quando se vira para caminhar de volta para casa, sabe que o que pensou não é verdade. Ele disse que ia encontrá-la e pediu que confiasse nele. Por alguma razão misteriosa, ela confia. Sabe que pode confiar. Uma pequena semente de esperança foi plantada em sua alma e isso a manteria resiliente e forte para suportar a surra de cinto que seu marido lhe daria por ter chegado tarde em casa.

Ela é uma mulher completamente diferente naquela noite e passa boa parte do tempo conversando com seus convidados, ainda que nem saiba exatamente o que está dizendo. As palavras jorram de sua boca sem controle, mas ninguém nota. Prova o jantar sem ter a menor ideia do que está comendo. Ao menos aparentemente, os convidados estão achando tudo muito saboroso. Belle não sente o gosto nem o sabor dos pratos que são servidos. Usa um vestido justo, mas não sente as marcas vermelhas das cintadas nas suas costas, mesmo quando se apoia no espaldar da cadeira em frente à mesa de jantar. Durante todo o tempo, segura em sua mão o lenço que Santos lhe deu, molhado com suas lágrimas. Mais tarde, quando seu marido começar mais uma de suas sessões de estupro na tentativa de conseguir um herdeiro, ela não vai se importar ou reparar quando ele gozar. Logo que ele dormir, vai abrir as mãos e encontrar o lenço, como se fosse uma flor flutuando na água, nas ondas de seu desejo. Levará o lenço até o rosto e sentirá o cheiro do tecido, fechando os olhos para se lembrar do marinheiro.

“Ele falou em polonês comigo.”

E foi como ele ganhou seu coração. Ela está apaixonada, apesar de tudo ao seu redor estar desmoronando e morrendo. Tudo foi um sonho ruim, sua vida e seu casamento com o *signor* Brzezinski. Ela começa a acordar agora. É Belle, esperando Santos vir resgatá-la finalmente.

Valentina

— VOCÊ ESTÁ INTERESSANTÍSSIMA, querida — Marco diz para Valentina quando ela encontra seus amigos no bar Magenta.

Gaby a mede de alto a baixo, aprovando sua aparência sensual com um sorriso.

— Uau! Você está linda mesmo, Valentina. Fazia muito tempo que não a via tão bem-vestida assim.

— É, desde que Théo se mudou para sua casa! — Antonella se junta ao coro de elogios.

Valentina avalia a informação dos amigos e pensa em se defender, explicando que não mudou de propósito o jeito como ela se veste. Mas reconhece que Antonella tem razão. Ela se vestia com mais cuidado antes de Théo, mas nunca tinha realmente se preocupado em se vestir como uma *femme fatale* ou de maneira abertamente sexy, não tinha a personalidade certa nem a vontade para isso. Seus seios são pequenos e ela repudia completamente qualquer tipo de subterfúgio para aumentá-los, acha isso muito repugnante. Detesta quando encontra modelos magras e de seios falsos em suas sessões de fotos para as revistas. Para ela, ficam parecendo bonecas Barbie, artificiais, uma verdadeira piada de mau gosto, desproporcionais. Além disso, o peito dessas mulheres não era exatamente agradável ao toque. Pelo menos era o que Théo lhe dizia. E ele certamente tinha alguma experiência no assunto.

Às vezes, até gostava de variar e usar algo mais chamativo, que deixava mais corpo à mostra. Era um jeito que encontrava para mostrar um lado mais solto de sua personalidade, normalmente mais reservada. Ela também apelava para os modelos mais sensuais quando precisava de uma dose extra de coragem para realizar alguma tarefa, exatamente o tipo de incentivo que queria encontrar para sua excursão desta noite, diretamente para a sala Submundo de Veludo, onde se encontraria com Leonardo.

Foi com muito critério e um objetivo claro que invadiu novamente o guarda-roupa de sua mãe e pescou de dentro um modelo sensual, um ícone dos anos 1960. Ele assentava em seu corpo como uma luva: um macaquinho preto e curto, que deixava as pernas de fora e era fechado com um grande zíper na parte da frente. Combinou com um par de botas pretas e justas e completou o modelo

com um grande cinto branco e largo, que marcava sua cintura.

— Você às vezes é uma contradição completa — diz Marco enquanto ela se senta ao lado dele no banco de madeira. — Tão tímida às vezes e tão ousada ao mesmo tempo. — Ele aponta o dedo para ela, com um olhar divertido.

— Gosto de manter um pouco de mistério — ela responde, mantendo o rosto sério.

Marco a beija na bochecha.

— Que mulher maravilhosa você é. Se eu não jogasse do outro lado, estaria na minha lista com certeza, você sabe.

— Muito obrigada, Marco, este foi um dos melhores elogios que você me fez em toda a vida. — E o beija de volta, de leve, nos lábios.

Ninguém a entende tanto quanto Marco. Os dois são muito parecidos em vários sentidos, ambos muito pedantes sobre sua necessidade de viver como querem, sem censura ou julgamentos. São, em suma, espíritos livres e determinados. Ela suspeita que foi Marco quem mais se chocou com sua decisão de morar com Théo — além de sua mãe, é claro. Ela podia ver o espanto em seu rosto, mas, diferentemente de Gaby e Antonella, não fez perguntas, não questionou sua decisão nem perguntou por que ela decidiu seguir este caminho. Simplesmente aceitou. Sua presença sempre fazia com que Valentina se sentisse relaxada e segura, como se nada do que ela fizesse ou dissesse pudesse fazer com que ele deixasse de amá-la como amiga.

— Bem, acho que você é ainda mais misteriosa do que sua mãe famosa — disse Gaby, com um sorriso malicioso.

“Gaby sabe tudo sobre clandestinidade”, Valentina pensa com tristeza quando a amiga se levantou da mesa para pegar comida no bufê. Antonella se inclina sobre a mesa, agarrando as mãos de Valentina e a hipnotizando com seus os cílios postiços e as camadas largas de delineador que cobriam seus olhos.

— Então, onde é que você vai vestida assim nesta noite? É alguma festa? Posso ir junto?

Valentina se solta das garras da amiga e pega seu copo de Negroni para tomar um gole.

— Não, não há nenhuma festa e não, você não pode ir junto porque onde vou hoje é segredo — ela diz friamente, provando o gosto doce e amargo do *bitter* em sua boca.

Antonella bufa, cruzando os braços e fazendo com que seus seios fartos se dobrem por cima deles. Valentina fica imaginando em que sala Antonella se arriscaria a entrar... Atlântida ou Submundo de Veludo? Ou será que arriscaria entrar na Câmara Escura? Provavelmente em todas as três, uma em cada visita, se é que ela conhecia bem sua amiga.

— Por favor, Valentina, somos seus amigos, você pode contar tudo para a gente — ela pede com olhos grandes e lamuriosos.

Mas o pedido não funciona. Tudo o que ela consegue é um novo não.

— Ai, Valentina, você é muito enjoada!

— Não dê atenção a ela — interrompe Marco, pegando a azeitona de seu Martini e mordiscando-a. — Ela está de mau humor desde que o espanhol voltou para casa.

Ele se vira para Antonella, que faz uma careta de tristeza, evidentemente falsa, claro.

— Até parece que você não conhece nossa querida Valentina, Nella! Diferentemente de outras pessoas, *ela* sabe muito bem como guardar um segredo.

— Eu não sabia que não era para contar sobre seu novo namorado, Marco — ela se defende. — Como é que eu ia saber que ele não tinha saído do armário ainda? Era tão óbvio que ele não era hétero...

Marco vira os olhos.

— Talvez fosse óbvio para você, porque é ninfomaníaca!

— Quem é ninfomaníaca? — pergunta Gaby, que acabara de voltar do bufê, equilibrando pratos com porções variadas.

— Antonella, é claro! — Marco exclama, enquanto Antonella o empurra de seu lado da mesa. — Ei! Cuidado com a minha bebida!

— Ah, bom, isso não é exatamente uma novidade — Gaby completa, enquanto eles começam a experimentar os antepastos.

— Muito obrigada aos dois! — Antonella responde, mastigando de mau humor um pedaço de pimentão assado, mas seus olhos estão rindo e Valentina sabe que ela está muito longe de se sentir ofendida com os amigos.

— Onde está Théo? — Gaby pergunta de repente, com uma lasca de batata presa entre as unhas bem-feitas.

Valentina dá de ombros, tentando aparentar despreocupação.

— Fora.

— Onde?

— Eu não tenho a menor ideia — ela diz, tentando encerrar o assunto entre goles de sua bebida.

Pôde flagrar Antonella e Gaby trocando olhares entre si, como se elas soubessem algo que ela mesma não sabe. Mas, é claro, elas não sabem. São suas amigas e iriam contar a ela se soubessem de alguma coisa, certo?

— Fazendo a crítica de alguma *vernissage*, com certeza — Marco completou gentilmente, em seu socorro. — Você está deslumbrante, Valentina, é ele quem está perdendo.

Mais tarde, Valentina chega de bicicleta ao clube de Leonardo e imagina que deve parecer estranho vê-la chegar pedalando com suas roupas superdescoladas, mas não se importa, não quer ter de pegar outro táxi. Acenou para os amigos, despedindo-se deles na multidão. A lembrança de Antonella e Gaby trocando olhares ainda a incomodava, as duas não tinham o direito de ficar fazendo suposições. Antonella é completamente selvagem, ainda pior do que ela própria costumava ser. Valentina nunca a viu manter um relacionamento por mais de três semanas. Gaby, por outro lado, está envolvida em um tórrido caso com um homem casado. Elas deveriam saber quem Valentina era, uma mulher que se orgulhava em ser completamente independente. Talvez tenha ficado tão incomodada com os olhares porque reconhece que, no fundo, está mesmo morrendo de curiosidade e não consegue parar de imaginar onde Théo estaria.

Talvez ele seja um agente secreto, pensa divertida. Não, essa é uma ideia ridícula, que agente secreto escreve sobre arte moderna e adora passar as tardes de sábado ensolaradas percorrendo as lojas de antiguidade no Canal Navigli? Vai ver ele é um golpista... Essa ideia é ainda mais estúpida: Théo é a única pessoa que ela conhece que troca os cartões de estacionamento na hora certa para não atrasar nem um minuto. Outra possibilidade passa por sua cabeça: ela se lembra de uma modelo brasileira que lhe contou uma história quando as duas estavam fotografando em Cuba. A modelo contou que o pai tinha uma segunda família e, aparentemente, ela e a mãe só descobriram a vida secreta do pai no dia de seu enterro, quando a outra esposa e os filhos também apareceram para se despedir dele. Théo poderia estar vivendo uma vida dupla, ele poderia ter mulher e filhos escondidos em algum lugar. A ideia deixa Valentina doente. Ela não é possessiva, pode até aceitar a existência de uma esposa, mas filhos? A ideia de Théo ter filhos com outra pessoa a deixa muito perturbada. E por quê? Ela freia no semáforo da Via Carducci e um bonde passa à sua frente, fazendo tudo tremer. Ela percebe que sua apreensão está ligada a Francesco e sua esposa. E, claro, ao bebê, provavelmente uma criança agora, que sempre viria antes dela, caso tivessem seguido com o caso. Isso foi há quase dez anos e as memórias ainda a magoam.

Quando Valentina chega, é Leonardo e não Raquel quem a recebe. Sente-se feliz por vê-lo, sem entender exatamente por quê.

— Boa noite, Valentina! Você está linda.

— Você também está — ela devolve o elogio.

Ele está vestido de maneira mais casual nesta noite, com uma camisa verde que acentua o tom castanho de seus olhos e valoriza o jeans justo, caindo de modo displicente e provocante sobre seu quadril. Ela sente seu Armani espalhando-se por todo o *hall* também nesta noite.

— Então, como foi a sessão de fotos ontem? — ele pergunta.

— Bem... — ela diz, sem olhar para os seus olhos. — Não as tenho comigo ainda.

Sua série de fotos com Rosa e Célia tinha sido um sucesso, Valentina pensou. Muito eróticas e, ao mesmo tempo, lindas. A luz havia ficado perfeita, o reflexo nas paredes azuis do quarto tinha criado efeitos interessantes na pele delas, como se realmente estivessem debaixo d'água, como sugeria o nome da sala, Atlântida, e exatamente como em seu sonho. A última foto das duas, amarradas com a echarpe de seda, parecia uma imagem antiga de gêmeas atadas. Depois daquilo, Valentina não sabia exatamente o que tinha acontecido.

— Bem, deixe-me falar sobre quem você vai fotografar hoje à noite.

Os olhos dele escurecem enquanto fixa o olhar nela.

“Será que ele sabe? As garotas teriam contado para ele?”

— Ok! — Ela concorda, sentindo-se estranhamente intimidada enquanto mexe na alça da bolsa de suas câmeras.

— São dois amigos meus, Nicky e Anna. É um cenário de acorrentamento. Anna é uma *dominatrix*.

Ele a conduz pelo caminho escada abaixo, parando em frente à porta de couro do quarto Submundo de Veludo.

— Achei melhor que eles comessem, assim já estariam vestidos com suas roupas e em seus personagens. Você pode entrar discretamente e fazer algumas fotos, eles sabem que você vai chegar. Pediram para que não interfira, eles se sentem mais confortáveis dessa maneira.

— Tudo bem.

Será que ele ficou sabendo sobre sua “interferência” na noite passada com Célia e Rosa? Será que tinha violado alguma regra?

— Quando você tiver sido apresentada às inúmeras possibilidades de uma cena como essa, claro que pode criar seu próprio cenário... Talvez na próxima vez, o que acha?

Ele a olha de modo penetrante e, sem deixá-la responder, acrescenta:

— Imagino que você goste um pouco de teatralidade, tomando pela roupa que escolheu para hoje.

Enquanto os olhos dele passeiam abertamente pelo seu corpo, ela o imagina abrindo o zíper de seu macaquinho. Consegue manter o rosto impassível, mas não pode evitar que seus mamilos se retesem, marcando a roupa justa. Pelo

sorriso de Leonardo, ele também notou esta sutil mudança. Ela pensa se poderia acontecer alguma coisa entre eles, antes de se virar para abrir a porta um pouco e espiar dentro da sala. Ele se volta para ela e coloca o dedo nos lábios, indicando que ela deve entrar em silêncio. Ela se espreme um pouco para passar entre ele e a porta, tomando consciência de suas pernas fortes quando seu corpo roça contra o dele.

— Não se preocupe, Valentina — ele sussurra — não usamos tortura extrema aqui.

Ela hesita. Qual é a diferença entre tortura extrema e tortura normal? O que vai testemunhar nessa sala? Seria algo que a deixaria apavorada? Enojada? Ou, ainda pior, será que ela iria ficar excitada com o que encontrasse ali? É tarde demais para desistir. Ela sente Leonardo a incentivando a entrar logo. Terá de aguentar o que quer que esteja do outro lado da porta.

O quarto Submundo de Veludo parece maior do que da última vez e também mais escuro. A maioria das luzes está muito fraca e a sala, repleta de sombras. Ela aguarda que seus olhos se acostumem e começa a mexer nas configurações de sua câmera, quase com medo de olhar para as duas figuras que estão num canto do quarto. Um *spot* é ligado de repente e ilumina a cruz de madeira que ela viu no outro dia. Há um homem preso a ela, seu rosto escondido em uma máscara de couro que tem apenas um buraco para sua boca. Em frente ao homem e de costas para ela, uma mulher muito alta está vestida com uma roupa impressionante de *dominatrix*. A parte de baixo de seu corpo está nua, à parte de uma espécie de armadura que ela usa na frente de uma de suas coxas. Ela veste um peitoral que cobre apenas um lado do seu torso, deixando um seio completamente à mostra, e um cinto que circula sua cintura, descendo para a virilha, passando entre as pernas e subindo até o cóccix, onde era abotoado por um pequeno botão de couro. Suas nádegas estão completamente nuas. Os cabelos são escuros e estão amarrados em um rabo de cavalo no alto de sua cabeça, o que lhe dá a aparência de uma rainha pirata fetichista do futuro.

A *dominatrix* segura um chicote na mão e o estala no chão, fazendo com que o homem se encolha. Como alguém pode achar isso erótico? Para Valentina, a cena toda é um pouco clichê. É uma coletânea de todos os estereótipos que já havia visto sobre sadomasoquismo. Bem, está ali agora, testemunhando aquelas duas pessoas em sua fantasia privada. Ela tentaria fazer o seu melhor para conseguir alguma coisa ali, mas sabia que não seria fácil. Respirando fundo, passou por trás da mulher, Anna, e se agachou entre os dois, usando o fotômetro para ver quais as reais condições de luz ali. Para sua surpresa, Anna olha diretamente para ela, com suas bochechas largas e os olhos amendoados, e dá um grande sorriso, que a faz lembrar do gato de *Alice no País das Maravilhas*.

— Seja bem-vinda!

Valentina olha para ela em choque. Leonardo havia dito que ela não deveria interferir nem interagir com os sujeitos da cena, então por que Anna está falando com ela?

A mulher parece uma amazona e chicoteia as costas do homem com habilidade.

— Temos uma convidada — ela avisa seu parceiro com a voz gelada, sem emoção. — Ela está aqui para testemunhar sua punição e sua humilhação.

Nicky não responde nada, mas Valentina repara que ele tem uma imensa ereção. Ela se pergunta se Théo acharia erótico ser amarrado por uma *dominatrix*.

Anna deixa o chicote cair no chão e marcha em direção a Nicky, segurando algo em suas mãos, mas Valentina não consegue ver exatamente o quê. A *dominatrix* se inclina para ele e lambe o seu peito. Em seguida, pega duas pinças e as prende aos mamilos dele. Valentina percebe que ele fecha os olhos com a dor.

— Hoje, Nicky, porque temos uma convidada, vou ser muito boa para você — diz a amazona, abaixando-se e esfregando o pênis dele contra o seio que está à mostra. Ela o coloca então na boca, mas continua a acariciá-lo com as mãos. Valentina continua a fazer fotos, é a única coisa que a impede de sair correndo daquela sala. Ela se sente como uma *voyeuse*; isto não deveria ser algo privado, íntimo? Mas Leonardo queria que ela registrasse o que realmente acontecia naquele universo e, afinal, não era tão ruim assim, era? Apesar de estar amarrado, Nicky está sendo acariciado e não machucado, certo? Neste exato momento, quando ela ouve Nicky respirar mais pesado com as carícias em seu corpo, Anna para de chupá-lo e se afasta dele, limpando a boca ostensivamente.

— Bem, chega disso agora — ela diz, piscando para Valentina. — Lembre-se de que você é meu escravo e não o contrário.

Ela pega o chicote novamente e, antes que Valentina tenha tempo para pensar no que aconteceria, estala-o e chicoteia Nicky novamente. Ele geme, dá um grito abafado. “Hum, isso não é tão interessante”, Valentina pensa, sentindo-se desconfortável. Anna o chicoteia mais uma vez, a ponta do chicote passando muito perto de seu pênis agora. Valentina acha que vai desmaiar. Como alguém pode sentir prazer naquilo? Para sua surpresa, Nicky está ainda mais excitado e começa a arfar, quase chegando ao orgasmo.

— Isso mesmo, aguento seu castigo como um homem — aprova Anna.

Ela o chicoteia ainda mais uma vez. Marcas vermelhas começam a aparecer em sua pele. Não, não, Valentina não gosta nada disso. Pega a câmera e começa a caminhar para o fundo do quarto. Anna a segura, enfiando suas unhas afiadas

em sua carne.

— Qual o problema? — ela pergunta com um brilho malvado no olhar. — Muito forte para você?

— Não, não é isso. Acho que já tenho fotos o suficiente. A luz não está muito boa aqui.

Anna olha para ela e provoca.

— Sei, sei... Quem você preferia ser? Eu ou ele?

Valentina não responde e tenta se soltar.

— Ah, sim, a palavra submissa está escrita na sua testa. Não gosta de ver um homem assim, gosta? Bem, minha querida, é pior do outro jeito, você não acha?

* * *

Valentina aterrissa no *hall*, no lado de fora do quarto, agarrada à sua câmera. Ela está agachada no chão, tentando se acalmar, mas detesta tudo o que viu ali, ela se sentiu mal de ver Anna machucando Nicky daquela maneira. E, ainda assim, sabe que a mulher tem razão. Encosta os joelhos no queixo e respira profundamente, enquanto olha atentamente para a porta da Câmara Escura, onde vê seu reflexo distorcido no metal. Parece uma menininha fugindo do lobo mau. “O que será que acontece ali?”

— Valentina, você está bem? — Leonardo aparece, parado no último degrau, olhando para seu rosto.

Ela se recompõe e se levanta.

— Sim, estou bem, só precisei de um pouco de ar.

A mentira é transparente e perceptível, mas ele não questiona.

— Sinto muito — ele diz, parecendo realmente querer se desculpar. — Talvez isso tenha ido um pouco além de seus limites?

— Sim... — responde com honestidade. — Acho que sim.

Ele oferece a mão para ela.

— Venha, vamos tomar algo, você vai se sentir melhor.

Ela não oferece nenhuma resistência e deixa que ele a conduza escada cima, para seu escritório, branco e estéril. Ele abre um armário atrás da escrivaninha, pega uma garrafa de vinho tinto e duas taças.

— Tenho uma garrafa boa de Ripasso aqui — ele diz suavemente. — E tenho esperado alguém com quem a dividir.

Valentina coloca sua câmera na mesa dele e se senta no sofá cor de creme, ainda se sentindo um pouco tola. Aceita agradecida a taça que ele oferece e toma um gole. O vinho é rico e encorpado, faz com que se sinta melhor quase imediatamente. Leonardo circula pelo quarto, com a taça de vinho nas mãos,

antes de se sentar em sua mesa e olhar para ela. Ficam em silêncio por alguns minutos.

— Você parece estar melhor agora — ele comenta. — Mas estava branca como cera há pouco.

— Obrigada pelo vinho — ela responde, tomando outro gole. — Desculpe-me — ela acrescenta—, não sabia que eu era uma verdadeira peso-leve.

— Eu não diria isso. Pelo menos não é a opinião de Rosa e Célia.

Valentina sente o rosto queimar de vergonha. O que aconteceu com a discrição? Ela queria saber qual das duas tinha feito a fofoca.

Leonardo sorri para ela, os olhos apertados em ironia.

— Célia é uma amiga antiga — ele oferece uma explicação, como se estivesse lendo os pensamentos dela. — Gostou da experiência? — ele pergunta com gentileza.

Valentina olha para os olhos dele. Vê que não perguntou por questões morais ou recato, mas porque está interessado, como se ele realmente se importasse se ela aproveitou ou não.

— Foi divertido — responde, imitando sem querer as palavras de Théo no e-mail.

Leonardo levanta as sobrancelhas, como quem esperava que ela dissesse mais.

— Bem, é muito erótico — ela começa devagar. — E me levou a algum lugar secreto dentro de mim... — ela hesita. — É um pouco confuso.

— Como? — Leonardo pergunta, investigando mais, como quem quer absorver cada uma de suas palavras.

— Bem, eu não esperava ficar tão excitada com mulheres. Quer dizer, agora eu sou gay, bissexual?

Leonardo suspira, olhando-a diretamente nos olhos.

— Como eu detesto esses rótulos! Heterossexual, homossexual, bissexual, assexuado, sádico, masoquista... — ele lista contando as categorias em seus dedos, pausando por um momento. — Narcisista... — As últimas palavras ecoam no ar entre os dois.

Ele se levanta e se junta a ela no sofá. Está tão próximo que ela consegue ver os pelos negros de seu peito do alto de sua camisa de seda verde-escura.

— Acho difícil definir a sexualidade de uma pessoa com apenas uma palavra. Nossa sexualidade é multifacetada, muda constantemente e evolui. Pode ser a fonte de grande alegria e também uma maneira de encenarmos nossos maiores medos.

— Então não sou uma coisa nem outra? Quer dizer que transei com duas mulheres... — dizer aquilo alto deixava tudo ainda mais irreal para ela do que a memória de ter realmente transado com Rosa e Célia — e não mudei?

— Bem, é claro que isso muda você. — Leonardo se inclina para a frente e olha diretamente para ela, a ponto de permitir que ela sinta seu hálito quando ele fala. — O sexo nos ajuda a purificar, a nos tornar novos outra vez. Sexo pode ser a comunicação mais pura e inocente entre duas almas e, ao mesmo tempo, a mais escura e abusiva interação humana.

Ele se inclina para trás, mantendo sua taça de vinho nas mãos, seus olhos brilhando tanto que Valentina o acha parecido com algum tipo de profeta idealista, e não o dono de um clube de sadomasoquismo.

— O que temos de fazer aqui é aprender nossas lições sobre confiança. Meus clientes vêm aqui por muitas razões. Alguns deles, Valentina, amam suas esposas, mas vêm aqui para fazer sexo com completas desconhecidas, assim podem voltar às camas de suas mulheres com energia nova e liberada.

— Não acredita nisso de verdade, acredita? — Valentina pergunta, zangada. — Isso tudo é uma grande bobagem. Você só está dando às pessoas uma desculpa para que possam trair seus parceiros.

— Qual é o melhor relacionamento? — Leonardo pergunta com a cabeça inclinada para o lado. — Não é melhor ser honesto consigo mesmo e admitir que ninguém é de ninguém? O que mata o amor não é a infidelidade, e sim o ciúme.

Enquanto o ouvia falar, percebeu que as palavras dele poderiam perfeitamente ser suas. Ela concordava com ele, mas odiava mentiras e trapagens.

— Acho que pode funcionar se ambas as partes concordarem, mas não acho razoável alguém enganar ou ser enganado.

— Claro que não, Valentina. Também acredito em honestidade.

Ele se levanta e pega a garrafa de vinho para encher as taças novamente.

— Agora — ele diz devagar —, voltando a esta noite. Conseguiu fazer algumas fotos de Anna e Nicky?

Um olhar de desculpas começa a responder à pergunta dele.

— Uma ou duas, mas achei tudo aquilo... — Ela luta para encontrar as palavras certas, não quer parecer preconceituosa. — Não era muito sexy, eu não consegui encontrar erotismo na cena.

— Obviamente você não é uma *dominatrix*, desculpe-me pelo rótulo. — Ele ri para ela, o que a ajudou a relaxar um pouco. Ele não vai fazer com que ela volte lá para dentro, graças a Deus. — Se fosse, teria achado o que Anna estava fazendo absurdamente sexy.

— Entendo, mas o fato é que eu não achei nem um pouco excitante, por isso vai ser muito difícil criar fotos eróticas...

— Você precisa encontrar o sujeito erótico da cena, não importa quão pouco atraente seja — ele a interrompe, parecendo pensativo. — Eu entendo perfeitamente.

Leonardo rodeia a borda de sua taça com o dedo e ela nota que é um dedo longo, elegante, quase aristocrático, e imagina como seria sentir o toque dele em sua pele. Ah, o que ela está fazendo? Em que está pensando? Droga, tem de manter aquilo em um nível estritamente profissional. Será que este é o resultado de estar separada de Théo? Estar confusa e frustrada?

— Talvez eu deva explicar para você o que é o sadomasoquismo realmente. Você acha que ajudaria?

Valentina concorda, tentando banir todos os pensamentos de luxúria de sua cabeça, o que no momento pode ser um pouco difícil devido ao tema da conversa.

— Ser dominante não é tão ruim quanto parece. Acho que os dominantes entre nós conseguiram encontrar uma saída adequada para seus instintos naturais neste ambiente controlado. Alguns de nós podem ser agressivos e abusivos em nosso dia a dia. — Ele faz uma pausa tentando ver se ela o está acompanhando.

Valentina imagina Leonardo como o personagem que está descrevendo, dominando, bravo, arrancando a camisa com as mãos, devorando-a ali mesmo no sofá creme de seu escritório impecável. Ela fica corada com a imagem em sua cabeça e olha para baixo, para sua taça de vinho.

— É quase uma forma de terapia, Valentina. E é muito corajoso e honesto alguém admitir que possui esses instintos.

Ela dá um gole no vinho e procura o olhar dele.

— Mas e os submissos? Não é um sentimento destrutivo, especialmente para mulheres? — Volta os olhos para seu copo novamente, olhando para ele através dos cílios.

Por que tinha escolhido o macaquinho provocante para aquela noite?

— De maneira alguma. Muitas mulheres querem parecer submissas porque isso tem a ver diretamente com a sua vaidade: elas são o centro das atenções, é uma escolha extremamente egocêntrica, na verdade — Leonardo explica com entusiasmo.

Ela acha atraente a ideia de vê-lo em ação, como se ele fosse o professor, conduzindo-a por todas aquelas novas experiências.

— Quando seu dominador faz algo a você, vem uma sensação purificadora — ele continua. — A submissão está relacionada à confiança, uma mulher submissa normalmente está entrando em contato com algum lado secreto de si mesma.

Valentina arqueia as sobrancelhas, olhando para ele em dúvida, mas decide não comentar nada.

— O que a atrai, Valentina? Dominar ou ser submissa?

Ela o olha diretamente no rosto.

— Nenhuma das opções.

— Seja honesta, tenho sido honesto com você. Estamos falando agora sobre uma escolha, não sobre algo que você vai ser forçada a fazer. Estamos falando sobre escolher ter coisas feitas em você, em seu corpo, ou fazer essas coisas em alguém, que tenha dado consentimento.

Valentina toma outro gole de seu vinho e percebe os efeitos da primeira taça começando a se manifestar. Talvez seja por isso que ela decide jogar toda a cautela ao vento e responde a pergunta de Leonardo com toda honestidade de que é capaz.

— Acho que escolheria a submissão — ela desvia o olhar.

— Então — ele finalmente revela, sua voz mais baixa, mais profunda —, eu gosto de dominar. Se você fosse fazer uma foto minha com... Célia, por exemplo, acharia a cena erótica.

Ela não tem certeza se ele está perguntando ou afirmando, então olha para ele e vê que seus olhos mudaram de cor, estão com o tom de uma obsidiana, nenhum pingo da cor marrom. Sente seu estômago doer de tão apertado, preferia mil vezes que fosse Théo quem estivesse sentado ali fazendo a mesma proposta, mas ela tem de admitir que se sente atraída por Leonardo. Uma parte dela está morrendo de vontade de que este homem a toque.

Ele lembra Théo, com sua graciosidade fácil e sensual, mas, ao mesmo tempo, os dois são completamente diferentes. Leonardo não quer que ela seja sua namorada nem tem interesse em ser seu dono, nem ao menos da menor parte dela. Mas percebe, pelo jeito como ele a olha, que adoraria dormir com ela. Se ela deixasse algo acontecer agora, ali mesmo, sobre o sofá cor de creme; se ela o deixasse abrir o zíper de seu macaquinho e fazer o que desejasse com ela ali, contaria para Théo? Sim, com certeza contaria, assim ele entenderia de uma vez por todas que ela não é o tipo de mulher para estar em um relacionamento sério.

— Deixe-me pensar um pouco sobre essa ideia — ela diz, querendo parecer profissional, indiferente, ainda que seu pulso tenha se acelerado um pouco. Célia, a submissa, e Leonardo, o dominante, juntos no quarto Submundo de Veludo. Onde ela se encaixaria naquela cena? Como uma testemunha ou parte ativa?

* * *

É um alívio estar do lado de fora do clube outra vez, pedalando sua bicicleta pelas ruas de Milão e escutando Lou Reed em seu iPod. Uma parte dela ainda não tinha aceitado completamente esse trabalho. Será que tinha dado um passo maior do que as pernas ao concordar em fazê-lo? Ao mesmo tempo, achava toda aquela experiência extremamente reveladora, suas fantasias estavam

encontrando uma maneira de se tornar reais. Ela ouve Lou Reed encorajando-a a explorar seu lado escuro.

E Théo? Se ela concordasse em fazer fotos de Célia e Leonardo, o que ele pensaria dela? Porque ela sabe, no fundo, que não vai apenas fazer fotos.

Passa da meia-noite quando Valentina chega a sua casa. Empurra sua bicicleta até a frente do bloco onde fica seu apartamento, mas não repara na pessoa encostada na sua porta até que tenha pegado as chaves para abri-la.

— Senhorita Rosselli?

Ela dá um passo para trás com o susto e assume uma postura agressiva imediatamente, colocando as chaves entre seus dedos, transformando-as em uma arma.

— Quem é você?

O homem sai das sombras, e a luz da rua ilumina seu rosto. Parece ter uns 50 anos, a cabeça coberta por cabelos grisalhos que envolvem um rosto cansado. É o mesmo homem que a observou saindo de táxi na primeira noite em que esteve no clube.

— Desculpe-me se a assustei — ele diz. — Meu nome é Garelli. Inspetor Garelli. — Ele mostra a ela um distintivo. — Sei que é muito tarde, senhorita, mas preciso fazer algumas perguntas sobre seu companheiro Théo Steen.

— Há alguma coisa errada?

— Não, não. São apenas perguntas de rotina — ele explica, sem convencer. — Posso entrar?

Valentina não pensa duas vezes, não vai deixar um completo desconhecido, ainda que seja um policial, entrar em seu apartamento àquela hora da noite.

— Agora não. É realmente muito tarde e estou exausta. Por que não me liga amanhã? — Ela não se importa se parece rude, algo diz a ela para não deixar que este homem entre em sua casa.

— Está bem, então. — Ele parece surpreso, mas aceita a decisão dela sem insistir. Ele nem tem uma intimação. — Só quero perguntar à senhorita onde está o *signor* Steen.

— Eu não faço a menor ideia — ela responde imediatamente.

— Claro que sabe, *signorina*. Que namorado que viaja sem dizer à sua namorada aonde vai?

— Ele não é meu namorado, inspetor! — Valentina retruca antes de entrar em seu apartamento e bater a porta na cara do policial.

Ela se encosta na porta, recuperando a respiração. Esse inspetor a deixou furiosa, seu corpo está tenso de frustração.

“Merda, Théo!”

Tudo o que não quer é ser misturada com a vida particular dele, não quer ter de se importar. Ao entrar em casa, conecta o iPod aos alto-falantes, coloca Lou Reed bem alto e começa a dançar. Em um momento ela é Célia, a submissa; depois, Anna, a *dominatrix*. Torna a ser ela mesma, apaixonada; e depois, ela mesma, lutando contra o amor. Quente como gelo e fria como fogo.

Belle

ELA ESPERA UM, DOIS, três dias, uma semana inteira... e nada. O seu marinheiro não voltou para resgatá-la. Passa todo o tempo que pode em seu apartamento, sentada em sua pequena varanda, olhando o canal estreito logo abaixo. Um assobio, o som de um remo revolvendo a água, um chapéu de marinheiro, qualquer coisa faz seu coração disparar com esperança, mas nunca é ele. Santos Devine desapareceu nos canais tortuosos de Veneza, preocupado em trocar sua seda por cristal de Murano, ou quiçá envolveu-se em alguma outra aventura que tenha achado mais interessante, mais excitante do que ela.

Belle tenta fazer o melhor que pode para não se importar, para tentar esquecê-lo, mas não consegue. Todas as noites, antes de dormir, seu rosto brincalhão assoma sua imaginação. No fundo, sabe que isso significa apenas más notícias para ela. Ele não é atencioso como o Doutor, não tem um coração grande como Igor nem é gentil como o *signor* R. Ela sabe que, para Santos Devine, ela é apenas mais uma mulher bonita em algum porto. Ainda assim, não consegue se livrar da esperança de que ele encontre nela alguma coisa que vinha procurando por toda a vida, exatamente como ela encontrou nele.

Seus clientes não conseguem distraí-la, não é mais a mesma coisa. Pensa em voltar a circular pela Ponte di Rialto à noite e pegar desconhecidos para seu prazer, talvez dois ao mesmo tempo, como na noite em que encontrou o primeiro-oficial e o capitão. Mas, assim que ganha as ruas, se dá conta de que está procurando o rosto de Santos na multidão. Quando finalmente encontra um cliente, não se satisfaz. Volta para casa ainda mais frustrada do que antes, caminhando, aborrecida, a luz das primeiras horas da manhã iluminando sua agonia. Volta para enfrentar a ira de seu marido. Ele diz a ela que não consegue mais controlá-la e isso é verdade. Até agora, ela esperava que ele viajasse para viver suas aventuras secretas, mas ele estava deixando a cidade com menos frequência e ela saía do mesmo jeito. Ele a ameaçava, dizia que iria trancá-la em casa. Ela gritava de volta com ele, que ele não podia tratá-la como um pássaro na gaiola. Então ele a espancava. Pina, a empregada, ficava parada, horrorizada com as cenas cada vez mais violentas.

Naquela manhã, ela o tinha enfurecido novamente. Confiante de que ele teria ferrado no sono depois de várias doses de uísque, Belle arriscou-se a noite toda pelas ruas. Quando chegou em casa, na ponta dos pés e os sapatos nas mãos, o

signor Brzezinski surgiu na escada, investindo sobre ela como um touro furioso. Ele não havia dormido e tinha esperado por ela a noite toda, ela sabia, porque estava vestido com seu paletó e ainda não tinha feito a barba.

Ela se prepara para os golpes e tenta não entrar em pânico. Seu marido levanta a mão e desfere um tapa forte no alto de seu rosto, que a faz voar pela sala, gritando de dor e tentando ficar em pé, mas ele a ataca novamente, desta vez dando um soco potente contra o peito dela. Ela fica sem ar, caindo novamente no chão. Sem dizer mais nada, ele cospe nela, enojado, e vai para o seu quarto.

Belle se levanta cambaleante e caminha desequilibrada. Tem os olhos cheios de lágrimas, mas de frustração — com a dor já há muito não se importava. No fundo, sabia que poderia ter sido muito pior.

Escuta uma batida gentil na porta. É Pina, sua empregada, que entra no quarto. O que ela estava fazendo acordada até esta hora? Pina está completamente vestida, apenas com os cabelos soltos, as horas de vigília estampada na face. Quando vê sua patroa, seus olhos se enchem de água.

— Por favor, madame — ela sussurra, como se fosse ela quem tivesse apanhado. — Por favor, não o irrite tanto assim.

— Ele não pode me manter prisioneira nesta casa, Pina. Vou morrer se não puder sair daqui, você sabe!

Pina a faz se sentar e arruma os cabelos dela para tentar esconder o ferimento que começa a sangrar em sua testa.

Mais tarde, enquanto o *signor* Brzezinski está ocupado com seus papéis, implora para que Louise não saia de casa naquele dia.

— Diga a ele que fui visitar a condessa — Louise pede.

— Ele vai saber que é mentira. Por favor, não vá, madame.

Louise toma as pequeninas mãos da empregada nas suas.

— É minha única esperança, Pina.

E, como Belle, sai, percorrendo o caminho para seu apartamento, cheia de esperança de que hoje será o dia em que vai encontrar Santos Devine, encostado contra a parede, ao lado de sua porta da frente, esperando por ela. Até agora, a cada dia, tudo o que conseguiu foi desapontar-se e pagar o alto preço da desobediência ao voltar para casa; tem a pele toda machucada, os ferimentos escondidos sob o vestido.

Hoje o Doutor foi visitá-la. Belle tenta entrar no clima, incorporar o espírito da fantasia, mas quando ele abre sua mala preta e exhibe os objetos médicos, ela não se sente nem assustada nem excitada. Na verdade, quer mesmo que ele use uma daquelas coisas hoje, quer que a machuque de verdade. Talvez assim a dor

que faz seu coração sangrar desapareça.

— E então, Belle — o Doutor começa seu ritual gentilmente, como sempre —, acho que você não vem se sentindo realmente bem ultimamente...

— Não, Doutor, realmente não me sinto bem — ela responde quase que mecanicamente.

— Muito bem, vou ajudá-la a se sentir melhor. Por favor, vire-se de costas.

Em vez de virar-se para que ele a vende, ela se levanta da cama, deixando que sua camisa de seda caia no chão, ficando completamente nua, a não ser por seu fino par de meias pretas. Ela se sente livre e aberta para tudo, como se pudesse caminhar assim pelas ruas da cidade, sem se importar com quem a vê ou com o que podem fazer com ela. Passa pelo Doutor e imagina o que ele está pensando sobre todos os seus ferimentos. Ele nunca viu tantos e tão graves. O rosto dele está pálido, parece ainda mais triste do que o normal. Belle se abaixa para pegar sua maleta de médico. O Doutor está parado ao lado dela, chocado demais para dizer alguma coisa. Ela quebrou o encanto de seus jogos, de sua fantasia. Coloca a mala sobre a cama e começa a vasculhar dentro dela. Pega uma tesoura de pontas curvas e entrega para ele.

— Doutor, por favor, faça com que eu me sinta melhor — ela pede, olhando nos olhos dele com ferocidade.

O Doutor pisca atrás de seus óculos. A força do olhar de Belle é tão grande que ele parece confuso. Finalmente, recupera sua compostura e incorpora seu personagem novamente.

— Sim, Belle, vou fazê-la se sentir melhor — ele finalmente diz, olhando para a tesoura nas mãos dela.

Ela mesma se venda e se deita na cama, esperando pelo contato frio da tesoura em sua pele.

— Por favor — ela implora —, faça a dor ir embora.

Ela percebe o Doutor se aproximando.

— Belle? — ele diz. — Qual o problema? O que está errado? — Sua voz está diferente, perdeu a firmeza.

— Doutor, por favor, corte fora meu coração. — Sua voz falseia.

Ela espera pela sensação do metal perfurando sua carne, do sangue se esvaindo de seu corpo e pela libertação que está esperando. Em vez disso, ele tira sua venda e se senta ao lado dela na cama, a tesoura em cima do criado-mudo.

— Belle, minha querida, o que há? — ele pergunta, acariciando seus cabelos com muita gentileza.

— Ah, Doutor... — Ela chora. — Estou apaixonada. — Começa a soluçar, encostando sua cabeça no peito nu dele.

O Doutor a segura pelos braços e, com tapinhas nas costas, a abraça até que a crise de choro melhore. Ela se afasta e olha para seus olhos cinzentos, que a lembram os de seu próprio pai.

— O que eu vou fazer?

— Ah, Belle. Sinto muito, mas eu não tenho a cura para o amor.

— Por favor, me diga o que fazer. — Ela se pendura nele. — Estou apaixonada, mas ele não aparece. Tenho esperado, esperado e esperado. — Ela junta as mãos com força. — Não suporto mais. Vou me jogar nas águas do canal, não posso mais voltar para casa sem vê-lo.

— Calma, Belle. — O Doutor fala com calma e sabedoria, afagando as costas dela. — Acalme-se um pouco, minha querida. Nada está perdido.

Ela olha para ele com esperança.

— O único remédio que eu tenho para o amor é o próprio amor. Por que você não vai atrás desse homem? Você é Belle, a famosa cortesã de Veneza, não pode deixar o amor derrotá-la desta maneira. — O Doutor dá uma palmadinha em seu traseiro nu. — Tenho certeza de que pode seduzi-lo, especialmente se você o ama.

— Mas onde vou encontrá-lo?

— Olhe e vai saber, querida. Veneza é pequena.

Ela fica tão grata a ele por suas palavras de encorajamento que o abraça. Os dois estão nus, mas aquele não é um abraço sensual, são apenas dois amigos se abraçando.

— Lamento muito, Doutor. Estraguei completamente o clima de hoje. Fui completamente egoísta — ela diz, olhando para baixo, se desculpando por seu comportamento. — Quer começar tudo de novo?

— Não, minha querida, está na hora de eu ir embora. — Ele afaga sua cabeça e a beija carinhosamente na testa. — Você é muito querida para mim, sabe disso.

O Doutor se levanta e pega sua camisa dobrada com cuidado de sua pilha de roupas em cima da cadeira.

— Você é uma mulher que merece ser bem tratada. Dói muito ver como seu marido não sabe ver isso.

Belle olha para seu próprio corpo e pesquisa as marcas roxas em suas suas coxas.

— Eu fui desobediente, mereci apanhar.

— Nenhuma mulher merece apanhar! — ele assevera, levantando o queixo dela e olhando-a nos olhos.

Meio sem jeito, ela se afasta do olhar dele. Tem vergonha por ele ter sentido pena dela. Por que não consegue ser mais cuidadosa com seu marido e evitar os confrontos que sempre terminam em violência? Nunca devia ter se casado, devia

ter se tornado uma dançarina, uma atriz, como as dos filmes de que tanto gosta. Poderia ter aprendido a dançar o *charleston*, chutando o ar com seus pés e se divertido um pouco... Mas sua criação em Varsóvia havia sido completamente diferente daquilo tudo, sem nenhum traço desse tipo de alegria e contentamento. Quando a guerra veio, só sobrou a morte.

Depois que o Doutor partiu, Belle se sentou na cama para pensar sobre sua situação. Ele estava certo, tinha de encontrar Santos. Será que ele a estava testando? Não sabia ao certo, mas tinha esperado por tempo demais para encontrar alguém como ele e agora não ia deixá-lo escapar assim, quase que por entre os dedos. Abre seu guarda-roupa e tira o traje de marinheiro de dentro dele. É hora de se transformar em um menino novamente e encontrar o homem que roubou seu coração.

Valentina

ELA SEGURA SUA CÂMERA nas mãos, sente-se protegida por ela como se tivesse um escudo, e mesmo assim não consegue tirar nenhuma foto. Vê, através da suave transparência do dossel, Célia deitada de costas na cama da sala Submundo de Veludo, os braços amarrados acima da cabeça e atados à cabeceira, seus olhos fechados, em êxtase, enquanto Leonardo está ajoelhado entre suas pernas, lambendo-a e acariciando-a, voraz como um leão. Valentina levanta a câmera para enquadrar o rosto dele e tenta se concentrar em capturar um bom momento, mas ela não consegue encontrar o foco. Não sabe o que a excita mais: se é o prazer de Célia, completamente disponível e receptivo, ou se é Leonardo, excitado por saber que é o responsável por fazer com que ela experimente todas aquelas sensações fortes e deliciosas. Célia então goza; Leonardo se senta sobre os calcanhares, sem deixar de acariciá-la, e solta as mãos da loura esguia da cama. Ela também se senta, sorrindo, satisfeita e relaxada.

Com cumplicidade, os dois olham para Valentina.

— Veja como cuido bem dela quando me obedece — Leonardo, com seus olhos marrons provocadores, finalmente diz.

Valentina sente que seu corpo inteiro está corando de excitação. A visão de Leonardo nu naquele cenário e do sexo com Célia a deixam extremamente consciente da sua presença naquele clube. O corpo dele é completamente diferente do de Théo. Não é tão esbelto nem alto, mas é mais musculoso e masculino.

— Por que você não deixa essa câmera de lado e se junta a nós? — Célia pergunta, enquanto estica as pernas em sua direção.

“Ela é perfeita”, Valentina pensa, “tão pura e fresca, como uma margarida”. Seria bom cheirá-la novamente, sentir a textura incrível de seus lábios macios em sua pele. Leonardo inclina sua cabeça para o lado e sorri para ela.

— Venha, Valentina. — Ele estende a mão para ela. — Não tenha medo, é o nosso presente para você.

Suas palavras ecoam em sua cabeça e a fazem pensar no presente de Théo, o álbum preto com as fotos eróticas, tiradas há muito tempo. Os seres humanos sempre fizeram esse tipo de coisa, ela pondera, sempre desfrutaram a poesia física do erotismo. Como algo tão prazeroso poderia ser errado?

Como se estivesse em transe, coloca a câmera de lado e caminha para a cama, quando se dá conta de que está completamente nua. Será que ela estava tirando fotos sem nenhuma roupa? Não sabe nem se importa. Sobe na cama incrivelmente alta devido aos vários colchões dispostos uns sobre os outros. Ela se lembra da fábula da princesa e a ervilha. Cortinas pesadas de veludo roxo emolduram a parede atrás dela, transformando a cama em um grande palco. Agora, Célia, Leonardo e ela são os atores principais.

— Deite-se! — Leonardo ordena.

Valentina obedece. Célia engatinha pela cama em sua direção e se inclina sobre ela, beijando-a, antes de deslizar por cima de seu corpo, acariciando-a e fazendo com que seus seios se toquem. Ela segue descendo e beijando cada centímetro de seu corpo, até chegar ao abdômen e sentir Valentina se inclinar para a frente, se oferecendo. Toca em seus pelos e desce as mãos por entre pernas dela, afastando-as gentilmente. Sem esperar, Valentina sente a hábil língua de Célia dentro dela e geme de prazer com o toque certo e faminto. Leonardo está deitado ao lado e acaricia o seu corpo, embalando-o no mesmo ritmo das lambidas de Célia.

Valentina mergulha cada vez mais profundamente dentro de si. Naquela sala que pulsa vermelho, se entrega a uma sensação tão rica e luxuriosa como a do veludo à sua volta.

A porta se abre e mais alguém entra no quarto, caminhando ao encontro deles. Atônita, vê Théo parado ao pé da cama, olhando para ela, sorrindo.

— Théo! — ela grita, ao mesmo tempo feliz ao vê-lo e apavorada, tentando se levantar.

Mas ele coloca o dedo nos lábios, pedindo que fique em silêncio, está excitado por vê-la transando com Célia e Leonardo. Théo tira as roupas. Tudo o que ela quer neste momento é poder tocá-lo e dar a ele o mesmo prazer que está sentindo. Ele sobe na cama, fazendo-a gemer e respirar mais aceleradamente só pela ansiedade de tê-lo dentro de si, de sentir suas mãos sobre seu corpo. Célia está tocando-a tão profundamente que ela está perto de gozar, mas agora tudo o que quer é seu amante. Théo segura Célia pela cintura e a afasta.

— Ah, Théo — Valentina extrai o nome dele das camadas mais profundas de seu desejo. Está queimando para tocá-lo de uma vez. “O que está acontecendo comigo?”

Enquanto isso, Célia se posiciona de quatro e olha diretamente para Valentina, que se choca quando percebe que não é com ela, mas com a loura esguia que Théo começa a transar. Olha para ele sem acreditar no que está acontecendo. E então entende. Em vez de ficar brava ou magoada, percebe o que ele quer. Ela se vira de costas para Leonardo que, sem titubear, a levanta da cama, deixando-a

também de quatro, olhando para o rosto de Théo, e então a penetra. Ela e Théo se movimentam no mesmo ritmo com seus parceiros, um de frente para o outro, olhando-se o tempo todo. Sente Leonardo inteiro nela e suspira de satisfação. É uma escolha extremamente íntima a deles, a de transar com outras pessoas enquanto observam o prazer estampado no rosto do outro. Quando estão só os dois, ela nunca consegue ver completamente o prazer dele, porque se perdem em suas próprias sensações. Mas, agora, consegue observar como cada nuance de prazer altera as feições dele e mobiliza sua respiração, como ele chega cada vez mais perto de gozar. Ela se estica para a frente, estendendo os braços na direção dele, e Théo faz o mesmo, um espelho perfeito. Eles dão as mãos sobre o corpo nu de Célia, com olhos presos um no outro, e gozam ao mesmo tempo. Os quatro despençam sobre a cama, os corpos ainda quentes e entrelaçados, uma confusão de pernas e braços engalfinhados nos muitos colchões daquela cama imensa. Eles afundam na cama, passando pelas camadas de colchões, pelo tapete alto sob a cama, pelo chão e cada vez mais para baixo, para baixo e para baixo, em direção à terra...

Valentina acorda enrolada em seus lençóis e os atira para os lados, sentindo muito calor. Percebe que seu corpo está banhado em suor. Joga as pernas para fora da cama, sentando-se e apoiando as mãos ao lado do corpo, seu corpo inteiro ainda pulsando com as sensações da noite passada, sua cabeça doendo com toda a confusão. Ela não entendia direito tudo o que havia acontecido. O que Théo estava fazendo no clube de Leonardo? Ele realmente tinha estado lá? Depois que tudo acabou, ele simplesmente foi embora sem trocar uma palavra com ela, sem dizer nada. Ficou tão abalada com tudo aquilo que Leonardo teve de chamar um táxi para levá-la de volta para casa. Tinha sido extremamente gentil, acariciando seu cabelo e se certificando de que ela realmente poderia seguir sozinha.

O que Théo estava fazendo lá? Tinha perguntado muitas e muitas vezes a Leonardo, mas o dono do clube se recusou a dar qualquer resposta para ela, limitando-se a pedir que ela fosse direto para a cama quando chegasse em casa. Esperava encontrar Théo esperando por ela no apartamento, pronto para fornecer todas as explicações que queria ouvir. Imaginava que aquela pudesse ser uma de suas fantasias, como as que encenavam quando se conheceram e que permitiam que se encontrassem e partissem separadamente, para manter a tensão sexual entre eles. Ao chegar em casa, no entanto, o apartamento estava completamente vazio, sem qualquer traço de que alguém tivesse estado ali além dela. Nada daquilo fazia sentido. Théo havia pedido que ela se tornasse sua namorada e, ao

mesmo tempo, tinha transado com Célia bem na sua frente. Por que não estava furiosa com ele? Talvez porque, de fato, não se importasse.

Segue para o estúdio e liga seu computador para checar seus e-mails, saber se havia alguma mensagem, alguma notícia, alguma explicação. Precisava desesperadamente ouvir a voz dele. Tinha enviado uma mensagem para ele na noite passada, perguntando o que estava acontecendo e onde ele estava, se já tinha voltado para Milão. Disse a ele, também na mensagem, que um policial tinha ido procurá-lo. Queria saber se ele estava escondendo alguma coisa dela e questionou se, quando ele disse para não confiar em ninguém, isso também incluía o policial.

A tela do computador traz alívio à sua angústia, ao mostrar uma resposta, embora fosse tão curta e criptográfica quanto as anteriores.

Sobre o policial, nada com que se preocupar. Mas não fale com ele, isso tem a ver com a minha família.

Sobre a noite passada: você se divertiu?

Théo xx

Ela bate a tampa de seu laptop com força, furiosa com Théo. Que tipo de jogo era aquele? Sua resposta tinha sido completamente insatisfatória, inadequada até. Na noite passada, ele a havia empurrado para outro homem na cama. Ela aperta as coxas com força quando se lembra da sensação de Leonardo dentro dela. Tinha sido bom, mas não era exatamente a mesma coisa de quando ela transava com Théo. Ele não a preenchia da mesma maneira. Ela morde os lábios e se dá conta de que teria trepado com Leonardo do mesmo jeito, ainda que Théo não a tivesse incentivado. Ela já não estava mesmo a ponto de transar com o dono do clube? E Célia e Théo? Será que ele queria puni-la por ter dito que não seria sua namorada? Bem, se fosse isso, não funcionaria, ela se recusava a se sentir enciumada, não permitiria que ele a forçasse a se sentir daquele jeito.

Quanto mais ele ficasse longe, mais fácil seria para ela vê-lo partir quando fosse a hora. Mas havia um outro problema mais urgente e real: o policial. E se ele voltasse? Será que diria algo terrível sobre Théo? Tenta não se preocupar, sabe que ele não é um homem mau, apesar de estar sendo um tremendo idiota com aqueles jogos nesse momento. O estúdio parece ter se tornado um enorme depósito de quinquilharias, ela pensa, afastando uma pilha de livros que bloqueava seu caminho. Olha novamente para as pinturas na parede, ainda sem entender por que ele havia escolhido reproduções de telas de que nem sequer gostava de verdade. De onde ele tirava o dinheiro para aquilo tudo?

Valentina interrompe sua excursão pela bagunça do estúdio com um

pensamento terrível na cabeça. E se... E se ele não pagasse por nada daquilo? Ela sacode a cabeça, examinando com toda atenção o Watteau e a reprodução ao lado dele, a pintura que mostrava uma mulher lendo uma carta ao lado da janela. E se não fossem reproduções? Não, Théo não era um ladrão. Isso não. A ideia é completamente ridícula, embora a tenha feito pensar imediatamente em Thomas Crown e em como Théo lembrava o personagem de várias formas: gentil, suave, boas maneiras. Completamente no controle de tudo. Ela ri, pensando que a ideia de Théo ser um ladrão de arte na verdade era *sexy*. Abre as cortinas de seu apartamento e olha para as ruas estreitas, molhadas pela chuva. Usa a lente poderosa de sua câmera, procurando sinais do estranho que esteve ali no outro dia, mas não vê nada. Talvez tivesse sido fruto de sua imaginação ou, vai ver, ele não estava procurando por ela. Poderia ser um dos novos moradores ou alguém visitando seus vizinhos.

Ainda chove muito forte. Valentina sente vontade de hibernar, está tão exausta e confusa com a noite passada que hoje só quer se esconder do mundo. Vai para a cozinha e abre a geladeira, que não oferece muitas opções: apenas alguns ovos e uns tomates meio passados, mas ela precisa comer alguma coisa. Pega o pote de pó de café e prepara um pouco. Quando está saboreando o gosto forte do *espresso ristretto*, seu telefone toca e o nome de Gaby aparece no visor.

— Valentina?

— Gaby, você está bem? — Ela percebe que há alguma coisa errada pelo tom de voz de sua amiga.

— Ah, Valentina, terminei tudo com Massimo. — Gaby chora tanto que mal pode falar.

Valentina sabia que esse dia ia chegar, cedo ou tarde. O homem casado com quem Gaby estava saindo sempre deixou bem claro que não iria se separar da mulher. Ela sabia muito bem como essas coisas terminavam. Tinha visto os dois, Gaby e Massimo, juntos, completamente apaixonados, era uma visão ao mesmo tempo bonita e triste. Tinha tentado não fazer pré-julgamentos sobre o caso todo, mas sentiu muito ódio dele pelo que sabia que faria sua amiga passar.

— Sinto muito, Gaby.

— Fui eu que terminei, não aguentava mais, Valentina. Dói muito ficar com ele e saber que eu nunca vou realmente tê-lo para mim.

— Quem sabe ele deixe a esposa...

— Não, ele não vai deixá-la. Você sabe disso... — Gaby suspira fundo.

Valentina equilibra o telefone entre o ombro e o ouvido enquanto prepara uma nova xícara de café.

— Quer vir para cá? — convida. — Estou à toa.

Talvez seja disso que ela esteja precisando, se distrair de seus próprios

problemas com a crise de Gaby e se preocupar menos com Théo, seus jogos e mistérios.

— Você não se importa mesmo? Eu sei que você gosta de ficar sozinha, mas não quero ficar aqui, ele pode aparecer e não sei se vou conseguir resistir...

— Claro, venha para cá. Não tenho nenhum plano para hoje.

Ela imagina se Leonardo estaria esperando por ela no clube hoje à noite, mas precisa de um dia de folga, especialmente depois de ontem. Nem sabe direito se vai conseguir encará-lo quando encontrá-lo novamente.

— Podemos assistir a *Lulu e a Caixa de Pandora*?

Ela sorri ao ouvir o pedido da amiga. Gaby é completamente apaixonada por Louise Brooks, tanto quanto ela.

— Você não vai ficar mais triste ainda?

— Preciso de um bom e longo choro e esse é o melhor filme para o meu estado de espírito hoje. Lulu é minha heroína, tudo o que quer fazer é dar prazer aos homens e isso foi o que a destruiu.

Algumas horas mais tarde, Gaby e Valentina estão enroladas no sofá, comendo brioche e assistindo a Louise Brooks dançar.

— Ela é tão linda... — diz Gaby, suspirando. — Há algo de diferente nela, algo que a torna única entre tantas outras estrelas de cinema.

— Acho que sei o que é. Ela não faz concessões — Valentina completa, lambendo os dedos cheios de creme. — E tem essa personalidade que intoxica, todos querem um pedaço dela.

— Da Lulu ou de Louise? — pergunta Gaby

— Das duas, acho. Na verdade, para mim elas parecem ser uma só, não é?

Ficam em silêncio por alguns instantes.

— Todos falam sobre Greta Garbo, sobre ela ser misteriosa e linda, mas, para mim, Louise Brooks era muito mais enigmática — diz Gaby, enfiando o último pedaço de brioche na boca.

— Você sabe que ela dizia que as duas foram para a cama juntas? — Valentina se estica no sofá e toca a coxa de Gaby com a ponta dos pés.

— Eu não sabia que ela era lésbica — Gaby responde, surpresa.

— Ela não era. Apenas era curiosa.

É estranho, pensa Valentina, que a única vez em que chorou em toda sua vida foi quando assistiu à *Caixa de Pandora* pela primeira vez. O filme ainda tinha um efeito poderoso sobre ela, mesmo que já o tivesse assistido inúmeras vezes. Ver aquele espírito livre ser mal interpretado, maltratado e, finalmente, destruído, a abalava. Depois do filme, Valentina abriu uma garrafa de vinho.

— Quer dar uma volta, Gaby? Quem sabe encontramos nossos amigos?

Sua amiga sacode a cabeça com um olhar triste e ela fica aliviada, porque sabe que, se encontrar Marco hoje, é bem capaz de abrir a boca e contar tudo para ele. E ainda não se sente preparada para dividir o que aconteceu na noite passada. Não enquanto não tiver certeza sobre como se sente sobre tudo.

— Não, estou realmente cansada. Além disso, vamos encontrar todo mundo na festa do Marco na terça. Você se importa se eu ficar aqui?

— Claro que não! — Valentina serve vinho tinto nas taças para as duas. — Só vamos ter de dividir a cama.

— Ah, se você não se importar, eu aceito. Eu me sinto mais segura aqui.

Gaby a abraça e, embora Valentina não retribua, gosta de sentir o calor do contato com o corpo de uma velha e boa amiga, sente uma onda de segurança e conforto tomar conta dela. Ela também está feliz de ter companhia naquela noite, pois sua cabeça estava em completo estado de desordem. Está cansada de acordar sozinha naquela cama imensa.

Ela sabe que Gaby vai ficar bem, a amiga nunca teve problemas para arranjar namorados. Sua beleza é do tipo clássico, de um jeito que Valentina nunca seria: pequena, de cabelos louros, pele clara e lábios rosados. Ainda assim, não vê razão para usar este tipo de encorajamento agora, nada do tipo “você é uma mulher atraente, vai encontrar alguém logo”. Lembra que não foi fácil quando seu coração foi destruído em um relacionamento com um homem casado e pensa que Gaby precisa passar pela dor da perda. Sente orgulho por sua amiga ter sido forte para colocar um fim numa história que não teria mesmo futuro.

As duas jantam juntas e Valentina percebe que esta é a primeira refeição decente que faz em dias. Acaba se esquecendo de comer quando está sozinha, mais um péssimo costume que herdou de sua mãe. Tina Rosselli normalmente deixava Valentina por conta própria na cozinha, alertando-a apenas para não comer em excesso. Se tivessem convidados para jantar, era exatamente o oposto: sua mãe fazia comida demais, mordiscando sua pequena porção enquanto olhava seus convidados se deliciarem com cada garfada. Valentina tinha lutado muito contra a relação doentia de sua mãe com a comida, tinha brigado consigo mesma para não seguir aquele mesmo caminho. Ignorou soberbamente as instruções da mãe para não comer carboidratos porque estava ficando com uma bunda grande. Era assim, com essa sutileza paquidérmica, que comentava ganhos e perdas de peso. Qualquer mãe normal se preocuparia se a filha comesse a emagrecer muito rapidamente, mas quando Valentina perdeu sua gordura de criança de maneira dramática, deixando de ser a garotinha fofucha para se transformar em

uma adolescente esquelética praticamente da noite para o dia, sua mãe ficou extasiada.

— Você está linda, querida — elogiava. Se fosse um pouco mais alta, poderia ser modelo. — Ela suspirava, apalpando sua própria barriga chata. — Você não tem ideia de como tem sorte. É tão difícil manter o peso depois de ter filhos...

O comentário de sua mãe era tão incongruente que a deixava enojada. A sugestão de que ela e Mattia eram responsáveis por ela engordar era cruel. Durante os anos que se passaram, Valentina percebeu um padrão claro de comportamento em Tina. Se estivesse feliz, significava que tinha um amante e engordaria alguns quilinhos, parecendo mais jovem e saudável. Mas sempre reclamava que os homens a faziam engordar, levando-a para jantar e beber vinho. Se estivesse mal-humorada, era sinal de que estava solteira. Imediatamente começava uma dieta rigorosa e seu peso despencava feito pedra afundando no mar. Nessas ocasiões, não raro se tornava cruel, monitorando cada porção que Valentina comia. Normalmente, a chegada de um novo amante era motivo de celebração, festejada com uma visita à doceria mais próxima. Até que sua mãe encerrasse um novo relacionamento e o ciclo recomeçasse.

A vida em família de Gaby fora, até então, completamente diferente. Valentina sentia inveja de sua amiga e adorava quando era incluída nos eventos familiares dela. Sua mãe era uma mulher curvilínea, animada e, como sua amiga, uma excelente cozinheira. Sempre dizia que cozinhar para os outros a ajudava quando se sentia deprimida. Naquela noite, Gaby havia preparado sua especialidade: *tortelli* recheado com pera e queijo pecorino, uma combinação simplesmente divina.

— Vamos abrir mais uma garrafa de vinho antes de irmos para a cama? — sugeriu Valentina depois que tinham lavado e secado a louça.

— Sim, por favor — Gaby parecia quase feliz. — Por acaso você não teria aí *Uma garota em cada porto*, teria? Adoro quando ela mergulha, é um filme tão lindo...

— Podemos tentar achar no YouTube, vou procurar e você abre o vinho. Há uma garrafa no estúdio.

— Uau — Gaby comenta quando volta para a sala, segurando a garrafa nas mãos. — Você tem uma verdadeira coleção de arte lá. Como conseguiu?

— Ah, são apenas reproduções. São de Théo.

Gaby estranha, a garrafa ainda fechada nas mãos.

— Ele disse a você que eram cópias?

— Hum... Não exatamente, por quê?

Gaby é restauradora, por isso, se havia alguém que sabia diferenciar uma obra de arte autêntica de um cópia, essa pessoa era ela. Gaby coloca a garrafa no chão

e se levanta da cadeira sem dizer nada. Pega Valentina pelas mãos e a leva para o estúdio.

— Olhe para isso!

Valentina olha novamente para a tela holandesa da moça lendo ao lado da janela. É uma obra muito bonita, uma cópia bem-feita de um original delicado.

— Estou restaurando neste momento algumas pinturas holandesas de interiores. Na verdade, estou exatamente trabalhando com este artista, Gabriel Metsu. — Ela bate na moldura do quadro. — E estou muito certa de que esta tela não é uma reprodução.

As duas garotas se entreolham, lentamente entendendo as implicações das cinco pinturas na parede.

— Tinha quase certeza de que o original estava em uma coleção particular nos Estados Unidos e se chama *A Carta de Amor*.

Valentina examina a pintura novamente. Como Gaby pode saber com certeza que é um original? Ela não sabe o que dizer, é tudo chocante demais: pensar que, pendurados em sua parede, há milhões de dólares em pinturas.

— Como Théo tem estes quadros? — Gaby sussurra, mesmo que não tenha ninguém além delas no apartamento. — Ele é milionário? Será que percorre o mundo arrematando peças valiosas em leilões privados?

— Eu não sei, Gaby.

Ela pensa no inspetor Garelli e se sente mal. Tira a amiga do estúdio e, pela primeira vez em anos, tranca a porta.

— Vamos esquecer isso? Não quero passar a noite imaginando toda a sorte de loucuras. — Ela tenta se recompor. — Vou falar com Théo quando ele voltar, tenho certeza de que há uma explicação razoável para isso. E acho que você está errada, são cópias.

Gaby olha para ela, descrente, e fica em silêncio.

Mais tarde, quando as duas vão para a cama, abraçadas, Valentina não consegue dormir. O mistério que cerca Théo está contaminando a sua vida. Ela escapa dos braços de Gaby, sai da cama e entra no estúdio novamente. Liga seu computador e dá um google em “Gabriel Metsu, Carta de Amor”. Uma imagem idêntica à que ela tem na parede surge na tela e a legenda da foto informa que a obra pertence a uma coleção particular em Nova York, nos Estados Unidos. Como não encontra qualquer menção sobre ela ter sido roubada ou perdida, Gaby tem de estar errada e o quadro de Théo é apenas uma cópia. No entanto, algo dentro dela ainda a mantém inquieta. Quais eram as chances de sua melhor amiga ser uma especialista em pintura holandesa de interiores do século 17? E

por que havia um policial xeretando em sua porta, querendo saber onde estava Théo?

Ela desliga o computador e pega o álbum de fotos antigas para percorrer suas páginas. Será que ele também tinha sido roubado? As imagens deveriam ser muito valiosas para quem quer que fosse o proprietário. Mas tanto o fotógrafo quanto as modelos já estariam mortos àquela altura, certo? Ela olha com atenção para a última ampliação que tinha feito, da parte de trás da cabeça de uma mulher, seu cabelo preto cortado curto, bem rente à nuca, como o seu próprio e o de Louise Brooks. Ela está tentadoramente próxima de ver o rosto da mulher, mas até agora só tinha uma pequena parte do perfil. Na foto, ela usava um chapéu de marinheiro.

Valentina volta para a cama em silêncio.

Gaby se vira e sussurra:

— Va?

Vendo o branco dos olhos da amiga no escuro, ela responde:

— Não consigo parar de pensar em Greta Garbo e Louise Brooks.

Valentina imagina a combinação entre as duas atrizes. Louise, de cabelos negros e lisos, os olhos negros contrastando com os cabelos claros e macios de Greta, com seu charme de esfinge, ambas pálidas, ambas verdadeiros enigmas.

— Sim, é um pensamento interessante, muito estético.

Gaby ri, deixando Valentina feliz ao vê-la feliz novamente, mais leve do que esteve durante todo o dia.

Valentina deita novamente e deixa que Gaby coloque seus braços em volta de sua cintura.

— Você já transou com uma mulher, Va?

— Sim.

Ela escuta Gaby prender a respiração e suas mãos se apertam em sua cintura.

— Sério? Como foi?

— Para falar a verdade, eu transei com duas mulheres ao mesmo tempo.

— Ah, meu Deus, Valentina, você é completamente louca!

Gaby a aperta com força, se sente tão bem que suspira preguiçosamente.

— E foi muito bom.

Gaby empurra seu rosto contra o pescoço de Valentina.

— Talvez a gente possa transar algum dia — ela confidencia.

— Talvez, mas não hoje. Não quero ser seu estepe.

Gaby beija o pescoço dela.

— Você é especial demais para isso, Va. Você é como Lulu, todos querem um pedaço seu.

Belle

BELLE ESTÁ COMPLETAMENTE PERDIDA no bairro de Cannaregio, uma parte da cidade que não conhece muito bem. Tenta seguir seu instinto, mas isso é praticamente impossível em Veneza, onde as ruas formam um labirinto de curvas e voltas. Acaba sempre na mesma praça, embora a cada vez escolha uma rua diferente para sair dali.

É o começo da tarde e a sesta do marido está quase chegando ao fim. Ela sabe que não vai conseguir voltar para casa para acalmar suas suspeitas antes que ele acorde. O *signor* Brzezinski não vai acreditar nunca que ela saiu para ir à casa da condessa, uma mulher que, sabia, Louise despreza. Suas desculpas estavam acabando e ele iria puni-la certamente. Ela sabe que, qualquer dia, ele vai jogá-la no meio da rua. Pensa que a única coisa que o impede é querer evitar o escândalo com seu nome. Por que sua mulher tinha se tornado uma prostituta? Ele não conseguia satisfazê-la?

Cannaregio é um bairro pobre, então Belle fica feliz por estar disfarçada, assim não chamava atenção para si mesma. Homens de olhar duro vagabundeavam nas esquinas, fumando, alertas sobre o movimento ao seu redor. Talvez esta seja uma busca insana, ela não tem a menor indicação de que Santos estaria por ali, tinha confiado na palavra do primeiro-oficial dele, mas não sabia se o homem estava falando sério ou não.

Vestida novamente como um jovem marinheiro, Belle tinha voltado à mesma taverna onde o encontrou pela primeira vez, mas ele não estava lá. Pensava naquela noite, quando tinha feito sexo com o primeiro-oficial e o capitão ao mesmo tempo, e sobre o barco que tinha visto atracado na laguna. Tinha certeza de que era a embarcação de Santos, mas precisava confirmar suas suspeitas. Ela se sentou à mesma mesa e pediu um copo de rum para tomar coragem. Quando o taberneiro voltou com a sua bebida, perguntou sobre Santos.

— Santos Devine! — O homem exclamou com animação, seus olhos se acendendo com afeição. Ou seria admiração? — Todo mundo sabe qual é o barco dele! É a grande escuna branca, chamada *Queen Maeve*. Muito bom aquele barco. Devine deve ter dinheiro, aquele velho diabo!

— *Queen Maeve* — Belle repetiu, saboreando as palavras em sua boca.

— Acho — disse o dono da taverna — que é o nome de alguma antiga rainha irlandesa. Ele me disse que o pai dele tinha um barco com o mesmo nome.

Aquilo combinava perfeitamente com ele! Isso era o mais emocionante sobre Santos, sua dualidade de marinheiro irlandês e dançarino espanhol, criando uma contradição entre graça e aventura.

Depois de engolir seu rum tão rápido quanto pôde, Belle caminhou pelo cais, olhando os barcos atracados, tentando gingar tão bem quanto os outros marinheiros. Era um jeito engraçado de caminhar, achava, marchar como se fosse o dono do mundo. Encontrou o *Queen Maeve* facilmente e, enquanto olhava para a escuna branca e elegante, sabia que estava certa, aquele era realmente o mesmo barco que tinha visto há muitas noites. Teria sido Santos quem tinha acendido uma lamparina e atraído a atenção dela? Ela mudava o peso do corpo de um pé para o outro, sem saber bem o que fazer agora que tinha encontrado o barco. Será que podia subir sem ter sido convidada?

— Está procurando alguém?

Ela se vira e dá de cara com um homem incrivelmente alto, tão alto que sua cabeça mal passa da linha do umbigo dele. Veste um casaco comprido azul-marinho, calça branca e chapéu de marinheiro. Seus dedos delicados e longos seguram um cigarro, que ele traga enquanto a observa com cuidado.

— Estou procurando por Santos Devine — ela responde baixo, tão baixo quanto consegue.

O homem vira os olhos com impaciência.

— Não me diga que é mais um jovem marinheiro esperando encontrar uma grande aventura! — Tão mais alto e forte do que ela, ele dá um tapa amistoso em seus ombros, mas quase a derruba no chão. — Você me parece muito jovem para querer enfrentar o mar. Volte para a casa da mamãe e cresça um pouco mais.

— Você está me confundindo — retruca Belle, tentando ser o mais convincente possível. — Procuro Santos Devine porque tenho de falar com ele, não porque quero ir para o mar.

O homem a olha bem do alto, desconfiado.

— Sou o primeiro-oficial de Devine, você pode falar comigo sobre qualquer assunto que tenha com ele. Passarei a mensagem adiante.

Contar a verdade para aquele homem seria simplesmente impossível. Como ele reagiria se soubesse que ela era uma mulher? Daria risada e a mandaria embora?

— Tenho uma mensagem para ele... de minha irmã. É estritamente pessoal...

O primeiro-oficial de Santos relaxou e sorriu para Belle como se os dois fossem agora parte de um mesmo grupo de conspiradores.

— Não me diga que é outra mulher apaixonada por Santos! — ele exclamou. — Realmente não sei como ele consegue partir tantos corações.

Ao ouvi-lo falar assim, foi o coração de Belle que se encolheu no peito. Sentiu

na pele como sua missão era desesperada. Para Santos, ela era apenas mais uma garota bonita. Seria, afinal, uma completa tolice procurá-lo de alto a baixo pela cidade?

— Está certo — disse o homem alto. — Você me parece completamente inofensivo. Ele está em Cannaregio. Deu um nome de rua completamente desconhecido para ela. — Ele negocia máscaras lá. Boa sorte para sua irmã. — E deu outro tapa nas costas de Belle, fazendo-a dar dois passos para a frente. — E diga a ela que, se não tiver nenhuma sorte com Santos, sou uma excelente segunda opção! — Em seguida, cai na gargalhada, tão alta e forte que parecia o ribombar de um trovão. Voltou rindo para o passadiço e sumiu dentro do barco impecavelmente branco de Santos.

Foi assim que uma hora mais tarde ela foi parar em Cannaregio, ainda procurando a minúscula rua que o primeiro-oficial tinha dado como o endereço em que encontraria Santos. Passou pelo gueto judeu mais uma vez e, com o canto dos olhos, viu como a viela estreita era escura, algo que não tinha notado na primeira vez em que tinha passado por ali. Ela se aproximou e olhou para a placa com o nome. Era ali, conseguira encontrar! Entrou com cautela pela rua estreita.

Um gato preto cruza a sua frente e Belle resolve segui-lo pelas vielas cada vez mais estreitas e escuras, como se a luz do dia tivesse de se espremer para chegar até ali. De repente, a viela se alarga e dá para o canal. Ao final dela, viu uma majestosa e semidestruída casa típica veneziana, fechada e aparentemente vazia, um pouco inclinada para o lado, como se estivesse a um passo de se desmanchar no mar. Ainda pregada à parede da casa, uma placa feita de porcelana branca anunciava: “Laconi”. Era o nome que o primeiro-oficial de Santos havia dado para ela.

Belle molha os lábios, nervosa. “Aqui deve ser onde são feitas as máscaras”, pensa, com medo de não ser bem-vinda. Santos, afinal de contas, estava fazendo negócios, no meio de transações importantes. Mas agora que tinha chegado até ali, iria em frente. Bate na porta, mas não há resposta. Talvez não haja ninguém. Bate novamente, desta vez segurando a aldrava de cobre no alto da porta e batendo com mais força contra a madeira.

Enfim escuta passos vindos de dentro e a porta é aberta completamente. Para sua surpresa, quem a atende é uma mulher. Mais velha do que Belle, mas ainda muito bonita, de olhos negros como sementes de maçã e a pele num tom de oliva, perfeita como a seda. Veste um saiote e seus pés estão descalços. Dois gatos pretos trançam por suas pernas e ela segura um terceiro em seu colo. Gato e mulher olham para ela com indiferença. A morena levanta os olhos, como quem pergunta o que ela queria ali. Belle tinha perdido completamente a fala,

não tem a menor ideia do que dizer.

— Desculpe-me, querido, você ainda é muito novo. Volte em um ano — ela diz, piscando para Belle.

Belle se indaga que tipo de fábrica de máscaras seria aquela. Não havia sinal de oficina no *hall* escuro depois da porta... E então entende que talvez Santos não esteja ali a negócios, afinal de contas. Quando a mulher descalça está para bater com a porta na cara dela, Belle cria coragem para falar alguma coisa.

— Santos Devine — ela balbucia, aos solavancos. — Tenho uma mensagem para ele.

Ela quase torce para que a morena diga que ele não está lá, porque aquilo só poderia ser uma piada de mau gosto. Como Santos poderia querer estar com outra mulher, claramente mais velha e menos atraente do que ela, quando sabia que Belle estava à sua disposição, esperando apenas que ele estalasse os dedos para correr para seus braços e atender a todos os seus desejos?

A mulher põe a mão na cintura, quebrando-a para o lado, encaixando o gato no espaço entre as ancas e seu torso, enrolando as pontas avermelhadas de seu cabelo com os dedos da outra mão.

— Sim, ele está aqui. E quem é você?

— Meu nome é Louis — ela balbucia. — Pode dizer a ele que Louis Graúna está aqui?

Ela se sente tão desesperada em vê-lo logo de uma vez, depois de toda aquela espera, que não tem tempo para se preocupar com a situação em que se enfiou. O homem que ela ama está dormindo com outra prostituta e isso não a perturba nem um pouco. Santos é tudo o que quer.

A mulher desaparece por um corredor escuro, deixando-a sozinha com os gatos. Um segundo, dois segundos e ela escuta uma porta no fim do corredor se abrir. Sente um aperto no peito, ali está ele. O homem que ela vem desejando há duas semanas caminha em sua direção, sem camisa, vestido com suas calças brancas e seu chapéu. Ele para na entrada da porta, a luz iluminando suas costas, de forma que ela não consegue ver seu rosto, apenas uma sombra.

— Belle Graúna? — ele chama alto. — Você está aqui?

— Sim.

Ela consegue ver o rosto dele agora, perfeitamente simétrico, com as sobrancelhas pesadas e o furinho no queixo.

— O que você está fazendo aqui?

Ele se surpreende. A morena surge ao lado de Santos e o envolve possessivamente pelo pescoço. Ele não a impede.

— Vim atrás de você — Belle revela baixinho, envergonhada.

Ela o olha dentro dos olhos azuis, que guardavam ainda a promessa de dar a

ela toda satisfação de seus desejos, olhos que fazem com que ela queira cair em seus braços e empurrar a outra puta para o lado.

— Mas por quê? — ele pergunta. — Eu disse a você que iria encontrá-la. Um dia.

— Não posso mais esperar. — Sua resposta honesta e sincera soa um pouco sem jeito agora.

A mulher olha para ela e para Santos sem entender nada.

— Muito bem, Santos — ela ri. — Não sabia que você tinha esse tipo de preferência.

Ele ri e faz cócegas sob seu queixo.

— Ele é uma garota, você não está vendo?

A mulher olha para Belle.

— É verdade, claro... — ela ri com crueldade. — Mas não é uma garota muito grande. — E é para Belle que dirige sua próxima pergunta: — Você quer Santos apenas para você? Você não sabe que ele é como um gato? Não pode esperar afeição da parte dele, tem de esperar que ele se digne a oferecer carinho a você.

Sua voz soa um pouco amarga e uma sombra de dor passa pelos olhos de Belle quando ela tira os braços do pescoço dele. Essa mulher seria algo mais do que uma prostituta para ele?

— Vou deixá-los conversar — ela diz com frieza, desaparecendo na sala e fechando a porta atrás de si.

Belle e Santos estão em meio à quase completa escuridão agora. Durante todo o tempo em que a outra mulher falava, ele não tirou os olhos de cima dela. Seu olhar é tão intenso que Belle se sente como se tivesse pregada, sem condições de se mexer.

— Belle — ele começa a falar, um pouco aborrecido —, por que você veio até aqui? Eu não queria que você me visse neste lugar. Eu disse a você que, quando fosse a hora certa, iria procurá-la, não disse?

— Por que é você quem decide quando é a hora certa? — Belle grita, exasperada.

Ela está tão furiosa agora, completamente consumida pela raiva, que vai para cima dele, levanta sua mão e tenta esbofeteá-lo, mas ele segura a mão dela no ar.

— Fez com que me apaixonasse por você e agora me abandona completamente... Você me deixou de lado, esperando. Você é um monstro...

Ele se encolhe; ela percebe que ele ficou pálido.

— Só passamos uma tarde, Belle, e conversando. Você é casada, eu não achei que...

— Estou apaixonada — ela geme, se afastando dele. — E, apesar disso, não

sou nada além do que uma garota tola para você.

Ela se vira para deixá-lo para trás, tropeçando para fora de casa e pela viela escura por onde tinha vindo. Ele a alcança.

— Belle, Belle...

Tenta tomá-la em seus braços, mas ela se livra dele mais uma vez e sai correndo pela viela. Santos a agarra por trás, virando-a para ele e trazendo-a junto de seu corpo, virando-se novamente e encostando-a no muro da viela. Está presa e não consegue respirar direito, é a hora da sesta e não há ninguém por perto. Sente o hálito dele sobre seus lábios, tentadoramente próximo.

— Psiu! — ele diz, puxando seu cabelo de dentro do chapéu de marinheiro. — Seu disfarce está se desfazendo. — Ele sorri, alegrando um pouco o coração dela.

Ele então segura o rosto delicado de Belle nas mãos.

— Minha querida, você tem de entender que não posso dar a você o que deseja. Eu amo todas as mulheres e, por isso mesmo, nenhuma. Você entende isso?

Ela faz que sim com a cabeça, as lágrimas escorrendo por seu rosto. Ele continua:

— Mesmo assim, não consigo resistir a você, especialmente quando está vestida como um marinheiro.

Santos se inclina e a beija com carinho, sentindo o gosto salgado de suas lágrimas nos lábios. Ela se afasta.

— Sou uma mulher casada e também uma puta, Santos, não sou inocente — ela retruca, deixando que sua pele tocasse os pelos macios do rosto dele. — Não quero que você fique comigo para sempre. Quero você agora, até que tenha de partir novamente.

— Mas isso vai ser suficiente para você?

— Sim.

Soube que disse a verdade assim que as palavras saíram de sua boca. Mesmo que ela tivesse Santos por apenas uma noite, mesmo se o seu amor não fosse correspondido, já seria muito mais do que jamais teve durante toda a vida. E ela percebia que uma parte dela tinha esperanças de que a situação entre os dois pudesse mudar. Quem sabe ele não viria a amá-la também um dia?

Ele suspira.

— Está bem, minha passarinha. Vou encontrá-la amanhã, prometo. No mesmo lugar em que nos vimos pela primeira vez.

Ela segura suas mãos com força, ansiosa e irascível.

— Venha comigo agora — ela implora. — Tenho medo de perdê-lo novamente.

Ele sacode a cabeça dizendo que não.

— Não, não posso largar Lara assim. Não sou um completo cafajeste. Mas também não posso simplesmente convidar você para entrar agora, tomar um chá e provar algumas das máscaras. — Ele pisca para ela, fazendo-a relaxar um pouco. — Eu fiz uma promessa a você — ele completa —, estarei lá amanhã, às 3 horas da tarde. Em ponto.

Ele a beija na testa e a vira para o outro lado, dando um tapinha carinhoso em seu traseiro.

— Agora corra para casa, meu pequeno marinheiro, antes que eu mude de ideia.

Ela se vira para ele e sorri, ele se aproxima e passa o dedo sobre os lábios dela. Ela lambe o dedo dele, olhando-o nos olhos.

— Acho que você é perigosa para mim, Belle, e sei que não presto para você. — Ele franze o cenho. — Não sei se...

Ela o interrompe.

— Agora é tarde demais, você me fez uma promessa! — ela diz, triunfante, enquanto se afasta correndo para não deixar que ele diga mais nada.

Desta vez, ela voa por Cannaregio sem errar o caminho e logo está de volta a seu apartamento. Troca de roupa e volta a ser Louise o mais rapidamente que pode. Em frente ao espelho, coloca suas mãos entre as pernas, olhando as próprias pupilas dilatadas, sentindo-se molhada com a perspectiva de tê-lo dentro de si amanhã.

Volta para a casa de seu marido com o coração leve, preparada para mais uma surra. Quando chegou a hora, não sentiu a dor das cintadas na parte posterior das pernas. Fingiu que eram as ondas do mar se chocando contra elas enquanto nadava ao lado de Santos. Enxergou, ao longe, uma pequena ilha, uma outra Veneza, mais encantada. A Veneza dos amantes, com castelos no céu.

Valentina

VALENTINA E GABY ESTÃO dançando exatamente como Lulu e sua amante lésbica, a condessa Geschwitz, no dia de seu casamento em *Caixa de Pandora*. Valentina, com seus cabelos curtos, está vestida de preto. As duas giram e giram no solo, dando piruetas com os corpos grudados, permitindo que percebessem cada curva de seus corpos através do tecido de seus vestidos modernos e esvoaçantes. Os outros casais as olham, mas elas não se importam, mantêm seus rostos colados.

A multidão começa a se dissipar e o amante de Gaby, Massimo, aparece entre os dançarinos que deixam a pista. Ele veste um terno escuro, usa polainas e tem o cabelo escuro penteado para trás, brilhante de gel. Ele se aproxima das duas e bate no ombro de Valentina, pedindo para que ela se afaste e ele possa tomar Gaby nos braços. As duas se olham, como se Gaby estivesse consultando a amiga sobre o que fazer. Na mesma hora, entende a resposta explícita nos olhos de Valentina: oferece a mão da amiga para seu amante e se afasta, desaparecendo nos contornos suaves do sonho.

Valentina dança com Massimo, mas ele tem o mesmo cheiro de Gaby e de seu amor por ele, um aroma tão amargo quanto o de café queimado. Gradualmente, todos os outros dançarinos vão desaparecendo, um a um, restando apenas Valentina e Massimo na pista preta e branca. Eles não conversam. Massimo se abaixa e cheira seu pescoço. Valentina sabe que ele vai encontrar traços do perfume de Gaby nela. Eles dançam em círculos cada vez mais largos em torno da pista até que seus corpos comecem a tocar as paredes da sala enquanto giram ao som da música. Neste momento, eles param de dançar e Massimo a prende contra a parede, tirando seu vestido e baixando sua calcinha. Quando ela olha para ele, a imagem de Massimo se transforma em Francesco, seu primeiro e único amante casado. Ela olha de novo e Massimo volta a aparecer, o amante casado de sua amiga. Ele a penetra sem aviso, não havia nenhuma necessidade de explicações, porque ficou muito claro para Valentina que ela era um símbolo de Gaby. Massimo arremete contra ela e, embora não seja desagradável, também não é bom.

Pelo menos, não até que ela olhe por cima dos ombros de Massimo e veja Théo, que está sentado em uma cadeira no meio da pista, as pernas cruzadas, olhando para ela. Seus olhos se prendem e a expressão dele é insondável. Será

que a ama? Ela não consegue definir. Como ele pode ficar ali parado, impassível, enquanto ela está sendo possuída por outro homem? Seus olhos faíscam na direção dele, como se estivessem mandando uma mensagem: “Veja, Théo, eu bem que avisei você. Não se apaixone por mim, eu posso machucá-lo e você a mim. E, no fim, não teremos nada”. Massimo goza chamando por Gaby e se solta de Valentina, que tem o rosto molhado pelas lágrimas causadas pela lembrança de seu verdadeiro amor. Ela veste a calcinha, mas deixa o vestido jogado no chão, como um fantasma do relacionamento fracassado de sua amiga.

E agora não consegue mais se controlar. Corre para Théo, como uma criança que busca o conforto dos braços do pai. Ela se aninha sobre as coxas dele, envolvendo-o pelo pescoço com os braços e entrelaçando os dedos na nuca, e deita a cabeça em seu colo, buscando conforto. Ele a embala por alguns momentos antes de se levantar e carregá-la nos braços. Valentina sente a textura áspera do tecido do paletó dele contra o seu peito nu, o que, por alguma razão, a tranquiliza, trazendo-a de volta ao seu próprio corpo. Ela fecha os olhos.

“Estou tão cansada de ficar sozinha, sem você...”

Quando abre os olhos novamente, ele a está carregando nos braços em direção ao quarto deles e encontram Gaby ali, sentada em sua cama, esperando. Théo coloca Valentina sobre a cama e Gaby engatinha na direção dela. Num gesto ousado, tira a sua calcinha. Quando sente o perfume de Massimo na amiga, seus olhos se enchem de tristeza. Ela segura as mãos de Valentina, silenciosamente agradecida.

E então Théo sobe na cama também, o que não aborrece Valentina em nada. Ele consola Gaby, acariciando-a com seus dedos, até que ela feche os olhos e esqueça que os dois estão ali. Depois de fazê-la gozar, ele volta suas atenções para Valentina, permitindo que ela se coloque sobre ele. Os dois fazem sexo como jamais fizeram, talvez porque finalmente entenderam a fragilidade do relacionamento. Seu orgasmo a estilhaça em milhares de pedaços diferentes, como se fossem os muitos corações de Théo, sua paixão, sua sabedoria, sua generosidade, seus desejos e, sim, sua dedicação a ela.

A luz no topo do Duomo é linda. Já é quase meio-dia e o sol precisa se esgueirar entre as nuvens cinzentas para reaparecer depois de uma temporada de chuvas. Ainda está frio ali em cima, mas Valentina não se importa, está feliz com a vista à sua frente e por estar tão próxima das pontiagudas e muito trabalhadas torres da catedral, que faziam-na se sentir como uma princesa em seu brilhante castelo. Sabe que muitos milaneses não gostam da sua catedral, mas ela mesma sempre adorou subir à cúpula e se sentir como um pássaro, olhando sua cidade

apressada, sempre correndo, lá do alto. Nesta manhã, entretanto, ela não tem tempo para se dedicar a um de seus passatempos preferidos porque está trabalhando em uma das sessões de fotos de Marco para uma revista. Ele é um dos seus poucos amigos na cena milanese da moda. A amizade deles havia começado durante outro ensaio, quando descobriram a paixão em comum pelo universo *vintage*, por objetos dos anos 1960 em particular.

Hoje o assunto é outro, são os contos de fadas. Ele explica que o tema que escolheu para o editorial da edição se chama “Hoje, meu bem, você vai ao baile”, uma daquelas criações originais e cheias de referências misturadas que diretores criativos conseguem inventar. As duas modelos escolhidas para as fotos são altas como amazonas, mas pálidas e de constituição miúda, ambas muito jovens, uma nascida na Letônia e a outra, na Ucrânia. Quando estavam fazendo as últimas fotos da manhã, ela pensou ter visto uma figura conhecida, embora Marco estivesse exigindo a sua atenção enquanto arrumava a pose de uma das garotas, as coitadas, tremendo de frio com vestidos finos de seda cor de marfim. Ela ignora o dilema entre modelo e diretor criativo e se vira para trás. Lá estava ele, o inspetor Garelli, fingindo um imenso interesse em uma das gárgulas que vigiava a cidade do alto do Duomo, mas é uma tentativa tola, que não convence ninguém. Valentina o ignora e volta a prestar atenção na sessão de fotos.

Mais tarde, naquele mesmo dia, ela o vê novamente, quando estava comprando lingerie com Antonella na Rinascente, uma das mais elegantes lojas de departamentos da cidade. Enquanto estava na fila para pagar por um novo par de meias pretas e um espartilho da mesma cor, com botões para prender as meias, ele passou perto delas, novamente fazendo de conta que não a estava vigiando.

Ela se despediu rapidamente de Antonella com um beijo na bochecha, fazendo de conta que tinha acabado de se lembrar de um compromisso qualquer, e desceu com pressa as escadas rolantes atrás dele. “Dois podem jogar este jogo, meu senhor”, ela pensa, muito irritada. Como ele pôde pensar que ela não o veria? Quando sai da loja, vê o policial virando à esquerda e continua a segui-lo, agora na direção do Duomo, sem saber muito bem por que resolveu ir atrás dele, sua curiosidade superando qualquer traço de prudência.

Sua perseguição a leva para a Galleria Vittorio Emmanuelle e, pela primeira vez, ela não estava dando atenção ao estilo *art nouveau* do local. O policial entra no hotel Avatt Park. Valentina confere a horas. Já são 18h30 e ela deveria se preparar para mais uma sessão de fotos no clube de Leonardo, mas sua curiosidade vence seu senso de dever e, por isso, decide dar apenas uma espiada no hotel para ter certeza de que era mesmo o inspetor Garelli. Ela poderia estar enganada, certo?

Depois de passar os olhos pela recepção, não vê sinal do policial. Ele parece ter desaparecido em pleno ar.

— Posso ajudá-la, senhorita Rosselli?

Valentina sente o coração chegar à boca quando ouve a voz masculina atrás de si. Ao se virar, vê-se frente à frente com Garelli, que a encara como um falcão, aqueles olhos cinzentos a provocá-la.

— Eu poderia lhe fazer a mesma pergunta — ela responde, furiosa. — Por que vem me seguindo o dia inteiro?

Ela percebe a surpresa nos olhos dele.

— Você está enganada — ele explica com calma. — Mas, já que nós nos encontramos neste feliz acaso, gostaria de me acompanhar em um aperitivo? — Ele indica a entrada do bar do hotel.

“Por que não?”, pensa Valentina. Talvez ele possa ajudá-la a entender o que está acontecendo com Théo. Desde a última vez que se encontraram não tinha recebido nenhuma outra notícia dele.

Eles se sentam em uma pequena mesa no centro do bar e ela pede um Bloody Mary, enquanto Garelli escolhe uma taça de vinho branco barato.

— Eu me perguntava se você teve alguma notícia do *signor* Steen desde que nos falamos no sábado — ele começa.

Ela certamente não vai contar nada a ele sobre a noite de sábado e o que aconteceu entre ela, Théo e Leonardo. Por isso, olha diretamente nos olhos dele antes de responder, com raiva.

— Não. E você?

— Ah, me desculpe, sinto muito. — O rosto de Garelli enrubesce. — Vocês terminaram? Desculpe-me se toco em algum assunto sensível.

— Não, não terminamos, inspetor. — Ele a aborreceu ainda mais com a pergunta. — Apenas não vivemos grudados o tempo todo.

— Sim, sim, percebo. — Ele tosse.

Valentina imagina há quantos dias ele a tem seguido e se diverte imaginando o inspetor dentro do Submundo de Veludo. Talvez ela pudesse levá-lo e usar o chicote nele? Definitivamente, não é uma de suas pessoas favoritas.

— De que se trata tudo isso? — Decide adotar uma estratégia direta. — Théo fez algo errado? Ele está em apuros?

— Não, não — ele se apressa a dizer, em tom de galhofa. — Eu apenas ficaria muito grato se pudesse contar com a ajuda dele sobre o roubo de seis obras de arte.

Valentina sente o sangue congelar nas veias, mas consegue manter seu rosto impassível.

— Que obras de arte? — pergunta com calma, evitando os olhos dele.

— Uma seleção aleatória de telas, senhorita Rosselli. Tanto que não consigo estabelecer uma relação entre elas, além do fato de todas serem europeias e de nenhuma delas ter sido pintada depois dos anos 1930. Algumas são mais valiosas que as outras. Por exemplo, um dos quadros é de um mestre holandês do século 17, Gabriel Metsu. Você já ouviu falar dele? — indaga, bebericando seu vinho barato. — A primeira tela sumiu daqui, de Milão. Mas as outras todas foram roubadas no exterior, uma em Nova York, duas em Londres e uma na França. Há ainda um último quadro que foi hipoteticamente roubado de uma coleção particular no extremo norte da Suécia, quase na casa do Papai Noel.

— Como assim, hipoteticamente?

— Bom, é realmente uma história estranha — Garelli balança a cabeça —, os proprietários deram parte do roubo das telas, mas 24 horas depois mudaram de ideia e pediram para retirar a queixa. Em dois dos casos, eu retornei às casas dos proprietários, mas eles se recusaram a me mostrar as pinturas de volta em seus lugares, isso apesar de me dizer que haviam se enganado e que os quadros não haviam sido roubados. Parece um pouco estranho, não? Como é que alguém comete um erro desse tipo?

— Sobre o que era a tela?

— Uma tela de um pintor francês, Watteau.

Valentina abaixa os olhos, mirando sua bebida vermelha. Será que seu amante estava envolvido nesses crimes?

— Ainda não entendi o que Théo tem a ver com tudo isso — ela questiona, apavorada com o que pode ouvir como resposta.

— Um informante me disse que seu namorado estava por perto nas ocasiões em que os falsos roubos aconteceram. Como ele é um crítico famoso e conhece bem peças de arte, senti necessidade de interrogá-lo. Claro, tudo não deve passar de uma coincidência infeliz... — Garelli esboça um sorriso sinistro.

Valentina vira sua bebida de uma vez.

— Tudo isso me parece muito inconsistente — ela diz com arrogância. — Pinturas que são roubadas, mas não tinham sido roubadas de verdade, acho que nem há um crime. Talvez não valha a pena você perder seu tempo investigando Théo, seria melhor se investigasse as vítimas dos supostos roubos.

Os olhos do inspetor se iluminam um pouco.

— Puxa, senhorita Rosselli, esta é uma ideia excelente. Obrigado pela dica.

Ela se levanta, sem saber se ele estava sendo irônico ou não.

— Tenho de ir — ela diz bruscamente.

Marcha para fora do hotel Avatt, sem ter entendido bem se estava brava com Garelli ou com Théo. Em que diabos seu amante estava envolvido? Esse não era

o mundo deles: roubos, conspirações policiais. Ou talvez esse tenha sido sempre o mundo de Théo e ela simplesmente não sabia. Não dá para ter certeza. Se há uma coisa que ela sabe sobre Théo com certeza, é que ele tem um apurado senso de justiça, é um bom homem. Não é um ladrão. Por que está escondendo toda essa história dela? Apesar de seus esforços para se manter calma, reconhece que está furiosa.

Ela ainda está um pouco brava quando chega ao clube mais tarde. Um ponto positivo sobre sua completa fúria com Garelli e Théo é que a raiva supera seu desconforto ao encontrar Leonardo pela primeira vez depois de seu encontro intenso no último sábado. Depois de ter se vestido com muito cuidado nas duas últimas vezes em que esteve ali, nesta noite, ela não pensou duas vezes antes de vestir seu novo espartilho e as meias pretas debaixo de um pretinho básico. “Não me importa o que os outros pensam de mim”, diz para si mesma enquanto passa rapidamente pela porta de entrada. Leonardo a espera na recepção, vestindo jeans preto e uma camiseta branca. Está sentado atrás da mesa da recepção lendo um livro, estranhamente usando óculos.

— Oh, Valentina — ele diz, tirando os óculos e sorrindo para ela, como se nada de extraordinário tivesse acontecido entre eles.

Ela queria que ele recolocasse os óculos para eliminar um pouco aquele seu ar de garanhão mediterrâneo. Leo fecha o livro e ela vê o título, *Watt*, de Samuel Beckett, não exatamente o tipo de livro que ela o imaginaria lendo. Ele não tinha o menor jeito de que gostasse do autor irlandês.

— Tentei ligar para você, mas seu telefone estava desligado — ele comenta.

Ela pesca o celular de dentro a bolsa e confirma que havia realmente duas chamadas dele.

— Desculpe-me, eu não percebi.

Leonardo guarda o livro na gaveta da escrivaninha.

— Em primeiro lugar, eu queria saber se você ficou bem depois daquela noite. Ela morde os lábios.

— Estou bem — responde, com uma ponta de amargura.

— E também queria avisar que não vamos conseguir fazer uma nova sessão de fotos com Célia no Submundo de Veludo. Ela ficou doente e eu não consegui encontrar ninguém para substituí-la.

— Ah...

— Você parece muito desapontada, Valentina — Leonardo inclina a cabeça para o lado e brinca com seus óculos.

— Não, não — ela mente, querendo aparentar indiferença. — É que eu acabei cancelando outros compromissos...

— Lamento por isso. Vou remarcar, a menos...

Ela olha para ele torcendo para não ouvir o que achava que iria ouvir. “Por favor, não vá sugerir que eu assista a outra sessão com uma *dominatrix*”, implora dentro de sua cabeça.

— Eu estava exatamente pensando que, para que consiga tirar fotos sensíveis de uma submissa e seu dominador, você deveria experimentar por si mesma essa situação. Quer dizer, a dinâmica seria diferente, se fôssemos apenas você e eu.

Valentina fica gelada, o terror preenchendo seu corpo.

— Eu não tenho certeza de que seja mesmo do tipo submisso.

Leonardo sorri para ela, seus olhos dançando, divertidos.

— Eu acho que você é. Eu sempre reconheço uma submissa nata quando encontro uma. É preciso coragem para ser uma.

Ficam em silêncio e ela observa Leo colocando os óculos de lado enquanto se pergunta se tem coragem de fazer o que ele está pedindo a ela. Respira fundo antes de responder.

— Théo estará conosco? — ela pergunta com calma.

Leonardo olha para ela.

— Você não falou com ele desde sábado? — ele pergunta.

Ela balança a cabeça, suas bochechas ficando vermelhas.

— Eu não entendo o que está acontecendo — ela sussurra, com a voz rouca.

— Não posso dizer o que Théo quer, Valentina. Você terá de descobrir isso por si mesma. — Ele dá um sorriso amistoso. — Mas posso dizer que, se você quiser experimentar ser uma submissa por uma noite, então seremos apenas você e eu no Submundo de Veludo.

Eles olham um para o outro, o silêncio pesando entre eles. Mesmo que já tenha feito sexo com aquele homem, a ideia de Célia não estar com eles torna o objetivo dele ainda mais perigoso. Não pode fazer isso. E Théo? Mas então outra voz dentro dela começa a falar também. “E Théo, Valentina? Ele abandonou você há uma semana, sem nenhum tipo de explicação, além daquele velho álbum de fotos eróticas antigas, para reaparecer do nada e transar com Célia na sua frente! Para excitá-la com isso! E o que ele acha que aquelas fotos eróticas antigas estão fazendo com você durante a noite, sem ele ali?”

— Eu vivo com Théo — ela diz, finalmente, sem tirar os olhos de Leonardo.
— Ele quer que eu seja a namorada dele.

— Também tenho uma namorada, a Raquel. Acho que você a conheceu. Infelizmente, está ocupada nesta noite, senão poderia tomar o lugar de Célia.

A loura do corpete apertado? Namorada de Leonardo? Ela nunca teria adivinhado.

— É uma escolha de estilo de vida, Valentina. Não tem a ver com questões de fidelidade. Você está apenas escolhendo experimentar algo que lhe dará prazer,

uma experiência que poderá usar para apimentar sua relação com Théo. Além disso, ele não precisa ficar sabendo.

“Ele não precisa ficar sabendo, mas eu saberei para sempre.” Debate em sua cabeça os prós e os contras dessa decisão. Se aceitar a proposta, ficará mais simples terminar tudo com Théo. Ela vai conseguir provar para si mesma que não pode mesmo ser a mulher que ele espera. Vai salvá-lo de quem ela realmente é: uma companheira fria e sem coração, como a sua própria mãe.

— Ok! — ela mal acredita que acabou de concordar com aquilo. — Mas estou com um pouco de medo.

Leonardo segura suas mãos e sustenta o olhar dela com um jeito carinhoso.

— Isso é o que torna tudo mais erótico: você precisa ter medo, caso contrário não funciona.

— O que você vai fazer comigo? — ela pergunta baixinho.

— Vou mostrar a você o seu lado mais oculto, mas antes vamos explorar a minha versão do quarto Submundo de Veludo.

Valentina treme involuntariamente ao se lembrar dos chicotes e das barras de madeira e ferro que tinha visto por ali, penduradas pelas paredes.

— E então, Valentina, vou levá-la à câmara escura que há dentro de você mesma.

Belle

SANTOS ESTÁ ENCOSTADO CONTRA a parede do quarto de Belle, as pernas cruzadas e as mãos enfiadas nos bolsos, apenas olhando-a. Seus olhos atravessam as roupas da cortesã quando ela começa a desabotoar a jaqueta. Suas mãos tremem de ansiedade à medida que ela solta sua echarpe, pouso sua bolsa na cama e se abaixa para desabotoar as botas. Ele se levanta e dá a volta nela, parando às suas costas e fazendo com que Belle se arrepie apenas com a sua proximidade. Santos levanta as mãos dela sobre a cabeça.

— Deixa. Eu faço isso — ele diz, ajoelhando-se para desabotoar as botas delicadamente, puxando-a de seus pés escondidos sob as meias pretas.

Belle coloca as mãos sobre a cabeça dele, passando os dedos por seus cabelos escuros. Ele olha para ela; a força do seu olhar quando se encontra o dela é quase palpável, como algo físico se espalhando pelo ar, como mel na boca.

Ele se levanta, ultrapassando-a em altura, forçando as mãos dela para baixo e pegando-a no colo. O marinheiro a carrega para a cama, deitando-a com cuidado, como se tivesse uma fina peça de cristal de Murano nas mãos. Deitada, ela olha para ele. Não há a menor necessidade de seduzi-lo. Nenhum esforço é necessário ali. A atração entre os dois é quase palpável, uma corrente de desejo que percorre seus corpos. Santos solta a gravata enquanto caminha em direção à cama. Belle o espera deitada. Veste sua sensual camisa de seda e olha para ele cada vez mais perto, como se enxergasse o desejo mais profundo de seu coração.

Santos se inclina sobre Belle. Com uma das mãos, levanta a camisa até desnudar seus seios; ao mesmo tempo, com a outra mão, tira sua calcinha para admirá-la completamente nua. Ela tira os braços de dentro das mangas, agora só está vestindo as meias pretas. Tenta, então, alcançá-lo. Em resposta, ele se abaixa mais para beijá-la. Belle raramente beija seus clientes, mas este homem não é um cliente, é o dono do seu coração. Uma dúvida aparece em sua cabeça: talvez ele ache que ela seja apenas uma prostituta, mas não pode prestar atenção nisso agora, está sendo beijada da maneira mais profunda e intensa de toda a sua vida. É o tipo de beijo que faz com que ela deseje dar a ele cada gota de sua essência. Seus lábios e suas línguas conversam entre si, sem palavras. Finalmente, ele se afasta.

— Belle Graúna — ele sussurra —, eu gostaria muito de fazer amor com você. Você me permite?

— Sim, Santos Devine, eu o permito.

Só então ele tira suas roupas. Belle admira o corpo firme e magro de um homem que nunca descansa, que está sempre fazendo algo. Não tem um grama de gordura, diferentemente de seu marido sedentário. Não, ela não vai pensar no *signor* Brzezinski esta noite. Ela sabe que está navegando ao sabor do vento, se arriscando a ser exposta em um escândalo e perder tudo o que tinha, mas valeria a pena. Só para experimentar a intensidade dessa paixão por Santos, ainda que fosse apenas uma vez.

Quando ele a penetra, Belle não consegue evitar um gemido de espanto. Nunca tinha feito sexo daquela maneira, sempre tinha sido prazeroso, excitante e erótico; mas essas sensações todas juntas são mais do que imaginaria possível. Ela está se tornando parte de Santos e consegue sentir o prazer dele, seu êxtase, que por sua vez aumenta seu próprio prazer ainda mais. Finalmente, tinha sido encontrada por este homem, o nômade Santos Devine, que ela provavelmente nunca mais tornaria a ver. Ele se encaixa perfeitamente dentro dela e ambos se movem no mesmo ritmo, despertando o odor apimentado e salgado de Santos. Era a sensação mais enlouquecedora que jamais tinha conhecido. O toque de sua pele, surpreendentemente macia, e seus cabelos grossos estavam agora gravados para sempre em sua memória.

Ela e Santos estavam ligados. Em um momento, ele estava por cima dela; no seguinte, rolavam para o lado e era ela quem o cavalgava. Ela o sente dentro de si e deseja senti-lo inteiro, até que ele alcance sua alma e a preencha completamente. “Acabe com este vazio que tenho dentro de mim. Acabe com a minha dor.”

Belle então se sente levitar, uma sensação que nunca havia experimentado antes, como se fosse uma andorinha voando sobre a laguna, de asas abertas, cada vez mais rápido, seu coração acelerado. Ah, Deus, essa sensação é impossível, tão sofisticada e ao mesmo tempo tão insuportável. Ela abre os olhos e olha para Santos; ele também está olhando para ela.

“Não pare”, seus olhos pedem a ele. Ele coloca as mãos atrás da cabeça dela e faz com ela se levante, deixando-a por cima de seu corpo enquanto continua investindo dentro dela. Ela se dobra, como se todo seu autocontrole tivesse sido apagado pelo poder do toque dele. Ela voa, Santos a tinha libertado.

Depois do gozo, deitam-se lado a lado na cama. Sem dizer palavra, Santos pega a mão dela e pressiona sua palma contra seus lábios. Belle se vira e o olha diretamente: pode ver todos os lugares que aqueles olhos incrivelmente azuis haviam visitado e deseja que também pudesse ter participado de suas aventuras.

Ela se inclina para a frente e o beija, sentindo seus lábios de veludo, incompatíveis com um homem tão rústico. Alcança a argola em sua orelha, virando-a, aproximando-se para beijar o lóbulo. Ele a puxa para si e a abraça forte contra o peito. Ela levanta sua perna e o prende pela cintura; em seguida, desliza as mãos pelas suas coxas para tocá-lo. Está duro novamente, ela sabe. Acaricia-o sem parar e quando percebe que ele chegou a uma ereção completa, guia-o para dentro dela uma outra vez.

Quer fazer amor com aquele homem até que os dois se desintegrem, até não estarem mais no mundo real, até que se transformem em duas mariposas voando em torno da luz de seu amor. Porque ela realmente se apaixonou por ele; se apaixonou pela primeira vez em sua vida. Talvez tenha acontecido na primeira vez em que os dois se cruzaram, mas Belle sabe que, o que quer que aconteça agora, Santos Devine vai ser o amor de sua vida. Nesta noite cheia de alegria, se esquece tão completamente de ser a *signora* Louise Brzezinska e de sua vida aprisionada, se esquece até de Belle e seus clientes. Ela é a jovem polonesa de antes de sua vida em Veneza, antes de ter perdido seus pais e sua virgindade. Ela é Louise em sua inocência, fazendo amor com seu amor verdadeiro nove vezes na mesma noite.

Valentina

COMO ELA E LEONARDO vão começar? Como eles passariam do *status* atual, de sexo casual, para este jogo muito mais sério, o de domínio e submissão? Tudo era tão mais fácil com Théo... O primeiro idioma em que se comunicaram foi sua linguagem corporal, um aprendizado natural e sem rodeios, desde a primeira vez que tinham ficado juntos. Começaram com um relacionamento que parecia não ter futuro nenhum. No entanto, sua história tinha evoluído sem esforço, apimentada com todos aqueles encontros anônimos e secretos em quartos de hotel. Foi uma época especial, que a tinha feito se sentir mais viva do que nunca.

Valentina respira fundo; tenta afastar o pensamento de Théo e da época em que eram muito felizes. As coisas haviam mudado, eles moravam juntos e, como sua mãe a havia alertado, tudo indicava que ele estava tentando dominá-la. Deve ser por isso que criou esse jogo, parecia um tipo de vingança por sua falta de comprometimento. Ela não é a mulher que Théo quer que ela seja. O tipo que está ansiosa para conhecer os pais do namorado. Com o coração pesado, Valentina se dá conta de que é mais parecida com sua mãe do que gostaria de admitir.

Leonardo serve vinho tinto; Valentina imagina se ele também está nervoso. Os dois estão sentados à mesa do escritório dele, um em frente ao outro. Leo entrega a ela uma folha de papel.

— Só preciso que você assine este contrato — ele explica. — Diz que você consente com tudo o que acontecer nesta noite.

Ela fica mais ereta na cadeira, uma expressão de dúvida no rosto.

— Um contrato? — pergunta, sem acreditar. — Mas nós já transamos...

Ele segura a caneta, mordendo sua ponta, pensativo.

— Eu sinto muito que isso tenha de ser assim tão formal — ele diz depois de uma pausa. — Fui irresponsável por não ter pedido para você assinar isto antes, mas o ponto naquela noite era conseguir que você reagisse com espontaneidade.

A frase soa suspeita, era como se ela tivesse sido manipulada. Observa as mãos dele enquanto lhe entrega contrato e caneta e se questiona: vai mesmo se submeter àquele homem? Sua própria mão treme descontroladamente enquanto assina e sela, preto no branco, seu consentimento.

— Só quero garantir a você — Leonardo diz de maneira formal, como se

estivesse explicando o texto de um contrato e não uma noite de sexo descontrolado e selvagem — que nós praticamos apenas sexo seguro aqui no clube, então você não precisa se preocupar com este aspecto das coisas. Nem preciso dizer que vou usar camisinha sempre, caso terminemos fazendo sexo, como aconteceu no sábado.

“Se fizessem sexo? Como assim? Mas eles não tinham acabado de concordar e assinar um contrato que dizia que era exatamente isso o que iriam fazer?”

Valentina podia ver seu reflexo nas lentes de Leonardo. Tenta desviar o olhar, quer tentar se manter o mais distante possível de tudo o que está para acontecer ali naquela noite, e isso incluía encarar seu próprio reflexo. Ela vai mesmo fazer aquilo? Não seria uma traição a Théo? Estava separada dele há apenas uma semana e já estava iniciando uma relação repleta de sexo e situações novas com outro homem, sem que Théo soubesse ou concordasse. Mas ela não pode evitar, quer entender este lado de sua sexualidade. Desde sua noite com Célia e Rosa, algo havia mudado dentro dela. Não se trata mais apenas de aprender mais S&M; no fundo, sabe muito bem que esta é uma busca nascida de sua necessidade de se conhecer, de matar seu desejo de ser completamente dominada. É uma verdade difícil de admitir, mas ainda assim, era a pura verdade. Precisava passar por esta experiência fora de sua zona de conforto com Théo, tinha de ser com um especialista, por assim dizer, com alguém como Leonardo, que claramente sabia o que estava fazendo.

— Então — Leonardo se apoia sobre os cotovelos na mesa, seus dedos trançados e seu queixo descansando sobre eles —, tem algo que queira me perguntar antes de começarmos?

— Quando você descobriu que gostava disso, de S&M? — ela pergunta, gaguejando. — Quero dizer, como você descobriu?

— Eu sempre soube — Leo responde com simplicidade. — Desde que eu tinha seis anos e brincava com uma menina de que éramos um casal. Você sabe, segundo Freud, todas as crianças têm tendências sadomasoquistas.

— Isso é uma coisa muito politicamente incorreta de se dizer — Valentina responde, crispando as mãos. “Deixe as crianças fora disso.”

— Eu sei — ele responde. — Mas acho que é verdade. Não quer dizer que as crianças não sejam inocentes e vulneráveis.

A conversa faz com que algo desperte na memória de Valentina. Uma lembrança vaga, obscura, enterrada em alguma parte de sua mente, começava a emergir de seu subconsciente. Voltou ao tempo em que tinha 8 anos, logo depois de seu pai ter partido, quando sua mãe havia adotado um estilo de vida completamente livre, tendo grande quantidade de namorados. As duas viviam cercadas de alguém que amava sua mãe de maneira aberta. Até, claro, Tina

dispensar, depois de certo tempo, cada novo namorado. Mas Valentina se lembrou de ter visto alguma coisa em um desses relacionamentos tórridos, que aconteciam sempre de portas abertas: a visão de sua mãe atada a uma cadeira em seu quarto. A imagem era extremamente nítida: ela estava de frente para o espaldar, vestida apenas de sutiã e uma anágua, suas mãos atadas às costas, seus pés amarrados aos pés da cadeira e sua boca silenciada por uma mordaca. Ela se lembra de que não tinha ficado nem com medo nem aterrorizada. Semanas mais tarde, havia feito a mesma brincadeira com um dos seus amigos da escola. Tinha pedido que ele a amarrasse a uma cadeira e a beijasse. O garoto não só topou na hora, como ainda levantou sua blusa sobre a cabeça e deu uma boa olhada em seus seios pequenos.

Será que foi assim que o desejo por esse tipo de relação tinha surgido nela? Mais uma das heranças de sua mãe. Leo tinha dito que os submissos têm uma forte tendência a ser narcisistas, e essa era uma descrição que cabia perfeitamente em Tina. E, se fosse realmente honesta, veria que também se aplicaria a ela mesma.

— Sabe — Leonardo diz —, o sadomasoquismo pode ser catártico. A experiência de ser exposta e humilhada pode realmente ser uma maneira de se reconectar com uma parte da personalidade deixada de lado ou simplesmente suprimida.

Valentina molha os lábios.

— Não gosto de dor — avisa, num fio de voz.

— Vamos ver — ele questiona enquanto limpa sua taça de vinho. De repente, ele se levanta, animado: — Você está pronta?

A escada de mármore surge à sua frente e seu coração bate forte. Quando chegam aos últimos degraus, ele se vira e Valentina percebe que já se sente diferente em relação a Leo, como se ele tivesse crescido alguns centímetros ao descer os degraus.

— Daqui em diante, você está completamente sujeita à minha vontade. Isso significa que você deve fazer rigorosamente tudo o que eu mandar. Caso contrário, devo deixar claro que haverá consequências. Lembro, pela última vez, que, se você quiser que eu pare, tudo o que tem a fazer é pedir. Combinado? Você só tem de dizer, em alto e bom som, a palavra “PARE”. Se apenas quiser que eu vá mais devagar, você deve dizer a palavra PAUSA. Certo?

— Sim... — Sua voz estava quase inaudível.

— Eu decidi que gostaria de submetê-la completamente a mim no quarto Submundo de Veludo. Quero que você entre lá e se ajoelhe ao lado da cama, com as costas voltadas para a porta. Quando eu entrar, você não deve levantar a cabeça e não pode olhar para mim. Nunca olhe para o meu rosto, a menos que eu

mande. Mantenha seus olhos sempre abaixados. Está claro?

Valentina confirma com a cabeça. Sente seu coração disparado e as palmas das mãos suadas e quentes quando as cruza inadvertidamente. O lado lógico de seu cérebro grita para ela sair dali imediatamente e não voltar nunca mais, mas o lado não racional está vibrando de curiosidade para saber o que vai acontecer dentro da sala. Ela reconhece que Leonardo não é exatamente o seu tipo, mesmo assim o que oferece a atrai muito. A experiência de mergulhar em uma parte dela mesma que nunca tinha sido explorada, de se aventurar no desconhecido, era excitante e abertamente sensual; logo, irresistível.

Leonardo se vira nos calcanhares e caminha com determinação pelo corredor escuro, deixando-a sozinha. Ela solta as mãos para girar a maçaneta e abrir a porta.

Dentro do quarto Submundo de Veludo, Valentina se sente como se tivesse entrado em um útero quente e pulsante. O lugar não parece mais sinistro como lhe pareceu quando entrara ali a primeira vez para testemunhar o desempenho de Anna, a *dominatrix*, e seu escravo, Nicky. Mas também não parecia tão vasto quanto no sábado passado, quando os quatro tinham ido para a cama juntos. Ela olha à volta do quarto. E se Leonardo a prendesse na cruz de madeira e apertasse seus mamilos com pinças? O medo faz com que sinta uma ânsia profunda chegar a sua garganta, mas tenta engoli-lo. Ele disse que tudo o que acontecesse com ela seria apenas com seu consentimento e que ela teria a escolha de quebrar o encanto daquele jogo. Eles estão juntos nisso, em um tipo de cumplicidade e de confiança mútua.

“Como são estranhos os seres humanos”, Valentina pensa enquanto abre o zíper de seu vestido e o deixa dobrado sobre uma cadeira perto da porta. Ela não tem certeza de que ele tinha permitido que ela ficasse de meias e decidiu que eram parte de sua lingerie, combinadas com o espartilho de seda. Enquanto espera, sente-se como uma criança que se ajoelha ao lado da cama para rezar antes de dormir. Sente um tremor percorrer sua espinha e se dá conta de que está completamente apavorada.

Ouve a porta se abrir e seu primeiro instinto é se virar e ver quem está entrando no quarto; ela sabe muito bem, no entanto, em cada fibra de seu corpo, que é Leonardo quem está ali. Usa toda a sua força de vontade para não olhar para trás. Leonardo não parece notar sua presença enquanto caminha pelo quarto, apagando as luzes e acendendo velas em todos os cantos. A sala fica ainda mais escura e sua atmosfera, ainda mais assustadora, com a luz fraca e bruxuleante a criar sombras na parafernália espalhada por ali. Seus joelhos

começam a doer, mas ela se mantém o mais imóvel que pode, não quer dar nenhum motivo para ser punida pelo seu dominador. A espera é quase insuportável, mas, ao mesmo tempo, excitante. O que ele vai fazer? Ela está completamente em suas mãos.

Leonardo fica em pé atrás dela, apenas olhando-a. Valentina sente que ele se inclina sobre ela. Sua respiração volta a acelerar.

— Levante-se! — ele ordena.

Ela fica em pé, as pernas tremendo pelo longo período ajoelhada no chão.

— Vire-se.

Ela se volta para ele, tomando todo o cuidado para não olhar diretamente para o seu rosto, mas consegue enxergar seus pés descalços e suas pernas musculosas moldadas pelo jeans muito justo. Ele está nu da cintura para cima, mas ela não ousa levantar o olhar.

— Você não deve se mover. Nem um músculo sequer. Apenas eu posso tocá-la, você não pode tocar em si mesma.

Ele dá um passo e abaixa as alças de seu espartilho. Valentina começa a conversar novamente com sua consciência.

“Você está permitindo que este homem que não é Théo tire suas roupas!”

Cala a voz em sua cabeça, porque é tarde demais para lições de moral ou crises de consciência. Leonardo então desabotoa toda a peça, expondo o torso de sua submissa, agora vestida apenas com suas meias finas à frente daquele quase desconhecido. Ela repara no abdômen dele, nos pelos em volta de seu umbigo subindo para o peito, e mal consegue respirar.

Leonardo fica em pé à frente dela e se inclina. Leva suas mãos entre as pernas de Valentina, sentindo-a com seus dedos longos. Ela dobra o corpo, surpresa com a sua ação.

— Olhe para mim.

Ela tira os olhos do piso de madeira e os levanta até encontrar os olhos de Leonardo. Sua expressão não é a de um amante, não há encantamento ou adoração neles. Em vez disso, está olhando para ela como se Valentina fosse um espelho dele mesmo. Ela percebe que há, finalmente, uma onda de intimidade entre ela e aquele homem. Uma cumplicidade deliciosa, criada assim que pisaram na arena de seus jogos eróticos. Ele tira os dedos de dentro dela e engancha um deles em uma das meias, baixando-a até seus tornozelos. Depois, faz o mesmo com a outra meia. Ela não tem nada a esconder agora, nem sua assinatura pessoal, as meias finas presas em uma cinta liga. Está completamente exposta. Não há como esconder sua excitação. Leonardo sabe que, neste momento, Valentina superou seu medo.

— Suba na cama e fique de quatro.

Valentina obedece.

Será que Leonardo vai comê-la por trás, como no sábado passado? Só que sem a presença de Célia e de Théo? Théo. Pensar nele faz seu coração pesar, mas agora ela não pode parar. Além disso, acredita que uma parte dele está ali com ela. Ele é parte dessa sua necessidade sexual.

Ela está de quatro na cama, esperando; sente o coração na boca. Valentina ouve Leonardo se mover, trazendo as velas para mais perto da cama para que ela sinta o calor à sua volta. Está muito escuro para conseguir ver o que acontece pelos espelhos espalhados pelo quarto, só a luz das velas e os movimentos e sombras resultantes é que são perceptíveis. Seus sentidos a informam que ele subiu na cama e está atrás dela. Sente ele se esfregar na sua pele macia com a aspereza do tecido rústico de sua calça e deixa-se vender; a escuridão se completa.

Leonardo a puxa para trás, fazendo com ela sinta seu pênis ereto e duro por trás da calça. Valentina tem vontade de gritar, mandar que ele entre nela de uma vez, mas claro, não pode fazer isso, sob risco de ser punida. Só pode fazer o que ele manda e o que ele quer. A supressão de seus instintos tem um resultado extremamente erótico e seu corpo está vibrando com a expectativa. Uma nova ordem rompe o silêncio:

— Agora, apoie-se em seus cotovelos e coloque sua cabeça entre as mãos. Quero que você empine a bunda para cima.

Ela simplesmente obedece, embora se sinta absurdamente exposta naquela posição, como se fosse a fêmea de um animal pedindo para ser currada. Envoltas na escuridão, sua mente começa a criar imagens por conta própria: Leo nu transando com ela por trás, os dois se movendo com muita intensidade. Aquilo tudo parece muito ruim, sujo e errado, mas ela não pensa em parar. Sente as mãos dele acariciando-a, uma envolvendo suas nádegas enquanto que a outra caminha entre as pernas, seus dedos entrando fundo em sua vagina e sacudindo seu corpo em espasmos. Quer que ele a penetre agora.

— Acho que você está pronta — ele diz com a voz fria. — Fique absolutamente imóvel, Valentina.

Nem um pinga de luz passa pelo tecido grosso da venda que encobre seus olhos. Sua respiração faz uma pausa e ela sente medo novamente, sem saber o que vai acontecer. Ela se encolhe quando sente algo quente na pele de seu traseiro. Quente e líquido, muito quente, aliás, mas não o suficiente para queimá-la. Escuta o crepitar da chama no pavio e percebe o que ele está fazendo.

“*Dio mio!* Ele está derramando cera quente em mim!”

A palavra PARE se forma em sua boca, mas Valentina decide não pronunciá-la. Se pedir que Leonardo pare agora, nunca vai saber ou entender o mundo dele.

Além disso, não dói tanto assim, pensa, se lembrando de todas as vezes em que tinha brincado com velas e, por vontade própria, deixado a cera quente cair pela ponta de seus dedos, para removê-la minutos mais tarde. Sempre tinha gostado da sensação de sua pele arder até que o líquido se esfriasse e endurecesse. Fecha os olhos, um reflexo incontornável porque, àquela altura, manter os olhos abertos ou fechados não fazia a menor diferença, e se concentra no que Leo está fazendo. Ele parece estar traçando um caminho desde o fim de sua espinha, em direção ao meio de suas pernas, chegando cada vez mais perto da parte mais sensível de seu corpo. Sua barriga se contrai. Ele não iria pingar cera ali. Iria? Ela se surpreende com a sensação erótica que sente com o contato da vela com sua pele, ardia um pouco depois de cair sobre suas costas para logo esfriar e endurecer. Ela escuta seus próprios gemidos de prazer e fica espantada com a estranheza daquilo tudo. Ali está ela, deixando um homem derramar cera quente sobre sua bunda e, apesar de seu desconforto, está adorando ser subjugada.

O líquido quente está cada vez mais perto de sua vagina e ela fica molhada ao pensar em qual será sua sensação quando sentir a cera dentro dela. Uma pequena gota cai entre suas pernas, mas longe do ponto mais sensível. Está enlouquecida com a espera das sensações que estão cada vez mais próximas, um misto de medo e excitação, mas ambas extremamente profundas. Ele trilha suas costas novamente, do começo, e percebe camadas de cera se sobrepondo e endurecendo sobre si. Sente seu corpo vibrando e pulsando em espasmos internos e, para seu completo choque, goza. Leonardo nem sequer a tinha penetrado, não a tocava mais com os seus dedos; mesmo assim ela tinha chegado a um orgasmo. Diferente de tudo o que já tinha experimentado até então.

Ele deixa de derramar cera sobre ela para cobrir seu próprio dedo, enfiando-o, ainda aquecido, com força em sua vagina, apalpando-a por inteiro. Valentina começa a sentir um novo orgasmo chegando e se move como se estivesse se afogando. Mas Leo não para, apesar de ela ter a sensação de que iria se desintegrar; continua a tocá-la com seu dedo recoberto pela cera quente, fazendo-a gozar de novo e de novo.

— Por favor, Leo! — ela grita.

Leonardo a ignora completamente. O que ela está pedindo? Para ele continuar ou para ele parar? Se não fosse sua submissa, será que se afastaria dela? A dominação dele a libertou dos próprios medos, porque ela pertencia a ele e era dele a decisão de quando iria encerrar aquela tortura prazerosa.

Quantas vezes ela havia gozado? Não sabia, mas sentia-se como se fosse desmaiar a qualquer momento, incapaz de controlar as sensações em seu corpo. E então ele para, seu dedo imóvel dentro dela. Ela despenca sobre a cama, ainda vibrando por dentro. Todas as camadas de reserva tinham sido removidas por

Leonardo, ela se sentia renascer. Fica deitada com o rosto colado contra a cama por um longo período. A experiência por que passou é tão avassaladora que não consegue falar, muito menos se mexer. Leonardo tinha se levantado e agora se aproximava da cama com uma manta leve, que usou para cobrir os ombros dela, antes de começar a remover com delicadeza as placas de cera grudadas em suas costas com um creme gelado e um pedaço de tecido. Ele a limpa metodicamente e com calma. A sensação é de que seu corpo e alma estão sendo purificados naquela limpeza. Depois que termina de remover toda a cera, ela se deita de lado na cama imensa, com a manta de lã a agasalhando. Sente-se leve e muito cansada, como se fosse feita de éter, um leve vapor dela mesma.

Leonardo pega outro cobertor de uma gaveta sob a cama e a cobre. Ele se inclina sobre ela, acomodando-a, e retira sua venda. Ela pisca incomodada com a luz vermelha do quarto. Todas as velas tinham sido apagadas, o lugar estava mais escuro do que nunca.

— Tudo bem? — Leonardo pergunta, deitado de lado, seus olhos mais escuros do que o quarto.

Uma única palavra é suficiente, é tudo o que ela se sente capaz de dizer para expressar o que sentia. Não era humilhação, degradação, dor ou sensualidade. Era sublime.

Leo beija sua bochecha e eles riem um para o outro. Valentina sente novamente a cumplicidade profunda entre eles, a igualdade. Não estão apaixonados, ambos estão envolvidos com outras pessoas, mas, mesmo assim, compartilharam este jogo erótico extremamente pessoal. Talvez fosse razoável se sentir culpada, mas isso não acontece.

— Durma agora — ele diz, arrumando o cabelo dela atrás das orelhas.

Valentina fecha os olhos, quer levar esta sensação sublime junto com ela. Quer levá-la para Théo.

Belle

APESAR DE SUA MÃE SER uma católica fervorosa, que a enviou a um convento para ser educada, Belle já não acreditava em Deus desde seus 12 anos. Mesmo assim, começava seu dia em alguma das igrejas de Veneza. Preferia Santa Maria dei Miracoli, um pequeno templo de mármore, próximo a seu apartamento. Outras vezes, optava por seguir em direção à imponente San Giovanni e Paolo. Não sabia o que mais poderia fazer, esperava que Deus pudesse ajudá-la e dar ela o milagre de ter Santos Devine. Já não pagara por todos os seus pecados a essa altura? Estava casada há 14 anos com um homem que a detesta, seu pai estava morto e sua mãe, insana. A Polônia estava perdida, ela não tinha conseguido ter filhos e se sentia completamente sozinha. Será que não merecia ter a única coisa que realmente queria? O homem que ela amava?

Não era pedir muito, mas Belle sabe que a vida é assim mesmo. Cada momento que passava com Santos era divino, mas complicado. Ele a avisava sempre de que aquele não era um relacionamento seguro e sugeria que talvez fosse melhor que não se vissem novamente. Ele segurava sua mão entre as dele e sorria para ela ansiosamente.

— Não quero partir seu coração, minha Belle.

Nessas ocasiões, sentia vontade de gritar de volta para ele: “E o seu coração, onde está? Em que caverna escura do seu passado você o deixou?”. Santos repete sempre que não consegue amar apenas uma mulher, mas ela não entende como ele pode não amá-la de verdade fazendo amor do jeito que faz, chamando por seu nome quando está dentro dela e depois adormecendo, passando a tarde toda em seus braços. Belle espera e reza e implora para que seu desejo seja atendido.

Muitas vezes, ele chega ao prédio de seu apartamento pela porta dos fundos e a chama de seu barco. Da janela, ela joga uma rosa branca, o símbolo do amor entre os dois, que ele sempre pega e cheira com paixão.

— Desça, minha Belle, minha graúna, venha navegar comigo.

Vestida com sua roupa de marinheiro, mas sem se dar ao trabalho de amarrar os seios ou esconder os cabelos sob o chapéu, e às vezes vestindo apenas shorts de seda preta em vez da calça branca do uniforme, navegavam juntos. Santos adorava aqueles shorts, extremamente ousados.

Os dois se divertem quando ele brinca que o seu primeiro-oficial deve ficar de

olhos abertos para não perder o posto para Belle. Sua fantasia a leva em viagens longas e aventuras emocionantes ao lado dele, quando se torna uma rainha pirata e Santos, seu capitão. Veneza deixou de ser uma prisão e se tornou um santuário de amor e sexo; para Belle, o marulhar das ondas batendo contra as pedras antigas da cidade é como uma lembrança constante de seu amor por aquele homem. O cheiro da decadência, de construções se desfazendo e sedimentando no fundo do canal, é como o cheiro do sexo deles, penetrante, mas trágico.

Cada vez que Belle cruza uma das pontes em arco da cidade, deseja que pudesse ser a passagem de um homem para o próximo, mas tudo o que consegue é voltar ao ponto de partida. Não seria fácil deixar seu marido para trás e Santos provavelmente nunca conseguiria se contentar apenas com ela, como as pontes da cidade que a levavam em círculos interligados. A verdade dolorosa era que ela não era suficiente para ele, embora ele fosse tudo o que ela sempre quis.

A alma dos amantes é generosa, por isso, mesmo sem ter esperanças, ela se entrega completamente ao seu amor verdadeiro, ainda que essa dedicação vá desaparecer um dia sem deixar rastros. Como Veneza. Mas hoje é um bom dia para Belle, seu marido tinha viajado e ela está completamente livre para passar o dia com Santos. Não recebia mais nenhum de seus clientes, não suportava mais o contato deles. Naquela tarde, debruçada sobre sua varanda, jogou a rosa branca para seu amante, que tirou as pétalas da flor e espalhou-as pelas águas esverdeadas do canal. Ele lhe ofereceu os braços e Belle desceu de seu apartamento em segundos, vestindo seus shorts pretos, uma blusa branca curta e seu chapéu de marinheiro. Remando, afastaram-se para o meio da laguna até se tornarem um pequenino barco cercado de água por todos os lados, uma ilha de amor. Comeram morangos, o caldo vermelho da fruta manchando a sua blusa imaculadamente branca, deitaram-se e fizeram amor.

Ela olha as gaivotas voando sobre eles, enquanto puxa seu amante ainda mais profundamente para dentro dela. Deseja poder manchá-lo com seu amor, marcando-o como os morangos haviam manchado sua blusa. Queria que o poder de seus sentimentos fosse suficiente para tocar o coração dele.

“Como ele pode não sentir? Por que não consigo fazer com que ele se apaixone por mim?”

Santos permanece distante e cada vez mais misterioso. Ela nunca sabe se ele vai voltar a procurá-la e, quando isso acontece, ela acende uma dúzia de velas de gratidão na igreja.

Desta vez, ele a procurou à noite. Sentados em sua varanda, olhavam o canal agora escuro e sinuoso, os prédios caiados como fantasmas silenciosos na cidade. Era uma noite quente e Veneza transpirava com o calor, os canais com um odor pungente de todos os sabores da cidade. Santos está sem camisa e ela

admira os pelos em seu peito, o contorno forte de seus ombros e braços. Ela veste apenas uma camisola leve, que cai sobre seu corpo como uma cascata de seda azul. Acabam de fazer amor. Para ela, como a cada vez, foi a experiência mais intensa e emocional de toda sua vida; seus olhos ainda boiavam nas lágrimas que chorou quando chegou ao orgasmo. Naquele momento, achou que tinha visto uma sombra passar pelo rosto dele, algo mais profundo do que a simples compaixão por seu coração esvaído, e certamente muito mais profundo do que o sorriso descontraído que costuma lançar depois do sexo.

Estão sentados em silêncio, olhando o canal, até que ele se volta e dispara:

— Então, você me ama? — Ele tem uma expressão curiosa no rosto, ao mesmo tempo jovem e velha.

Ela franze o cenho.

— Eu o amo desde o primeiro dia em que o encontrei na rua. Já disse isso incontáveis vezes.

Ele dá de ombros, evitando o olhar dela.

— Muitas mulheres já disseram que me amavam, mas nenhuma realmente me amou, sempre querem uma parte de mim, normalmente conquistar meu espírito livre.

Ela toma as mãos dele nas suas, entrelaça seus dedos nos dele e o força a olhar para ela.

— Santos, eu não quero tirar de você seu espírito livre. Por que o faria, se é exatamente esse espírito o que mais amo em você?

— Ah, minha Belle, que tipo de amor é esse, o que você sente? Sempre acreditei que, quando se ama alguém, se quer ficar com essa pessoa até que a morte os separe.

Ela sacode a cabeça.

— Se você ama alguém, deve deixar que seu amado seja o que ele quer ser, Santos. Isso é o verdadeiro amor. Por isso, eu amo você! Você me deixa ser exatamente quem eu quero. Como eu não faria o mesmo por você? Eu amo tanto você que sei que um dia terei de deixá-lo partir. — Sua voz falha; ela solta as mãos dele e puxa a camisola de seda em direção ao rosto para esconder sua tristeza na seda macia. Santos se aproxima dela e a envolve com os braços, as pernas deles entrelaçadas.

— Belle, eu posso voar para longe um dia, mas sempre voltarei para você.

Com olhos brilhando com o novo sopro de esperança, ela olha para Santos.

— Você voltaria mesmo?

— Como não, minha querida?

Ele a beija carinhosamente e Belle se sente delirando de felicidade e alegria. Ele disse que voltaria para ela um dia. Quando este dia chegaria, ela não sabe

nem se importa. Ele deu a ela uma razão para viver. Eles se amam na varanda, sua camisola de seda cor de safira enrolada no corpo dos dois, embrulhando-os como um casulo. Quando Santos goza dentro dela, Belle vê a luz da lua salpicar com seu brilho as águas do canal, como a semente de Santos salpicava sua pele.

A chuva do dia seguinte o manteve distante. Ela espera ao lado da janela, enviando preces silenciosas a qualquer deus que a escute. Espeta o dedo em uma das rosas brancas, já murchas pela espera, oferecendo seu próprio sangue como uma espécie de sacrifício, de oferenda para ter seu desejo realizado. Mas o canal está vazio e a chuva cai forte do lado de fora, misturando reflexos nas águas do canal. Espera por ele tanto quanto pode, mas então decide trilhar o caminho de volta para sua casa, como Louise, sem se dar conta de que está ensopada. O peso que vai em seu coração é só o que percebe. Ele não deixaria Veneza sem se despedir dela, certo?

Quando ela chega à casa do *signor* Brzezinski, repara que o escritório de seu marido está aceso e teme que ele já tenha voltado, embora não fosse esperado para antes da noite seguinte. Não vai suportar suas perguntas hoje, muito menos violência. A chuva tinha parado, então ela dá a volta para entrar em casa pelos fundos, caminhando cuidadosamente pela trilha que acompanha a água do canal. Algumas pedras se movem sob seus pés e, por pouco, ela não tropeça e cai dentro da água. Finalmente alcança a porta de trás, esgueirando-se para as escadas pela cozinha. Está tremendo de frio, as roupas ensopadas. Quando está praticamente chegando à porta de seu quarto, seu marido aparece no corredor, como surgido do nada.

— Onde você esteve? — perguntou com um sorriso sinistro no rosto.

— Caminhando.

— Qual é a mulher respeitável de Veneza que sai caminhando por aí debaixo de chuva e ainda no escuro? Olhe para você!

Ela olha para sua capa de veludo preto colada em seu corpo e suspira, esgotada. Está tão cansada de tudo aquilo...

— *Signor* Brzezinski — ela desafia —, o senhor já deve ter descoberto há muito que estou bem longe de ser uma mulher respeitável.

É o que basta para enfurecê-lo. Ele se lança sobre ela e a estapeia, seu golpe se aninhando entre o pescoço e o peito dela. Ela sente a força, mas se recusa a chorar.

— Vá em frente! — ela o provoca. — Bata em mim de novo. Você se acha um grande homem, mas não passa de uma piada. Todos riem de você porque sua esposa não passa de uma PUTA!

As palavras fogem de sua boca antes que Louise possa controlá-las. Seu marido a agarra pela franja e a joga para dentro do quarto, batendo a porta atrás

de si. Sua raiva é tão grande e intensa que ele nem consegue falar com ela, apenas golpeá-la. Ele a joga na cama e tira o cinto, a fivela de metal brilhando contra a luz. Os golpes começam furiosos, ele a surra sem parar, dilacerando o seu corpo até finalmente se cansar de espancá-la. Louise não se importa. Está feliz com o preço a pagar se puder ter Santos a seu lado.

Quando o *signor* Brzezinski recupera o fôlego do esforço das pancadas, grita, espumando:

— Você vai me dar um filho, sua vagabunda estéril. Ou eu vou matá-la.

Ele sai do quarto e vai para a sala de jantar, onde alivia sua raiva com um prato de carne refogada com molho.

Louise não sente fome e fica deitada em sua cama durante uma hora, sem conseguir se mexer. Sequer consegue tirar as roupas molhadas, mesmo sabendo que pode se resfriar. Finalmente, a porta do quarto se abre. Teme que seu marido esteja de volta para matá-la de uma vez, mas é Pina quem aparece, seu rosto rígido de horror quando vê o estado de sua patroa. A empregada não diz nenhuma palavra, nem precisaria, antes de sair correndo do quarto. Volta alguns momentos mais tarde, com uma vasilha de água quente, óleos e pedaços de tecido. Remove as roupas de sua patroa com cuidado e limpa o sangue de suas pernas machucadas. Ela fala no dialeto siciliano, são palavras que Belle não consegue entender direito, mas o tom de sua voz a acalma e, embora essa menina tenha dez anos a menos que ela, sente como se fosse sua própria mãe. Não tem certeza de que é assim que as mães se sentem, porque sua mãe nunca teve esse tipo de cuidado com ela.

Pina faz o melhor que pode para diminuir a dor de sua patroa, aplicando pomadas e unguentos nos machucados, mas a dor não vai embora. Tudo o que Louise quer é ser embalada nos braços de Santos. E se isso nunca mais acontecer de novo? A ideia de seu verdadeiro amor navegar para longe dela para sempre dói mais do que a surra que acabara de levar. Ela preferia morrer a nunca mais vê-lo outra vez.

Valentina

VALENTINA ESTÁ SENTADA NA cama gigante de dossel, parecendo uma princesa de contos de fadas que tivesse acordado depois de um sono de cem anos. Suas pálpebras estão pesadas e a escuridão ao seu redor brilha como se estivesse tomada por vaga-lumes. As cortinas da cama estão fechadas à sua volta, fazendo-a sentir-se numa ilha de veludo. Abrindo-as, encontra a atmosfera do Submundo de Veludo ao seu redor. Levanta-se da cama um pouco desequilibrada, como se pudesse ser engolida pelo mar de pelos do carpete no chão. Procura por suas roupas, mas elas desapareceram da cadeira. Não se importa, pelo menos não agora. Depois de sua experiência com Leo, sente como se sua nudez fosse algo natural, uma coisa pura e limpa. Abre as portas revestidas em couro e sai do quarto, ganhando o *hall* escuro. Todo o edifício parece vibrar ao seu redor; ela fica parada ali, nua, tremendo de ansiedade só de olhar para as portas de metal da Câmara Escura.

“Vou levá-la à câmara escura dentro de você.” A voz de Leonardo ecoa em sua cabeça enquanto caminha hesitante em direção à porta, o coração na boca. Será que ela teria coragem? É apenas um quarto, ela repete para si mesma. Quatro paredes e um teto, nada de realmente ruim poderia acontecer a ela ali dentro, poderia?

Ela sabe que havia pessoas que se excitavam correndo sérios riscos físicos, mas não acha que Leonardo deixaria algo desse tipo acontecer com ela. Era estranho como, apesar de conhecê-lo há tão pouco tempo, já confiava nele inteiramente. Lembrou-se de uma das frases preferidas de sua mãe: “Erotismo é a aprovação da vida mesmo na morte.”

George Bataille pronunciou essas palavras. Sua mãe adorava citá-lo em suas conversas, congratulando-o como o filósofo revolucionário do sexo. Valentina acha que suas ideias eram doentias. Como a morte poderia ser sensual?

Ela respira fundo e coloca suas mãos contra a porta. Está tão gelada que quase queima sua mão. Mesmo assim, se aproxima ainda mais e encosta sua cabeça no metal frio, tentando escutar algo. Olha para a maçaneta, logo ali ao seu alcance, seus contornos suaves e convidativos. Devagar, ela desliza a mão até alcançá-la e girá-la. A porta está trancada.

— Valentina?

Ela se vira e vê Leonardo parado atrás dela, já completamente vestido,

trazendo em seus braços um roupão branco e atalhado. Repentinamente, sua nudez começa a incomodá-la; seu rosto enrubesce como o de uma criança que rouba biscoitos do armário apanhada em flagrante.

— Eu queria ver como é lá dentro.

Ele levanta as sobrancelhas e avisa:

— Está trancada.

— Já descobri.

Por um momento, nenhum deles se mexe. Ela percebe que ele hesita um instante. Quando se decide, caminha em direção a ela.

— Você deve estar gelada — diz, envolvendo-a com o roupão, fazendo com que ela colocasse os braços nas mangas e amarrando-o na cintura. O tecido é confortável, cheira a lavanda.

— Você dormiu bastante — ele então comenta, pegando-a pela mão e conduzindo-a para o outro lado do *hall*. Ali havia uma outra porta, pintada da mesma cor das paredes. Provavelmente por isso ela nunca tivesse reparado nela antes.

— Achei que você gostaria de tomar um banho.

Ele abriu a porta e empurrou-a para dentro do banheiro mais luxuoso que já viu. Decorado no estilo de uma sauna turca, tem o piso ornado com mosaicos coloridos e, bem no centro, uma enorme banheira redonda, já plena de água tépida e aromatizada com uma fragrância deliciosa, borbulhando com pequenos jatos. Um odor agradável emana de incensos e velas e preenche o ambiente, enquanto uma música egípcia tocando ao fundo completa o clima. Sente uma vontade irresistível de imergir naquele paraíso. Mas e sobre o acordo deles?

— A Câmara Escura... — ela sussurra. — Pensei que ia entrar lá hoje.

Leonardo parece ficar pensativo novamente e se inclina para baixo, arrumando o cabelo dela atrás da orelha.

— Acho que você não estaria disposta para enfrentá-la hoje. Você parece exausta.

Valentina suspira, aliviada. Não estava mesmo disposta a mais uma aventura naquela noite. Ainda se sentia afetada pela experiência com a cera derretida de antes. Ele está certo. Não poderia tentar novas aventuras eróticas naquela noite, sentia-se fraca e desligada, sua cabeça ainda imersa em imagens confusas.

— Não há pressa — ele diz para ela sorrindo. — Acredite em mim, a próxima vez eu vou levá-la à Câmara Escura...

Seu pulso acelera só de pensar no que aconteceria. Ela sente vontade de questioná-lo para saber o que havia ali dentro, mas, no fundo, não tem certeza se realmente quer descobrir. E também sabia que ele não contaria nada para ela.

— Você vai tomar um banho comigo? — ela pergunta de repente, surpresa

com sua própria pergunta.

Ela pensa em Théo, em quantas vezes ele havia entrado no meio de seu banho, dividindo a banheira com ela, prendendo-a entre as pernas, enquanto ensaboava seus seios, sua barriga, todo seu corpo. Leo sorri para ela, como um professor teria feito.

— Não, Valentina. — ele diz. — Você deve ficar sozinha agora.

* * *

Valentina afunda na água perfumada e olha para o teto, iluminado com luz indireta e confortável. Mais uma lembrança desagradável toma conta de seus pensamentos, sem que ela quisesse. Desta vez ela se vê na banheira do apartamento com Théo se inclinando sobre ela, puxando-a pelas mãos e levantando-a, espalhando água por todo lado. Ele pega uma toalha e a abraça, fazendo com que se sentisse presa e segura. Isso aconteceu há apenas seis semanas, um pouco menos, talvez, mas a sensação é de que faz muito mais tempo. Valentina luta para tirar aquelas imagens da cabeça, mas não consegue. Pode até sentir o cheiro de seu corpo naquele dia; o odor do seu fracasso, da sua perda.

— O que aconteceu? — Théo perguntou. — Por que a água está cheia de sangue? Você se machucou?

Ela fecha os olhos com força e coloca o queixo no peito dele, sua boca fechada com força.

— Fale comigo, Valentina — ele implorava. — Por favor... O que aconteceu?

Mas ela não podia falar porque doía demais. Ela se contorceu para fugir do abraço dele, quis correr para longe, se refugiar no quarto, trancar a porta e deixá-lo ir embora. Mas, mesmo que ele fosse embora, ela sabia, Théo sempre voltaria.

— Ah, Valentina — ela escutou o tom chocado de sua voz ao entender a razão para o sangue. — Por que você não me contou?

Por tantas razões... Ela não queria ter um filho dele, mas queria. Ela não amava Théo, mas amava. Ela não queria que ele se sentisse amarrado a ela, era muito humilhante. Ela queria enfrentar tudo sozinha, mas no fundo queria o apoio dele. Queria que fosse embora e agora, que ele estava afastado, queria que isso não estivesse acontecendo. Não conseguia falar com ele.

Enquanto se limpa na banheira luxuosa, olha para a própria barriga e pensa que ali esteve o bebê de Théo. Ela coloca suas duas mãos logo abaixo do umbigo e pressiona com cuidado. Tinha desejado não estar grávida, foi o que pensou depois de tê-lo sentido dentro dela. Entrou em pânico. Não pelo fato de ter uma criança, mas do compromisso que isso significaria entre ela e Théo. Rezou para

o bebê ir embora, pediu que ele fosse levado e, no fim, ela o perdeu. Com um soluço de dor, segura as lágrimas. Afunda na banheira, na água quente, pulsando com os jatos de água que massageavam seu corpo e ajudavam-na a relaxar. Não queria remoer o passado. Nunca se esqueceria do olhar de Théo quando ele tentou consolá-la. Era um olhar terno, amoroso, muito pior do que o de indiferença ou mesmo o de preocupação polida.

Ela tira a cabeça da água, sacudindo-a e espalhando água para os lados. Luta para não pensar mais naquele assunto. “Você decidiu viver um estilo de vida em que não há espaço para bebês. Olhe onde está agora, em um clube de sadomasoquismo, pelo amor de Deus!”, repreende-se. Não tinha vocação para ser mãe.

Belle

LOUISE SE LEVANTOU CEDO no dia seguinte, apesar do corpo dolorido devido à surra de cinta. O sol mal tinha aparecido no horizonte e projetava sombras lúgubres em seu quarto. Seu sono tinha sido irregular e agitado, sonhou com a Varsóvia de sua infância, com a noite da morte de seu pai e toda a dificuldade que fora tirar sua mãe de perto dele. Também tinha sido levada aos dias em que teve de implorar para que sua mãe a acompanhasse com o marido para Veneza, onde estaria segura. A mãe de Louise estava apavorada, ela se lembra de vê-la sempre assustada, tremendo diante das menores coisas; e ficava sempre pior quando ela ou o *signor* Brzezinski tentavam fazê-la enxergar a realidade.

Com dificuldade, Louise se arrasta para longe das imagens do seu sonho triste e sombrio. Essas lembranças sempre deixam um gosto amargo em sua boca, uma sensação ruim de inquietação, como se fosse a atriz em uma peça de teatro, mas não soubesse quais eram as suas falas. Pina ainda está em seu quarto, descobre ao se sentar com dificuldade na cama. Dormia em uma cadeira, a pobre deve ter passado a noite ali olhando por ela.

— Pina — ela sussurra, mas a moça estava dormindo profundamente e não acorda.

Louise olha para seu rosto jovem e bonito, como o de um anjo. Ela era um anjo de verdade, aquela menina a quem pouco prestava atenção; só um anjo adormeceria em uma cadeira ao lado da cama para cuidar dela. Deveria ser o contrário, ela deveria tomar conta de Pina, que, afinal de contas, tinha mais ou menos a metade de sua idade.

— Pina! — Ela se inclina sobre a menina e a sacode gentilmente pelo braço.

A empregada abre os olhos e acorda com um susto, parece confusa e envergonhada quando se dá conta de onde está.

— Oh, madame, me perdoe, sinto muito — ela gagueja, com as bochechas vermelhas.

Ela segura suas mãos pequenas.

— Não se preocupe, Pina, está tudo bem.

— Como está se sentindo, madame? — ela pergunta.

— Dolorida.

Louise respira fundo, joga as suas cobertas para o lado e põe as pernas para

fora da cama. O esforço faz com que ela perca a respiração e, quando fica em pé, a dor é quase insuportável. Não dá para saber o que dói mais, suas costelas, suas pernas ou sua cabeça. Há um pequeno calombo nas costas, onde o *signor* Brzezinski a socara. Estúpido, se queria um filho tanto assim não deveria estar destruindo o corpo que poderia gerá-lo.

— Madame, acho que a senhora deveria se deitar novamente. Vou descer e trazer mais unguentos para a dor — Pina diz com olhos arregalados de preocupação.

— Tenho de ir, Pina.

Está difícil até para ela falar, cada palavra exige um grande esforço para ser pronunciada. Daquela vez, o bastardo havia batido também em seu queixo.

A moça abre a boca sem acreditar no que tinha acabado de ouvir, mas decide não protestar e fecha a boca novamente. Suas próximas palavras surpreendem Louise.

— A senhora deve amá-lo muito.

Ela se volta para olhar sua jovem empregada, se apoia nos ombros dela e respira fundo outra vez.

— Sim, minha querida, eu o amo muito. Você pode me ajudar?

* * *

Elas levam algum tempo para ajudar Louise a se vestir, cada movimento deve ser lento e cuidadoso para não castigar ainda mais seu corpo ferido.

Quando ela finalmente ganha as ruas estreitas de Veneza, o sol já se insinuava mais alto no céu, embora ainda fosse cedo o suficiente para sair em segurança de sua casa. Foi ideia de Pina fingir ser Louise e se deitar na cama no caso improvável de seu marido decidir entrar no quarto para ver se ela estava lá. Depois das sessões de espancamento, ele evitava olhar para ela por uns dois dias, para não ver as marcas que deixara. Desta vez, Louise tem certeza de que ele não vai querer olhar para ela por muitos dias.

A ideia de enganá-lo fazendo com que sua empregada se passe por ela, experimentando uma vez na vida o conforto de seus lençóis, a agrada muito. O capuz de sua capa cobre boa parte de seu rosto, seu marido não tinha sido cuidadoso desta vez e Louise estava com um de seus olhos roxo. O esforço de Pina para escondê-lo com maquiagem fora em vão. Ela decidiu esperar por Santos durante uma hora e, se ele não aparecesse, se vestiria como o jovem marinheiro e sairia atrás dele nos barcos. Se sua escuna não estivesse ancorada ali... Bem, ela nem queria pensar nessa possibilidade, não saberia o que fazer. Ela se senta na velha cadeira de balanço em seu apartamento e espera. Um

cobertor ajudava a manter suas pernas aquecidas, ainda estava trêmula pela surra que havia levado e sente como se o frio das roupas molhadas pela chuva tivesse penetrado até os seus ossos. Ela fecha os olhos e cochila, o murmúrio da água do canal contra as pedras embalando seu sono. Ela imagina Pina cantando para ela, a única alma em Veneza, além dela e de Santos, que parecia se importar com o seu coração.

— Belle! Belle! — ela ouve sua voz primeiro, sussurrando. É ele, mas sua voz parece diferente, chocada.

— Oh, Belle.

Ela abre os olhos, as pálpebras pesadas deixam sua visão embaçada por alguns momentos. Em meio ao borrão que está enxergando, vê Santos agachado a seus pés, com um olhar que nunca tinha visto antes em seus olhos. Nada do jeito brincalhão e bem-humorado. Apenas horror.

— Minha querida! — ele exclama.

Qual é o problema? Por que ele está olhando para mim deste jeito?

Então ela se lembra que ele nunca a havia encontrado depois de uma das grandes surras do *signor* Brzezinski. Era a primeira vez que tinha apanhado tanto desde que conheceu Santos, sempre havia dado desculpas plausíveis para os ferimentos menores a que havia sido submetida. Ela não queria que Santos soubesse da existência de Louise. Mas como ela iria explicar aquele estado? Sua cabeça latejava. Não tinha pensado direito antes de sair de casa naquela manhã, não tinha avaliado como Santos reagiria ao seu estado depois de uma sova. Só queria vê-lo.

Ele puxa o cobertor para olhar para ela. Toca seu olho roxo com a mão e ela se encolhe com a dor.

— Quem fez isso como você? — ele pergunta, sua voz rouca de raiva.

Ela não consegue mentir para ele.

— Quem você acha? — as palavras saem devagar, presas em sua boca enrijecida.

Ele entende e uma sombra assustadora passa por seu rosto.

— Mostre-me o que ele fez.

— Não — ela sussurra. — Não quero que você veja isso.

— Mostre-me o que ele fez a você por minha causa.

Sua voz está áspera e a assusta. Ela se levanta devagar de sua cadeira, abre seu vestido e o deixa cair aos seus pés. Ela está tão machucada e dolorida que mal pode levantar os braços para tirar sua camisa.

— Não consigo — ela choraminga.

Ele se debruça sobre ela e tira a camisa pela cabeça.

Nua, em pé à frente dele, Louise é um pássaro com as asas quebradas. Pode

ver toda a angústia em seus olhos. Santos cai de joelhos na frente dela e mergulha seu rosto em sua barriga.

— Perdoe-me — ele diz com a voz abafada pela sua pele.

— Não é sua culpa — ela diz, passando os dedos por seus cabelos negros, segurando seus cachos macios.

Ele se afasta e olha para ela. Seus olhos faiscavam.

— Eu vou matá-lo.

Um medo avassalador toma conta de Louise, como nunca havia sentido antes. Não tem dúvidas de que Santos vai cumprir sua palavra, mas ela não pode permitir que ele chegue perto do *signor* Brzezinski, não pode permitir que Santos se machuque ou seja preso e... executado. A ideia a deixa com ânsia.

Seu marido havia maculado tudo em sua vida até agora, mas não tocaria em Santos. Ela não deixaria isso acontecer.

— Não — ela suplica, acariciando seus cabelos. — Não, meu amor, por favor, não...

— Não posso prometer isso a você — Santos diz com dureza, ficando em pé e envolvendo-a em seus braços. — Ele é um monstro para bater assim em uma mulher. Como você pode esperar que eu não faça nada?

Louise sente que está prestes a ficar histérica, não pode colocar Santos em perigo... E tinha ainda de pensar em sua mãe. Caso sobrevivesse, o *signor* Brzezinski a faria pagar da pior maneira possível: faria com que sua mãe nunca deixasse Poveglia. Permitiria que ela sofresse a crueldade de uma lobotomia, já a havia ameaçado com isso. E ele bem poderia fazê-lo, porque a havia internado e era o responsável legal por ela. Tinha todo o poder em suas mãos.

O medo cresce dentro dela e agora, nos braços de seu amante, o choque de seu espancamento começava a ficar mais claro. Ela poderia ter morrido na noite passada e agora temia nunca mais ver Santos. Lágrimas começam a escorrer por seu rosto, enquanto treme de medo.

— Por favor, Santos — ela está soluçando. — Por favor, não chegue perto dele.

— Ludwika — ele fala com ela em polonês —, eu não vou deixar que ele toque em você novamente.

Santos sempre a tinha chamado de Belle. Ouvi-lo chamá-la por seu nome real, ouvi-lo falar com ela em polonês faz com que ela se sinta carregada em uma onda para dentro de seu coração. Remove a pele de suas personalidades e mostra quem ela era de verdade. Cai nos braços dele e chora um lamento profundo, que sai de dentro de suas entranhas, colocando para fora toda a tristeza desses anos todos: a morte de seu pai; a insanidade de sua mãe; seu casamento infeliz, que mais parecia um verdadeiro funeral; Seu marido se tornando um monstro. Santos

a abraça, deixando que ela ensope sua camisa com suas lágrimas.

— Ludwika, minha linda Ludwika — ele a chama pelo nome novamente.

Devagar, as lágrimas secam. Ele a pega no colo e a carrega para a cama, deitando-a com cuidado. Acaricia seus cabelos com as mãos e ela se sente confortada com seu toque. Ele se deita ao lado dela, tira sua camisa ensopada e fica vestido apenas com as calças, acariciando seu corpo machucado. Ela nunca o tinha visto tão sério e tão triste. Tentava curar com um beijo cada marca de seu corpo. Ele beija seu olho roxo e seu queixo inchado. Beija cada ferimento em seu peito, o vergão em seu pulso, que o *signor* Brzezinski havia torcido. Virando-a de costas, beija todo o caminho de sua espinha, até o calombo resultante do forte soco que levara. Beija sua barriga, o ponto mais dolorido de todos. Mesmo sem que ele diga palavra, ela sente todo o amor dele selado em sua pele com cada beijo.

Era o melhor curativo que ele poderia proporcionar a ela. Seus beijos são um bálsamo, a dor se recolhe e o coração se expande.

— Faça amor comigo — Belle pede baixinho, olhando para seus olhos de safira.

Ele franze a testa.

— Você tem certeza? Não vou machucá-la?

Ela sacode sua cabeça pesada para ele.

— Você nunca me machucaria, Santos.

Ele passa por cima dela, estudando seu rosto com preocupação.

— Isto aconteceu a você por minha causa e não valho este sacrifício — ele diz, acariciando suas bochechas com afeição. — Não posso ficar com você para sempre, Ludwika. Não posso dar a uma mulher tudo o que ela precisa.

Ela segura a mão dele entre as suas e a coloca sobre o seio. Sente conforto, proteção e desejo com o contato.

— Sim, você pode — ela diz com a voz embargada.

É a confiança que ele vê nos olhos dela que finalmente abre uma passagem para o coração dele. Ele sabe que Louise morreria por ele e isso o deixa maravilhado. Deseja cortejar esta mulher que se arrisca por ele. Ele se abaixa e a beija suavemente nos lábios. Ela solta sua mão e fecha seus olhos feridos, sentindo que ele descia a mão para a parte de baixo de seu corpo, pousando-a delicadamente em seu sexo.

— Santos, faça com que eu me sinta melhor, faça amor comigo.

Ele a beija novamente em resposta e carinhosamente afasta suas pernas para o lado, tomando cuidado para não fazê-la sentir ainda mais dor. Coloca os dedos dentro dela, acariciando-a profundamente. Todas as emoções das últimas horas estavam passando como uma corrente elétrica por seu corpo; a cada movimento

de seu dedo, a sensação se tornava mais intensa.

— Santos! — Ela grita seu nome.

Como resposta, ele a penetra gentilmente, empurrando seu pênis para dentro dela com todo o cuidado. Louise abre os olhos, louca de desejo e de emoção, e olha para o rosto de seu amor. Ele tem o olhar fixo nela, de uma maneira que nunca tinha feito. É como se sua vulnerabilidade o tivesse deixado vulnerável também, porque seus olhos se mareiam à medida que ele entra cada vez mais fundo nela. Não há necessidade de dizer mais nada, estão em completa harmonia, Belle sente toda a paixão dele. Eles gozam juntos, afogando-se na enxurrada emocional que transborda do seu amor.

Valentina

A LUZ BRANCA DA MESA de luz no estúdio de Valentina ilumina o teto e as paredes do escritório em seu apartamento, mas não é suficientemente forte para clarear os cantos do cômodo. Esta é a melhor maneira de distinguir as imagens de um negativo sem precisar ampliá-lo. É exatamente o que ela precisa: saber o que está ali sem ter de montar toda a parafernália de sua câmara escura. Prefere, por enquanto, dar um jeitinho com a mesa e sua lupa poderosa. O negativo é removido com cuidado da proteção plástica e colocado sobre a superfície iluminada da mesa, que é, na verdade, um balcão adaptado. Posicionando a lupa no ponto certo, ela espia a imagem ampliada pela lente.

Prende a respiração com o que vê. Aquela imagem não era apenas erótica como todas as outras; era abertamente pornográfica, algo raro para a época em que haviam sido feitas, nos anos 1920. Devia valer uma verdadeira fortuna. Seria esta a razão para Théo tê-las dado de presente?

A imagem que enxerga no negativo funciona como um gatilho para sua memória: havia sonhado com uma cena muito parecida. É uma foto diferente de todas as outras. A mesma modelo, ela imagina, mas em vez de ser um *close* de alguma parte de seu corpo, mostrava-o inteiro. A foto, aparentemente, tinha sido feita do lado de fora da casa, com a mulher deitada de bruços sobre um piso de pedra incrivelmente branca, sob sol forte. O fundo da imagem era quase tão branco quanto sua mesa de luz, tão brilhante que realçava os contornos do corpo nu da mulher. Suas pernas estavam afastadas e dobradas, os pés para cima, exibindo um par de botas pretas. Tinha o torso levemente virado, permitindo que olhasse para trás e encarasse, quase que diretamente, as lentes da câmara. O rosto estava encoberto por uma máscara típica veneziana, que só deixava a boca aparecer. Os lábios, entreabertos, denunciavam sua satisfação. Seu cabelo era curto, cortado rente à nuca como ditava a moda da época.

Todos os elementos dessa modelo, as pernas abertas, o torso voltado para a câmara, traziam o foco da imagem para seu ponto central: as mãos colocadas sobre a bunda, afastando as nádegas para exhibir o dedo anular dentro da vagina. A modelo estava se oferecendo a quem visse a foto. Queria que a olhassem, que vissem que ela estava completamente aberta e preparada para o amor.

A luz forte refletida no piso branco criava um halo de luz bem entre as pernas dela, um efeito quase espiritual, incompatível com a sensualidade da foto. Mas é

também intensamente erótica. Valentina adorou a imagem; é bonita, estilosa e sensual, tudo o que ela quer conseguir com as suas fotos no clube de S&M. Decide que vai ampliá-la e transformá-la em quadro para pendurar na parede de seu quarto. O que Théo acharia desta ideia?

Um barulho de coisas se quebrando a tira de seu mundo imaginário. Ela abre a porta do estúdio e presta atenção. O barulho recomeça na cozinha. Quando abre a porta, vê um pássaro-preto voando freneticamente e derrubando tudo ao seu redor. Como ele conseguiu entrar? As janelas da casa estavam fechadas. Parada à porta, fica observando a ave procurar um caminho para escapar dali. Sobrevoa a pia, suas asas esbarrando no corredor de louças, levantando voo novamente, passando rente à cabeça dela.

Valentina sente o pânico do passarinho, não suporta vê-lo aprisionado e assustado. Por isso, corre para a janela e a abre completamente, torcendo para que perceba que havia uma saída logo ali, ao seu alcance. Mas ele está tão assustado que não nota a rota de fuga à sua frente. Continua a voar pela cozinha, batendo nas panelas penduradas e nos potes de tempero sobre o balcão.

Finalmente, ele pousa sobre a geladeira, piscando seus olhos pretos para Valentina.

— Vai, passarinho! Para fora!

Ela o espera perto da janela que acabou de abrir. A ave parece olhar diretamente para ela e, de repente, sem qualquer outro aviso, encontra o caminho e sai. Tão simples e tão fácil, sem necessidade de ter sentido medo.

Assim que o pássaro sai, ela fecha a janela. Senta-se na cadeira da cozinha, pensando sobre o ocorrido. Quando um passarinho entra em sua casa traz boa ou má sorte? Valentina estica as mãos sobre a mesa de madeira e suspira. Lembra-se da noite anterior. Tem dificuldade em aceitar que tudo tinha acontecido de verdade. Suas costas estão sensíveis, mas não doem. Quer olhar se estão marcadas, por isso se levanta e caminha para o quarto, onde tenta vê-las pelo espelho. Nenhuma marca ali. Nem um pontinho queimado depois da experiência com Leonardo.

Sente-se diferente hoje, toda aquela investigação erótica tinha deixado um efeito profundo nela. Percebe que sexo nunca poderia ser completamente casual, embora pudesse ser praticado com um espírito livre. Deveria voltar à sua postura de mera observadora, como uma fotógrafa profissional faria, mas sabe que essa é uma decisão que não conseguirá tomar; vai querer participar.

Divirta-se. Era o que diziam os e-mails de Théo para ela, como se ele a estivesse encorajando. Ele tinha ido ao clube de Leo e tinha feito sexo com Célia, na sua frente, enquanto ela estava com Leonardo. Então, claramente seu namorado fazia parte de todo aquele mistério. Valentina acredita que transar com

Leonardo a ajudaria a se distanciar e se afastar dele, mas o efeito foi exatamente o oposto: ela o queria ainda mais. Não entende a lógica de seu desejo por ele, mas, independentemente de sua compreensão, ela o desejava de um jeito desesperado, primitivo, que fazia seu sangue ferver nas veias. Por que ele desaparecia daquela maneira? Em um momento ele estava lá, no outro tinha sumido, sem deixar rastros. Théo nem sequer falou com ela quando se encontraram no clube de Leo. O que ele estava tentando provar? Era tudo muito confuso... Exatamente como Théo.

Uma nova possibilidade passa por sua cabeça: talvez ela pudesse tentar ser sua namorada, como ele havia pedido, talvez ela pudesse se arriscar e confiar nele... Mas, para isso, ele precisava voltar. Ela já tinha esperado tempo demais por ele. “Ok, você venceu, Théo”, ela pensa enquanto pega seu telefone e digita o número dele. Mas a ligação não se completa, nem chega a cair na caixa postal. Frustrada, atira o telefone sobre a cama.

Seu interfone toca.

— *Encomenda para a signorina Rosselli.*

Era de Mattia. Sim, as fotos de sua mãe, as que ele disse que colocaria no correio para ela, embora o pacote parecesse meio grande para serem apenas fotos. Ela abre a embalagem e encontra dois volumes ali. Um era uma caixa de papelão decorada com o leão alado, símbolo de Veneza. Quando ela abre essa caixa, um pacote de fotos cai no chão. Algumas são recentes, mas, claro, havia diversas imagens dela crescendo, quando era uma garota gorducha, séria, de testa franzida e já usando o corte de cabelo que era sua assinatura: curtinho e batido na nuca. Não consegue olhar para suas fotos como uma adolescente, era horrivelmente magra. Como sua mãe pôde deixar que ela ficasse daquele jeito?

O próximo monte de fotos eram imagens realmente antigas, não dela ou de sua mãe, mas de sua avó Maria, quando pequena, uma criança sorridente e adorada pela mãe. Foto após foto, as imagens mostravam sua avó e sua bisavó de mãos dadas em frente aos prédios imponentes de Veneza. Imagens da sua bisavó com sua avó no colo, em uma gôndola, na paisagem em preto e branco da laguna formada pelo Adriático se encontrando com o céu no horizonte. Não havia fotos de seu bisavô ou de seus irmãos. Ela se lembra de que o bisavô havia morrido quando ela era apenas um bebê.

Duas fotos em particular chamam a sua atenção: uma delas mostrava sua bisavó vestida com uma roupa de marinheiro, absurdamente moderna em sua calça branca de boca larga, uma jaqueta comprida de almirante e um chapéu de marinheiro. Extremamente estilosa, mas sem sorrir nunca, uma expressão quase feroz, na verdade. E o corte de cabelo, o que mais chamava a atenção na foto, era o mais marcante: muito parecido com o da modelo no negativo que Valentina

tinha olhado naquela manhã. E com o dela própria. Para sua surpresa, ela encontra uma foto sua, ainda bebê, no colo de sua bisavó. Ela reconhece a mesma mulher, obviamente mais velha, mas com o mesmo olhar poderoso de suas outras fotos. Tinha mantido o mesmo corte de cabelo também, só que estavam completamente brancos com o passar do tempo.

Valentina percorre a imagem com seu dedo e deseja ter conhecido melhor sua bisavó quando era jovem e morava em Veneza. Tinha um pressentimento sobre ela, como se as duas fossem se entender melhor do que ela se entendia com a própria mãe.

Havia ainda um segundo pacote na encomenda, muito maior e, para sua felicidade, cheio de roupas antigas, *vintages*, como ela adorava. Toma nas mãos cada um dos itens. Alguns pareciam muito raros e preciosos. Seriam de sua mãe também? Pelo estilo, ela acredita que tenha sido de sua bisavó e se anima com essa possibilidade. As peças eram diferentes, exóticas, mas extremamente interessantes. Procura um cartão ou um papel com explicações sobre as roupas, mas não encontra nada. Pensa em seu amigo Marco e sua obsessão por coisas antigas. Ele iria enlouquecer com aquele pacote. Havia um uniforme de empregada muito curto; uma fantasia egípcia; um terno listrado, muito pequeno para pertencer a um homem; dois chapéus, um deles modelo sino e o outro, um clássico fedora, obviamente de feltro. Encontrou também um pequeno vestido preto de bailarina com seu tutu ainda firme, diversos modelos de espartilhos antigos, cintas-liga e penas. Pega um par de shorts de seda pretos e uma blusa de seda branca sem mangas, um pouco amarelada, mas ainda perfeitamente boa para ser usada. Uma linda echarpe preta escondia um longo colar de pérolas, que ela não acreditou que sua mãe tivesse deixado passar. “Deve valer algum dinheiro”, pensou. A última peça de roupa no pacote a deixa delirando de alegria: a roupa de marinheiro que viu sua bisavó usando em uma das fotos. Essa era a prova de que aquelas eram as fantasias de sua bisavó, ela pensa, provavelmente as que ela tinha usado nos bailes de Veneza.

Valentina começa a provar as roupas e fica feliz porque servem perfeitamente, como se tivessem sido feitas sob medida. Lembra que é terça-feira, o dia da festa de Marco. Ela iria usar mesmo uma roupa mais produzida, então poderia escolher um dos modelos da caixa. Quanto mais extravagante, melhor. Ele ia ficar feliz.

Isto significa que não iria conhecer a Câmara Escura naquela noite. Ao se lembrar disso, sua animação diminui um pouco. Será que estava decepcionada ou aliviada? Não tem certeza, abre as portas e sai para a varanda, a camisola colocada sobre um dos espartilhos de sua bisavó. A chuva tinha parado finalmente e a temperatura estava alta para outubro. Um pequeno carro, um

desses modelos como o Smart, estava estacionado na calçada oposta à de seu apartamento e um homem muito alto estava dentro dele, com a cabeça quase batendo no teto. Não era um modelo exatamente adequado para alguém daquele tamanho. Fica pensando quem ele estaria esperando, qual de suas vizinhas estaria namorando o dono do carro tão pequeno.

Neste momento, o homem olha para ela. Para sua surpresa, ele pega uma câmera que estava em seu colo e aponta a lente em sua direção. Ele havia tirado uma foto dela? Como ousava? Um completo estranho tirando fotos dela? Ela está furiosa, mas se dá conta de que deve ser o mesmo homem que tinha visto no jardim do prédio na outra noite. Valentina entra e fecha as portas da varanda. Veste um jeans e uma camisa, sem tempo para se preocupar com as roupas de baixo. Está morrendo de pressa e não quer perder tempo esperando o elevador, desce as escadas de dois em dois degraus, chegando ao térreo com os pés descalços. Ela dispara para fora do prédio, mas, apesar de ter sido muito rápida, não fora o suficiente: o carro não estava mais estacionado ali.

Considera a possibilidade de ligar para a polícia, mas o que ela ia dizer? Que achava que um estranho tinha feito uma foto dela de dentro de um carro? Vai parecer estúpida, e ela não quer chamar mais a atenção para ela, não depois do que o inspetor Garelli havia contado sobre o roubo de quadros e suas suspeitas sobre Théo.

De volta ao seu apartamento, começa a se vestir para a festa de Marco e decide que vai de bicicleta até o apartamento dele. Está quente o suficiente para usar os shorts pretos e a blusa branca com o lenço preto amarrado ao pescoço. Quando ela se olha no espelho, percebe que está muito parecida com Louise Brooks em sua famosa roupa de marinheiro. Ela abre seu laptop e procura por uma imagem da atriz. Ali estava ela, exatamente como Valentina nesta noite.

Louise Brooks era uma rebelde e seu desejo de ter um espírito livre tinha lhe custado caro, sua carreira em Hollywood. Valentina a admirava profundamente, pois tinha sido uma defensora da liberdade sexual para as mulheres nos anos 1920 e 1930. O triste era que, 90 anos mais tarde, as mulheres ainda precisavam enfrentar os mesmos preconceitos. Valentina pensa que é por isso que sua mãe parece ser tão dura com ela. Em tese, estava vivendo o relacionamento ideal com seu pai nos anos 1960, um equilíbrio perfeito entre liberdade e compromisso, mas algo tinha saído errado. Será que seu pai tinha começado a julgar e questionar o estilo de vida da mãe? Será que não era o homem liberal que dizia ser? Não tinha ideia, e esse era um assunto que sua mãe se recusava a discutir.

Essa atitude a enfurecia, ele podia ter abandonado sua mãe, mas ainda era o

seu pai e também tinha abandonado os dois filhos. Será que eles não tinham o direito de saber se ele estava vivo? Mattia diz que não se interessava em encontrá-lo e algo sempre impedia Valentina de procurar por ele sozinha. Medo, provavelmente. De se machucar.

Quando chega à casa de Marco, a festa já está acontecendo a todo vapor.

— Valentina! — ele grita quando a vê, seus olhos um pouco brilhantes demais, provavelmente devido a muitas taças de vinho. — Você está maravilhosa, onde encontrou essa roupa? Parece *vintage*.

— É *vintage* — ela responde, enquanto ele se enrosca em seu braço e a conduz para a sala. — Recebi hoje um pacote de roupas antigas que eram da minha bisavó.

— *Dio mio!* — Marco fica animado com a notícia, com se fosse desmaiar de alegria. — Quando eu posso ir ver o resto?

Ela segura a taça de vinho em uma mão, enquanto fuma um cigarro com a outra. Valentina não fuma muito, mas de vez em quando gosta de se dar ao luxo de tomar uma bebida acompanhada de um cigarro. Passando os olhos pela sala, percebe que alguns dos convidados eram da turma das drogas, algo que ela definitivamente não aprovava. Diferentemente de seus amigos, nunca entendeu a atração das pessoas por tóxicos, pela maconha principalmente. Conhecia muita gente que plantava a erva e tratava o seu cultivo como uma forma de arte. Procurava não julgar quem fumava, mas não precisava de drogas para sair de seu corpo, se era isso o que aquelas pessoas queriam fazer. Simplesmente não se interessava por aquilo, seus sonhos já eram psicodélicos o suficiente. Embora não condenasse o ato, ficava muito incomodada de estar numa festa em que os convidados estivessem chapados. Era tudo muito chato e a conversa, limitada.

Valentina passa pelo grupo. Uma pessoa lhe oferece um tapa, mas ela recusa com um sinal de cabeça. Caminha rapidamente para o terraço à procura de Marco, mas onde ele está? Queria continuar a conversa com ele sobre as roupas que tinha recebido, planejava convidá-lo para ir à sua casa no dia seguinte para provarem juntos cada peça. Tinha pensado também em conversar com ele sobre Théo. De todos os seus amigos, ele era o que poderia entender melhor como ela se sentia.

Talvez até mencionasse a ele sobre o clube de Leonardo e a Câmara Escura. Será que Marco já tinha ouvido falar dela? Empurra a porta da varanda, fazendo-a deslizar para o lado, e sai para o pequeno jardim. Era bom respirar um pouco

de ar puro depois da nuvem de fumaça da sala. Ela coloca a taça de vinho sobre um vaso vazio.

— Você tem fogo?

“Que cantada mais batida”, pensa, virando-se para ver quem era o autor da pergunta. O homem em frente a ela parece familiar, com certeza ela já o tinha visto em outra festa.

— Claro.

Ela pega seu isqueiro do bolso dos shorts e dá um passo à frente para acender o cigarro dele. Ele faz uma conchinha com as mãos para evitar que o vento apague o fogo.

Ela hesita por um momento, olhando-o diretamente antes de voltar para trás. Nota seus cílios extremamente longos, como os de uma mulher, embora o restante de seu rosto seja anguloso e irregular. Era muito alto e pelo seu jeito, sabia que ele era gay.

— Gostei da sua roupa — o homem diz, olhando-a de alto a baixo.

Instintivamente, ela puxa os shorts para baixo, tentando esconder suas coxas. A roupa era realmente um pouco provocante, mas, afinal, era uma festa de Marco! Todo mundo se vestia para elas com um certo exagero. Mas aquele homem em particular não estava usando nada de especial, apenas jeans e uma camisa branca.

— Como você conhece Marco? — ela pergunta, apenas para puxar conversa.

— Ah, de circular por aí — ele responde vagamente, tragando seu cigarro.

— Você também trabalha com moda?

Ele ri.

— Pareço alguém que trabalha com moda?

— Não — ela responde, jogando fora a ponta do seu cigarro, subitamente aborrecida. Pega sua taça de vinho e tenta passar por ele para entrar no apartamento, mas ele bloqueia o caminho. — Com licença — ela diz e tenta novamente passar.

Ele não se move rápido o suficiente para abrir caminho e, ao se esbarrarem, ela acaba derrubando a taça de vinho que tinha nas mãos. Felizmente, nem uma gota caiu na roupa de sua bisavó, que permaneceu imaculada.

— AI! — ela diz, envergonhada. — Por favor, me desculpe, mas é que você não saiu do caminho.

— Eu não tinha percebido que você estava com pressa de se ver livre de mim.

— Eu não estou... Só estou com frio... Olhe, você quer tirar sua camisa para eu limpar? Posso pegar um pouco de sal na cozinha e podemos tentar remover o vinho para não manchar.

O homem sorri para ela, mas seu sorriso não era amistoso.

— Claro — ele começa a desabotoar a camisa e a tira.

Valentina nota que sua pele é tão pálida quanto a dela. Além disso, ele não tem nenhum pelo no corpo, mas seu peito era largo e masculino. Ele entrega a camisa para ela.

— Por que você não a coloca de molho na banheira? — ele pergunta com os olhos semicerrados.

Uma imagem vem à sua cabeça e ela se vê na banheira, imersa em água quente, com este homem olhando-a completamente nua.

— Ok, vou fazer isso — ela responde, tentando passar por ele mais uma vez.

— Você pode responder uma pergunta antes? — ele pergunta segurando seu braço.

Ela empurra a mão dele.

— O quê? — ela fala com rispidez, seus instintos lhe dizendo para mandá-lo ao inferno.

— Que namorado viaja e deixa sua namorada sozinha por uma semana inteira, sem dar nenhum tipo de explicação?

Seu corpo se enrijece e ela olha duro para o rosto do desconhecido. Quem é ele? Está ligado a Garelli?

— Esse problema não é seu.

Com um passo, ele está grudado nela, tão perto que ela sente a pele nua dele roçar a sua blusa de seda, bem na altura dos seios.

— Ah, mas é problema meu, sim, Valentina.

Como esse estranho sabia o seu nome? Sem mencionar que ele também sabia que ela não tinha ideia do paradeiro de Théo. Ela sente um arrepio de medo percorrer sua espinha. O desconhecido está tão perto que ela pode sentir seu perfume, um aroma intoxicante, masculino. Apesar de ser grosseiro, esse homem a perturba. Chegando ainda mais perto, seus lábios quase tocando nos dela, ele continua com seu comportamento desagradável.

— Ele abandonou você para mim, Valentina, e me pergunto por quê.

— Quem é você? — ela retruca, seus longos cílios tocando a bochecha dele.

— Eu sou real e isso é tudo o que você precisa saber.

Ele coloca seu braço em torno da cintura dela, puxando-a com força para beijá-la. O beijo é tão violento que Valentina sente seu lábio mordido e o gosto de sangue em seguida. Precisa de toda sua força para empurrar aquele homem horrível para longe dela e, em seguida, estapear o rosto dele, mas tudo o que recebe de volta é um sorriso. Ele não se abalou nem um pouco. Sem dizer uma palavra, e antes que seja atacada novamente, ela corre para dentro do apartamento, passa pelos chapados e se refugia no andar de cima, no banheiro. Tranca a porta e apoia suas costas contra ela, respirando pesadamente.

Sua imagem no espelho não reflete Valentina, mas uma estranha com sangue nos lábios, desarrumada e com as bochechas coradas. É só neste momento que percebe que ainda segura a camisa manchada de vinho do homem. Ela a cheira. O odor é tão poderoso que a deixa enjoada. Joga-a com força num canto do banheiro. Com a água fria da pia, molha seu rosto, como se precisasse despertar depois de ter tomado muito vinho, mas ela quase não tinha bebido naquela noite.

Uma das amigas chapadas de Marco começa a bater na porta, forçando Valentina a sair, embora seu desejo fosse ficar ali dentro escondida durante toda a noite. Cuidadosamente, ela desce as escadas e supervisiona a sala. Mais pessoas haviam chegado e um grupo dançava ao som de Fats Waller. Marco está no grupo, acompanhado por um jovem atraente, por quem tinha uma queda. Apesar de estar morrendo de vontade de perguntar a ele sobre o desconhecido, não tem coragem de interrompê-lo bem agora. Mesmo porque o homem parece ter desaparecido, não está em lugar nenhum da casa, pelo menos ela não consegue vê-lo. Assim que o visse, atiraria a camisa suja nele e exigiria uma explicação para aquele comportamento simplesmente inaceitável. Mas ele havia sumido, não estava mais no terraço nem na cozinha. Lá, no entanto, encontrou Antonella e Gaby. As duas comiam flocos de milho em uma vasilha. Arriscou:

— Vocês viram um homem louro? Alto, sem camisa?

Gaby olha para ela sem vê-la. É o suficiente para que Valentina perceba que a amiga também está chapada, o que significa que está temporariamente muda. Já em Antonella, o efeito da maconha é exatamente o contrário:

— Desculpe, você disse homem louro, alto e sem camisa? O que você fez com a camisa dele? — Antonella ri alto. — Você é uma menina muito levada, se banqueteando com um estranho enquanto seu homem está fora da cidade.

— Sim, sim, mas você o viu?

—Não, não vi. Infelizmente. Eu adoraria ter experimentado um pouco dele também — ela diz, enfiando um punhado de flocos na boca.

Valentina se serve de mais vinho. Não adiantava nada conversar com aquelas duas no estado em que estavam. Vira a taça de uma vez e decide ir para casa. Perdera a vontade de continuar na festa.

Passa de bicicleta pela multidão animada de sábado à noite em Milão. A cidade está cheia de energia, música alta nos clubes e nos bares, as ruas de Bocconi lotadas de estudantes. Em alguns momentos, ouve a sirene de carros de polícia ao longe. O trânsito nas ruas está pesado, mas isso não impede que ela note o pequeno Smart a seguindo. E então, ela entende: o homem na festa de Marco é o mesmo homem que a espiava da rua. Mas quem é esse homem e o que

ele quer com ela?

Belle

SANTOS TRAZ UM PRESENTE para Belle. Não era um anel, nem uma joia ou roupas e flores. Também não era um objeto de arte exótico comprado em uma de suas viagens. Era uma caixa pequena, com tampa.

— Abra — ele diz a ela.

Belle levanta a tampa e tem a mais deliciosa surpresa: era um fole preto com duas lentes, uma grande e outra menor, sob as quais estava escrito “Kodak”.

— Uma câmera! — ela exclama, entusiasmada. — É linda! — diz, enquanto passa os dedos sobre o presente.

Ela devolve a câmera a Santos como se fosse a joia mais preciosa que já tinha visto na vida.

— Mostre-me como funciona — pede.

No início, tiraram fotos de Veneza. Levavam a câmera e um pequeno fotômetro em todos os seus passeios no bote de Santos. Belle seguia suas instruções enquanto ele remava com ela por toda a cidade.

Belle fotografou as gôndolas em seus embarcadouros, marcados por postes listrados e coloridos. As velhas igrejas, os casarões decadentes, tudo era fonte de inspiração para uma foto. No dia seguinte, ela levaria os filmes à farmácia e os mandaria revelar, curiosa com o resultado. As primeiras experiências tinham sido desastrosas, para sua decepção, mas gradualmente foi pegando o jeito da câmera e compreendendo como melhorar suas imagens. Santos dizia que ela levava jeito para fotografia e ela foi ficando tão experiente que muitas vezes dispensava o fotômetro completamente. Já sabia por instinto quanto tempo deveria deixar seu dedo pressionando o botão que acionava o obturador, controlando a entrada de luz na câmera.

Para Belle, as fotos eram mais do que lembranças de Veneza e de seu tempo limitado ao lado de Santos. Elas eram Santos, sua representação. Como ele não deixava que ela tirasse uma foto diretamente de seu rosto, cada pedaço de Veneza significava um pedaço dele. O campanário, seu orgulho e sua força; a Basílica, sua independência; o céu refletido nas águas do canal, a tranquilidade que ele lhe trazia; e os pássaros voando sobre a Praça San Marco, seu espírito livre.

Embora ela não saiba, Santos passa mais tempo com ela do que jamais passou com qualquer outra mulher em sua vida. A sorte estava do lado deles, porque,

depois do ataque violento do *signor* Brzezinski, ele desapareceu em uma longa viagem de negócios pelo mundo. Ela não sabia onde ele estava nem se importava em descobrir. Sua ausência proporcionava uma oportunidade preciosa de passar mais tempo com seu verdadeiro amor. Ele pôde ficar com ela até que seus ferimentos fossem se curando e comesçassem a desaparecer. Ficava com ela porque, apesar de toda a sua experiência e das inúmeras amantes que já tivera na vida, nunca havia conseguido expressar seus sentimentos tão completamente como quando estava na cama com Belle. Ele a ama mais quando ela está ocupada com sua câmera, quase perdida para ele, imersa em sua busca pelos melhores enquadramentos e a melhor luz. Esses momentos dão a ele a oportunidade de perceber o quanto sente sua falta, o quanto sua ausência o incomoda.

O dia amanhece brilhante e claro em Veneza. Os céus estão da cor dos olhos dos anjos, refletidos na água do lado de fora do apartamento de Belle. Eles abrem as portas da varanda e a luz do sol inunda o ambiente, iluminando-os em seu esplendor, enquanto fazem amor. Belle sente o calor do sol em suas costas quando ela se senta sobre Santos e ele dobra os joelhos, empurrando-a para a frente, derrubando-a sobre seu peito. Ele passa os dedos sobre seus cabelos negros e brilhantes e traz seu rosto para perto para beijá-la. Fechando os olhos, ela sente Santos inteiro dentro dela e mais uma vez se dá conta do tanto que o ama. Enquanto aquele homem estiver com ela, poderá aguentar toda a violência do marido. Com determinação, se força a abandonar qualquer pensamento sobre ele.

O *signor* Brzezinski deve chegar hoje de sua viagem. E Santos vai partir. Será que ela não conseguiria convencê-lo a ficar com ela? Apesar de todo seu amor por ele, Santos não seria realmente Santos se permitisse se acomodar. Ela sabia que o amor deles estava escrito nas estrelas e que todo o sofrimento que tivesse de suportar durante sua ausência seria compensado quando ele voltasse, nos dias abençoados que passariam juntos.

Quando terminam, ela se deita sobre seus braços, olhando a cortina voar impulsionada pela brisa do mar. O trinado de um pássaro ao longe a faz desejar ver onde estava a ave, por isso, se levanta da cama e fica em pé na janela, apenas com a cortina de musselina leve esvoaçando e acariciando seu corpo. Ela sabe que Santos a admira pelas costas e não se cobre.

— Não se mexa — ele pede.

Obediente, fica imóvel até ouvir um clique. Volta-se surpresa e vê Santos sentado sobre a cama com a câmera nas mãos, apontada para ela. Seus olhos se arregalam, como quem quer saber o que ele estava fazendo.

— Acho que não há luz suficiente para essa foto ficar boa — ela comenta.

— Quero tirar algumas fotos suas — ele diz. — Assim, posso levá-las comigo quando eu partir.

Quando eu partir.

Belle detesta ouvir essas palavras; seu coração dói com a ideia de ele estar longe.

— Que tipo de fotos? — ela pergunta.

Ele coloca a câmera sobre suas pernas nuas.

— Do tipo especial. Para que possa ver sua beleza e imaginar que você está comigo.

Para lembrá-lo de voltar para mim algum dia. Ela se pergunta se Santos havia feito fotos de suas outras amantes. De alguma maneira, sabe que isso não aconteceu. Ele é um homem que vive no agora, a cada momento, movendo-se para encontrar sempre o novo. Será que ela conseguiria fazê-lo olhar para trás para procurá-la? Falar com ele através de seu corpo, fazer dele mais do que uma casca, uma parte de seu amor?

— Minha querida Belle, você posaria para mim?

Ela sorri, uma risadinha malandra e safada. Sabe que ele quer fotografá-la nua.

— Bem, elas terão de ser feitas do lado de fora — ela explica. — Precisamos de mais luz. Onde exatamente você propõe que eu vire sua modelo? Em plena Praça San Marco, nua em pelo?

Ele ri, se aproxima dela e afasta a cortina esvoaçante do seu corpo. Desliza o dedo da cabeça até o umbigo.

— Que tal o telhado?

— Não é um pouco perigoso?

— Não para um ladrão experiente como eu e sua ágil cúmplice, você. Além disso, acho que há um terraço no último andar do prédio ao lado.

Não é preciso muito esforço para convencer Belle. Vestindo apenas sua camisola de seda e suas botas pretas, ela deixa que Santos a leve para o alto do prédio vizinho ao seu. Eles se sentam por um momento sobre as telhas, olhando para a linda e privilegiada vista que têm de Veneza.

— Às vezes, esta cidade parece ser um pai para mim — ela sussurra.

— Como assim? — Santos pergunta, ajeitando uma mecha de cabelo atrás das orelhas dela.

— É um lugar forte contra a adversidade, protege seus moradores, apesar das fundações serem apenas pilares colocados sobre areia debaixo de água.

— E Varsóvia?

Ela sacode a cabeça.

— Nunca me senti segura em Varsóvia como me sinto em Veneza.

Ele olha espantado para Belle.

— Mas, o seu marido... Como você pode se sentir segura ao lado dele?

— Santos, não fale sobre ele, por favor.

Ele segura seu queixo e vira sua cabeça, forçando-a a olhar em seus olhos, que ficaram ainda mais escuros, como o céu negro da noite, brilhando em plena luz do dia. Ele está apenas de calça, seu peito, completamente nu.

— Ele nunca mais deve bater em você.

Ela estica o braço, colocando a mão sobre o coração dele e passa os dedos entre os pelos de seu peito.

— Por favor, Santos...

Ele segura sua mão, apertando com carinho.

— Por que você não o deixa, meu amor?

Belle agarra com força a mão de Santos, olha para a cidade e pensa em contar para ele sobre a promessa que tinha feito a seu pai, mas se sente envergonhada. Será que Santos entenderia? Ele nunca havia permitido que nenhuma pessoa o amarrasse a um lugar, nem mesmo ela.

— Não posso. — Ela se afasta dele e começa a engatinhar pelo telhado. — Não quero falar sobre isso.

Dentro de seu coração, uma voz está gritando que pode deixá-lo, sim, que já tinha feito sua parte e cumprido sua cota de sacrifício.

“Vá embora com Santos, fuja com ele, você não pode ajudar sua mãe agora”, pensa.

Ela tenta silenciar esta voz, mas uma ponta de esperança desabrochou em seu peito. Talvez Santos a leve com ele. Eles avançam por um dos lados do telhado até pular sobre outro, onde havia um pequeno terraço que pertencia a um dos vizinhos de Belle. Aparentemente, não havia ninguém em casa. O terraço recém-lavado brilhava contra a luz do sol.

Em um dos lados, havia um varal para secar roupas. Do outro, a parede estava coberta de vasos com cravos vermelhos, rosas brancas e arbustos de murtas cheirosas. Ela caminha até a murada e olha para a cidade a seus pés. O aroma das flores a envolve, uma mistura de fragrâncias fortes, de temperos variados, doces e picantes: exatamente as contradições que sente em relação ao homem que ama.

Ela tira a camisola e sente a luz do sol aquecer sua pele. Lembra-se de como se sentiu todas as noites em que esperou por Santos. Belle passa os braços em volta de seu corpo, se abraçando, baixando a cabeça e olhando para baixo. Ele tira seu chapéu de marinheiro e o coloca na cabeça dela antes de se afastar. Belle escuta o clique da câmera e então ele se aproxima pelas suas costas. Tira o chapéu dela, se ajoelha e beija uma de suas nádegas. Ele se levanta rapidamente,

virando-a de frente para ele. Como se segurasse um passarinho nas mãos, equilibra a câmera em sua palma e, assim que Belle se vira, fotografa seu olhar e beija sua pálpebra fechada. Ela abre os olhos e o vê pegar seu batom de dentro do bolso.

— Você pode usá-lo para mim?

Com um sorriso, ele pede a ela para fazer um bico e aplica o batom sobre seus lábios antes de fazer uma nova foto. Quando ele a beija novamente, ela sente seus mamilos retesarem-se, seu corpo desejando-o novamente. Ela quer que eles façam amor neste terraço, não se importa se alguém os vir. Ser tratada como um objeto sexual por ele, como ele estava fazendo naquele momento, era extremamente sensual para ela.

— Faça amor comigo — ela pede baixinho.

Santos sacode a cabeça, seus olhos de safira brilhando, provocando-a. Ainda não acabou a sessão de fotos. Ele tira uma echarpe de renda do varal e a amarra em volta dos seios dela. Faz uma foto e beija seus mamilos através do tecido. E assim, o jogo deles continua: ele a coloca numa certa posição, faz uma foto e ela implora para tê-lo dentro dela. Mas tudo o que ele faz é beijar a parte do corpo que está fotografando no momento. Santos desamarra a echarpe, pega uma jarra de água no terraço e joga sobre os seios dela, antes de fazer uma nova foto. Depois de conseguir a imagem, ele beija a pele molhada. Belle imagina como ficará a foto, se não vai parecer que eram lágrimas em sua pele, com a luz do sol brilhando nas gotas d'água, como os cacos de um coração partido.

Agora, ele a faz deitar sobre a pedra brilhante do terraço. Belle sente em seu corpo o calor do chão aquecido pela luz do sol. Ele a fotografa deitada de lado, com costas voltadas para ele. Ela se vira de barriga para cima para que ele capture imagens de seu abdômen e de seu umbigo cobertos por pétalas de rosa branca. Santos faz uma pausa e vai buscar um saco que ele tinha levado nas costas desde o quarto dela até ali.

— O que tem aí dentro? — ela pergunta.

Sorrindo, ele abre o saco e tira de dentro dele uma máscara veneziana. Entrega-a para ela.

— É uma das máscaras de Lara — ele diz.

Belle não consegue evitar um certo desagrado ao ouvir o nome da rival.

— Eu não quero usar, se foi ela quem fez — diz, tentando fazê-lo pegar a máscara de volta.

Ele parece divertido.

— Mas ela a fez para você.

Belle franze o cenho, sem entender.

— Por que ela iria me fazer uma máscara?

— Porque ela é minha amiga e não minha amante. É uma das minhas mais antigas amigas, sempre que estou em Veneza vou visitá-la.

— Verdade? — ela se alegra, sentindo os contornos da máscara com o dedo. Lembrava-se perfeitamente da ruiva e sua hostilidade no dia em que tinha ido procurar por Santos em sua fábrica. — Não foi o que me pareceu, Santos. Eu acho que ela o ama.

Santos sacode a cabeça.

— Talvez — ele suspira. — Mas ela sabe como eu sou e me entende. É por isso que ela fez esta máscara para você, é uma demonstração de respeito. Você não deveria rejeitá-la.

Belle olha para a máscara e tem de admitir que nunca vira algo tão bem-feito. Era leve como uma pena e sua superfície parecia ter sido feita de porcelana, coberta com pequenos traços pretos. Os orifícios para os olhos estavam enfeitados com longos cílios. Suas bordas tinham recebido um acabamento de tramas douradas, entremeadas com tons claros de lilás, espirais pretas e brancas, pétalas, curvas e pontos. No centro da máscara, entre os olhos, havia um cristal, ao qual estava presa uma pluma de pavão.

— Coloque-a — Santos pediu.

Ela segurou a máscara contra o rosto e ele a amarrou, sem apertar demais, na parte de trás de sua cabeça.

— Agora — ele sussurrou em seu ouvido — você está realmente livre, minha pequena gráua. Faça o que quiser.

Seu anonimato a deixou mais ousada e ela se sentou com as costas encostadas na parede, de frente para Santos, que imediatamente pegou a câmera e esperou que ela decidisse a pose seguinte. Belle dobrou os joelhos e abriu suas pernas, em movimentos muito lentos, mostrando-se completamente para a câmera. Ele fez uma pausa e olhou para ela com interesse renovado.

— Provoque-me, Belle.

Instintivamente, ela levou o braço direito para o meio de suas pernas, forçando o punho contra o chão branco, triturando sua pele contra o solo áspero, arranhando os ossos dos dedos. Belle imagina se a parte mais íntima de seu corpo poderia ser vista com nitidez na foto e torce para que isso aconteça. A ideia de se exhibir daquela maneira faz seus olhos se incendiarem por trás da máscara. Ela desafia a câmera.

— Você é tudo para mim.

Santos faz uma foto.

— De novo — ele diz. — Provoque-me novamente, Belle.

Ela se vira e se deita de bruços na pedra quente, olhando para a parede. Abre as pernas novamente e dobra seus joelhos, levando seu braço direito para trás de

si, tocando-se com as mãos. Então enfia seu dedo anular na vagina e geme. Clique. Santos tinha registrado esse momento. Ela move seu dedo dentro dela e escuta a respiração de Santos se acelerar. Ele deixa a câmera de lado e engatinha em direção a ela.

— Esta é uma pose muito provocante — ele diz, inclinando -se sobre ela e beijando seu pescoço.

— Pensei que era isso que você queria — ela responde, virando a cabeça ainda mais para encontrar os lábios dele e beijá-lo, silenciando sua tagarelice.

Ele tira a calça e se deita sobre ela, forçando o pênis contra as costas de Belle. Ela só deseja se oferecer completamente a ele e com as duas mãos para trás, mostra o caminho para dentro dela. O contato da pedra quente contra seus seios e sua pélvis não importa, nem mesmo o sol forte sobre os dois, tudo o que ela quer é sentir Santos dentro dela. Se alguém pudesse fazer a fotos dos dois agora, ela adoraria essa imagem: o momento exato em que ele gozar, quando ela puder senti-lo em seu momento mais vulnerável e acessível. Depois do sexo, eles se deitam lado a lado, de mãos dadas, olhando para as gaivotas que sobrevoam o terraço. Seu coração voa com elas, dançando no azul. Esta é a Veneza dela e de Santos, um paraíso de paixão. Apesar de seu casamento de abusos, ela tem o coração livre por causa do amor que sente por aquele homem deitado ao seu lado.

— Eu amo você, Santos — ela se volta para ele, apoiando-se nos cotovelos, e olha para seu amor, tentando imprimir a imagem do seu rosto de maneira permanente em sua mente.

O silêncio pesa entre os dois. Tudo o que Belle queria era que ele repetisse as mesmas palavras. Ela espera, mas Santos permanece em silêncio, olhando para ela com uma expressão insondável.

A tensão fica insuportável e ela se afasta dele. Caminha em direção à sua pequena câmera, no mesmo lugar onde ele a havia deixado, e se abaixa para pegá-la. Sem focar, ela se vira e bate uma foto de Santos.

— Não, senhora! — ele diz, tirando a câmera de suas mãos. — Fotos minhas são proibidas.

— Ah, não preocupe, deve ser uma imagem de sua orelha, nem vi o que estava fotografando.

Ele fecha a câmera, colocando a tampa na lente.

— Vou levar isto comigo amanhã e procurar uma farmácia discreta para revelar as fotos.

Ela dá uma risadinha de puro desdém para ele.

— Se você revelar essas fotos em Veneza, todo mundo vai ficar sabendo.

Santos não leva o filme para ser revelado, a tarefa fica aos cuidados de Belle.

Depois de criar coragem, entregou o filme na farmácia.

Este foi o último dia que passou ao lado do amor de sua vida. As fotos eram uma lembrança de ouro de que ele tinha existido, e sempre voltaria a vê-las nos anos que viriam, como que para se consolar. Como se o terraço branco ao sol fosse uma terra prometida que ela tivesse perdido. Este último dia era uma bela memória erótica, tornada ainda mais intensa pela perda.

Belle se fortalece a cada vez que revive esse dia; não tem a menor necessidade de ter outro homem em sua vida. Vai esperar Santos voltar. Aninhado em seu útero, ainda sem que ninguém soubesse de sua existência, estava o resultado de sua história de amor.

É esta fé em Santos que a salva, porque hoje, quando deixou seu apartamento, caminhou pelas ruas de Veneza para enfrentar a pior provação de sua vida. Sempre que se lembra do caminho do apartamento de Belle para a casa de Louise, da alegria para a dor, ela se lembra também dos gritos das gaivotas.

Valentina

VALENTINA ESTÁ NADANDO COM Théo. A imagem em sua cabeça foi resgatada do último verão, quando eles tinham ido passar férias na Sardenha. Nada logo atrás dele, entretida em olhar a luz do sol dançando na água azul e brilhante como os olhos dele. O sol o tinha deixado com a pele tão bronzeada e escura que parecia a de um nativo. Não fosse o sotaque que entregava que ele era um estrangeiro, nem de longe lembrava um americano.

Caminham na água em direção à praia, passando pelas pedras afiadas do caminho, e se jogam na areia para secar. Não há mais ninguém naquele pedaço da praia, as pedras afastam as pessoas dali. Théo e Valentina a têm com exclusividade e podiam até aproveitar a calma do local para transar. Tinham feito isso no dia anterior, debaixo do sol, embalados pelo marulhar das ondas batendo nas pedras. Mas hoje os dois ficam deitados nus, de mãos dadas, apenas olhando para céu azul, sem nenhuma nuvem, se deliciando em não fazer nada. Valentina se dá conta de que deseja preservar a pureza daquele momento para sempre, o simples prazer de estar ali, sentindo seus dedos apertados na mão de Théo, ligando sua vida à dele, sem se preocupar com o amanhã.

Ele se senta e solta sua mão, o que a faz lamentar a perda de seu toque, mas ela não procura a mão dele de volta, é orgulhosa demais para isso. Théo pega seu *snorkel*.

— Vou para a água de novo — ele avisa.

— Não vá muito longe — ela pede.

Ele a olha de lado, com um sorriso.

— Está preocupada comigo?

Era um jogo permanente entre eles: Théo tentando fazer com que ela admita que se importa mais com ele do que gostaria. Sacudindo a cabeça, ela diz que não, tentando parecer indiferente.

— Só não quero ter de mergulhar para resgatá-lo. Só isso.

Ela o admira, seu corpo alto e esguio trotando em direção às ondas; não entende o que ele viu nela. Fica observando enquanto ele mergulha sob as ondas e volta à superfície novamente. O sol está tão forte que incomoda seus olhos, por isso decide fechá-los. O calor da tarde penetra em seus ossos e ela se imagina afundando na areia quente, devagar, sob a sombra do guarda-sol, e pega no sono. Quando acorda, horas mais tarde, já está mais fresco. Ela se senta e olha para o

mar, que passou de um azul profundo para um cinza cor de tempestade.

Sem saber quanto tempo tinha dormido, ela se levanta e caminha para a água. Nenhum sinal de Théo. Valentina olha de volta para a praia, mas a toalha dele está exatamente no mesmo lugar em que a deixara, ao lado da dela. Caminha para a água até que o mar toque seus tornozelos, procura por ele na água, mas tudo o que vê são ondas. Nem sinal de Théo. Ela se vira e volta a procurar na praia, que definitivamente está vazia. Onde ele está?

Ela tenta se manter calma, mas uma voz que a recrimina em sua consciência a deixa mais nervosa.

“Por que você tinha de cair no sono? Devia ter tomado conta dele!”

Théo não nadava tão bem quanto ela, nem conhecia as correntes da região e podia ter sido arrastado. Por que tinha deixado que ele fosse nadar sozinho? Ela começa a caminhar para dentro da água, olhando para o mar, tentando encontrá-lo debaixo da água, mas claro que essa é uma ideia ridícula. Se ele tivesse sido levado pela correnteza, estaria longe agora. O medo paralisa seu coração. Não pode perdê-lo também. Não Théo.

— Valentina!

Ela se vira e lá está ele, em pé na praia, com uma rede repleta de conchas em suas mãos; acena para ela com a mão livre. O alívio a invade completamente e ela sente suas pernas se dobrarem. Passada a primeira sensação de alívio, começa a sentir uma raiva absurda dele. Caminha de volta para a praia, aproveitando a força das ondas. Ao chegar à areia, corre em direção a ele. Quer correr para ele e pular em seu colo, se pendurar em seu pescoço e nunca mais deixá-lo partir. Ele está sorrindo para ela, inocente, sem saber do terror que ela tinha passado. Ela marcha em sua direção, mas em vez de abraçá-lo, ela o estapeia no rosto com toda sua força. Ele dá um passo para trás, em completo choque, levantando a mão devagar e tocando sua bochecha ardida.

— Onde você estava? — ela grita, lágrimas indesejáveis escorrendo por seu rosto.

Está furiosa com ele por fazê-la perder sua tranquilidade. Respira fundo, mas não consegue se acalmar.

— Só escalei algumas pedras para nadar nas piscinas naturais ali — ele mostra as pedras atrás dele e levanta a rede. — Estava pegando para você.

Ela pega a rede e arrebenta as conchas contra as rochas.

— Você deveria ter me dito aonde ia. Eu pensei que você tinha se afogado — ela continua a gritar com ele.

— Você estava dormindo, eu não quis acordá-la — ele responde com cuidado, olhando para ela como se ela fosse um animal selvagem que precisasse ser domado.

— Bem, você deveria ter me acordado — ela grita novamente com ele, ainda tremendo de susto e de raiva ao mesmo tempo, o que só a deixa ainda mais enfurecida.

Tudo o que ela quer é se afastar dele neste momento, precisa ficar sozinha. Então, faz menção de voltar para pegar sua toalha no guarda-sol. Mas Théo a segura pelo braço e a força a olhar para ele, para seu olhar azul e penetrante.

— Valentina — ele diz com calma —, está tudo bem.

— Não, não está.

Ela se solta de suas mãos, engolindo as lágrimas, e sai pisando duro para recolher suas coisas na areia. Está chocada com seu comportamento. Tinha batido em Théo. Mas em vez de ficar bravo, ele tinha olhado para ela com carinho, com amor. E isso a assusta mais do que qualquer outra coisa.

Enquanto recolhem tudo e caminham com cuidado pelas pedras em direção ao carro, ela ouve o som de um trovão ao longe e vê o céu se iluminar por um relâmpago que mergulha nas águas do mar. Naquela noite, enquanto a chuva caía forte do lado de fora, eles estavam a salvo sob o teto em seu quarto. Théo fez amor com ela com tanta paixão que a deixou sem fôlego.

Ela escuta um trovão, mas agora, deitada sozinha em sua cama, em Milão. Tinha simplesmente banido seu comportamento bizarro naquele dia na praia para algum canto escuro de seu cérebro. Quando voltaram da Sardenha, ninguém mais tinha tocado no assunto e ela, envergonhada do ataque histérico, nunca tentou pensar sobre o que realmente aconteceu naquele dia. Só agora, semanas mais tarde, quando está sozinha em sua cama, ela se lembrou do medo de que ele tivesse se afogado. Vira de lado e fecha os olhos, tentando voltar a dormir, mas o barulho do trovão ainda está em sua cabeça. Percebe então que não está em sua cabeça, é um barulho real e não se trata de um trovão. Ela se vira novamente, abre os olhos e presta atenção. Lá estava o barulho novamente. O som pesado, como se alguém estivesse arrastando móveis pela casa. Ela sente seu pulso acelerar: será que alguém tinha entrado no apartamento? Não, ela só está imaginando coisas. Mas escuta o mesmo ruído novamente, seguido de um clique, como se alguém tivesse aberto uma porta. Ela prende a respiração. O que deveria fazer? Será que deveria se levantar e ver o que estava acontecendo? Ou deveria chamar a polícia? O telefone tinha ficado na cozinha, o que significava que estava presa em seu quarto com algum intruso em seu apartamento.

Ela se senta na cama, os ouvidos com atenção redobrada. Mas o barulho cessara. Devia ter se enganado, provavelmente ouvira algo na casa de um vizinho. Quando estava pronta para sair da cama, escuta alguém do lado de fora

de seu quarto, em sua porta. Agora tem certeza disso. Eram passos abafados. Ela se joga na cama novamente e fecha os olhos, tenta emitir alguns roncos esparsos para fingir que estava dormindo, mantém uma respiração cadenciada e profunda. Imagina que, a qualquer momento, um estranho vai acender uma lanterna em seu rosto; mas havia alguém ali realmente? Está com muito medo para abrir os olhos e decide ficar deitada, imóvel, por mais um tempo, rígida de ansiedade, suas orelhas perscrutando os ruídos no quarto.

Como nada acontece, ela relaxa. Quando finalmente abre os olhos, vê que não há ninguém em seu quarto. Volta a se sentar na cama e a ouvir com atenção. O apartamento está aparentemente silencioso, exceto pelo tique-taque do relógio no *hall*. Criando coragem, sai da cama e caminha na ponta dos pés pelo quarto. Espia para fora da porta. O apartamento continua silencioso e cheio de sombras. A luz que ela tinha deixado acesa na cozinha quando tinha ido para a cama ainda estava acesa. Tudo estava exatamente como ela tinha deixado.

Ela confere sua bolsa; seus cartões e seu dinheiro não foram tocados. Seu computador também estava lá. Não havia nenhum sinal de que alguém tivesse invadido sua casa. Mas ela sente um cheiro no ar, sabe que algo está diferente ali. Checa cada um dos cômodos e tudo parecia normal. Deixou o estúdio por último, mas até onde reparou, tudo estava em ordem ali também, aparentemente nada havia sido tocado. As mesmas pinturas estavam na parede, *A Carta de Amor*, de Metsu, de frente para ela; e, logo ao lado, o Watteau. Tudo está exatamente como estava. Mas algo parecia estranho, diferente. Ela sente um cheiro forte e enjoativo, como o de ameixas passadas. Algo não estava certo, mas ela não conseguia dizer exatamente o quê. Não havia sinais de arrombamento na janela ou nas portas

Valentina decide que não quer ficar sozinha aquela noite. Volta para a cozinha e prepara uma xícara de chá de camomila para acalmar os seus nervos. Já são 3 horas da manhã e ela sabe que não vai conseguir pegar no sono agora, precisa falar com alguém. O primeiro número que tenta é o de Théo, mas, claro, ele não atende. Uma pontinha de dor agride o seu coração. O que ele estaria fazendo que não podia parar e atendê-la? Ele deveria saber que era importante, senão ela não teria chamado àquela hora da madrugada. Considera ligar para Antonella ou Gaby, mas as duas estavam tão chapadas que provavelmente estariam dormindo profundamente agora e não a ajudariam em nada. Nem pensa em perturbar Marco, porque ele podia estar no meio de uma noite de paixão com o homem da festa. E, se não estivesse, ele simplesmente acharia que ela estava tendo um ataque de histeria e a mandaria pegar um táxi para ir dormir na casa dele, e ela não queria ir. Só tem uma pessoa para quem ela poderia ligar àquela hora: Leonardo. Tinha certeza de que, depois de seu último encontro, tinham se

tornado amigos.

— Valentina?

— Leo? Desculpe-me ligar a esta hora.

— Algum problema?

Ela anda pela cozinha, mordendo os lábios.

— Bem, eu não tenho certeza, mas eu acho que alguém entrou no meu apartamento. — Ela faz uma pausa. — Ouvi barulhos, mas não percebi falta de nada.

— Talvez tenha sido só um pesadelo. Você está bem?

— Sim, estou bem... Só um pouco nervosa, sabe? Eu precisava falar com alguém e você é a única pessoa que eu conheço que estaria acordada.

— E Théo?

— Não sei onde ele está.

Um silêncio desagradável preenche a conversa deles; Valentina pressiona o telefone contra o ouvido.

— Você quer que eu vá para aí? — Leonardo pergunta.

Valentina promete a si mesma que, se ele vier, nada vai acontecer, mas ela não quer voltar para a cama sozinha, precisa de uma companhia depois de tudo o que tinha acontecido naquela noite. Primeiro, o homem alto na festa de Marco e, agora, os ruídos em seu apartamento.

— Sim — ela pede antes de mudar de ideia. — Só um pouquinho, se Raquel não se importar.

— Raquel não está aqui. Preciso de seu endereço.

Aliviada, desliga e pensa em vestir alguma roupa. As coisas de sua bisavó que tinha recebido nesta tarde ainda estavam jogadas sobre o sofá. Ela escolhe uma camisa de seda para vestir, não tira as calças do pijama e, por cima de tudo, coloca um quimono azul, que amarra na cintura. É um pouco exagerado, mas se sente melhor, como se tivesse usando uma fantasia.

Leonardo chega trazendo uma garrafa de vinho tinto.

— Agora é fim de noite ou o começo da manhã para você? Trabalhei até há pouco, estou precisando de um gole. E você?

— Vinho! Sim, por favor. — Ela aceita, deitando o chá de camomila na pia. Abre o armário da cozinha e pega duas taças.

Os dois se sentam frente a frente na mesa da cozinha.

— Então, como foi seu trabalho hoje? — ela pergunta, tentando deixar seu desconforto de lado. — Foi dominante? Queimou as costas de alguma moça desavisada?

— Você sabe que eu não posso falar sobre isso, Valentina — ele responde, balançando o dedo para ela. — Se eu quebrar a confiança de meus clientes, arruino o meu negócio.

Ela suspira, se acomoda na cadeira e bebe um grande gole de vinho. Está muito melhor agora, com Leonardo ali do lado.

— Você chegou a ver alguém em seu apartamento?

— Não — ela responde sacudindo a cabeça. — Ouvi ruídos como se houvesse alguém andando aqui dentro de casa, ouvi passos do lado de fora da porta do meu quarto.

Cogitou contar para ele sobre o homem abusado na festa de Marco e que achava que ele poderia ser o invasor, mas estava achando tudo meio absurdo agora que estava sentada em sua cozinha tomando uma boa taça de vinho com Leonardo. No entanto, aquele cheiro adocicado que tinha ficado em seu apartamento era o mesmo do homem que estava no apartamento de Marco, disso ela tinha certeza.

— Mas alguém entrou em seu quarto? Você não chegou a ver ninguém mesmo?

— Não, não vi. Achei que ele tinha ficado parado na porta do quarto e que tinha acendido uma lanterna em meus olhos, mas eu estava com medo, de olhos fechados. Pode ser que eu tenha imaginado tudo.

— Você ficou com medo? — Leo pergunta, se inclinando para a frente sobre a mesa, segurando as mãos dela.

— Sim — ela sussurra.

Ele solta suas mãos, molha um dedo no vinho e o lambe, olhando para ela o tempo todo.

— Você ficou com tesão?

— Claro que não! — ela retruca, sem conseguir olhá-lo nos olhos. Como ele poderia pensar uma coisa dessas sobre ela?

Os dois ficam em silêncio. Ela muda de posição na cadeira e sente cada vez mais o toque das roupas de seda em seu corpo, uma sensação agradável, que a deixa arrepiada. Não era doentio se excitar com a ideia de um estranho a atacando em sua cama?

E, então, ele quebra o silêncio:

— Valentina, quer brincar?

* * *

Era mais ou menos assim que começavam os jogos com seus colegas de

escola, uma espécie de esconde-esconde, só que no escuro e usando uma lanterna. Leonardo tinha apagado todas as luzes do apartamento e ainda estava escuro, apenas a luz fraca das ruas pela fresta das persianas iluminava o ambiente, por isso, ela ainda consegue ver a silhueta dele na sala, exatamente como o intruso em sua imaginação. Ele está em pé na entrada do quarto e vasculha o cômodo com uma lanterna acesa de um lado para o outro. A ideia é que ela chegue ao outro lado sem ser capturada pelo feixe de luz. Se ele a pegar, ela vai ter de tirar uma peça de roupa. Já havia perdido seu quimono e as calças do pijama.

Está vestida apenas com uma camisa e não tem certeza do que vai acontecer se ela perder também essa peça. Na ponta dos pés, sai de trás de sua penteadeira; em seguida, engatinha pelo chão de mármore do aposento em direção à porta, mas quando está quase chegando à porta, o feixe de luz se volta para ela. Valentina prende a respiração quando é pega e tenta acalmar sua ansiedade, quando se dá conta de que está se divertindo com o jogo. Ou, pelo menos, está prestes a se divertir.

Ela queria muito enganar Leonardo e fugir dele, mas a luz a pegou em cheio no rosto, logo quando ela estava quase conseguindo chegar à porta do quarto. Ficou temporariamente cega com a luz em seus olhos.

— Senhorita Valentina! — ela escuta sua voz ameaçadora. — Foi pega!

Ela suspira resignada, mas cumpre a regra da brincadeira e tira sua camisa de seda, deixando-a sobre o tapete. Agora está completamente nua, iluminada pelo feixe de luz da lanterna. Ela tenta enxergá-lo, mas a luz atrapalha a sua visão.

— Você agora é minha prisioneira — Leo diz para ela. — Tem de me obedecer e fazer exatamente o que eu mandar.

Ela deveria ter interrompido o jogo neste segundo, pensa, se lembrando da promessa que tinha feito a si mesma quando ligou para pedir ajuda a ele. Deveria, mas não queria. Afinal, não estava fazendo nada de errado, embora estivesse completamente sem roupa na frente dele. Sem saber direito por que, não sente culpa ou remorso, não lhe parece uma atitude questionável. Inquestionável também era sua excitação. Sem saber o que iria acontecer, estava curiosa para descobrir e se submeter a ele completamente, queria fazer tudo o que ele mandasse. E ele não demora para começar a dar as ordens.

— Deite-se — ele ordena, ainda com a lanterna nas mãos.

Ela se deita sobre o tapete do quarto.

— Agora levante os joelhos e abra suas pernas.

Valentina obedece, se sentindo ousada e incrivelmente excitada.

“Ele está iluminando ali com a lanterna, olhando dentro de mim completamente.”

— Agora, quero que você se masturbe. Mostre-me o quando me quer dentro de você.

Ela coloca seus dedos dentro de sua vagina e começa a se acariciar. Sente-se completamente exposta e excitada de uma maneira primitiva. Abre sua boca e passa a língua sobre os lábios.

— O que você quer, Valentina? Quero ouvi-la pedir.

Ela volta de sua fantasia.

— Quero que você me coma.

Quando volta a abrir os olhos, percebe que a lanterna havia sido desligada e que o quarto está completamente escuro novamente. Ela vê a sombra robusta de Leo vindo em sua direção e seu coração começa a bater mais forte, sente um desejo primitivo de fazer sexo com aquele homem, completamente excitada com sua presença masculina; ela deseja ficar sob seu poder.

Leonardo se inclina sobre ela, afastando as mãos dela do meio de seus pernas e puxando-a para ele, obrigando-a a se ajoelhar, de frente para ele. Ele ainda está de roupa e ela se segura no cóis de seu jeans, sentindo sua ereção contra suas bochechas.

— Desabotoe minhas calças — ele ordena.

Sua voz já não é mais a mesma do Leonardo que ela conhece, mas a de um outro homem, durão e implacável.

Rapidamente ela o obedece e puxa o jeans para baixo.

— Tire o resto agora.

Sua cueca vai ao chão e seu pênis aparece, livre; toca o rosto de Valentina, acelerando ainda mais sua respiração.

— Agora me dê prazer com sua boca.

Ela lambe o pênis dele inteiro com sua língua e a gira em sua cabeça, sentindo sua reação ao toque dela. Ela o tira da boca, usando as mãos agora, apertando-o com força na mãos fechadas, e então volta a engoli-lo. Leonardo se abaixa e coloca suas mãos entre as pernas dela, usando seus dedos para excitá-la.

— Você é tão macia e molhada, sempre pronta para mim — ele sussurra. — Parece feita de veludo.

Levando os dedos à boca, lambe-os para sentir o sabor da intimidade de Valentina. Apoia então as mãos sobre os ombros dela, se afasta para retirar o pênis da sua boca, se ajoelha em frente a ela e sorri. Por um breve momento, ele volta a ser o Leonardo que ela conhece.

— Tudo bem? — ele pergunta gentilmente.

— Sim — ela responde baixinho.

— Vire-se — ele ordena, sua voz voltando ao modo durão.

Ela fica de costas e ele coloca as mãos sobre suas costas, acima de sua bunda,

obrigando-a a ficar de quatro. Em seguida, passa o braço entre as pernas dela na altura da barriga e vai deslizando a mão pela pélvis, atravessando os pelos pubianos até tocar a vagina, muito, muito devagar, enlouquecendo-a com seus dedos.

— O que você quer, Valentina? Peça de novo.

— Quero que você me coma — ela sibila de desejo.

Desta vez, é ele quem obedece. E entra nela com força.

Valentina se dobra com a força dele. Ele começa a dar estocadas cada vez mais fortes, deixando-a sem fôlego, um pouco por prazer, mas também um pouco por medo. Crava os dedos na trama alta de pelos do tapete. Isto é sexo puro, sem compromissos, só a cumplicidade da amizade entre os dois. É exatamente disso que ela precisa agora. Ele continua a penetrá-la com força. Ela sente os pelos do peito de Leonardo contra as suas costas e imagina sua pele escura, quente, como se estivesse em chamas, brilhando como se estivesse iluminada por esse fogo. Está quase lá, mas antes Leonardo grita e goza dentro dela. Foi um pouco cedo, e ela tenta prendê-lo dentro dela um pouco mais, empurrando seu corpo contra o dele, mas Leo já está se retirando dela. Ela se inclina para a frente, olhando os padrões do tapete e consciente da presença dele ao seu lado, tirando a camisinha e vestindo a sua cueca.

Valentina estava tensa de desejo não concretizado e de uma outra emoção, que reconhece como raiva, percorrendo seu corpo. Está furiosa. Não com ela nem com Leonardo, mas com Théo. Percebe que não importa com quantos homens ela transe, nenhum deles vai ser como Théo. Como ela tinha deixado isso acontecer? Exatamente no momento em que ela compreendera que Théo estava certo, que eles tinham algo especial juntos, ela destruiu tudo. Qual é o namorado que entenderia o que ela estava fazendo com Leonardo ali?

— Valentina... Valentina...

Ela sente alguém chacoalhando-a, tirando-a de seu devaneio.

— Valentina, acorde, você está tendo um pesadelo.

Expirando e inspirando devagar, Valentina tenta recuperar sua tranquilidade. Deitado ao lado de Leonardo na cama, percebe que já amanheceu e é tarde.

— Você está bem? — ele pergunta.

Ela diz que sim, ainda um pouco abalada com o pesadelo.

— Quer me contar sobre o que era o sonho?

— Preferia simplesmente esquecer — ela diz, suspirando e se lembrando de estar embaixo d'água, da escuridão, de afundar e sufocar.

Senta na cama e esfrega os olhos para espantar o sono, olhando direto para seu

companheiro. Começa a se lembrar da noite passada.

— Não acredito no que fizemos... — ela começa a dizer.

— Você gostou? — Leonardo pergunta com a cabeça inclinada para o lado. — Você se divertiu?

Teria sido impressão dela ou ele havia dado ênfase especial à palavra divertir?

— Claro! Adorei!

Atira um travesseiro nele, de brincadeira. Ele ri um segundo antes de atacá-la de volta com o mesmo travesseiro.

— Eu não tinha certeza disso, você estava parecendo meio chateada depois que transamos.

— Só estou um pouco confusa... — Ela faz uma pausa. — É sobre Théo. E Raquel?

— Não fique confusa, Va — Leonardo diz. — Raquel e eu temos uma relação completamente aberta. Minha namorada estava com outro homem ontem à noite.

Os olhos dela se abrem de espanto. Então realmente existem pessoas que conseguem manter relacionamentos abertos de verdade e ainda continuar juntos?

— Sobre Théo, acredite, tudo vai ficar claro para você depois que passar pela Câmara Escura hoje à noite.

Ele disse aquilo como se soubesse algo que ela não sabe.

— Você está escondendo alguma coisa de mim, Leonardo?

Leo dá um sorriso doce para ela.

— Paciência, Valentina.

Ele fala de um jeito que faz com que ela se lembre de Théo. Sua raiva por ele se dissipou. Em seu lugar, surgiu uma onda de preocupação com o que pudesse estar acontecendo e com o futuro dos dois. Será que havia estragado tudo porque estava dormindo com Leonardo? Será que deveria esconder tudo dele? Apesar de preocupada, não consegue se arrepender da noite passada, o que a deixa se sentindo muito estranha. Leonardo então interrompe seus pensamentos:

— Queria que você fizesse uma coisa para mim.

Ela olha para ele com um jeito desconfiado.

— Para que eu garanta que a Câmara Escura atenda às suas expectativas com perfeição, preciso que você me descreva detalhadamente a sua fantasia mais erótica.

O olhar dele é intenso e interessado, como se ele pudesse ler seus pensamentos, o que faz corar as suas bochechas.

— Você pode fazer isso? — Ele escorrega para perto dela na cama.

— Não sei — ela balbucia. — Não tenho certeza de qual seria essa fantasia.

— Posso ajudá-la com algumas ideias — ele diz, acariciando suas coxas, o corpo dela respondendo imediatamente ao toque, ainda querendo chegar ao

orgasmo negado na noite anterior.

— Ok.

— Feche os olhos — ele pede e ela obedece.

Todos os seus sentidos estão agora voltados para o toque dele em sua pele. Ela sente seu dedo em seu clitóris, gentilmente.

— Deixe sua fantasia rolar, Valentina. Leve-me aos seus desejos mais profundos e escuros.

Quando o dedo de Leonardo a leva cada vez mais perto do orgasmo, a mente dela se ilumina com uma imagem, sua fantasia definitiva. Hesitante, ela narra a Leonardo sua visão. Quando termina, uma outra cena aparece em sua mente, uma que ela não compartilha. Valentina se vê voltando para o seu quarto e Théo está ali, completamente nu, com a lanterna nas mãos. Ele a derruba e, ao rolar pelo chão, o feixe de luz projetado na parede parece o de uma boate. Théo a pega no colo e a levanta tão alto que o topo de sua cabeça acerta o candelabro, fazendo com que os pingentes de vidro balancem e lancem sombras pequenas na parede. Quando começa a baixá-la, ela enrosca suas pernas na cintura dele, guiando-o para dentro dela. Assim que a penetra, Valentina se sente completamente aberta, todas as frustrações desta semana se desfazendo, como se uma porta tivesse sido escancarada e uma enchente de emoções passasse por ali. Ela goza uma vez e outra vez, a magia de Leonardo a transportando para os braços de seu amor, Théo.

Belle

O *SIGNOR* BRZEZINSKI ESTAVA de volta. Belle ainda não o tinha visto, mas tinha ouvido seus passos pesados pela casa, sua voz desagradável gritando com Renate na cozinha, reclamando que sua carne não estava bem cozida. Sabia que era só uma questão de tempo até que apanhasse dele novamente. Decide, então, que não pode se arriscar. Não está pensando apenas nela, mas também em Santos, precisa protegê-lo. Sabe que o seu amante iria cumprir a palavra e matar o marido dela se visse outro machucado em seu corpo.

“Vou fugir daqui”, ela resolve ao acordar na manhã seguinte. Vai embarcar em sua fantasia delirante de ela e Santos desaparecerem para longe de Veneza. Em seu sonho, ela estava vestida com peles, agachada na neve, com Santos ao lado dela, o frio misturando a respiração dos dois na mesma nuvem enquanto admiram a Catedral de Moscou. Apertava na mão aquecida no bolso do casaco dele a Ramanov, a imensa esmeralda que haviam recuperado de uma célula comunista fortemente guardada. Em outras ocasiões, imaginava-se com ele em algum paraíso tropical, navegando na escuna branca, ancorados em Cuba, onde passavam a noite jogando e apostando com tipos suspeitos e depois fugiam com os lucros da jogatina. Sim, a sorte sempre estava do lado deles nas suas fantasias, porque quando duas pessoas tinham sido feitas uma para outra era garantido a elas uma grande quantidade de boa sorte.

A porta se abre e, para seu alívio, é Pina quem entra no quarto com a bandeja de café da manhã. Belle se senta e afofa os travesseiros atrás dela na cama, sentindo-se mais otimista do que nunca. Era hora de quebrar a sua promessa. Que tipo de promessa era aquela, afinal, feita no leito de morte de seu pai? Não tinha sido nada além de chantagem, ela avalia. Estava na hora de viver sua vida sem se sentir mais tão responsável por sua mãe.

Ela olha para a bandeja em seu colo. Chá com leite, servido em porcelana branca vinda da Áustria, torradas cortadas com cuidado em forma de triângulo e um ovo quente em um recipiente de prata. Belle bate com a colher na casca do ovo para tirar a parte de cima, mas assim que olha para a clara, sente seu estômago embrulhar. Coloca a bandeja de lado e sai correndo da cama.

— Madame? A senhora está passando bem? — Pina pergunta enquanto abre as cortinas.

Enjoada, ela diz que sim com a cabeça, mas corre para o banheiro. Quase não

chega ao vaso a tempo para vomitar. Pina entra hesitante no banheiro e a encontra sentada perto do vaso.

— Madame? A senhora está doente?

— Não sei, Pina. Eu estava me sentindo muito bem um minuto atrás, acho que foi o ovo, ele me fez sentir meio nauseada.

Apoia as mãos no piso preto e branco e gelado do banheiro e depois em sua testa, concluindo que não tem febre.

— Volte para a cama e descanse um pouco — Pina aconselha.

Belle fica em pé, ainda tremendo, e olha para o reflexo de seu rosto pálido.

— Não, eu tenho de sair.

Seu olhar cruza com o de Pina pelo espelho, e a garota mais nova fica corada. “Ela sabe sobre o meu segredo, eu não a conheço direito, mas posso confiar nela com a minha vida”, Belle pensa, enquanto olha para sua empregada.

— Diga-me, Pina — diz Belle, enquanto começa a se maquiar. — Você sente falta da Sicília?

A garota concorda com a cabeça, sua boca pouco mais do que um traço enristecido em seu rosto.

— Eu me lembro de quando você cantou para mim em seu dialeto. Era uma linda música e um lindo idioma.

Belle começa a tirar as sobrancelhas, alinhando-as e reconstruindo seu desenho. Ainda se sente um pouco nauseada, mas não vai permitir que um pequeno mal-estar a impeça de ver Santos hoje.

— Então, seus pais ainda estão lá?

— Minha mãe já morreu, madame, e meu pai tem uma nova esposa e uma nova família.

— Oh, sinto muito, Pina.

Então é por isso que essa menina está sempre aqui, nunca vai ver os pais nos fins de semana. Ela era tão nova, pensa, lembrando de si mesma quando tinha se casado.

— Você é tão linda, deve ter muitos admiradores.

Pina fica vermelha, embaraçada, e baixa os olhos para o chão.

— Eu não me interesso por nenhum deles — ela diz.

— Então não se case — Belle aconselha com firmeza. — Aproveite sua liberdade enquanto pode.

— Não posso escolher meu próprio marido.

Belle se vira, avalia o rosto de Pina e percebe o ódio borbulhando debaixo das camadas de timidez da jovem siciliana.

— Por que não? Seu pai não parece se importar muito com o que você faz ou deixa de fazer. Estamos em 1929 e não século 18.

— Há um acordo entre o meu pai e o *signor* Brzezinski.

— Que tipo de acordo? — pergunta Belle, franzindo o cenho com estranheza.

— O *signor* Brzezinski é quem vai escolher o meu marido — sibila a garota em um tom quase inaudível.

— Por que ele vai escolher o seu marido, Pina?

A empregada parece nervosa com a conversa. Ela fecha as mãos e lágrimas começam a descer pelo seu rosto.

— Não devo dizer.

Belle fica pensando furiosamente que tipo de poder seu marido poderia ter sobre outro homem.

— Tem a ver com dinheiro?

A garota faz que sim com a cabeça.

— Meu pai teve de me dar como criada para o *signor* Brzezinski como pagamento por suas dívidas. Foi acordado que, quando eu fizer 17 anos, ele me casaria de acordo com seus interesses.

A voz da jovem está entrecortada pela comoção. Belle senta-se no banquinho do banheiro, sua escova de sobrancelha ainda na mão. O choque que sentiu com o que acabou de ouvir torna difícil assimilar as informações. Seu marido não é nada além de um cafetão. Quantas outras jovens mulheres ele tinha negociado ao longo dos anos? Ela olha para a empregada e, então, uma ideia lhe vem à cabeça.

— Quantos anos você tem agora?

— Fiz 17 na semana passada.

Belle olha para as lágrimas de Pina e se vê, anos atrás, na mesma situação da garota. Lembra dela mesma como uma polonesa e da última conversa que teve com seu pai antes que ele morresse. Um pensamento desagradável cruza sua mente. O que seu pai tinha dito exatamente para ela? Ela recupera as palavras com cuidado de sua memória.

“É um bom casamento, Ludwika. Ele é um homem rico e pode cuidar bem de você e de sua mãe. Ele tem contato com os alemães e pode tirar vocês duas de Varsóvia.”

Ela havia implorado a seu pai:

“Não quero ir, tata, quero ficar com você, por favor.”

Mas seu pai levantou a mão com dificuldade, seus olhos cheios de lágrimas:

“Eu estou morrendo, minha filha. Este é meu último desejo. Você tem de me prometer que vai se casar com este homem e cuidar da sua mãe”.

Ela ainda tinha tentado, uma última vez, fazer com que seu pai mudasse de ideia:

“Não, tata, eu não posso. Eu não o amo.”

E, então, ele disse as palavras que selariam seu destino:

“Ele vai salvar nossas vidas, Ludwika. Você tem de fazer o que estou dizendo.”

Ela se lembra de ter ficado agarrada à mão de seu pai, soluçando. Nem parecia mais o mesmo homem, forte e grande, que podia derrubar qualquer um. Não passava de uma sombra de quem tinha sido. Louise tinha olhado para sua mãe, mas ela estava tão fora de si com sua dor que nem via a filha. Apenas mormurrava:

“Alexsy, Alexsy... Não me deixe...”

“Prometa-me...”, seu pai sibilou para ela em seu último suspiro e ela concordou. Olhou nos olhos dele e disse que se casaria com o *signor* Brzezinski.

Nunca entendeu realmente por que seu pai tinha exigido tamanho sacrifício dela. Até agora. De repente, a razão ficou clara como água, ela era um prêmio também. Seu pai tinha problemas de dinheiro e, quando morreu, eles se tornaram mais graves porque não havia sequer um centavo em nome dele. Ela era o troco pelo pagamento de suas dívidas. Belle se sente enjoada novamente. Como seu pai e sua mãe puderam fazer aquilo com ela? A traição dos dois a corta ao meio, deixa seu coração tão pesado que ela sente vontade de chorar, mas não consegue, pelo menos não em frente à pobre siciliana aterrorizada à sua frente.

Sua decisão agora era irreversível, hoje iria se libertar dos fantasmas dos pais e seguir sua vida. Era tarde demais para sua mãe, de qualquer maneira. Sabia que ela nunca mais iria ficar boa. A última vez em que a tinha encontrado, estava perdida, relegada para sempre naquele lugar obscuro.

Seu marido não podia mais machucá-la. Belle respira fundo e se vira para o espelho, levantando o queixo para seu reflexo.

— Você deve fugir, Pina. — Vou dar dinheiro a você.

— Não, eu não posso deixar a senhora.

Ela levanta suas sobranceiras e encara a jovem por um momento.

— Bem, neste caso, minha querida, vamos fugir juntas.

— Mas e meu pai, minha família? Ele deve muito dinheiro ao *signor* Brzezinski, o que vai acontecer a eles se eu fugir?

Belle se vira em seu banquinho, se inclina para a frente e segura as mãos da menina.

— Não se preocupe com eles, Pina — ela diz com firmeza. — Seu pai entregou você ao meu marido, você deve pensar em você mesma.

Ela sente a expressão no rosto da jovem se iluminar, como se fosse a primeira vez que tivesse ouvido palavras de esperança.

— Mas para onde vamos?

— Eu não sei — responde Belle, seus olhos brilhando de excitação. — Tudo o que eu sei é que vamos navegar pela laguna e nunca mais voltar.

Assim que termina de falar, ouve a porta de seu quarto se abrir. As duas trocam um olhar, não há mais ninguém em casa que faria uma entrada como aquela.

— Louise!

É o *signor* Brzezinski. “Não são nem 9 horas da manhã e ele já está bravo. Como vou escapar da surra?”

— Fique aqui — ela sussurra para Pina, colocando seu dedo na boca da garota.

Se pretendesse empreender sua grande escapada hoje, teria de aplacar a ira de seu marido antes.

Belle sai do banheiro, ainda não completamente arrumada. Seu marido está vestido com um de seus ternos elegantes, que usava para fechar negócios. Seu cabelo ralo estava penteado para trás e sua testa larga e brilhante parecia um ovo cozido.

— Algum problema, senhor? — ela pergunta educadamente.

— Tenho ouvido alguns comentários — ele responde.

Ela finge estar surpresa.

— O senhor quer dizer rumores? Não deveria acreditar em fofocas.

Com um passo largo, ele agarra seu pulso direito, apertando com força. Ela tenta não reagir, embora ele a esteja machucando.

— Recebi informações de uma testemunha ocular de que você foi vista nua em um telhado de Veneza com um homem estranho.

Ela ri, como se achasse a frase divertida.

— Verdade, *signor* Brzezinski? — ela contesta. — E por que eu faria uma coisa dessas? Só se eu estivesse louca!

Ele coloca seu rosto contra o dela, seus olhos são duas fendas negras.

— Sim, foi o que eu pensei, querida. Mas veja, foi uma testemunha muito confiável que me contou não apenas que você estava nua, mas também fornicando com um marinheiro.

Ela sustenta o olhar dele, mantendo sua mentira.

— Eu posso ter me comportado mal no passado, mas o senhor me ensinou a não o desobedecer. Asseguro que eu estaria completamente louca de tentar algo assim e aguçar sua ira novamente.

Ela consegue livrar seu pulso de suas mãos e o esfrega, tentando esconder as marcas, e continua:

— Que mulher faria uma coisa dessas? Só uma criatura louca e pecaminosa. Nem uma prostituta...

— Uma mulher como você, Louise, uma criatura pecaminosa e louca — sua voz sai entre os dentes. — Se eu soubesse que você me daria tanto trabalho e que

seria uma esposa imprestável, incapaz de me dar um herdeiro, teria feito uma escolha diferente.

Ele a segura pelo pulso novamente e a puxa para ele. Belle vê o suor escorrendo em sua testa e sente o seu hálito nojento.

— Eu não precisava ter me casado com você, porque eu já tinha a sua mãe de qualquer maneira.

As palavras dele são ainda piores do que os golpes no estômago que se seguiram. Belle sente vontade de se dobrar de dor, mas quando ela se contorce e tenta se livrar, ele a segura pelo outro pulso. Estão tão perto agora que Louise pode ver sangue nos olhos dele.

— Você sabe o que deixou sua mãe louca? Fui eu, Louise. Ela fez seu pai sacrificar você para mim. Eu nunca quis você.

— Você é um mentiroso — ela retruca.

— O que eu queria era muito simples. Seu pai me devia dinheiro e eu queria uma esposa. Como convenientemente ele estava morrendo, disse que me casaria com a esposa dele quando ele morresse, como pagamento pela dívida.

A sala começa a rodar, mas ela não pode desmaiar, tem de ficar acordada e ouvir tudo até o fim.

— Ah, mas seus pais se amavam tanto — ele continua, ironicamente. — Eles se amavam mais do que a você, Louise. Sei disso porque seu pai me convenceu a me casar com você no lugar da sua mãe.

Ele começou a rir.

— Aquele idiota! Você acha que eu ia permitir que alguma mulher me rejeitasse? Por que você acha que eu a trouxe de Varsóvia para cá depois que seu pai morreu? Do meu ponto de vista, estava pagando uma e levando duas, você e sua mãe. Ela me serviu até...

Uma sombra passa por seus olhos e, por um momento, o *signor* Brzezinski parecia muito satisfeito com ele mesmo. Ela o observa se recompor, seus olhos endurecendo novamente.

— Até que ela ficou doente e eu tive de interná-la naquele lugar, em Poveglia. E então foi a sua vez, Louise.

Ela tenta ver a alma estragada de seu marido em seus olhos e sabe que tudo o que ele está dizendo é a verdade.

— Não! — ela diz entre dentes cerrados.

— Você não é normal, não pode me dar filhos e se comporta como uma depravada, fazendo sexo com meia Veneza bem debaixo do meu nariz. Na minha opinião, você é insana, exatamente como a sua mãe, e agora chegou a hora de se juntar a ela em Poveglia.

Ele avança para cima dela e a prende em uma chave de braço, mas a fúria de

Belle é tão grande que ela se estica para a frente e morde-o no pescoço. Ele grita, se afastando. Ela pode ver o sangue fluir pelas as marcas de seus dentes.

— Perfeito — ele ri. — Mais evidências de que você é completamente insana. Acho que vai ser fácil conseguir uma anulação deste casamento, não acha? E então posso encontrar uma esposa melhor, limpa... Nunca mais vou ter de aturar sua imundície.

Ele a empurra para a cama e ela cai, derrubando a bandeja e tudo o que havia nela pelo chão. Ele bate em ser rosto, mas ela o chuta com força. Ele não vai mandá-la para aquela ilha de horror para terminar como sua mãe, escutando os fantasmas do passado, ao lado de todas aquelas pobres pessoas deixadas lá para apodrecer. Ela não será deixada para caminhar ao longo da praia coberta de cinzas de seus ossos queimados.

Belle se lembra de ter encontrado o médico de sua mãe, uma figura assustadora, que, apesar de todas as palavras de conforto de seu marido, de que ele era uma sumidade em sua especialidade, não passava de um sádico, que tinha realizado sabe-se lá quantas lobotomias. Não, ela não iria para Poveglia. Preferia ser morta a deixar que isso acontecesse. Não se importava mais com sua promessa para o seu pai. Também não iria mais tomar conta de sua mãe, porque sua mãe nunca tinha tomado conta dela.

Ela chuta o marido bem no meio das pernas e ele se dobra com o choque e com a dor. Pula fora da cama e corre para a porta, mas se lembra de Pina no banheiro e hesita. É o que basta para perder a oportunidade de fugir. O *signor* Brzezinski a agarra e a atira para dentro do quarto. Belle tropeça, caindo de costas no carpete. Ele está em pé sobre ela, com seu pé levantado sobre o estômago dela.

— Vou esmagá-la, Louise, apagar esse seu útero inútil da existência — rosna.

Ele parece um demônio. Belle fecha os olhos e espera para sentir a dor. Por um momento, em meio ao medo que está sentindo, sente uma pontada de pena pela escuridão na alma de seu marido. Como foi que ele acabou daquele jeito?

— Pare!

Ela escuta Pina saindo do banheiro aos gritos. Abre os olhos e vê a empregada puxando o seu marido pelo braço. Ele fica tão surpreso que se acalma momentaneamente, colocando o pé no chão. Mas Pina continua a puxá-lo.

— Ela está grávida!

O *signor* Brzezinski anda para trás cambaleando, como se tivesse bebido, e olha para Belle caída à frente dele.

— É verdade?

La responder que obviamente não era verdade, que não sabia de onde Pina tinha tirado aquela ideia, nem por que estava mentindo para o *signor* Brzezinski.

Ela era a Brzezinska estéril, não era? Mas então uma ideia cruza sua mente. Não é ela, é ele. Ele é o Brzezinski estéril. E se lembra da vez em que esteve com Santos, depois da surra que tinha levado de seu marido; eles não foram cuidadosos. Desde aquela vez não menstruava. Leva as mãos à barriga protetoramente. Claro, por isso estava enjoada e foi assim que Pina descobriu. Belle olha para a empregada maravilhada. Para suas bochechas vermelhas e para o seu olhar aterrorizado, tão corajosa de se interpor entre ela e o marido.

— Sim, estou grávida — ela sussurra.

— Bem — ele responde sombriamente —, não é meu.

— Mas ninguém vai saber disso — Pina se intromete baixinho.

Que coragem, falar assim com ele. Aquela menina era definitivamente seu anjo da guarda.

O *signor* Brzezinski considera com calma as palavras da jovem.

— Então, este será o meu herdeiro? — ele pergunta, voltando-se para a menina. — Um bastardo, filho de um marinheiro qualquer?

Belle se senta, tirando o cabelo da frente do rosto.

— Sim — ela o desafia e ele se volta para olhá-la. — E você nunca vai colocar os olhos no meu bebê, estamos deixando Veneza.

— Sua gravidez a salvou de Poveglia, minha cara, por enquanto — ele diz, mal-humorado. — Mas eu preciso dessa criança, finalmente terei um herdeiro, ainda que não seja minha carne e sangue. E você tem de ser punida com severidade.

Ela vê um brilho frio em seus olhos e, antes que possa fazer qualquer coisa, vê ele agarrar Pina pelo braço e a empurrar, prensando-a contra a parede. A garota grita e Belle fica em pé, correndo em direção ao brutamontes, arranhando suas costas. Mas ele é muito forte e a derruba novamente. Ele arma seu braço e dá um soco na barriga da criada. A menina se dobra de dor em agonia.

— Seu bastardo! — Belle grita.

O *signor* Brzezinski se afasta de Pina, que desabou no chão, e Belle corre para ela, tentando protegê-la com os braços. A menina tremia, fora de controle.

— Deixa-a em paz!

— Vejo que patroa e empregada criaram laços de ternura entre si — ele debocha, com uma voz tão venenosa que a assusta ainda mais. — Então, minha querida, se você não desempenhar suas obrigações como esposa respeitável e grávida, é Pina quem sofrerá com as punições.

Ele caminha em direção às duas mulheres.

— E saiba que não vou apenas bater nela — insinua, levando em seguida a mão entre as pernas da garota, que se encolhe de medo e de dor.

Belle afasta a mão dele.

— Vou amarrá-la a uma cadeira, Louise, e obrigá-la a me assistir tirar a virgindade desta garota. Você será responsável pela ruína dela.

Pina está tremendo nos seus braços e ela a puxa para perto dela, sentindo seu coração bater descompassado dentro do peito.

— Se você encostar um dedo nela, eu o mato — Belle o ameaça com os dentes cerrados.

Ele dá um passo para trás e ri dela, era a personificação da prepotência masculina, as mãos na cintura, como se não tivesse nenhuma preocupação no mundo. A ameaça de Belle soa absurda para ele.

— Se as senhoras puderem me desculpar, tenho de sair para tratar de negócios importantes.

Quando ele sai do quarto, Belle tem uma visão de si mesma, agarrando o castiçal de sua penteadeira e batendo com ele contra a cabeça do marido. “Fique calma e fuja”, ela pensa. Ela se vira para Pina e levanta o queixo da menina.

— Você está bem?

A jovem diz que sim com a cabeça, ainda incapaz de falar qualquer coisa. Belle a puxa para que se levante.

— Assim que ele deixar a casa, temos de ir.

— Mas para onde?

Belle corre para seu guarda-roupa e puxa uma grande mala.

— Confie em mim, Pina. Eu conheço alguém que vai nos ajudar.

— Mas eu não posso, minha família...

— Você tem de ir. O *signor* Brzezinski vai machucá-la se ficar aqui. Sua família não a protegeu dele, não deve nada a eles.

— Mas e se ele nos encontrar?

Belle reconhece o terror na voz da garota.

— Ele não vai, prometo.

Belle tinha feito mais uma promessa que definiria o futuro de outra pessoa, mas tem certeza de que Pina e ela ficarão a salvo.

“Nós vamos escapar. Pina, o bebê e eu”, ela pensa.

Santos iria salvá-las. Como ele poderia recusar?

Valentina

VALENTINA ENTRA NA CÂMARA Escura. É tão escuro lá dentro que não consegue enxergar sua própria mão estendida na frente do rosto. Ali era mais fresco do que no quarto Submundo de Veludo, e ela sente sua pele se arrepiar com um calafrio, cheia de ansiedade. Não dá para saber o tamanho daquele cômodo, nem mesmo — pelo menos até agora — se há alguém ali dentro. Caminha completamente às cegas para a frente, em suas botas de salto alto, com medo de tropeçar. Escuta uma música na sala, uma pulsação forte e surda, como a batida de um coração dentro de sua cabeça. Era como se o quarto, apesar de parecer morto, estivesse vivo ao seu redor.

Repentinamente, ela ouve um clique e vê um feixe de luz branca se acender. No centro do quarto havia uma enorme mesa de luz para fotos, muito parecida com a que tinha em casa, só que muito maior. Ao lado da mesa estava Leonardo, completamente nu, a não ser por uma máscara veneziana ornada com uma fantástica pena presa ao centro e um par de luvas de couro, exatamente como ela havia descrito para ele outro dia. Ela caminha em sua direção, mas suas pernas estão bambas. Por que está sentindo tanto medo? Esta era a sua fantasia, seu desejo mais secreto, que seria mantido a salvo dentro da câmara para que ninguém nunca soubesse sobre ele. Ela mesma está anônima ali. A máscara que está usando esconde sua identidade também.

Ela se aproxima da mesa de luz e fica de frente para ele. Imediatamente, lembra-se dos negativos eróticos que estava olhando naquela manhã. Este era o começo de sua fantasia, reencenar a fantasia que Théo havia dado a ela.

Silenciosamente, Leonardo oferece a ela sua mão e ela sobe na mesa de luz, sentindo o calor das lâmpadas sob o vidro debaixo dela. A luz forte faz com que ela olhe para o alto, mas não consegue enxergar mais nada. Nem mesmo, e principalmente, a saída. Valentina respira fundo e se deita de bruços, imagina como deve estar sua aparência, seu corpo iluminado pelas luzes. Está completamente nua, à exceção da máscara e das botas pretas. Abre suas pernas e dobra os joelhos, fazendo com que os saltos de sua bota apontem para os lados, provocadores. Empina o quadril, se expondo e sentindo uma corrente sedutora percorrer todo o seu corpo. Ela se contorce e coloca as mãos entre suas nádegas, afastando-as com seus dedos espalmados, empurrando o anular para dentro da sua vagina, levantando as nádegas, exibindo-se completamente.

Sente-se luxuriosa e ousada. Leonardo está em pé atrás dela olhando, sua máscara escondendo sua reação. Ela olha para ele e passa a língua nos lábios provocadoramente. Leo se encosta na beirada da mesa e a luz o ilumina por baixo, conferindo um aspecto quase sobrenatural à sua máscara.

— O que você deseja, Valentina? — ele fala com seu tom de dominador.

— Agradar você — ela sussurra, empurrando o dedo ainda mais fundo dentro dela e levantando sua bunda para se oferecer completamente a ele.

Leonardo tira as mãos dela do meio de suas pernas e as leva para trás da cabeça. Em cada canto da mesa da luz há prendedores de couro, que ele usa para prender as mãos dela. Valentina sente os bicos de seus seios endurecerem; sua respiração encurta. Com o dedo protegido pela luva de couro, Leonardo percorre de leve todo o caminho de sua espinha até a curva sob sua bunda. Ela arfa quando o couro frio chega dentro dela, mas a mão é retirada rapidamente, deixando seu corpo inteiro latejar, desesperado por outro toque. Ele afasta as pernas dela ainda mais e estica-as, espalhando Valentina sobre a mesa. Amarra seus tornozelos e acaricia suas pernas com a mão enluvada, subindo pelas suas coxas até massagear as nádegas. A sensação do couro maleável contra sua pele flexível se torna mais e mais intensa.

Subitamente, ele para de massageá-la. Segura-a, pressionando-a contra a mesa com uma das mãos apoiada em sua lombar, e desfere um tapa em sua bunda com a outra. Ela se dobra de susto, de choque, de medo e de excitação. Leo dá outro tapa, o couro faz sua pele arder no ponto de contato, levando sua mente ao delírio. Ele bate mais uma vez, mas agora o tapa ressoa mais intimamente, vibrando através de seu corpo, estimulando-a profundamente.

É exatamente como em sua fantasia, só que muito melhor. Quatro, cinco, seis tapas e Leonardo para. Ela está tremendo inteira por dentro, seu corpo implorando para que ele o toque novamente. Ele caminha em volta da mesa de luz. Valentina olha para ele com os olhos de sua máscara; os dois, os principais integrantes daquele drama erótico. Exposta, mas protegida.

Ela o vê tirar cada uma das luvas, devagar, dedo a dedo. Em seguida, remove a pena de sua máscara e, com um floreio de mão, a segura entre os dedos. Ela lambe os lábios, segurando a respiração com ansiedade. Em silêncio, ele caminha para trás dela novamente e faz volteios com a pena por suas costas, fazendo-a imaginar os desenhos como tatuagens de seus desejos sendo gravadas em sua pele. Os sinais de tudo o que deseja. A pena de Leonardo chega às suas nádegas, desce pelo meio de suas pernas e acaricia o clitóris; são estímulos delicados e leves em contraste com a severidade do couro espancando sua pele. Esse contraste aquece o seu sangue e ela se solta ainda mais. Leo faz círculos com a pena em seu clitóris e, ao mesmo tempo, ela sente os dedos dele entrando

nela, não apenas um, mas dois ao mesmo tempo, fazendo-a tremer de prazer e de desejo.

— Por favor — ela gagueja, quebrando o silêncio.

Leonardo tira seus dedos de dentro dela e gradualmente diminui a ação da pena em seu clitóris.

— Acho que você está pronta para a sua surpresa agora, Valentina.

Ela fica tensa. Que surpresa?

— Não é isso o que você realmente quer?

Enquanto Leonardo fala, ela escuta um fósforo ser riscado e vê o clarão titubeante da chama iluminar a sala e, em seguida, acender uma vela, que é levada ao alto por um par de mãos. Há alguém mais ali com eles. A música pulsante do quarto aumenta até que seu corpo praticamente exploda de ansiedade, a batida pulsa dentro dela, fazendo com que seu coração acelere. Quando a vela se aproxima, vê os reflexos dourados em mais um rosto mascarado sobre ela. Há um outro homem na Câmara Escura com ela e com Leonardo, olhando-a na mesa de luz, iluminada e submissa.

Ela é o objeto desses homens, para ser admirada e adorada. Valentina não consegue controlar o medo que corre por sua espinha, está amarrada e completamente à mercê deles. Pode pedir a Leonardo para parar — ele tinha prometido que, se ela dissesse as palavras de comando combinadas, poderia encerrar o que quer que estivesse acontecendo e a qualquer momento. Mas talvez ele decida ignorá-la e continue mesmo assim, sempre há uma chance de ele não ser quem ela pensa. Ele poderia ser tão escuro quanto a sala. Talvez algo terrível vá acontecer a ela.

Como se estivesse lendo seus pensamentos, Leonardo acaricia seu cabelo docemente, como se estivesse acariciando a cabeça de um cavalo assustado.

— Não tenha medo, Valentina. Eu sei que isso é o que você realmente quer.

O segundo homem, o que segura a vela, se aproxima e ela aperta os olhos, com a boca seca. O que Leonardo e seu parceiro vão fazer com ela? Seu dominador diz que era exatamente aquilo que ela queria, mas nem ela mesma tem certeza do que quer agora. Será que ele achava que queria ser machucada? Quanto ela realmente queria ser submissa? Qual o seu limite?

Enquanto estava deitada ali, imersa em conflito, sem decidir se queria desistir da Câmara Escura, ela sente uma pulsação bem no seu âmago, e se dá conta de que seu medo a está excitando. Valentina aperta ainda mais os olhos quando sente uma mão sobre seu corpo, acariciando cada um de seus dedos e soltando as amarras em seu pulso. Foi um toque macio e quente, nem um pouco violento. Abre os olhos e encara o segundo homem mascarado, mas não vê mais Leonardo, estão apenas ela e o estranho ali.

Ele se move devagar enquanto solta os prendedores que a atavam na mesa de luz e ela nota algo familiar em seu andar, mas a luz forte da mesa a impede de ver com clareza. Está solta, finalmente. Fecha suas pernas e fica de joelhos, de frente para o mascarado misterioso, sem saber bem o que fazer. O homem inclina a cabeça para o lado, como se estivesse fazendo uma pergunta silenciosa a ela e, naquele movimento exagerado, ela se dá conta de quem é ele.

— Théo! — ela engasga, e sai engatinhando na direção dele pela mesa de luz.
— Théo, é você mesmo?

Mas o homem não responde. Valentina estica a mão na direção da máscara para tirá-la do rosto dele, mas o homem segura sua mão, impedindo-a de tocar nele, e se inclina para beijá-la. Então ela tem certeza de que é seu amor quem está ali com ela e percebe o quanto sentiu falta do toque dele.

Mesmo assim afasta seu rosto do rosto dele.

— Théo, o que está acontecendo? Por que você está aqui?

Em vez de responder, ele coloca o dedo em seus lábios, pedindo silêncio.

— Psiu! — é tudo o que ele diz.

A raiva toma conta dela. Por que ele está fazendo isso?

— Théo, responda-me!

Mas ele sacode a cabeça, dizendo que não, e pede a ela silêncio novamente com o dedo na frente dos lábios. Isso é exatamente o que ela faz com ele todas as vezes que eles transam, ela não deixa que ele fale nada. Pela primeira vez neste ano em que estão juntos, Valentina entende como deve ter sido frustrante para ele não poder compartilhar seus pensamentos e seus sentimentos com ela. A mesa de luz pisca quando Théo aciona o botão e apaga todas as suas luzes de uma vez, pegando-a no colo.

Ela se sente segura em seus braços, apesar de estarem imersos na mais profunda escuridão e de ela não ter ideia de para onde Théo a estava carregando. Pelo toque macio de seda e veludo em sua pele, imagina que ele a tenha colocado sobre um sofá ou uma cama macia. O som de batidas de coração desaparece, tudo o que ela escuta agora são as notas sensuais de uma música suave, que parece oriental. O quarto se enche de fragrância de olíbano. Ainda está excitada, resultado dos jogos com Leonardo, e agora que perdeu completamente o medo, se sente lânguida como um gato, líquida como melado. Ela nem se importa mais se é Théo quem está ali ou o que ele vai pensar dela e Leonardo, provavelmente são cúmplices, se ele está ali e é parte de sua fantasia.

Valentina se deita sobre a cama, puxando Théo para cima dela. Ele tira as máscaras dos dois, mas isso não ajuda a enxergar melhor em meio à escuridão do quarto. Porque estão cegos e mudos, a música preenche seus ouvidos e dá o tom das sensações que estão experimentando; tudo está focado no contato entre seus

corpos. Théo se encaixa perfeitamente em seus braços e ela enterra seu rosto no pescoço dele, inalando seu cheiro, acabando com a saudade. Eles se beijam profundamente; o sabor de seus lábios a acalma. Nenhum outro homem tem o gosto dele. Ela o abraça pela cintura, sem querer deixá-lo ir embora nunca mais, e ele a penetra, fazendo-a gemer de satisfação. Tinha sido feita para aquele homem. Ele a preenche completamente, é perfeito. Eles se balançam devagar no começo, mas gradualmente ganham força e velocidade. As preliminares de Leonardo a deixaram sensibilizada. Valentina sente cada estocada, o pênis a penetrando fundo, até atingir seu coração. Leonardo estava absolutamente certo, esta é sua maior fantasia, ter seu amante junto dela, na Câmara Escura, mostrar a ele seu amor, e mesmo que ele não possa ver esse amor, pode senti-lo. Théo a leva junto com ele cada vez mais alto e mais longe, seu silêncio a deixando ainda mais excitada, e ela começa a se sentir girando com a intensidade do toque entre seus corpos, unidos, até que cheguem ao orgasmo. Extenuados, Ficam ali deitados e entrelaçados nos braços um do outro. Ela se sente tão cansada... Mais cansada do que jamais se sentiu na vida, deitada com a cabeça apoiada no peito do amante, confortada ao escutar a batida de seu coração embalá-la e fazê-la dormir.

Quando acorda, ainda está dentro da Câmara Escura, mas o quarto está agora iluminado por velas, cuja luz exhibe suas verdadeiras dimensões. É um cômodo grande, todo preto, mas ainda assim transmitia uma sensação confortável, com as paredes revestidas de veludo e um tapete alto no chão, cheio de almofadas de cetim. Procura por Théo, mas ele não está mais lá, tinha partido. Valentina sente-se destrozada.

— Théo! — ela grita desesperada.

A porta se abre, mas quem passa por ela é Leonardo, sem máscara e vestindo um robe de seda amarrado à cintura. Ele carrega uma vasilha grande nos braços, com espirais de vapor subindo dela, o aroma de ilangue-ilangue e jasmim se espalhando pelo quarto. Era um aroma familiar.

— Onde está Théo? — Ela pergunta.

Ele coloca a bacia de água quente nos pés dela e alcança uma pilha de pequenas toalhas atrás da cama.

— Relaxe, Valentina — ele responde enigmaticamente, acariciando seus cabelos com ternura. Ele mergulha uma das toalhas na água quente e a torce para remover o excesso de água.

— Feche os olhos — ele sugere.

Instintivamente, ela obedece. Ele coloca a toalha úmida e cheirosa em seu

rosto e o efeito calmante é instantâneo. Ela se dá conta agora de que seu corpo está dolorido, virado do avesso pelas aventuras fortes da Câmara Escura. Ela o escuta mergulhar outra toalha na bacia e retirá-la para ser colocada sobre seu peito e outra sobre seu abdômen. A sensação é tão relaxante que seu corpo amolece, como se ela estivesse drogada, precisa se deitar novamente sobre a cama. Só quando ele coloca uma das toalhas aromatizadas sobre suas coxas e uma última sobre sua pélvis, ela tem um *insight*: Leo sabe. Théo deve ter contado tudo para ele.

— Oh! — ela murmura baixinho, tão baixinho, quase inaudível.

Enquanto Leonardo a banha com toalhas aromáticas, Valentina se lembra que Théo fez a mesma coisa com ela na noite em que tinha perdido o bebê. Ele carregou seu corpo ensanguentado do banheiro para o quarto e a colocou na cama. Ela estava em choque, incapaz de se mover, e ele a banhara com toalhas quentes aromatizadas com ilangue-ilangue e jasmim. Théo usou todo o seu conhecimento para acalmá-la e deixá-la mais confortável. Ela entregou-se completamente aos cuidados dele.

Deixou que ele tomasse conta dela. Durante todo este tempo, ela tinha valorizado a sensualidade dele, sua personalidade misteriosa, atribuindo a essas características sua atração por ele, sua relutância em deixá-lo partir. Mas estava errada. Era sua ternura que tinha feito toda a diferença. Durante o banho com as toalhas quentes e mesmo depois dele, quando ele a abraçou sem que ela dissesse uma palavra sequer, sua compaixão por ela a tinha curado. Théo a tinha confortado de um jeito que seus pais nunca tinham feito em toda sua vida. Valentina tinha tentado negar seus sentimentos e tinha aos poucos afastado Théo de sua vida.

Envergonhada, Valentina se lembra de como o excluiu completamente do processo ao ir sozinha ao hospital no dia seguinte. Ele insistiu para ela ir ao médico checar se estava tudo bem, e tinha até marcado a consulta. Mas o espírito independente dela tinha tomado conta da situação e, enquanto ele dava uma palestra, ela ligou para o hospital e trocou o horário. Quando ele chegou em casa para buscá-la e levá-la, ela já havia ido e voltado. Zonza e sem controle do que falava por causa dos analgésicos, disse que ele não era necessário e não precisava mais ficar com pena dela. Tinha sido medicada e estaria pronta para voltar à ação em poucos dias.

O olhar em seu rosto sempre voltava para assombrá-la. Théo olhara para ela horrorizado e magoado com suas palavras, mas ela se afastou dele, fechou-se no estúdio e dormiu no sofá pelas duas noites seguintes. Como ela pôde ser tão cruel? Por que ele não a havia abandonado naquele momento, quando viu o tipo de megera que ela era?

“Porque ele a ama, Valentina.”

Mas como ele pode amá-la? Será que é por isso que toda esta história do clube e do álbum de fotos antigas estava acontecendo? Ela desejava tanto que ele ainda estivesse ali para poder perguntar tudo a ele... Mas Théo tinha desaparecido novamente e agora, ela teria de confiar nele.

Belle

BELLE ESQUADRINHA OS QUARTEIRÕES, enquanto Pina espera sob um arco de pedra, segurando a enorme mala e tremendo. Não podia ser verdade. Tinha certeza de que a escuna de Santos ainda estava atracada, mas não a vê em lugar algum. Caminha para cima e para baixo às margens da laguna sem entender, porque não acredita que ele iria partir sem se despedir dela. Mas, então, onde ele está?

Começa a chover e um vento forte sopra sobre a laguna. Em poucos minutos as duas estão ensopadas. Ela segura Pina pelo cotovelo.

— Vamos.

Ela puxa a criada pelo braço e elas caminham pelas ruas de pedra da Fondamenta Nuove. Talvez ele tivesse ancorado em outro lugar, ela pensa desesperadamente. Ou talvez estivesse esperando por ela no apartamento, como sempre fazia. As águas da laguna estavam ficando cada vez mais agitadas e as ondas altas cobriam o chão por onde caminhavam, molhando seus pés. Elas atravessam uma ponte e o vento está tão forte que Belle tem de forçar seu corpo contra ele para conseguir caminhar. Ela escuta Pina sem fôlego logo atrás dela. As duas chegam à Fondamenta dei Mendicanti, ao lado do hospital, fugindo do vento forte, mas a chuva continua a castigá-las e elas correm em busca de abrigo. Belle conduz Pina pela praça até a viela estreita que leva ao seu apartamento. Tira a chave da bolsa, abre a porta do prédio e as duas entram, tropeçando nas escadas escuras, ensopadas e tremendo de frio. Depois de subirem as escadas, Belle abre a porta de seu apartamento, que está exatamente do jeito que tinha deixado. A cama desfeita a faz lembrar de ter estado ali com Santos. Os dois copos de vinho, o resto de uma garrafa de Amarona ao lado delas. Caminha até a penteadeira e pega uma das rosas brancas do vaso. Tinha sido ontem que seu amor havia tirado suas pétalas e as espalhado sobre seu corpo nu.

— Onde nós estamos?

Pina ainda estava parada na porta, tímida. A água da chuva escorrendo por seu rosto e suas roupas finas completamente ensopadas.

— Estamos em meu esconderijo, Pina — Belle revela, olhando pelo canal da janela, com a esperança de ver um bote chegando ali perto. Mas o canal estava completamente vazio.

— Você comprou este lugar?

— Eu o alugo — diz Belle, virando-se para ela. — Aqui não sou mais a *signora* Brzezinska, sou Belle.

Pina escancara a boca de espanto.

— Belle, a cortesã?

— E quem mais, minha querida?

Ela abre seu guarda-roupa e mostra suas fantasias para a garota, que olha para sua patroa maravilhada.

— Você é realmente Belle de Veneza? De verdade?

— Sim, a própria.

Pina se senta na cama, encarando a patroa, como se estivesse vendo uma criatura mística.

Belle sorri.

— É assim tão difícil de acreditar, minha querida?

A menina sacode a cabeça, dizendo que não, voltando a si depois do choque inicial.

— Não, não. — Ela faz uma pausa e as cores começam a voltar ao seu rosto, seus olhos iluminados. — Eu acho maravilhoso! — Ela leva a mão à boca com um risinho. — Oh, se o *signor* Brzezinski soubesse!

— Esta é a minha maneira de retomar minha vida — Belle confidencia.

Sua criada acena com a cabeça, ela entende perfeitamente o que a patroa está dizendo.

— Acho que devemos nos livrar dessas roupas molhadas, você não acha? — Belle diz com energia, se dando conta de que estavam ensopadas até os ossos. — Pegue o que quiser.

Pina se aproxima hesitante do armário e passa os dedos desejosos sobre a bainha de um dos vestidos de seda de Belle.

— Eu não poderia...

— Você tem de pegar, Pina, ou vai se resfriar. Vamos!

A jovem olha entre as roupas no armário com relutância e para quando vê o uniforme de marinheiro.

— Você pode experimentar, se quiser — Belle oferece, mas a menina sacode a cabeça, suas bochechas já num tom escarlate.

— Não sei o que vestir — ela titubeia. — É tudo bom demais para mim, madame.

— Deixe de besteira — Belle responde. — Além disso, você só vai usar essas roupas até as suas secarem.

— Escolha para mim.

Belle começa a vasculhar seu guarda-roupa, mas já sabe exatamente o que Pina vai vestir, está ansiosa para se trocar e sair de novo. Pega o vestido de

bailarina, o preto.

— Acho que você vai ficar adorável neste aqui.

Pina olha para o vestido com admiração.

— É tão lindo!

Ela está maravilhada e pega o vestido com as mãos trêmulas. Belle a vê tirar as roupas molhadas com tanto decoro quanto possível, mas sem traços de preocupação. Ambas eram mulheres, afinal. Quando se vira para pegar o vestido, percebe que Belle está admirando seu corpo jovem e bonito.

— Pina, você é linda! — ela elogia.

Nunca havia reparado nas curvas da garota. Sua pele era macia, de um tom escuro; seus seios, fartos, tinham aréolas e mamilos escuros, e pelos pubianos pretos, modelados como um coração entre as pernas dela. Pina olha para o chão, envergonhada, e pega rapidamente o vestido de bailarina. Serve perfeitamente nela, é tão curto que suas pernas bem torneadas ficam à mostra. Que desperdício essa menina ser uma criada, é tão exótica, deveria ser uma dançarina ou uma atriz. Fica furiosa só de pensar que seu pai a havia vendido ao *signor* Brzezinski, como o seu próprio fizera. Homens podem ser horríveis.

Pina tinha caminhado para a frente do espelho e admirava sua imagem na fantasia de bailarina. Belle vê o reflexo de seu próprio corpo nu atrás da menina e encontra os olhos de Pina pelo espelho. Algo no olhar dela a faz se lembrar de uma outra pessoa, que também a tinha olhado da mesma maneira, mas não consegue se lembrar bem quem era. Era um olhar de ternura, de proteção quase. Por que será que essa criada gosta tanto assim dela?

— Eu acho a senhora linda, madame — Pina sussurra.

Belle avalia a proposta velada no elogio de Pina. O amor entre mulheres podia ser doce. Se ela tivesse essa inclinação... Mas estava desesperada para encontrar Santos, precisava de seu homem e só ele a satisfaria.

— Obrigada, Pina — ela agradece, passando pela menina para chegar ao seu armário e pegar sua fantasia de marinheiro.

Suas pernas nuas se tocam e ela percebe a reação de Pina ao contato. Espontaneamente, ela também responde e se vira para beijar a menina nos lábios. Ela fecha os olhos e é como se estivesse recebendo um beijo da vida, capaz de resgatar a Louise de sua adolescência, quando era uma princesinha, vivendo em Varsóvia, antes de seu casamento e do estupro que tirou sua inocência.

— Minha doce Pina — ela diz, se afastando. — Não tenha medo, eu vou tomar conta de você.

A criada olha nos olhos de Belle com uma expressão séria.

— Eu acredito em você.

Belle coloca sua calça de marinheiro, tem de sair para procurar Santos. Não podem voltar para a casa do *signor* Brzezinski e também não podem continuar ali no apartamento dela. Era apenas uma questão de dias até que seu marido as encontrasse. Precisavam sair de Veneza para sempre.

— Vou procurar o meu amigo — Belle diz à garota. — Vou ser o mais rápida que eu puder, espere por mim aqui.

A taverna estava vazia, apenas poucos marinheiros bebiam encostados no balcão de madeira. Ela passa por eles caminhando com atitude, mas lembrando-se de manter seu chapéu enfiado na cabeça. Tinha se vestido com tanta pressa que não tinha certeza de ter tirado a maquiagem.

— Olá, meu jovem — o taverneiro a cumprimenta. — O que você vai querer?

Ela pede um *brandy* e o toma de um único gole. A bebida assenta seu estômago enjoado, aquecendo-a depois de sua corrida pela chuva nas ruas.

— Estou procurando por Santos Devine. Você tem ideia do paradeiro dele?

— Não faço a menor ideia, jovem. Só sei dizer que não está mais em Veneza.

“Não!”, ela tem vontade de gritar, sacudir o taverneiro pelos ombros e obrigá-lo a confessar que não era verdade. Mas ela era apenas uma mulher fantasiada de marinheiro e tinha de manter suas emoções sob controle, mas não consegue evitar a sensação de ter levado um soco no estômago. Quase precisa se ajoelhar com o choque.

— Ei, o que está errado, garoto? — um dos marinheiros pergunta.

Ela se segura com força no balcão e se levanta novamente.

— Tem certeza de que Devine já partiu? — ela insiste com o dono do bar.

— Tenho, sim. Vi com os meus próprios olhos. Ele foi expulso da cidade pelas autoridades, parece que roubou algo importante de um dos grandes homens de negócios de Veneza...

— ... de um polonês — completa o marinheiro no balcão.

Belle nem precisa ouvir o nome do tal negociante. Então, o *signor* Brzezinski sabia que Santos era o seu amante e tinha dado um jeito de bani-lo de Veneza? Ela sente uma onda de fúria tomar conta de seu corpo e sua alma.

— Acho que a polícia sabia que era tudo mentira, senão teria levado Santos preso, mas mandaram que saísse imediatamente da cidade. Por um tempo, pelo menos.

Essas eram as palavras que Belle precisava ouvir. *Por um tempo, pelo menos.* Ela sabia que seu amor não a abandonaria para sempre. Ele ia voltar e, quando voltasse, ela teria grandes novidades: estava esperando um filho dele. Mas o que faria enquanto ele não estivesse de volta? A ideia de voltar à casa do *signor*

Brzezinski era repulsiva, mas com Pina a tiracolo parecia ser sua única opção.

Quando volta ao apartamento, encontra a menina dormindo sobre a cama, ainda vestida de bailarina. Parecia um pequeno cisne negro, com a mão sobre os olhos e a saia preta de tutu misturada aos lençóis brancos. “Pobre menina”, ela pensa. “Por que eu fui envolvê-la nessa confusão?”

Logo para de se recriminar quando se lembra de que não a envolveu, aquilo também era obra do *signor* Brzezinski. Em todos os anos que estavam casados, ela nunca conseguiu chamá-lo por seu primeiro nome. Aquele homem horrível.

Caminha para a janela e olha para o canal. Santos tinha partido. A verdade começava a ficar clara na sua cabeça. Ela cruza os braços e se abraça, tentando aquecer o amor dentro dela. Tinha sido ontem, apenas um dia atrás, que esta mesma paisagem estivera plena de poesia e de amor. O céu sem nuvens, um símbolo de sua perfeição como um casal; a grandiosidade desbotada dos *palazzi* de Veneza ao longo do canal representava a profundidade de seu amor; o ruído das águas se chocando contra as paredes de pedras, a sincronia de sua união. Apenas um dia mais tarde, tudo havia mudado. O céu está escuro, tomado por nuvens pesadas e escuras, mal amadas e chorando abertamente seu sofrimento sobre a cidade, os prédios tinham perdido sua grandiosidade e pareciam apenas ruínas prestes a desmoronar, esquecidos e abandonados. E o canal escondia sua profundidade, refletindo apenas seu desejo, como se estivesse estapeando seu rosto, afogando-a nas águas frias.

Belle fecha os olhos e tenta evocar uma boa memória de Santos com ela, mas sua lembrança começa a se desvanecer. Ela só consegue vê-lo como um ponto no oceano em um navio-fantasma, ao lado de seu primeiro-oficial que tinha o tamanho de uma estátua, um guardião macabro. Por que ele não tinha esperado por ela? Talvez ele soubesse de sua história inteira e desconfiasse que ela nunca deixaria Veneza, não de verdade, porque a mãe dela vivia em Poveglia. Mas agora iria colocar Santos na frente de sua mãe, se ainda tivesse chance. Belle põe a mão sobre sua barriga e pensa na pequena vida se formando ali. Ela colocaria Santos em primeiro lugar, antes mesmo da criança? Um bebê com seus lindos olhos azuis e cabelos pretos?

Ele tinha partido. Afasta-se da janela e senta-se no chão. Já pode chorar, sua esperança escapando pela janela, como uma bandeira que simboliza sua perda. Tenta se apegar às palavras do dono da taverna, ele dissera *pelo menos por enquanto*, não dissera? Santos tem de voltar, ele tinha dito a ela que voltaria, mas algo dentro dela sabe que isso não vai acontecer. Belle começa a soluçar, porque é muita coisa para pensar ao mesmo tempo: sem Santos, seu marido iria roubar

seu bebê, dizer que a criança era dele. Que tipo de pai ele seria? Será que bateria no filho de Santos como batia nela? Como tinha batido em Pina naquela manhã? Claro que sim.

Se pelo menos ela fosse homem... A frustração faz com que feche as mãos com força, aperte os dentes e engula as lágrimas. Mataria o *signor* Brzezinski se pudesse. Quando está para desmoronar, uma pequena mão se apoia em seu ombro com carinho.

Ela se vira e, por entre suas lágrimas, vê Pina se inclinar e puxá-la pelas mãos. Ela é conduzida até a cama. Sem dizer uma palavra, a jovem enxuga suas lágrimas, beijando sua boca várias vezes, mas Belle não quer ninguém além de Santos, não há outra pessoa que possa fazê-la sentir-se melhor, só ele.

Pina desabotoa o casaco ensopado de Belle e tira seu chapéu de marinheiro. Passa os dedos sobre os cabelos de sua patroa, fazendo-os esvoaçar com sua respiração. Parece ainda mais com um anjo, vestida como está, de bailarina. Devagar, vai removendo as peças de roupa molhada de Belle e faz com que ela se deite na cama, acariciando-a para aquecê-la do frio. Toca em seu rosto e a acalma até que ela feche os olhos, embalada pelas carícias da jovem.

Ela acaricia seu pescoço e seus ombros e cada um dos dedos da mão de Belle, levando-os até a boca e beijando-os. Com cuidado, faz carinho na sua barriga e em seu tesouro escondido, o bebê. Acaricia seus seios, tocando cada mamilo com cuidado. Passa a mão nas pernas da patroa e massageia seus pés, cuidando de cada dedo com atenção. Então sua mão alcança o meio das pernas de Belle, com extrema delicadeza; em seguida, substitui gradualmente seus dedos cuidados e gentis pela maciez de sua língua.

Belle suspira, isso é um sinal dos tempos. Tinha começado quando tinha 16 anos e continuava agora nos momentos de conforto com Pina. Ela deixa a jovem fazer o que quer com ela, porque agora somente essas sensações físicas a mantêm viva; ela nem as sente realmente, mas tem plena consciência da devoção da menina e deixa que a jovem a cubra com suas carícias reconfortantes como bálsamo.

— Louis Graúna! Louis Graúna!

Belle desperta.

— Louis Graúna!

Será que estava sonhando? Estava presa no abraço de Pina, mas cuidadosamente tira o braço da jovem de cima dela enquanto percebe com nitidez o barulho da água batendo contra um barco, do lado de fora de sua janela.

— Louis Graúna!

A voz é de mulher, mas ela sabe que traz algum recado de Santos para ela. Pula da cama, pega seu robe azul e corre para a varanda. A chuva tinha parado, mas o céu ainda estava cinzento e pesado, e o canal, cheio de sombras escuras. Abaixo de sua janela havia uma gôndola, com uma mulher sentada nela, vestida com um longo vestido escarlate e uma máscara sem enfeites cobrindo seu rosto. Apesar do disfarce, Belle sabe que é Lara, reconhece seus cabelos avermelhados caindo em cascata sobre seus ombros.

— Lara — ela chama de cima da varanda. — Lara, por favor, onde está Santos?

Mas Lara levanta seu rosto para ela e diz que não com a cabeça para silenciá-la. Fica em pé na gôndola e Belle vê que suas mãos estão segurando alguma coisa. Quando as abre, um pássaro voa e Belle vê que ele tem algo amarrado a uma das pernas. Seu coração se enche de pânico, como vai pegar aquela mensagem? Mas o pássaro parece sentir seu desespero e voa diretamente para suas mãos, piscando seus olhinhos sábios, cheios de compreensão. Belle oferece a palma da mão e o pássaro saltita para cima dela. Há um saquinho de veludo preso a ele. Com os dedos tremendo, ela o desamarra e o tira dali. Em seguida, levanta a mão para que o pássaro levante voo livremente.

Quando olha de volta para o canal, não há mais sinal de Lara nem de sua gôndola. Ela teria imaginado tudo aquilo? Não, porque tem o saquinho em suas mãos. Ela volta para dentro do apartamento e o desembrolha. Havia apenas uma pequena argola ali. Não era um anel. Era o brinco de Santos. Segurá-lo entre os dedos faz com que ela se lembre da última vez em que tinha tocado nele, quando tinha segurado seu rosto entre as mãos, quando ele tinha gozado dentro dela. É um milagre ela ter recebido este presente.

Há algo mais dentro do saquinho. Um pedacinho de papel, que ela retira com cuidado. Está maravilhada com a caligrafia pequeníssima de seu amor. Belle se dá conta de que nunca havia lido nada que ele escrevera. Ela lê e relê o recado.

E não consegue acreditar no que ele quer que ela faça.

Valentina

O ENVELOPE TINHA SIDO deixado em sua caixa de correio, embora não tivesse selo ou carimbo. Mas Valentina reconheceu a caligrafia imediatamente. Abre-o rapidamente, antes mesmo de voltar ao seu apartamento, e pesca de dentro dele um bilhete de trem de primeira classe, de Milão para Veneza, datado do dia de hoje e partindo em duas horas. Será que Théo tinha enlouquecido de vez? Que história era aquela de colocar um bilhete de trem em sua caixa de correio sem nenhuma explicação? Ela poderia estar no meio de uma sessão de fotos hoje ou ocupada com alguma outra coisa. E só tinha dado a ela algumas poucas horas para se preparar e chegar a tempo à estação.

Depois da noite passada, na Câmara Escura, ela pensou que Théo voltaria para casa, estava preparada para confessar seus sentimentos por ele, para dizer que ela conseguia ver agora como o amor dos dois era profundo e precisava do que ele havia feito e ainda estava tentando fazer por ela. Ela iria pedir desculpas para ele, só que não tinha voltado e, durante as duas horas em que esperou por ele, sua angústia se transformou em raiva. Passou a noite em claro, virando na cama. Estava cansada e emotiva. Ele a estava manipulando, era isso, e aquela passagem de trem era a prova. Bem, só que ela não iria. Isso ia mostrar a ele.

Ela sobe para seu apartamento, mordendo os lábios, a indecisão começando a tomar conta dela. O que aconteceria se ela fosse? Quando o elevador para em seu andar e ela abre as portas pantográficas para sair, um pensamento cruza sua mente. Ele está jogando com ela, como no caso do álbum das fotos antigas, como antes de morarem juntos, quando escolhiam lugares secretos para se encontrar, como se fossem meros amantes de ocasião, fingindo ser desconhecidos. Oh, como ela adorava aquilo. Talvez tudo o que ele queira é que ela se divirta um pouco.

Ok, ela decide, mal-humorada, enquanto entra no apartamento. Ela vai. Mas ele tinha dado sorte de ela não ter nenhum outro compromisso no dia.

Seus dois lados estão lutando em um conflito aberto: seu coração, o lado mais suave, e sua razão, o lado mais protetor, não se entendem e por isso ela decide escolher a roupa que vai usar no lote que recebeu de sua bisavó. Escolheu o terninho risca de giz e o chapéu fedora. Por baixo do terno, vestiu uma camisa

feminina de seda e um par de shorts, também de seda. Deixou de lado os sapatos brogue, grandes e masculinos, e decidiu usar um modelo de salto muito alto. Sente-se mais confiante agora que parece um gângster andrógino.

Pega o álbum de fotos que Théo havia lhe dado e começa a virar suas páginas. Tinha ampliado todos os negativos àquela altura; as últimas quatro impressões eram as mais bonitas. Uma era a que ela já tinha visto e inspirado sua fantasia da noite passada, a de se expor vestindo uma máscara. Também havia um *close* de um seio molhado com gotas de água e um outro na barriga da modelo, que mostrava a área logo abaixo dos seios e acima dos pelos pubianos, coberta de pétalas brancas. A última ampliação era a mais sedutora. Mostrava uma jovem sentada no chão, encostada em um muro. Estava completamente nua, usando apenas uma máscara que escondia sua identidade, tinha um corte de cabelo estilo chanel, o mais popular na época. Parecia a mesma mulher da foto que a tinha inspirado. Seus joelhos estavam dobrados e suas pernas abertas em um V. Ela estava inclinada para a frente e tinha colocado o braço entre as pernas; o punho fechado impedia que se visse sua parte mais íntima. Embora não fosse possível avaliar sua expressão por trás da máscara, Valentina via que seus lábios estavam entreabertos e toda a sua postura exalava sedução. Venha e me pegue, se puder. Ela adora essa atitude da modelo.

Colocando o álbum em sua pasta preta, decide levá-lo, quer saber onde Théo conseguiu aqueles negativos e se ele sabe quem era aquela mulher. Mais do que tudo, quer saber por que tinha ganhado aquele presente. Para ela, as fotos eram o início de tudo, tinham-na conduzido a um mundo de erotismo, culminando no clube de Leonardo e na Câmara Escura. Ela já está a caminho da porta quando ouve seu telefone, dentro de seu bolso, emitir um sinal de mensagem. Ela lê: *traga o Metsu com você*.

Apenas uma linha. Nada de *Tudo bem? Como você está? Você está bem?* Nem um emoticon de sorriso. Ela fica furiosa e responde imediatamente para ele.

Onde você está? O que está acontecendo?

Mas, é claro, Théo não responde. Que homem frustrante. Além de tudo o que tem feito, ainda quer que ela saia de casa com uma tela que vale milhões debaixo do braço? Se é que aquele é mesmo um original, como Gaby tinha dito. Ela tinha certeza de que o inspetor Garelli e um de seus capangas estavam vigiando o apartamento nesses últimos dois dias. E, além de tudo, ainda havia o homem louro e abusado da festa de Marco. Ela não o via, nem ao seu carro, desde terça passada, mas seu instinto dizia que ainda o veria novamente. Alguma coisa naquele homem a assusta muito.

Confere as horas em seu relógio e vê que tem pouco tempo para chegar até a estação para embarcar. O que ela vai fazer? Corre para dentro do estúdio e avalia

a pintura ainda pendurada na parede. É pequena e não parece pesada. Sem tempo para debater os prós e os contras de levar o quadro, ela tira a tela da parede de uma vez. Não quer perder o trem. Procura algum lugar para carregar a pintura sem danificá-la. Ela vê a echarpe de sua bisavó largada em uma cadeira e embrulha a tela com ela. Não era o ideal, mas já era melhor do que nada. Coloca o quadro embrulhado na echarpe de renda em sua pasta e corre para a porta.

Valentina caminha entre a multidão na estação central de Milão, sentindo-se pequena no saguão amplo e clássico do lugar, e tem a sensação de que está sendo seguida. Bastou voltar-se para trás para vê-lo de pronto. Lá estava Garelli, parado em uma banca de jornal, tentando parecer interessado em uma revista. “Ele é realmente um detetive imprestável”, pensa. Mesmo assim, sua presença a preocupa um pouco. Afinal, estava andando com uma pintura roubada dentro da pasta. Se ele a pegar, será presa com certeza e ainda vai parecer culpada. Não quer que ele a siga por todo o trajeto até Veneza, onde vai se encontrar com Théo. Na verdade, seu namorado também poderia estar na estação naquele mesmo momento, pegando o mesmo trem que ela, sem que Valentina soubesse. Ela olha em volta, mas o lugar está cheio de gente andando para todos os lados. Ela tem apenas três minutos antes do trem partir, precisa despistar Garelli.

Deixa as plataformas e volta para o saguão principal da estação. Com o canto dos olhos, vê Garelli andando atrás dela. Desce para o nível inferior da estação em direção ao metrô antes de entrar em uma livraria. Provavelmente, ele a tinha visto entrar ali, e se for rápida o suficiente, talvez consiga enganá-lo. Sobe pela escada ao piso superior da loja, escapando para o piso superior da estação. Só tinha um minuto agora. Dispara para a plataforma 13, vê o guarda com o apito e acena para ele, toda coquete; então, ele a espera. Ah, o valor de ser uma mulher bonita na Itália! No último minuto, o guarda abre a porta do trem para que ela entre.

— *Grazie!* — Ela joga um beijo para ele, garantido-lhe alguns segundos de visão de sua blusa de seda transparente.

— *Prego, signorina!*

Valentina olha triunfante para fora da janela do trem e vê Garelli correndo para a plataforma, muito tarde para entrar. Ele sabe que ela está no trem, mas não sabe onde ela vai saltar. Poderia ser em qualquer lugar entre Brescia, Verona ou Padova, além, é claro, de Veneza. Conseguiu ganhar mais algum tempo extra para ela e para Théo. Agora, tenta se esquecer completamente do detetive e da ideia de que seu amante tenha feito alguma coisa realmente errada. Será que ela deveria entregá-lo à polícia e correr o risco de que ele fosse preso por um longo

tempo? Tenta não pensar para além do dia de hoje. Confere sua passagem, enquanto caminha pelo corredor procurando seu compartimento.

Valentina tira o fedora da cabeça e o coloca no compartimento de bagagem, acima de sua cabeça. Como o conteúdo de sua pasta é muito precioso, prefere carregá-la consigo, encaixando-a entre seu corpo e o vão da janela do trem. Está sozinha na cabine. E fica esperando que, a qualquer momento, Théo entre no compartimento. Mas à medida que o trem se afasta de Milão e vai deixando a cidade para trás, fica evidente que ele não está ali. E como vai ser em Veneza? Para onde ela deve seguir? Certamente, ele iria esperá-la na estação, ela tenta se convencer. E se não estivesse ali, ligaria para ele.

Está lendo *Jezebel*, de Irene Némirovsky, e compara a personagem principal da trama com sua mãe o tempo todo. A irresistível sedutora Gladys Eysenach era uma mulher cuja vaidade era mais importante do que os próprios filhos. Era uma mulher que tinha medo de envelhecer e que cometeria até assassinatos para esconder sua idade. Não, pensando melhor, nem sua mãe era assim.

Apesar da prosa lírica bem escrita de Némirovsky, assim que lê as primeiras linhas seus olhos pesam. Não tinha pregado o olho na noite passada e está exausta com todo o drama da Câmara Escura. Ainda não entende como Théo fez parte daquilo tudo. Como ele pode se sentir feliz com Leonardo a tocando, fazendo sexo com ela? Sua relação com Leo é o que Valentina tinha imaginado para ela e Théo, platônica, mas sexual. Eles não eram amigos que transavam, a dinâmica entre eles era outra, ele era mais como um professor, um tipo de guia. Ela sabia que a maioria das pessoas iria julgá-la por estar dormindo com outro homem, mas obviamente Théo não estava entre essas pessoas.

Quando se mudou para o apartamento dela, disse que eles não precisavam ser monogâmicos. Ela concordou, mas tinha pedido a ele que nunca lhe contasse sobre outras mulheres com quem ele saísse. Era melhor focar no que eles tinham juntos do que no resto todo que estava ao redor deles. Seu último pensamento antes de cair no sono foi nos lábios de Théo, macios, carnudos, abrindo seu coração na Câmara Escura.

Ela está beijando seu amante e consegue sentir seu gosto. Percebe quando ele coloca as mãos em seus ombros, e sente a aspereza de sua barba por fazer em sua bochecha. Abre os olhos e Théo está realmente na frente dela.

— Oh, Théo! Você está aqui!

Ele sorri e seus olhos se apertam, divertidos.

— Sim, estou aqui.

Valentina percebe que ele está um pouco tenso, aflito.

— Você trouxe a pintura?

— Sim, eu trouxe, mas por quê? Quer dizer, Théo, o que está acontecendo?

— Você pode mantê-la segura? Só até Veneza? Por favor?

— Ok! — Ela o puxa para si. — Por que você está fazendo todas essas coisas? As fotos antigas, o clube, a Câmara Escura...

— Você ainda não descobriu, Valentina? — ele pergunta olhando-a bem nos olhos.

— Mas...

Ele a silencia com um beijo.

— A hora para as palavras é mais tarde. Tem uma coisa que eu sempre quis fazer a bordo de um trem.

Ela não resiste e está rindo para ele. É tão bom poder vê-lo e senti-lo novamente.

— É verdade, *signor* Steen? E o que seria isso?

Théo se senta ao lado dela e se inclina para mais perto, empurrando o paletó do terninho pelos ombros até escorregar e deixar à mostra a blusa de seda.

— Sabe o que eu quero? — Ele segura o rosto dela com as duas mãos e a força a olhar para ele. Valentina vê suas pupilas dilatadas, suas bochechas esculpidas no rosto e seu queixo forte. — Eu quero você.

Sua respiração se acelera. Ele está falando sério? Ele realmente quer transar com ela ali no trem? E se alguém entrar na cabine?

Théo desabotoa sua camisa e a deixa cair no chão. Pega a mão de Valentina e a esfrega contra os pelos de seu peito nu, guiando-a para o seu coração. Ela sente as batidas rápidas no peito dele e, olhando bem em seus olhos, deseja viver aquele momento de desejo desenfreado e selvagem. A espontaneidade da paixão é o que mantém o amor deles vivo e renovado. Tão forte como quando tinham se conhecido.

— Também quero você, Théo.

Ela fica em pé, desabotoa a calça dele e deixa-a cair ao chão. Não usa nada por baixo delas. Seu pênis está ereto, lindo. Ela estica a mão para tocá-lo.

— Sou completamente seu, Valentina.

Ela olha para ele, uma pergunta se formando em sua cabeça:

“Será que era realmente? Então, por que ele desaparecia? E para onde ia?”

— Você é tudo para mim — ele diz, pegando suas mãos e a levantando para que o encarasse de frente.

Como se estivesse em um transe, Valentina tira a calça e a chuta para o lado, ficando apenas com uma lingerie de seda. Ele puxa as alças de sua blusa para

baixo e acaricia seus seios, deixando seus mamilos tesos com o toque. A blusa também escorrega por seu corpo até cair no chão. Agora Théo coloca as mãos em cada lado de seus quadris e tira cuidadosamente os shorts. Ela já sente as mãos dele entre suas pernas, acariciando-a.

— Ah, sim, você também me quer, Valentina? — ele pergunta, fazendo-a olhar dentro de seus olhos, hipnotizada. — Vire-se! — ele ordena.

Valentina fica de frente para a janela da cabine. O trem está acelerando, ela sente o chão da cabine trepidando sob seus pés.

— Incline-se para a janela e apoie suas mãos nelas.

Ela obedece e sente Théo afastando suas pernas, acariciando-a e abrindo-a com os dedos, preparando-a para recebê-lo dentro dela. No momento seguinte, ele já está nela. Sente-o grande, como se estivesse alcançando seu umbigo. Ela aperta o pênis dentro dela, enquanto o balanço do trem empurra um contra o outro.

— Vou comer você, Valentina, como você gosta.

Ele quebrou a regra de ouro deles, falou durante o sexo, mas as palavras duras dele a excitaram ainda mais. Valentina aperta-o dentro dela, mandando vibrações por todo o seu corpo.

Ele sai um pouco de dentro dela, bem devagar, fazendo com que ela praticamente chore de desejo para tê-lo de volta, e de repente ele a invade com toda a força. Valentina arqueja, apoiando as mãos contra a janela. E se passarem por dentro de alguma estação ou mesmo cortarem alguma cidade? As pessoas iriam vê-lo ali. Mas ela não se importa, só quer que Théo a tire do sério de tal maneira que ela se sinta como uma feiticeira, com todos os elementos mágicos de seu ser dançando em volta deles na cabine, celebrando finalmente sua entrega completa a ele. Ela pressiona seu corpo contra o dele, enquanto ele a penetra com mais ferocidade, está tocando-a tão fundo exatamente no ponto onde está o coração de seu sexo, que ela acha que não vai suportar. Ela aperta os dentes, deixando que seu lado negro tome conta dela. Vira o rosto para ele.

— Me coma! — ela pede com urgência. — Mais forte!

O trem acelera e eles acompanham sua mudança de velocidade, como se fossem movidos pelo mesmo mecanismo balançando, penetrando, indo para a frente. Ela está muito perto e, quando chega ao orgasmo, percebe que as vibrações de seu corpo afetam o pênis de seu amante, fazendo-o gozar dentro dela. Suas mãos escorregam da janela e ela perde o equilíbrio. Os dois caem no chão, ainda ligados. Apesar da cabine ser pequena, ela está confortável. Fecha os olhos, sentindo-se líquida naquele momento, tão leve que o seu lado obscuro desaparece. Ela se deixa afundar no chão da cabine, dissolvendo-se pelo trem e misturando sua essência aos trilhos, como pequenas pérolas entre os

pedregulhos. Os dois ficam deitados por um tempo, abraçados. Théo beija a parte de trás de seu pescoço. Ela se vira debaixo do peso dele e sente que ele se levanta, puxando-a de volta para seus braços, aninhando-a, nua, em seu corpo.

— *Dio mio*, não acredito no que acabamos de fazer! — ela diz.

Théo se levanta, puxando-a com ele.

— É melhor nos vestirmos. — Ele pisca para ela. — Não vamos abusar da sorte.

Ele parece ser ele mesmo de novo, Valentina avalia. E percebe que, desde que perdeu o bebê, não o tinha visto assim tão feliz.

— Théo? — ela diz, colocando sua calça sobre os shorts de seda. — Qual é a história dessas pinturas? — Ela bate com o nó do dedo contra sua valise. — São roubadas?

Ele se senta ao lado dela, mordendo os lábios.

— Esta é uma pergunta difícil de responder.

— Como assim? Ou são roubadas ou não são.

Por um momento, Valentina não consegue acreditar que está fazendo aquelas perguntas a seu amante. Como poderia Théo Steen, crítico e especialista em história da arte, com sua educação privilegiada e exclusiva de Nova York, ser um ladrão de obras de arte?

— Bem — ele começa devagar, prendendo-a com seu olhar magnético —, eu acho que você poderia dizer que eu roubei a pintura. Mas também pode dizer que não é mais uma pintura roubada. Não agora, pelo menos.

Ela suspira. Isso é um pesadelo.

— Ah, meu Deus, Théo. Quem é você?

Ela olha para seu rosto e se dá conta de que não conhece aquele homem em absoluto. Embora sinta que conheça. Não acredita que ele seja um criminoso.

— O que vamos fazer? — ela pergunta com um sussurro horrorizado.

Ele junta as mãos.

— Confie em mim, querida.

Ela sacode a cabeça.

— Você tem de confiar em mim. — Ele olha para o relógio. — Não posso explicar tudo agora, mas eu prometo que vou fazer isso mais tarde. — Ele se levanta, alisando a camisa amassada.

— Aonde você vai?

— Tenho de descer do trem em Verona, vou pegar um carro lá.

— Mas por quê?

— É melhor se nós viajarmos separadamente. Você fica no trem com a tela e eu vejo você em Veneza.

Ela cruza os braços e olha para ele.

— Por que eu não posso ir com você?

O trem começa a diminuir sua velocidade até que entra na estação em Verona. O pânico toma conta dela, não quer que ele vá, tem de ficar com ela. Mas não quer que ele perceba a sua necessidade por ele. “Mantenha a calma”, Valentina, diz para si mesma. “Mantenha a distância até saber o que vai acontecer.”

— E se eu for presa com esta pintura roubada? — pergunta, agressiva. — Pensou nisso, senhor ladrão de obras de arte?

Ele para na porta da cabine, com os cabelos despenteados, os olhos diabolicamente azuis, e ri. Ele tinha realmente gargalhado.

— Eu prometo que se você for pega com esse quadro não vai ter nenhum problema.

Ele tinha conseguido irritá-la novamente. Por que ela sempre está entre o ódio e o desejo quando se trata de Théo? O trem para na estação de Verona e ela espia pela janela da cabine. Quando se volta para falar com ele, tinha simplesmente desaparecido. Ela suspira. Bem, ele tinha dito que explicaria tudo mais tarde, então não tinha outra escolha a não ser ter paciência, embora esteja morrendo de curiosidade e queira saber de tudo agora. Ela se senta de volta, cruza e descruza as pernas, está muito agitada para ler. Foi quando notou um envelope no chão da cabine, bem debaixo de seus olhos. Mas quando ele tinha deixado isso ali?

Ela se abaixa para pegá-lo e o abre.

Hotel Danieli. Bar. 20h00.

Morde os lábios, sorrindo para si mesma. Outro daqueles encontros secretos. Pelo menos hoje, conseguiria manter Théo em seus braços a noite inteira. Fazia apenas oito dias que eles tinham passado a noite juntos em seu apartamento, mas para ela parecia muito mais tempo. Ficou feliz por trazido um dos vestidos de seda de sua bisavó. Quer enfeitá-lo nesta noite.

Com uma brecada súbita, o trem se arrasta nos trilhos até parar. Não estão em uma estação, mas em algum lugar no campo, não muito longe de Veneza, ela pensa, reconhecendo a paisagem. Valentina boceja, tira os sapatos e senta com as pernas cruzadas sobre o assento. De súbito, a porta de sua cabine se abre. O sangue some de seu rosto quando o homem louro da festa de Marco entra. Ela sente o medo tomar conta dela novamente.

Segura sua valise e fica em pé num salto. Sem se preocupar com os sapatos, ela o empurra e sai correndo pelo corredor, para as portas de saída. Aperta o botão e, como o trem está parado, as portas se abrem. Desce um dos degraus frios de metal e se inclina para fora do trem, segurando no corrimão. Olha para os trilhos de um lado para outro, mas não consegue descobrir exatamente onde

estão parados. Mesmo assim, era melhor descer e ligar para Théo. Ela estava sem sapatos, mas ele poderia ir buscá-la onde estivesse. Quando estava para saltar, sente uma mão tirando seus dedos do corrimão e segurando-a pelos pulsos. Ali estava ele de novo.

— Ei!

Ela tenta atacá-lo com seu outro braço, mas com a mala na mão, fica difícil se segurar e ainda acertá-lo.

Ele a segurava com força agora e, se ela se soltasse dele, sofreria uma queda feia nos trilhos. Ouve um apito e o trem começa a se mover. Tem de pular agora, antes que pegue velocidade. Torce seu punho, tentando se soltar, mas ele a segura com tanta força que é impossível. E agora o trem está muito rápido. Ela fica com medo. É tarde demais para sair dali. E se ele a derrubar? Poderia morrer! Ela segura a valise e tenta dar impulso para voltar para dentro do trem, mas não tem força. Ele a arrasta para dentro pouco antes de as portas se fecharem automaticamente e ela desaba sobre o peito dele, sem fôlego e apavorada.

Ele solta seu pulso e ela se afasta dele.

— O que você acha que está fazendo? — ela grita com ele.

— Salvando sua vida, Valentina — ele diz, com a cabeça inclinada e um sorriso no rosto.

Ela não tem certeza sobre isso.

— Quem diabos é você? — ela pergunta, indo direto ao ponto.

O homem se encosta contra a porta do banheiro, cruza seus braços e olha para ela. Está usando uma camiseta azul, que realça a cor de seus olhos, e uma calça jeans escura. Ela repara que os pelos de seus braços também são mais claros do que os de seu peito ou de sua cabeça. Ele não parece ser italiano, mas não tem sotaque.

— Sou um colega de Théo — ele responde. — Ele nunca falou sobre mim?

— Colega na universidade? — Era difícil de acreditar que aquele brutamontes musculoso fosse do tipo acadêmico.

— Não, não, sou um parceiro nos... negócios. Bem, na verdade, acho que somos mais concorrentes do que parceiros.

Ele sorri para ela e passa a língua sobre os dentes, talvez sugerindo um beijo.

— Por que está me seguindo? — ela pergunta irritada.

Ele levanta a sobrancelha e não responde de imediato.

— Se você não parar de me seguir, eu vou chamar a polícia! — ela o ameaça.

— Vá em frente — ele responde despreocupado. — Mas eu não acho que seu namorado vai agradecê-la por isso.

Valentina respira fundo. Será que esse homem também era um policial?

Mas ele conhece Théo. Ele tinha dito que eles eram colegas... Ou concorrentes.

— Quem é você? — ela pergunta de novo.

— Não acho que isso seja importante agora. Tenho certeza de que Théo vai contar tudo a você quando se encontrarem de novo. — Ele ri como se tivesse dito algo engraçado. — Sabe, seu namorado não é tão esperto quanto pensa. Eu sabia que ele não estava com a tela, suspeitei que estivesse com você o tempo todo. — Bate na valise.

Valentina fica tensa; enfia as unhas nas alças de couro da pasta.

— Ela está aí dentro, Valentina? Seja uma boa menina e me dê a pintura sem fazer confusão.

O trem joga para o lado e os dois perdem o equilíbrio. O louro tropeça para trás e bate com força contra a porta do banheiro, forçando-a a abrir e caindo dentro dele.

Era a chance que ela estava esperando. Valentina se vira e sai correndo pelo corredor da primeira classe. Vê a porta de sua cabine e corre para dentro para pegar seus sapatos e seu chapéu antes de escapar para a segunda classe. Para seu alívio, está cheia de turistas. Localiza um lugar vazio perto da janela, cercado de jovens americanos de mochila. Era exatamente o que precisava. Segurança na multidão. Ela pede licença e chega ao assento, segurando a valise, os sapatos e o chapéu. A garota sentada em frente a ela sorri, curiosa.

Para sua surpresa, o louro não a segue, mas ela sabe que ele está ali, na primeira classe, só esperando que ela desça em Veneza. Pega seu celular para ligar para Théo, mas para seu horror, não há mais bateria.

Está tremendo de medo, mas percebe que não é por ela, é por seu namorado.

“Oh, Théo, o que você fez?”

Belle

SANTOS DEVINE PEDIU A Belle para voltar à casa do *signor* Brzezinski, mas ela não entendia a razão. Esperava que ele tivesse algum plano em mente, um jeito de escapar de Veneza e se encontrar em algum outro lugar. Ou ainda que sugerisse que ela se transformasse permanentemente em Belle, mas o marido a impediria, agora que tinha descoberto sua gravidez. E Santos ainda não sabia que estava grávida.

Ela lê o bilhete novamente.

Vá para casa, minha avezinha. Eu prometo que, a partir de hoje, o sofrimento da signora Louise Brzezinska chegará ao fim.

Ele não podia explicar melhor o que tinha em mente? Ou reforçar a promessa de que iria voltar? Mas Belle sabe que ele não promete nada que não possa cumprir e tinha prometido a ela que sua vida como *signora* Brzezinska acabaria hoje. Mas o que queria dizer exatamente com isso? Ele deve estar longe agora e não pode voltar porque se for preso vai morrer; para ele, ser aprisionado é ainda pior do que a morte.

Belle ainda não sabe, mas há algo de apocalíptico neste dia. Apesar de ter deixado a casa do marido há apenas oito horas, o mundo dele tinha virado de ponta cabeça. Era 29 de outubro de 1929, um dia que arruinaria a vida de muitos homens como seu marido.

Santos Devine tinha previsto que esse dia chegaria. Embora vivesse como um cigano, não era completamente desprovido de recursos. Costumava investir na Bolsa de Nova York e percebeu os primeiros sinais de problemas com as ações poucos meses antes. Deu ouvidos a boatos que outros decidiram ignorar. Ele pôde ver o que estava para acontecer: a Grande Depressão. E, então, fez dessa certeza parte de sua vingança contra o negociante.

Santos nunca se esqueceu do corpo machucado de sua amante e jurou que se vingaria. Conseguiu encontrar um jeito de tirar de Brzezinski o que ele mais amava: seu dinheiro. As acusações dele contra Santos não eram completamente infundadas, ele tinha de fato roubado algo do negociante, ainda que sob um disfarce legal. Pelas últimas três semanas, Santos se fez passar por um corretor da bolsa americana, procurando por um grupo de investidores de elite para

aplicar em papéis novos e fazer fortuna com a bolsa. A verdade era que não existia esse grupo. Apenas o *signor* Brzezinski. E Santos Devine, ou como o polonês o conhecia, mr. Frederick Harvey, de Brooklin, Nova York. Ele havia convencido o homem ganancioso a investir seu dinheiro em ações.

Enquanto Belle e Pina estavam relutantes em voltar para casa, ziguezagueando pelas vielas de Veneza, chorosas e abandonadas, o *signor* Brzezinski descobria a extensão de sua perda e de sua ruína financeira, graças aos conselhos e orientações de Frederick Harvey.

Será que ele já teve coração? Um dia, talvez. Mas é preciso entender o que acontecera com aquele jovem, que tinha visto os pais e os irmãos serem mortos a golpes de baioneta pelos alemães invasores enquanto se escondia, com medo, sob a escada. Tinha duas escolhas: ou morria com a família ou sobrevivia endurecendo seu coração contra o sofrimento, para nunca mais ser enfraquecido por ele.

Também é preciso entender o amor daquele jovem por uma mulher, Magda Zielinska, que o rejeitou, preferindo outro pretendente. Mas Brzezinski se vingaria dela por tê-lo rejeitado, escravizando seu marido por meio de empréstimos. Compraria a mulher do rival... Mas seu plano não funcionou. Nunca tinha pensado que oponente decidisse sacrificar a própria filha no lugar da esposa. Alexsy Dudek era tão mau quanto ele, mas Magda o amava. E continuou a amá-lo, mesmo depois de sua morte. Isso só enfurecia o *signor* Brzezinski, que ficou tão louco que decidiu que a teria, não importava como. Foi por isso que comprou Magda Dudek e a trouxe para Veneza junto com a filha. Mas sua vitória foi um verdadeiro anticlímax: Magda se entregou sem relutar e o olhava com os olhos mortos, sussurrando o nome do marido todas as vezes que o negociante a levava para a cama. *Alexsy, Alexsy, Alexsy.*

Ele tentava tirá-la daquele estado catatônico, queria que ela o desejasse tanto quanto ele a desejava. Magda era para ele como uma droga que nunca aliviava a sua dor. Ele foi para a cama com ela muitas e muitas vezes, mas ela nunca correspondeu às suas investidas, nem com ódio nem com prazer. No final, lhe dava mais satisfação bater na filha deles, porque pelo menos ela revidava e ele conseguia alguma reação dela.

Ele disse a Louise que tinha deixado sua mãe louca, mas agora sabia que não havia sido culpa dele. Foi Magda quem perdeu o juízo com a sua dor. Ela deixou que o marido vendesse a própria filha para se proteger, era ainda pior do que Alexsy Dudek e merecia seu exílio. O *signor* Brzezinski tinha oferecido o mundo inteiro para ela, mas ela se achava boa demais para ele. Desde que enviou Magda para o hospício, tudo o que queria era um filho, queria se tornar um homem melhor. E agora, apesar de sua mulher, uma pecadora tão ruim quanto a

mãe, estar grávida, o filho não era dele. Sabia que essa criança seria uma lembrança eterna de seu fracasso. Por isso, o restinho de coração que o *signor* Brzezinski pudesse ter ainda dentro do peito fora arrancado dele naquele dia. Exatamente como o seu dinheiro, pulverizado na quebra da bolsa de Nova York. Em menos de uma hora, ele estava na miséria.

Não poderia suportar o olhar de escárnio de sua detestável esposa, Louise, quando ela descobrisse tudo. Se ele não tinha dinheiro, não tinha mais poder. E, portanto, não tinha mais nada. Poderia muito bem estar morto. Daria na mesma. O *signor* Brzezinski fica em pé na varanda de sua casa, parecia apropriado terminar tudo ali. Ele não tem um revólver, mas uma grande laje de tijolos. Pela primeira vez na vida, está feliz porque não sabe nadar. Amarra um grande tijolo em seus pés, dando nós e mais nós na corda, e se arrasta até a beirada da laje, passando por cima do parapeito. Pensa em se benzer primeiro, porque talvez exista perdão após a morte.

A última coisa que ele vê ao saltar dentro do canal é um pássaro voando em círculos sobre sua cabeça. Pensa que cantava alto por ser uma criatura tão pequena, como se fosse uma fanfarra anunciando a sua morte. “Ludwika vai ficar feliz”, ele pensa, agora que está para morrer. E quando seus pulmões se enchem de água, o coração do *signor* Brzezinski finalmente se cura, porque estava feliz por ela.

Valentina

SEU CORAÇÃO FICA ALIVIADO quando ela sai da estação de Santa Lucia, em Veneza. Conseguiu se esconder entre uma turma de estudantes norteamericanos, que ficaram felizes em ajudá-la depois que ela se ofereceu para indicar um bom hotel na cidade que tivesse preço razoável. O grupo caminha alguns passos em direção ao canal e chega ao ponto do *vaporetto*. Ela olha ao redor e não vê Théo em lugar algum, mas sente-se mais segura ali do que no trem. Seu encontro perturbador com o horrível homem louro e a sensação de desespero daqueles momentos que passou pendurada do lado de fora do trem, ameaçada por ele, começavam a se dissipar. Veneza fazia sua mágica funcionar.

Está feliz e animada ao mesmo tempo quando chega à bilheteria para comprar sua passagem para os barquinhos. Isso sempre acontecia com ela naquela cidade: a sensação de pertencer a ela, como se tivesse vivido ali antes e tivesse sido incrivelmente feliz naquele lugar. Tudo parecia familiar. Os casarões elegantes e decadentes, o canal esverdeado, o velho cheiro salgado do mar, as vielas estreitas, as pontes que pareciam jóias e o senso de compreender as outras pessoas que caminhavam pela cidade, ainda que fossem visitantes como ela. Apesar de Veneza ter sido descrita como um velho museu flutuante, para Valentina a cidade era tudo menos um museu. Veneza a ajudava a acreditar em um outro mundo para além do mundo físico, um lugar da paixão e do espírito.

Em poucas horas, Valentina vai se encontrar com Théo novamente e ainda vai ter a oportunidade de finalmente descobrir o porquê daqueles quadros roubados. Está tinindo de ansiedade só de pensar no encontro deles no hotel Danieli.

“Vou dizer que posso fazer o que ele me pede, vou dizer que quero ser sua namorada”, ela pensa. “Vou dizer que o amo.”

Valentina conduz seus companheiros americanos até o *vaporetto* 5.2, que vai até a Fondamenta Nuove, vai levá-los ao hotel onde ficou com Théo na última vez em que estiveram na cidade, em um de seus encontros anônimos, antes de morarem juntos. O *Locanda La Corte* fica escondido no fim de uma das vielas. Embora estivesse no centro da agitação, parecia um oásis de calma no meio da cidade, com seus jardins escondidos e os fundos terminando em uma bonita curva do canal. Apesar da conversa agitada de seus companheiros, um grupo de estudantes da Universidade de Nova York que viajava pela Europa, Valentina tem uma sensação de paz, uma espécie de distanciamento de tudo, enquanto

caminha com eles pela praça em frente à fachada de mármore branco do hospital e da imponente catedral gótica de San Giovanni e San Paolo. Ela se sente como se fosse outra mulher, completamente diferente.

Embora só tivesse estado neste hotel uma vez, era como se o conhecesse há tempos. Pela pequena Calle Bressana, a luz do sol se espremia para chegar às vielas, seguindo seu traçado, saindo pelo hotel e então chegando à ponte e ao canal.

Ela ajuda os americanos a se registrar e se despede. Eles a convidam para encontrá-los para o jantar, mas ela explica que já tem um compromisso na cidade. Depois que vão embora, ela enfim abre a porta de seu quarto e entra, aliviada. O cômodo, cuja varanda dá para o canal, é mobiliado com uma grande cama de casal. A outra janela oferece vista para a viela. Valentina tira os sapatos e se deita, conferindo o relógio. Ainda tem umas duas horas antes de se encontrar com Théo. Imagina onde o homem louro estaria agora. Achava que tinha sido cuidadosa ao entrar no *vaporetto* para evitar que ele a seguisse. Ele não tem ideia de onde ela está agora, mas Veneza era pequena, era apenas uma questão de tempo até que a encontrasse.

Valentina se senta no bar do opulento hotel Danieli e bebe uma taça de vinho tinto. São 8 horas da noite e ela tem sua valise preta apoiada contra a poltrona, o Metsu dentro. Vigia a entrada do hotel como um falcão. Onde estaria Théo? Ela estava fora de si de ansiedade, não era uma pessoa que demonstrava suas emoções, mas achava que poderia perfeitamente se atirar nos braços dele assim que o visse. Apesar de se gabar de sua independência, admitia que tinha sentido tanta saudade dele que seu coração doía. As poucas vezes em que ficaram separados só serviram para aumentar ainda mais a paixão por ele.

Já tinham se passado dez minutos e ainda não havia sinal dele. Olha uma senhora caminhar para o bar e vasculhar a sala. Era alta e elegante, embora evidentemente muito frágil. Para sua surpresa, a senhora vem ao encontro dela.

— *Signorina* Rosselli?

— Sim.

A senhora estende a mão enluvada para ela.

— Meu nome é Gertrude Kinder. Acredito que a senhorita tenha algo para mim.

Para seu completo espanto, a senhora Kinder se senta na poltrona ao lado dela.

— Eu sinto muito — Valentina diz a ela. — Não sei quem é a senhora nem do que está falando.

Gertrude Kinder a olha de maneira penetrante por trás dos óculos.

— A tela — ela explica, como se Valentina fosse uma imbecil. — O *signor* Steen me disse que a senhorita estaria com ela.

— A pintura... — Valentina repete espantada.

— Sim! — A senhora retruca, com a irritação típica dos bem-nascidos e poderosos. — Minha pintura, *A Carta de Amor* de Metsu. Você não está com ela? O *signor* Steen me disse que eu a pegaria com você esta noite.

Valentina olha para a senhora Kinder e pode sentir o quadro pegando fogo dentro da valise ao lado de suas pernas. O que Théo estava aprontando agora? Por que não falou sobre esta mulher? Quem era ela? Será que ela deveria entregar a pintura?

— Théo, quero dizer, o *signor* Steen não me deu nenhuma instrução para entregar o quadro a quem quer que fosse. Só me disse para encontrá-lo aqui, nunca mencionou a senhora...

— Eu pedi a ele que não mencionasse minha existência, não quero deixar rastros...

Ela olha para a mulher com espanto. Será que essa octogenária frágil era uma atravessadora de peças de arte roubadas? Não parecia.

— E ele deveria estar aqui também — a senhora Kinder continua, olhando em volta e torcendo as mãos. — Não quero ficar mais do que o necessário.

Um garçom se aproxima, mas a senhora o dispensa com um aceno das mãos.

— Está aí? — ela pergunta apontando para a pasta de Valentina. — Você pode me dar a pintura para que eu possa ir embora?

— Sinto muito, mas não posso fazer isso antes de checar com Théo.

Ela pega seu celular, tinha conseguido carregá-lo no hotel, e chama o número dele. Claro, Théo não atende. Não tira os olhos da senhora, que por sua vez vigia a pasta com olhos famintos.

— Por que não toma alguma coisa enquanto esperamos por ele? — Valentina sugere.

Gertrude olha para ela, como se fosse completamente louca.

— Não há tempo! — grasna. — Você não sabe, não é?

— Não sei o quê?

— Quem eu sou e o que é a pintura.

— Não, não sei, sinto muito. — Valentina sustenta o olhar da velha senhora

— Esta é a minha pintura — ela responde apaixonadamente. — Bem, era de meu marido, mas foi tirada de nós e o *signor* Steen nos ajudou a recuperá-la. Pensei que nunca a teríamos de volta, mas o *signor* Steen me ajudou.

— Se foi roubada, por que a senhora não foi à polícia?

O rosto da senhora Kinder se torce de desprezo e puro desdém.

— Estou falando da Segunda Guerra Mundial, minha querida. Estou falando

de nazistas pilhando as obras de arte que pertenciam aos judeus.

Finalmente, Valentina começa a entender. Uma onda de alívio toma conta dela. Sabia que Théo era um bom homem, estava ajudando esta senhora judia a recuperar uma coisa que tinha sido tirada de sua família durante a Segunda Guerra. Mesmo assim, não fazia sentido completamente.

— Pensei que tudo o que os nazistas pilharam já tinha sido devolvido. Não descobriram quem eram os atravessadores? A senhora não poderia ter recuperado sua tela pelos meios oficiais?

“Por que se dar ao trabalho de roubar algo que poderia ser recuperado pelos meios legais, Théo?”

Gertrude Kinder está ficando agitada.

— Não tenho tempo para explicar tudo agora, querida. Por favor, eu tenho de ir antes que ele chegue.

— Antes que quem chegue? Théo?

— Não, não, eu queria que ele estivesse aqui, eu me sentiria mais segura. Não, o outro. O outro que quer dinheiro...

Valentina vai ficando mais confusa a cada minuto. A velha senhora coloca sua mão sobre a de Valentina, está fria como pedra, mas seus olhos estão claros e brilhantes.

— Por favor, minha querida, deixe-me levá-lo!

Algo nessa senhora faz com que Valentina confie nela, talvez seja seu rosto, onde se pode ver a história de perda e sofrimento. Ela abre o zíper da mala e entrega a ela a pintura, ainda embrulhada na echarpe.

— Oh, o que é isso? — diz a senhora Kinder, desembulhando a pintura. — Você a quer de volta?

Valentina pensa em sua bisavó e no que ela gostaria que fosse feito com a peça.

— Não, pode ficar com ela. Para proteger o quadro.

Gertrude Kinder abraça a tela contra o peito, como se estivesse encontrando uma criança perdida.

— Obrigada, minha querida. Você não tem ideia do quanto significa para mim, e, por favor, agradeça ao *signor* Steen de todo o meu coração. Diga a ele que tudo está perdoado.

A velha senhora se levanta trêmula e Valentina fica pensando se deveria se oferecer para ajudá-la. Realmente ela parecia frágil e amedrontada, mas não queria correr o risco de perder Théo. Isso, se ele aparecer.

— A senhora gostaria que eu a acompanhasse até sua casa?

— Oh, não, obrigada. Minha assistente está esperando do lado de fora com um táxi-gôndola, ela vai me ajudar.

Só depois que Gertrude Kinder vai embora, Valentina se dá conta do que havia acabado de fazer. Entregou uma pintura de valor inestimável a uma completa estranha, confiando apenas em seu instinto. Quem era ela? E o que a senhora estava querendo dizer quando pediu que avisasse Théo que tudo estava perdoado?

São quase 9 horas e seu desapontamento está começando a se transformar em raiva. Ela já estava cheia de tudo aquilo. Se Théo não aparecesse nos próximos dez minutos, seria o fim, ela prometia a si mesma. Está cansada de seus jogos. Quando esteve na Câmara Escura, achou que o amava; no trem, quis ficar abraçada a ele para sempre, mas agora começava a odiá-lo. Ele era controlador, manipulador e não respeitava os sentimentos dela... Poderia listar seus defeitos durante toda a noite. Pede outra taça de vinho e tira os sapatos, sem se importar se está em um dos mais sofisticados hotéis de Veneza.

Quando já tinha abandonado a esperança de que ele fosse aparecer, ela vê a última pessoa que esperava entrar ali: o inspetor Garelli. Ele a havia encontrado. O policial percorre a sala com seus olhos, que se iluminam quando caem sobre ela.

— Boa noite, *signorina* Rosselli, que agradável encontrá-la aqui — ele diz, se aproximando.

— Agradabilíssimo... — ela responde ironicamente.

— A *signorina* espera pelo *signor* Théo Steen, por acaso?

— Isso não é absolutamente da sua conta.

— Ah, não é?

Garelli se senta na cadeira recém-ocupada por Gertrude Kinder e chama um garçom.

— Eu não pediria um drink por minha causa — ela diz, ficando em pé. — Já estou de saída.

— Ah, mas que pena — Garelli diz sem emoção. — Eu vim agradecer a senhorita por ter me ajudado a resolver o caso dos quadros roubados. — Ele olha para ela com olhos brincalhões, sabendo muito bem que ela não iria resistir.

— Ah, bom. Nesse caso, talvez eu possa ficar mais uns minutos. — Ela muda de ideia, mal-humorada, deixando que ele pedisse vinho. Precisa comer alguma coisa logo, senão vai acabar bêbada.

— Veja, *signorina* Rosselli, não consegui parar de pensar no que a senhora havia me dito quando nos encontramos em Milão. — Garelli se encosta em sua poltrona e entrelaça os dedos.

— O que foi que eu disse? — Valentina franze o cenho.

O policial apoia o queixo sobre os dedos entrelaçados e se senta mais para a frente, olhando para ela com atenção.

— A senhorita sugeriu que eu investigasse as vítimas desses falsos crimes, em vez do *signor* Steen. E estava absolutamente certa. A resposta para explicar por que todas as vítimas mudaram de ideia sobre dar queixa de roubo e afirmassem que suas pinturas não haviam sido roubadas veio da origem das obras.

“Já sei, foram os nazistas”, ela pensa. “Exatamente como a pintura perdida de Gertrude Kinder.”

— Eu sei o que a senhorita está pensando, *signorina* Rosselli. Entretanto, quando investiguei a procedência de cada um dos quadros, em nenhum momento vi alguma ligação com os nazistas que negociavam com arte. Admito, isso me deixou curioso.

— E se tivessem sido os nazistas, as telas provavelmente teriam sido devolvidas aos seus donos legítimos depois da Guerra — ela completa.

— Exatamente — Garelli diz, encostando-se em sua poltrona novamente. — Entretanto, durante uma guerra, entre dor e sofrimento, há também muita confusão. As pessoas misturam o certo e o errado. O destino das pinturas é facilmente deixado de lado, especialmente quando se está preocupado com o destino de nações inteiras e de seu povo.

Ele não diz nada por alguns momentos, observando a reação dela. Valentina franze a testa sem entender. Que tipo de charada é essa?

— Como a senhorita disse, as pinturas que haviam sido listadas como pilhadas pelos nazistas eram procuradas e devolvidas a seus donos legítimos, mas muitas outras peças estavam perdidas e escaparam pela rede de informações sobre as obras, se é que se pode colocar desta maneira. — Garelli fala movendo as mãos dramaticamente. — Algumas foram levadas por soldados aliados, confiscadas dos nazistas, outras foram achadas e passadas de mão em mão até encontrarem um comprador. Seria necessário o trabalho de um detetive muito persistente para seguir os traços desses quadros. Teria de ser um *connaîtreur*.

“Como Théo”, Valentina pensa imediatamente. A primeira palavra que ela usaria para descrevê-lo seria “tenaz”. Bastava ver até onde ele chegou com ela. Mesmo depois de ela jurar por meses que nunca se apaixonaria por ele, não desistiu.

— Muitas vezes é difícil provar quem é realmente o verdadeiro dono da obra — Garelli continua. — Aparentemente, um especialista poderia adotar medidas extremas e roubar os quadros.

Seus olhos se travam e Valentina sabe que o policial está se referindo a Théo. O que aconteceria se seu namorado entrasse agora no Danieli? Será que Garelli o prenderia? Théo fugiria correndo, com policiais em seu encalço, ou ainda pior,

usaria um revólver para escapar? Ela tenta permanecer calma, forçando-se a relembrar dos fatos. Em primeiro lugar, nenhum crime havia sido cometido.

— Mas eu não entendo — ela questiona o inspetor. — Por que as vítimas mudaram de ideia sobre dar queixa de roubo de seus quadros e dizem que não foram roubadas?

— Por vergonha, senhorita. Só posso imaginar que essas pessoas não conheciam a origem dos quadros que tinham em casa, de outro modo talvez não tivessem aberto mão deles tão facilmente. Quando descobriram que valiam milhões, foram persuadidas pelo ladrão a não dar queixa e manter tudo abafado.

— Persuadidas de que maneira? — ela quis saber.

— Imagino que dizendo a essas pessoas que havia maneiras de provar quem eram os verdadeiros donos e que elas seriam submetidas a uma investigação rigorosa, e provavelmente humilhante; depois, claro, teriam de enfrentar uma batalha legal feroz — respondeu o inspetor, ainda olhando com atenção todas as reações dela. — Sei que duas dessas vítimas eram heróis de guerra dos Aliados. Quer dizer, imagine a vergonha para esses homens, descobrirem-se os donos do fruto de pilhagem nazista.

Era uma teoria interessante, mas ela ainda achava que algo não estava se encaixando bem ali. Depois de ter feito uma pausa para molhar a garganta com seu vinho, Garelli continuou:

— Minha teoria é que alguém roubou os quadros, mas uma vez informadas de que as obras pertenciam originalmente a vítimas do Holocausto, essas pessoas desistiram de dar queixa.

— Essa parte eu entendi, mas queria saber qual é a motivação do ladrão — ela perguntou. Queria saber, na verdade, se Théo era um filantropo tão dedicado a ponto de arriscar a própria vida para devolver telas valiosas a velhinhas como Gertrude Kinder.

— Bem, essa parte eu também não consigo entender — o policial confessa, coçando a cabeça. — E é exatamente por isso que estou aqui, com a senhorita, esperando pela mesma pessoa.

Nem um deles fala por um momento, apenas ficam olhando um para o outro.

— Ele não vem... — Valentina desabafou.

— Eu sei. — O inspetor respondeu sem parecer abalado com a informação. — Por outro lado, o que eu realmente gostaria é de dar uma olhada em sua valise. A senhorita me permitiria?

Valentina olha para a pasta, vazia, à exceção de seu álbum de fotos antigas.

— À vontade, por que não? — Ela sorri, ansiosa para ver a reação de Garelli às ampliações que estavam lá dentro.

Agora Valentina caminha para o seu hotel, sozinha pelas ruas da cidade, usando o vestido longo de seda que era de sua bisavó. Seus sentimentos a perturbam. Estava com raiva e decepcionada com Théo, mas, ao mesmo tempo, sentia orgulho do que vinha fazendo. Ainda se sentia confusa porque não entendia tudo completamente. Mas estava espantada. Seu Théo, seu namorado intelectual e pouco prático (ele era incapaz, por exemplo, de instalar prateleiras na parede) era um detetive de arte disfarçado, andando pelo mundo atrás de obras roubadas para devolvê-las a seus legítimos donos. Ela ainda não entende por que seu trabalho não é feito junto à polícia ou por que Gertrude Kinder disse a ela que tudo estava perdoado. Também queria saber de quem a velha senhora tinha tanto medo. Certamente, não de Garelli.

Valentina tinha se divertido com ele. No começo, o inspetor ficou sem graça ao ver as fotos eróticas antigas. Mas, no fim, foi ele quem a deixou chocada com o que disse. Foi algo dito de forma tão casual, o tipo da coisa que se comenta normalmente no dia a dia, mas ela nunca tinha ouvido ninguém falar assim.

— Adeus, Valentina! Foi um prazer conhecê-la e acompanhá-la. Seu pai deve estar orgulhoso de você.

Disse essas palavras quando saía do Danieli. Valentina levantou-se de um salto e foi atrás dele, ligeiramente tonta por causa do vinho.

— Você conhece o meu pai? — perguntou de longe.

— Claro! — Ele responde sorrindo. — Claro que eu o conheço. — Mas, antes que ela tivesse a oportunidade de perguntar mais, ele tinha se virado e ido embora.

Garelli conhece seu pai. Sua cabeça estava latejando com todas aquelas informações das últimas horas. Ela evitou o policial por dias seguidos, mas agora teria de ir atrás dele para interrogá-lo sobre seu pai. Quem é ele? Onde está? Como pôde esquecê-la daquela maneira?

Era uma noite sem lua, o céu estava tão escuro quanto seu humor. Nada de Théo e ela o queria agora. Precisava que ele tirasse aquela dor de seu coração.

As ruas estavam vazias, sempre ficavam assim à noite em Veneza. Os turistas tinham ido para seus hotéis e parecia que a maioria dos moradores da cidade eram fantasmas. Ela caminha ao longo do canal, tentando não se perder, quando escuta passos atrás dela. Vira-se, mas não vê ninguém. O sino de uma igreja toca as 12 badaladas da meia-noite e um gato preto cruza o seu caminho. A sorte estava ao seu lado. Engraçado ela não se sentir assim. Seus pensamentos divagam na direção de Gertrude Kinder. Ela não havia dito o que aconteceu com o marido, mas supôs que ele tivesse sido morto durante o Holocausto. Era difícil para ela pensar naquela época da história, era completamente incompreensível a

possibilidade de haver tanta escuridão na alma humana. O que era mesmo que Leo tinha dito sobre sadomasoquismo? Ah, sim, que na verdade, por encenar nossos instintos no quarto, algumas pessoas evitavam um comportamento sádico no seu cotidiano. Seria verdade? Ou essas perversões na verdade só contribuíam para aumentar a crueldade dos seres humanos uns contra os outros?

Ela queria acreditar em Leonardo. Já existem coisas o suficiente para as pessoas se sentirem culpadas e que não incluíam nenhum prazer. Valentina escuta os passos outra vez atrás dela. E, novamente, quando olha para trás não vê ninguém. Acelera o passo. Sim, Gertrude Kinder estava realmente apavorada. Queria ir embora antes que *ele* aparecesse, mas quem era *ele*? Não era Garelli e, certamente, não era Théo. Ela pensa no louro do trem. Ele tinha dito que era concorrente de Théo, não tinha? Seria dele que Gertrude tinha medo? Ela acelera ainda mais quando escuta os passos se aproximando. Já está quase nos fundos do *Locanda La Corte* e dispara pela última ponte que tem de cruzar. Atravessa então a praça, corre em disparada pela viela e praticamente derruba, sem fôlego, as portas do hotel, para desgosto do *concièrge*.

Uma vez em segurança em seu quarto, acende as luzes, abre as cortinas e olha para baixo, vasculhando a viela. Ali estava ele, encostado contra a parede, fumando um cigarro, seus olhos olhando para ela diretamente, como um gato. Estava ali esperando por ela.

Belle

QUANDO BELLE EMPURRA A porta da frente da casa do *signor* Brzezinski e entra, a cena que encontra era a última que esperava ver ali. A sala estava cheia de gente, parceiros de negócios de seu marido e suas esposas, os empregados todos, inclusive Renate, com um lenço apertado contra o peito e o rosto lívido. Havia estranhos também, gente que ela nunca vira antes. E a polícia.

Todos ficam em silêncio quando ela entra.

E, entre todas aquelas pessoas que a olhavam como se fosse a atração principal de algum espetáculo, havia um rosto conhecido: o de seu querido Doutor. Com expressão de compaixão, ele se move rapidamente entre a multidão em direção a ela.

— Minha querida *signora* Brzezinska, por favor, venha comigo.

Ela segura a mão de Pina instintivamente.

— O que aconteceu? Qual o problema? — O coração dela está saindo pela boca. Oh, Santos, o que ele havia feito? Por tudo o que tinha visto ali, todas aquelas pessoas, a polícia, o Doutor, toda aquela gente, só podia significar uma coisa: alguém havia morrido.

— A criada pode ficar aqui — o Doutor disse com gentileza. — Mas, por favor, venha comigo, minha querida.

— Não, Pina tem de vir comigo. — Belle aperta com força a mão da empregada. Não quer deixar a menina longe de suas vistas, só para garantir.

— Está bem — ele concorda.

A criada e ela seguem o Doutor escada acima, os olhos daquelas pessoas que ela detesta fixos em suas costas. Sente-se como se fosse a assassina. Seu quarto estava exatamente como o havia deixado, o guarda-roupa aberto, suas roupas espalhadas pelo chão, sua caixa de jóias destampada. Mas a porta da sacada estava aberta. O Doutor a olha e, naquele momento, ela tem certeza de que ele descobriu que ela estava tentando fugir.

— Acho que é melhor a senhora se sentar, *signora* Brzezinska — ele diz. Mas ela não consegue ficar sentada, está agitada demais.

— Diga-me — ela suplica. — O que aconteceu?

— É seu marido...

— Ele está morto?

— Sim.

O Doutor não tem traços de compaixão em sua voz. Por que teria? Tinha visto o que o *signor* Brzezinski fazia à esposa. Pina dá um pequeno grito e Belle, um passo para trás, em choque. Sente-se como se todo o ar tivesse escapado de seus pulmões, estava livre! Finalmente, mas a que custo...

— Como... Como... — ela gagueja, incapaz de falar. Ah, Deus, se Santos tivesse voltado a Veneza e matado seu marido, o que ela faria? Se ele fosse preso, acusado de assassinato e sentenciado à morte, ela iria se matar também, mas não poderia, não agora com o bebê...

— Louise — o Doutor diz, segurando as mãos dela —, seu marido se matou.

Pina leva as mãos à frente da boca, chocada.

— O quê? — Ela está sem fala. Esta era a última coisa que ela poderia imaginar. — Mas e Santos Devine? Onde ele está?

O Doutor olha para ela sem entender.

— Quem?

O alívio começa a tomar o lugar da angústia e do medo. O *signor* Brzezinski tinha se matado, não tinha nada a ver com Santos. Mas ela não compreendia... O que teria levado seu marido, um lutador, um sobrevivente, a fazer uma coisa daquelas?

— Não entendo. Por que ele se mataria? — Está calma agora que sabe que Santos não está envolvido na morte de seu marido. Ela se senta na cama, coloca as mãos no colo e olha para o sempre gentil Doutor, esperando que ele lhe conte tudo.

— Louise, algo muito sério acontece no mundo.

— Sim?

— Sim... — Ele faz uma pausa e molha os lábios, hesitando antes de continuar a falar. — Houve uma grande queda na Bolsa de Nova York e em poucas horas, ações no mundo inteiro, que valiam milhões, se tornaram sem valor.

Belle continua a olhar para ele sem entender onde ele queria chegar.

— Mas o que isso tem a ver com o *signor* Brzezinski?

— Infelizmente, tudo. Ele havia investido todo o seu dinheiro na Bolsa.

— Tinha?

— Aparentemente, foi vítima de um golpista chamado Frederick Harvey, que o persuadiu a fazer o aporte.

Então alguém tinha dado uma lição ao seu ambicioso marido, usando sua própria ganância. Finalmente!

— É algo muito estranho — o Doutor diz a Belle, olhando-a de modo questionador. — Porque esse tal Frederick Harvey só aplicou o golpe em seu marido? Não escolheu nenhum de seus associados no resto da cidade e também

não ganhou dinheiro com o golpe. É um pouco bizarro.

“Santos.”

Ela soube naquele instante: seu amante cumprira a promessa de matar seu marido, mas de uma maneira muito inteligente. Ela junta as mãos e tenta baixar a cabeça, tomando cuidado para não mostrar ao doutor seus verdadeiros sentimentos. Pina senta-se ao lado dela na cama, segurando suas mãos entre as dela.

— Está tudo bem agora — ela sussurra para a garota. — Estamos salvas.

Olha para o seu Doutor novamente com os olhos cheios de lágrimas, sabe que não são lágrimas de tristeza, mas de alívio. Ainda assim, serviam.

Exatamente como Santos havia escrito no bilhete, seu sofrimento havia acabado.

— Diga-me, Doutor, como o meu marido se matou?

Ele se encolhe antes de responder.

— Tem certeza de quer saber desses detalhes agora?

— Sim — ela diz com tranquilidade. — Por favor.

O Doutor caminha em direção à porta da varanda, como se mostrasse a ela o caminho que o *signor* Brzezinski escolheu para deixar este mundo.

— Ele amarrou um tijolo às pernas e se jogou no canal.

— Oh! Ele não sabia nadar... — Ela sussurra, olhando para o céu cinzento de Veneza.

— Não, não sabia — responde o Doutor.

O suicídio do *signor* Brzezinsky virou o assunto de Veneza. Uma vez que toda a extensão da ruína financeira dele veio à tona, ninguém ousou questionar os motivos. Belle tentou achar um pouco de compaixão por ele em seu coração, mas não conseguiu fazer nem sequer uma oração por sua alma. Em vez disso, passou a tarefa para Pina. A criada, apesar do fato de ele ter ameaçado estuprá-la, parecia mais capaz de perdoar do que Belle.

O que ela teria feito sem Pina? Uma semana depois do enterro do marido, os credores mandaram remover até o tapete sob seus pés. Seus criados e amigos a abandonaram, eram apenas ela e Pina agora, jogadas para fora de casa. Felizmente ela ainda tinha o outro apartamento e um pouco de dinheiro que o Doutor havia deixado para que pagasse o aluguel. Vendeu todas as jóias, mas seu marido nunca tinha sido muito generoso com os presentes e o dinheiro acabou rapidamente. Se não fosse por Pina, elas teriam passado fome. Belle dizia que iria retomar seus clientes como prostituta, embora tivesse perdido todo o gosto por aquilo agora. Mas Pina não deixava, dizia que Belle estava grávida e

precisava tomar cuidado, se preparar para a chegada do bebê. Tentava convencê-la de que havia outra maneira de as duas sobreviverem, mais respeitável e segura. Enquanto isso, Pina implorava por restos de comida que seriam jogados fora para que as duas não morressem de fome.

Foram as fotos que deram à Pina a ideia de como sobreviveriam. Estava organizando o pequeno armário no apartamento minúsculo, quando encontrou as ampliações de Veneza que Belle havia feito com Santos.

— Onde você as conseguiu? — pergunta, segurando-as na mão em forma de leque para se abanar.

Belle olha para as fotos e sente um enorme peso em seu coração. Ah, ela se lembrava tanto daquele dia... Da alegria de Santos remando pelo canal, sua excitação ao tirarem as fotos e o prazer que ele havia lhe dado depois de levar o bote até o meio da laguna.

— Eu tirei estas fotos — ela explica, sem entrar em detalhes.

— Você tirou? — Pina pergunta espantada. — São muito boas. Você tem uma câmera?

Belle abre a gaveta do pequeno criado-mudo ao lado da cama e tira de lá sua pequena e amada Kodak.

— Foi Santos quem me deu — ela explica, entregando a máquina para Pina olhar.

Sempre que o nome dele é mencionado, os ombros de Pina se endurecem em uma linha rígida e seu rosto adota uma expressão séria. Belle sabe que a criada acha que Santos havia abandonado a patroa, deixando-a grávida e sem um centavo, mas ela mesma não acredita nisso. Tem certeza de que ele vai voltar para ela assim que puder. Agora, com o *signor* Brzezinski morto, nada poderia separá-los. Mas, no fundo, está um pouco preocupada com a demora. Talvez ele não tivesse ouvido as notícias e não soubesse que ela estava livre.

Ela tentou encontrar Lara, mas quando voltou à fábrica de máscaras em Cannaregio, o lugar estava abandonado. Um vizinho tinha dito que a mulher de cabelos vermelhos tinha desaparecido sem dizer para onde ia. Por um momento, Belle é tomada por uma pontada de ciúme. Será que Lara sabia onde Santos estava? Ela teria ido se encontrar com ele? Em seguida, lembrou-se da última vez em que fizeram amor. Sabia, em seu coração, que Santos a amava. Só precisava ser paciente. Ele poderia estar esperando para que as fofocas sobre o vigarista Frederick Harvey diminuíssem antes de voltar.

Pina abre a tampa da câmera e as lentes aparecem.

— Sabe... — ela interrompe os pensamentos de Belle — Acho que podemos

ganhar algum dinheiro fazendo fotos.

Belle volta seus pensamentos para o presente e sua necessidade urgente de sobrevivência.

— Não precisamos de uma câmera melhor para isso? De um estúdio e de luzes?

Pela primeira vez desde que tinha sido despejada de sua casa, ela sente uma ponta de esperança no futuro. E se realmente fosse capaz de trabalhar com a sua câmera?

— Estou pensando em fazer fotos de visitantes em Veneza, pela cidade — Pina explica, com os olhos brilhantes, inspirados. — Abordaríamos os turistas, faríamos as fotos deles e depois de revelá-las, deixaríamos em seus hotéis no dia seguinte.

Belle segura as mãos de Pina entre as suas.

— É uma ideia excelente, minha querida Pina, porque é diferente dos retratos que as pessoas têm, formais e sisudos. Eu acho que pode dar certo!

Assim nasceu o estúdio de fotos das duas e foi assim que começaram a ganhar a vida. Fotos Graúna, Calle Bressana, Castello, Veneza.

As duas se tornaram famosas. Muitos turistas as procuravam e pediam para sair com elas nas fotos, ou então sozinhos, em cenas pela cidade. Pina e Belle se fantasiavam e saíam pela cidade procurando clientes, Belle em um de seus vestidos longos de seda, com seu corte de cabelo à Louise Brooks, enfeitada de peles, e Pina no terninho listrado, confeccionado especialmente para ela.

Todos os dias, enquanto Belle tirava fotos nas ruas de Veneza, aproveitava para procurar por Santos. Rezava para o encontrar novamente. Ela coloca um sorriso no rosto, uma espécie de cartão de boas-vindas a seus clientes, fiel à sua fé. Quando será que ele voltaria?

Valentina

ELA NÃO CONSEGUE RESPIRAR. Está amordaçada e ele a empurra para baixo d'água, mas ela revida e o chuta com toda sua força. A água, densa como melado, está muito gelada. Quando suas forças começam a diminuir, sente ser puxada para cima. Então, suas narinas se expandem, tentando inalar mais ar. Seus olhos pedem misericórdia, mas o louro parece estar possuído. Olha para o rosto dela sem dar sinais de reconhecê-la; seus próprios olhos parecem opacos, sem vida; sua boca, congelada em um sorriso sem emoção. Afunda a cabeça dela novamente, como se estivesse afogando um gato; ela esperneia e bate nele com os braços para tentar escapar. Em vão: A água inunda a mordaca e começa a entrar em sua boca. O gosto salgado penetra em seus sentidos. Seu corpo começa a se submeter aos desejos do oceano, vai ficando mais mole; sucumbe em sua profundidade.

Ela respira fundo, levando ar para dentro de seus pulmões.

— Valentina?

Ela se senta na cama do *Locanda La Corte*, os olhos arregalados. Está viva! Respirando e seca em seu quarto. Tinha sido um sonho, apenas um pesadelo horrível.

— Valentina?

A voz, entretanto, era real. Tentando enxergar na escuridão do quarto, percebe uma figura sentada na cadeira próxima à janela. É a voz de Théo que ela escuta, tem certeza.

— Théo? — ela chama baixinho.

A figura se levanta e caminha para cama, inclinando-se para acender o abajur. Graças a Deus, era ele. O coração de Valentina alterna suas batidas entre o alívio de vê-lo ali, ao seu lado, e a raiva surda por se sentir enfraquecida e solitária em sua ausência.

— Onde você estava? — pergunta, a voz entre os dentes. — Você me deixou plantada esperando no hotel Danieli por mais de duas horas.

Ele senta na cama perto dela e, carinhosamente, ajeita o seu cabelo.

— Sinto muito, querida. Não havia nada que eu pudesse fazer para evitar minha ausência ao encontro. Aquele detetive estava rondando e eu realmente não podia encontrá-lo.

Ela se encosta na cabeceira da cama, afastando-se do toque dele. Olha-o com dureza.

— Théo, você tem de me contar exatamente o que está acontecendo. Havia uma velha senhora lá e eu dei a ela o Metsu... Daí Garelli apareceu e me disse que o quadro era fruto da pilhagem nazista... e então... — Ela gagueja, a imagem de seu sonho voltando, aquele homem louro tentando afogá-la.

— E ainda por cima, tem esse homem horrível me seguindo o tempo todo e acho que ele quer me machucar...

Para sua surpresa, Théo abre um sorriso largo no rosto.

— Você quer dizer... Glen? Ele não é exatamente uma ameaça — gargalha.

Então ela realmente se enfurece com ele.

— Não sei o nome dele, mas ele é perigoso. Subiu no trem depois de você ter saído e tentou me jogar para fora...

Théo interrompe a gargalhada e franze a testa.

— Tem certeza? Quero dizer, não gosto de Glen e não concordo com alguns de seus métodos, mas não acho que ele seja um assassino, Valentina.

Ela cruza os braços.

— Bem, eu acho que ele tentou me empurrar — diz, mas quando pensa com um pouco mais de cuidado e de calma, talvez estivesse mesmo tentando puxá-la. Tinha sentido tanto medo que nem se lembrava mais.

— De qualquer maneira, ele me seguiu do Danieli até aqui e ontem à noite estava vigiando minha janela ali de baixo.

— Eu sei, ele ainda está lá — Théo informa, tranquilo.

— O quê? — Ela pula da cama e corre para a janela, abrindo a cortina para olhar a rua.

— Hum, Va... Acho que seria melhor você vestir alguma coisa, senão Glen pode ter ideias erradas...

Ela solta a cortina e pega o vestido de sua bisavó, o que usou na noite passada.

— É um lindo vestido — Théo comenta.

Valentina o ignora completamente, muito mais preocupada agora com o seu perseguidor. Volta para a janela e abre um pouco as cortinas de novo. Lá estava ele.

— O que ele está fazendo aqui, Théo? Por que ele está me seguindo?

Seu namorado bate com a palma da mão na cama.

— Sente-se aqui — Théo a convida, vigiando-a com seus olhos azuis.

É impossível não se sentir atraída por ele. Ainda que esteja com raiva.

Ela atende seu pedido e se senta, encarando-o.

— Eu realmente acho que você me deve uma explicação.

— Está certo, mas sente-se aqui mais perto, por favor.

Sente-se puxada para ele, suas costas encostadas no peito dele, um braço dele em volta dos seus ombros enquanto o outro segura a sua mão.

— Vamos começar com Glen, está bem? Acho que Garelli explicou tudo sobre meu trabalho. Estou certo?

Ela bufou, exalando sarcasmo. Não pôde evitar.

— Acho um pouco difícil considerar roubo de obras de arte um trabalho.

Ele enlaça seus dedos com os dela.

— Ah, por favor, será que você já não me conhece um pouco?

— Tudo o que eu sei é que você rouba obras de arte que foram confiscadas pelos nazistas e as devolve para os donos originais. Só não entendo por que você não trabalha ao lado das autoridades.

— Porque leva muito tempo — Théo responde com sinceridade, suspirando.

— Olhe, vou explicar por que eu faço isso em um minuto, mas antes quero falar sobre Glen.

— Quem é ele? — Ela pergunta.

— Ele assusta você?

— Sim. — Responde honestamente, está farta de bancar a durona. É melhor mesmo que Théo saiba o quanto ela está abalada com a presença daquele homem.

Ele a abraça, trazendo-a ainda mais perto de si.

— Sinto muito, Va. Não achei que ele fosse tentar chegar a você, vou falar com ele amanhã e mandá-lo deixá-la em paz...

O tom de sua voz parecia ter alguns tons de humor. Seria possível que ele não estivesse levando isso a sério? Era muito irresponsável.

— Você pode pedir a ele para ir embora agora? — ela pede contrariada. — Ele está logo ali embaixo.

Théo aperta a mão dela.

— Não posso fazer isso por causa da senhora Kinder. Tenho de dar a oportunidade a ela de deixar Veneza sem que Glen a encontre e exija uma série de explicações. É melhor deixá-lo aqui, do lado de fora de um quarto de hotel, do que aborrecendo-a.

Ela se vira e olha para ele sem entender o que estava dizendo.

— Glen faz basicamente o mesmo que eu — Théo explica. — Ele procura e localiza peças de arte; telas que, em sua maioria, foram roubadas durante a Segunda Guerra Mundial. E as devolve a seus donos originais. Entretanto, diferentemente de mim, ele exige uma grande quantia de dinheiro para fazer isso. A maioria deles está idosa e frágil. Assim, fica fácil para ele assediá-los para obter vantagens.

Isso explicava porque a senhora Kinder estava tão apavorada.

— Gertrude Kinder contratou Glen antes de mim para recuperar seu quadro e concordou em pagar um milhão de dólares pelo trabalho.

Valentina engasga de choque ao ouvir o valor. Por isso, o homem era tão persistente.

— E o que aconteceu foi que o Metsu era um dos meus quadros, eu o peguei primeiro, simples assim. — explica Théo.

— Mas você está agindo contra a lei. Não pode simplesmente entrar na casa de uma pessoa e roubar algo de lá. Ainda que tenha pertencido a outra pessoa antes.

— Eu sempre explico a elas o que estou fazendo — ele diz levando as mãos enlaçadas dos dois à boca, beijando as costas da mão dela.

— Depois, é claro. Eu cometi uma vez o erro de pedir com jeito antes de levar o quadro, mas a pintura magicamente desapareceu, então me dei conta de que roubá-las era a melhor política.

— Mas por que você faz isso? Eu não entendo por que você se coloca deliberadamente em perigo dessa maneira. E para quê? Se você está roubando essas telas e as devolvendo a seus donos sem receber um centavo por isso, bem, então, por quê?

Théo deixa as mãos dele caírem e liberta seus dedos das mãos dela. Então, abraça sua cintura com força, com medo de que ela possa fugir dele.

— Pelo meu avô.

Ela se vira outra vez tentando capturar seus olhos.

— Seu avô? Eu nem sabia que você tinha um avô!

Ele acaricia os cabelos dela e se inclina para poder beijar-lhe a testa. Seu ar agora é de tristeza.

— Bem, você nunca se interessou muito pela minha família, mas se tivesse se interessado um pouco, saberia que meus avós ainda vivem em Amsterdã, onde moraram a vida inteira.

— São judeus? — Valentina pergunta, repentinamente envergonhada.

— Não, não são judeus. Meu avô trabalhou com um dos maiores negociantes de arte na Europa durante os anos 1930. E esse negociante era judeu. Seu nome era Albert Goldstein. Sua coleção de mestres holandeses era impressionante. Também tinha peças de rococó e alguns itens de arte moderna. Quando a Guerra começou, antes de a Holanda ser invadida por nazistas, muitas famílias judias decidiram fugir e deixar suas obras aos cuidados do senhor Goldstein. Acreditaram que poderiam recuperá-las um dia. Mas é claro que os nazistas chegaram e também Goldstein teve de fugir do país. A coleção então foi entregue ao meu avô, que ficou encarregado de cuidar dela.

— E o que aconteceu, então?

Théo suspira; fica claro que o peso dos segredos de sua família o incomoda.

— Meu avô foi convencido pela divisão de Hermann Göring a vender a coleção inteira para ele por um preço ridículo, uma pequena fração de seu valor real. Meu avô nunca se perdoou por ter feito aquilo. Sentia que tinha traído o senhor Goldstein e todos os seus amigos judeus.

— Tenho certeza de que ele não teve outra opção — Valentina contemporiza, tocando no braço de Théo delicadamente. Ele a olha e, nesse momento, ela vê em seus olhos o homem que ele é, do tipo disposto a colocar sua liberdade em risco pela honra de seus parentes.

— Claro que ele não tinha escolha — ele diz com a voz pesada. — Sabia o que poderia acontecer à sua família caso se recusasse a vender as obras. Mesmo assim, achava que tinha decepcionado seu patrão. Passou sua vida inteira tentando recuperar aquelas obras para devolvê-las a seus donos legítimos. Meu pai o ajudava, mas agora meu avô está muito velho para isso, então, eu meio que comecei de onde ele parou. É um trabalho muito difícil, Valentina. Não há um banco de dados de obras que foram confiscadas no mundo. Pode-se levar muito tempo até conseguir localizá-las.

— Ainda não entendo por que você simplesmente não vai à polícia com as informações que tem. As pinturas poderiam ser devolvidas de maneira legal.

Mas ele sacode a cabeça:

— Meu avô tentou fazer isso, mas sabe quantos anos uma dessas peças pode levar para ser devolvida? O pior é quando a tela está incluída em coleções de governos. Pode esquecer! Especialmente se estivermos falando da Rússia. Entrar na casa de uma pessoa é uma coisa; em uma galeria arte, nunca. De qualquer maneira, pode levar anos até conseguir recuperar uma peça de uma coleção particular — Théo encosta a cabeça no topo da cabeça dela. — Essa situação estava destruindo o meu avô. Ter de entrar em uma batalha judicial atrás da outra, esperar o resultado e ganhar o processo apenas para descobrir que o dono legítimo havia morrido durante o tempo de espera. E agora vovô também está morrendo...

— Você nunca me contou... — Ela se vira para cima para poder olhar para o rosto dele.

Théo olha para ela e seu olhar é tão penetrante que, desta vez, ela desvia o seu. Nem precisa ouvir o que ele tem a dizer, sabe exatamente o que está pensando: nunca falou nada porque ela nunca quis saber.

— Eu queria terminar o trabalho da vida dele — ele recomeça sua explicação. — Havia apenas algumas telas ainda para serem devolvidas. Eu me senti obrigado a continuar. — Faz uma nova pausa e aperta a mão dela. — Eu sinto muito se não contei nada para você antes, Valentina. Eu queria confiar em você.

— E por que não confiou? Você sabe que posso guardar segredo — ela disse com intensidade.

— Porque eu precisava saber o que você sentia a meu respeito, só assim poderia confiar em você... Além disso, você vivia me dizendo que nosso relacionamento era casual. E, por fim, fiquei com medo de que você saísse correndo se eu tivesse dito o que realmente fazia para viver.

Valentina coloca suas mãos sobre as dele e as segura com força.

— Théo Steen, investigador de obras de arte desaparecidas. Parece bom — ela diz, tentando deixar o clima mais leve.

— Então você não está chocada?

— Claro que estou. — Ela bate em seu braço de leve. — Você não é o homem que eu pensava que fosse.

— Isso é bom ou ruim?

Valentina olha para ele novamente, inclina sua cabeça para o lado e dá seu sorrisinho malandro.

— Ainda não sei — ela cutuca o rosto dele com o dedo. — De qualquer maneira, já ouvi muito. Chega de conversar.

Ela levanta os braços dele e fica de joelhos na cama, se inclinando para beijar sua boca e se ajeitar por cima dele. Sente seu cheiro, é muito bom estar em seus braços novamente.

— Va? — Théo diz com delicadeza. — Você acha que poderíamos simplesmente dormir?

— Sério? — Ela olha para ele surpresa.

— Eu estou cansado. Exausto, na verdade. Só queria abraçar você e cair no sono.

— Claro, querido! — O carinho escapa de sua boca. Théo levanta uma sobrancelha, um sorriso se espalhando em seu rosto.

— Querido?

Ela fica vermelha.

— Escorregou.

— Se você está dizendo... Querida... — ele balbucia, já meio amolecido pelo sono, ainda que feliz.

Ela tira seu vestido e entra debaixo das cobertas. Théo tira a roupa, apaga a luz e se deita junto dela. Ficam deitados lado a lado, nus, em silêncio. Valentina está refletindo sobre tudo o que Théo acabara de contar. A história era toda tão fantástica e, ao mesmo tempo, quase banal. Ele só estava ajudando alguns idosos a recuperar suas coisas. Ele está tentando ajudar seu avô a limpar sua honra antes que morra.

— Venha aqui pertinho — ele sussurra no escuro. Valentina se encosta nele e

o deixa aconchegá-la em seus braços. Eles se deitam de lado, de conchinha. Valentina sente as batidas do coração de Théo em suas costas e sua respiração em seu pescoço. Finalmente ele está com ela.

Amanhã vão falar sobre eles. Valentina quer, finalmente, descobrir por que ele tinha lhe dado o álbum de fotos eróticas, o que estava fazendo no clube S&M com Leonardo e como tinha ido parar na Câmara Escura. Ela acha que já sabe a razão, mas precisa ouvi-lo dizer. Por hoje, no entanto, finalmente não tem com o que se preocupar e se deixa sucumbir ao prazer de adormecer nos braços de seu amor. Saíra da câmara escura de sua solidão, porque acredita que finalmente vai entender o que amor significa.

Belle

BELLE DÁ O NOME de Maeve Maria Magda à sua filha, mas a chamaria de Maria pelo resto da vida. Maeve, como a rainha irlandesa, o nome de batismo do barco de Santos; Maria, em homenagem à mãe de Pina; e Magda, como sua própria mãe, que fora perdoada depois da morte.

Magda Dudek morreu apenas um mês antes de o bebê nascer. Belle havia sido comunicada por carta, encaminhada a seu apartamento pelos novos proprietários de sua casa. Em papel timbrado, o sanatório de Poveglia lamentava informá-la que a senhora Magda Dudek havia falecido durante uma cirurgia, seu coração não resistiu. O hospital não informou muitos detalhes sobre a razão para ela ter sido operada, mas Belle suspeitou que o médico tentara submetê-la a algum tipo de lobotomia, em uma tentativa de restaurar sua sanidade. Teve uma pontada de remorso enquanto acariciava sua barriga redonda, sentindo a vida pulsar ali dentro.

Será que deveria ter tentado resgatar sua mãe daquele lugar depois da morte do *signor* Brzezinski? Essa tinha sido sua intenção, mas as semanas foram se passando e ela estava ocupada tentando sobreviver; além disso, estava grávida. Talvez sua mãe nem merecesse ser resgatada: ela a tinha abandonado, deixado que se casasse com um homem horrível como o *signor* Brzezinski, sabendo exatamente quem ele era. Magda Dudek tinha fracassado em proteger sua filha. Belle jurou que nunca faria a mesma coisa, nunca se colocaria antes de sua filha. Apesar de tudo, lamenta a morte de sua mãe porque, no fundo, a amava.

Quando Belle deu à luz, teve certeza de ouvir a voz de sua mãe uma última vez.

“Ludwika, Ludwika, onde está minha menininha?”

E sabe que, num momento de lucidez, sua mãe se arrependera de suas ações, tanto que talvez tenha sido esse arrependimento que a levou à insanidade no fim da vida. Enquanto ela empurra sua filha em direção à vida, pede à sua mãe que olhe pela criança. Desta maneira, tudo estaria perdoado. Um ano mais tarde, Belle tem certeza de que sua mãe era realmente o anjo da guarda de sua filha, porque Maria crescia com as mesmas belas feições de Magda Dudek, que tinham feito com que o marido e o próprio *signor* Brzezinski se apaixonassem. Maria era ainda mais linda, porque tinha herdado os lindos olhos azuis de seu pai.

Os anos se passavam e, ainda assim, Belle não perdia a esperança de que

Santos voltasse. Ele prometeu a ela. Quando voltasse, iria enlouquecer de felicidade ao saber que tinha uma filha linda. Uma menina doce e de temperamento calmo, que adorava o mar e amava dançar. Exatamente como seu pai. Quando Maria fez 4 anos, passou a acompanhar mãe e tia Pina às suas excursões para fazer fotos de turistas na cidade. Caminhava atrás das duas, vestida de bailarina, como uma pequena fada. Às vezes se vestia como um pequeno arlequim, usando uma máscara. Não tinha seu pai junto dela, mas não fazia mal, porque toda cidade de Veneza era a sua família. Conhecia cada gondoleiro, cada artesão e cada dono de barraca de frutas da cidade. Todos adoravam a garotinha de olhos lindos e sabiam quem era seu verdadeiro pai, porque Santos Devine era uma lenda em Veneza. E, como Belle, a cidade aguardava a sua volta.

Mas ele nunca voltou.

Os anos continuaram a passar e Belle mantinha-se firme em seu propósito de esperar por Santos. Recusava o amor de Pina, não aceitava nem um único beijo de sua amiga de tantos anos. Queria se guardar para o amor da sua vida. À noite, muitas vezes ela encaixaria o brinco dele em cada um de seus dedos, tentando aquecer o metal frio com sua esperança. Mas ainda sentia como se estivesse segurando o anel de um homem morto. Lutava para manter sua fé em Santos, enquanto as fendas de seu coração iam aumentando.

Três dias antes do aniversário de 8 anos de Maria, a longa vigília de Belle chegou ao fim. Sofria com uma forte gripe, tanto que Pina insistiu para que ficasse em casa, de cama, enquanto ela e Maria saíam para ganhar o dia. Amiga e filha saíram, Pina vestida com a roupa de marinheiro de Belle, e Maria, com a roupa preta de bailarina.

Belle se sentia apática. Não conseguia descansar, mas estava muito doente para se levantar. Enquanto ela se virava e revirava na cama, viu que um pássaro entrou por sua janela entoando um canto. Reconheceu aquela melodia imediatamente. Não via uma ave como aquela desde a noite em que Lara trouxera o recado de Santos. Ela o escuta cantar, como se ouvisse as palavras de seu amante naquele trinado.

“Aqui estou. Aqui estou.”

O pássaro levanta voo rumo às etéreas brumas de Veneza e, então, à sua frente está Santos Devine. Belle grita de medo e de felicidade, pois ele estava exatamente do mesmo jeito que o tinha visto no dia em que partiu. Sua bravura, sua força e sua paixão, tudo perfeitamente combinado. Santos caminha em direção a ela através das sombras do quarto.

— Santos? É você de verdade?

O amante não fala, mas continua a caminhar em sua direção. Ela se senta e estende os braços para ele. Os dois se abraçam, seu coração mortificado por todos os anos separados.

— Santos... — ela sussurra, enquanto inala seu perfume. Ela nunca poderia esquecer aquele cheiro. — Por onde você esteve?

Novamente, ele não responde. Em vez disso, apenas levanta seu rosto para beijá-la. Belle sente a força poderosa do seu amor por ela naquele beijo.

— Esperei por você todos estes anos, meu amor. Eu sabia que você voltaria.

Ele continua calado, mas ainda assim, a expressão em seus olhos diz a ela tudo o que ela precisa saber. Ele a ama.

Santos beija cada pedaço do corpo de Belle, acordando-o depois de tanto tempo adormecido, há tanto tempo intocado. Ele se curva sobre ela, pressionando seu corpo contra o dele, sentindo seus braços e suas pernas se entrelaçarem, até que se tornassem um único coração. Quando Santos a penetra, Belle abre a boca, liberando toda a angústia da espera por aquele momento. Seus olhares se encontram e se prendem enquanto seus corpos se movimentam juntos na cama. Olha o amor de frente, diretamente, determinada a guardar em sua memória cada cacho de seu cabelo, cada sarda em seu rosto, cada pequena ruga em volta de seus olhos e o lindo furinho em seu queixo. Havia decidido esperar por ele e, afinal, sua espera valeu a pena. Ela compõe um verso em sua homenagem, exatamente como Verônica Franco havia feito.

Toda a minha vida eu vivi para este momento abençoado, quando o amor da minha vida confessa que me ama.

“Vou escrever estas palavras, assim nunca vou esquecer a eternidade do nosso amor”, Belle pensa. Fecha os olhos e se entrega completamente à paixão.

Em simetria perfeita, Belle e Santos chegam ao clímax; ela sente uma chuva de penas sobre seu corpo e vê a alma de seu amor deslizar de volta para a terra de brumas onde ele vive agora.

— Não, Santos! Não me deixe de novo!

Quando Belle abre os olhos, seus braços estão vazios. Abraça a si mesma, desolada com a revelação de que Santos se fora. Era a única razão para ele nunca ter voltado para ela. No fundo, sempre soube. O ar em volta dela ainda estava cheio de penas negras que rodopiavam no ar como mariposas mortas, agora que a luz em seu coração havia se apagado. Um pássaro-preto, com uma gota de sangue em seu bico amarelo, pousara em seu travesseiro. Belle não tem dúvidas: o amor da sua vida está morto. Não sabe quando, nem onde, ou mesmo como. Sabia apenas que Santos estava morto. Esta fora a maneira que ele encontrou de voltar e fazer amor, como ela sempre sonhara.

Naquela noite, enquanto Maria dormia ao seu lado, Belle escorregou para o meio da cama, mais perto de sua filha, e puxou as cobertas do outro lado, acolhendo Pina. Levou oito anos para aceitar a mulher que a amava. Agora podia deixar que a amasse completamente.

Valentina

VALENTINA ESTÁ SENTADA DO lado de fora do *Caffè Florian*, observando os pombos sujos de Veneza vasculhando o lixo deixado pelos turistas da Praça San Marco. Beberica um cappuccino, aproveitando o dia devagar enquanto espera por Théo. Ele havia se levantado cedo, antes mesmo de ela ter acordado, mas tinha deixado um bilhete, explicando que ia conversar com Glen e a encontraria ao meio-dia no café.

Théo insistia que ele não era perigoso, mas Valentina tinha um pressentimento ruim sobre aquele homem. Esperava que estivesse tudo bem, pensava, enquanto girava o guardanapo entre os dedos. Apesar de ter passado a noite nos braços do seu amado, ainda se sentia um pouco ansiosa e insegura. À luz brilhante do dia, não sabe bem o que pensar sobre a carreira dele como um ladrão internacional de obras de arte. Se os dois fossem realmente manter um relacionamento, aquela também seria sua vida dali em diante. Desejou que ele tivesse falado com ela sobre o assunto antes. Durante toda esta semana, na verdade, ele tinha negado a ela qualquer possibilidade de comunicação. E fazia a mesma coisa neste exato instante.

“Ele está tentando possuir você, Valentina.”

É a voz de sua mãe, avisando-a. Théo tentava controlá-la ao não lhe contar nada. Será que sua mãe estava certa? Théo estava tentando exercer algum tipo de poder sobre ela, deixando-a fraca, carente e dócil. Repassa os acontecimentos daquela semana, as fotos eróticas, o clube, com as salas Atlântida, Submundo de Veludo e a Câmara Escura. Mesmo estar ali em Veneza. Todas aquelas situações indicavam que ela abrisse mão do controle da vida: fora completamente exilada pela ausência de Théo.

Enquanto esperava por ele, uma lembrança desagradável surgiu em sua memória. Théo e ela sentados à mesa da cozinha, nenhum dos dois havia tocado na comida, e ela olhando a chuva cair do lado de fora pela janela. Fazia uma semana que tinha perdido seu bebê e ainda se recusava a falar com ele sobre o assunto.

O silêncio dele pedia que ela não o excluísse, que falasse sobre seus sentimentos com ele.

Mas ela simplesmente não podia. No fundo, não queria que ele soubesse da verdade, que ela queria o bebê. Não podia admitir essa verdade porque achava

que pareceria fraca e dependente. Ela era assim.

“Você quer que eu fique?”

Théo perguntou isso a ela mais de uma vez. Na verdade, a cada vez, partiu. Mas sua resposta tinha sido simplesmente empurrar a cadeira para trás e sair da cozinha, dispensando a oferta com as mãos. “Não me importo com o que você faz”, pensou. Ela se esquecera daqueles momentos.

Essa lembrança foi forte demais para ela, iluminou cruelmente suas ações e suas palavras. Tinha dito que não se interessava pelas coisas dele. Valentina baixa a cabeça, seu coração pesado. Será que magoara Théo? Esteve tão preocupada em proteger seu próprio coração que se esqueceu de que ele também tinha sentimentos?

Estava tentando entender, mas achava difícil levar os sentimentos dos homens em consideração. Suas experiências sempre mostraram o oposto disso, a falta de interesse masculina em manter compromissos. Mas Théo não era assim, tinha pedido a ela para ser oficialmente sua namorada. Enfiando as mãos fundo em seus bolsos, ela pesca um cartão. Surpresa, vê que era de seu irmão, Mattia. Ele deve ter colocado aquilo ali quando enviou o pacote com as fotos e as roupas pelo correio. Que coisa mais estranha para se fazer e mais estranho ainda era ela não ter notado o cartão antes.

Querida Valentina,

Mamãe nos deu estas fantasias de nossa bisavó, Belle Louise Brzezinska. As roupas são do final dos anos 1920 e podem ser valiosas, embora não tenha passado pela minha cabeça vendê-las. Ela me disse que tinha um pressentimento de que você gostaria de ficar com elas. Espero que tenha gostado das fotos. Eu deveria ter dado tudo a Théo quando ele esteve por aqui, mas tudo o que ele pegou foi o álbum de negativos. Mamãe disse que também são da nossa bisavó. Adoraria ver ampliações deles um dia, se você as fizer. Por favor, mande lembranças a Théo. Ele é um bom homem, Valentina.

Com amor,

Mattia

Valentina lê e relê aquelas palavras sem acreditar. Théo tinha ido visitar seu irmão na América e nunca havia lhe contado! Por que ele fez uma coisas dessas?

E os negativos? Como é que ela não tinha reparado nisso antes? Estava o tempo todo vestindo a solução para o mistério. A echarpe de renda, o colar de pérolas, o chapéu de marinheiro. Estava com todas aquelas peças. Abrindo sua mala, ela pega o álbum de fotos e começa a virar suas páginas, olhando as

imagens com outros olhos. Então aquela era Belle Louise Brzezinska, sua bisavó. Certamente não era uma versão tradicional de bisavó, não a que ela tinha imaginado ser de verdade: a imagem da esposa de um homem de negócios de Veneza, que tinha ficado viúva e passado a viver isolada na sua casa em Castello. Estas fotos contam outra história sobre sua bisavó, mostram sua vida secreta.

Valentina examina outra vez as lindas fotos eróticas, seus *closes* ampliados no álbum. Consegue entender o olhar do artista na composição de cada foto e a maneira como ele brincava com as texturas em cada imagem: um dedo sobre um lábio, olhos voltados para baixo, o seio nu e as pérolas junto à mão que calçava luvas. E a foto excitante com a máscara, escondendo sua identidade, seu braço colocado no meio de suas pernas, a boca entreaberta, seduzindo o fotógrafo explicitamente.

“Seria ele o dono do brinco?”

Instintivamente, ela sabe que o homem que usava a argolinha não era o conservador e tenso *signor* Brzezinski.

Vira vagarosamente página por página e começa a virar novamente, hipnotizada pela paixão que vê naquelas imagens. O que Théo queria dizer com aquele presente? Ela não deixou que falasse, então ele encontrou uma outra maneira de se comunicar com ela... Seria isso?

Será que ele sabia como aquele álbum a tinha confortado? Nunca em sua vida tinha sentido uma ligação tão forte com alguém, especialmente da sua família. Nunca conheceu seus avós ou seu pai. Seu irmão foi sempre uma presença distante e sua mãe... Bem, ela era uma força muito intensa na juventude de Valentina, por isso tinha sido emocionalmente banida. Mas Belle parecia ser uma espécie de alma gêmea para ela. Imaginava se haveria alguma coisa como memória genética e se seria possível deixar que sua bisavó revivesse sua vida apaixonada novamente através dela, de sua bisneta. A ideia a divertiu e a levou a fazer algo que quase nunca fazia, sorrir. Era só uma sorrisinho, tímido e escondido em sua respiração, mas ainda assim, uma sorriso.

Então era isso o que Théo tinha feito a ela: perceber que não estava sozinha.

— Valentina! Você está sorrindo! E em plena luz do dia!

Ela olha para cima e, em pé, bem à sua frente, estava ele, Théo, sorrindo calorosamente. Estava tão absorta com o álbum que nem percebeu sua chegada. O sol está bem na sua cara, então ela espreme os olhos para enxergá-lo, o brilho da basílica atrás dele. Théo Steen, seu amor errante. Ali estava ele em toda sua altura, sua pele escura e seus modos elegantes, que tanto lhe faltaram nesses últimos dez dias. Sente uma corrente de emoção percorrê-la. Quer dizer a ele o quanto sentiu sua falta, mas não consegue. Mesmo agora, quando seu coração está tão cheio de amor, prestes a explodir enquanto olha para ele, Valentina

começa a agir da mesma maneira de sempre, levantando paredes entre os dois e o mantendo longe. Em vez de cair em seus braços, ela converte seu sentimento de amor em ódio.

— Théo, onde você esteve? Está quase uma hora atrasado — reclama, mal-humorada, seu sorriso desaparecido.

— Desculpe-me, amor — ele responde, como se acabasse de ser estapeado no rosto e recuasse. Por que ele não pode abraçá-la? — Levei mais tempo para colocar algum juízo na cabeça de Glen.

Ela se acalma um pouco.

— Está tudo bem? Ele vai nos deixar em paz para sempre?

Théo senta-se na mesa tão perto dela fisicamente, mas tão longe agora. Valentina quer abraçá-lo e tocá-lo, olha para as mãos dele, seus dedos longos e elegantes, quando ele acena para o garçom e pede dois cafés.

— Espero que sim.

A resposta não a tranquiliza completamente.

— Você não acha que deveríamos ir à polícia? A Garelli?

— Para quê? Ele não está fazendo realmente nada de errado e acho que ir à polícia poderia causar mais problemas para mim do que para ele.

Finalmente, ele segura sua mão e a aperta.

— Não se preocupe, meu amor. Vai dar tudo certo.

Por que as pessoas insistem em dizer aquilo umas para as outras? Mesmo quando não sabem se isso será verdade? Ela coloca o álbum de fotos em seu colo, mudando de assunto.

— Então, quando você ia me falar sobre toda essa história?

A luz volta aos olhos de Théo. Ele pega o álbum e começa a olhar as ampliações coladas nele.

— Você ampliou todos — ele diz, deliciado. — Meu Deus, são fotos maravilhosas!

Ele olha para a foto que Valentina tinha reproduzido na Câmara Escura.

— Esta me parece familiar — ele diz baixinho, olhando para ela maliciosamente.

— Você estava olhando o tempo todo?

— É claro que eu estava olhando você. Não era essa a intenção o tempo todo?

Eles se olham e Valentina sente seu coração se acelerar.

— Eu não sei o propósito de nada disso. Não de verdade — ela diz com calma. — Por que você não me disse onde tinha conseguido o álbum? Por que não me falou que eram fotos da minha bisavó e uma herança de família? Pensei que eram roubadas, como os seus quadros...

— Eu queria que você descobrisse sozinha, negativo por negativo. Achei que

você ia se divertir.

Ali estava a bendita palavra novamente, que apenas a fazia se lembrar de coisas chatas.

— Me divertir? — ela responde sibilando, sua raiva aparecendo novamente. — Você foi visitar meu irmão em Nova York escondido de mim. Por que foi lá? Por que não me contou?

— Por que eu sabia que se contasse a você que queria ir vê-lo, você não me deixaria ir — ele responde sem rodeios.

Ela morde os lábios. Ele tem razão, ela teria mandado que ele não se envolvesse.

— Va, você mudou — ele diz com suavidade.

Ela olha para ele, sem entender. O que ele queria dizer?

— Logo que eu me mudei para o seu apartamento, foi como se você tivesse congelado, tornou-se uma espécie de rainha de atitudes contraditórias. Em um minuto você queria transar; no minuto seguinte, ficava furiosa comigo por alguma razão que só mesmo você devia saber qual era.

— Mas você também é contraditório — ela se defende, sem querer admitir que ele estava certo. — Com seus roubos secretos, desaparecendo dias seguidos, sem me dizer onde ia; e ainda foi se encontrar escondido com o meu irmão.

— Isso é completamente diferente. Sempre fui constante em meus sentimentos por você. — Ele respira antes de falar. — Desde o começo, desde a primeira vez em que nos vimos.

Valentina olha para ele com desdém.

— Isso é ridículo, Théo! Como você poderia saber o que sentia na noite em que me viu pela primeira vez? Você nem sequer me conhecia. Nunca tínhamos nos falado.

Théo sorri para ela, mas os olhos dele estavam tristes.

— Talvez você tenha razão. Porque, desde o momento em que mudei para sua casa, você não deixou escapar uma oportunidade de me lembrar que não havia possibilidade de se apaixonar por mim. — Ele para e toma um gole do seu café. — Eu ia deixá-la depois que voltamos da Sardenha, mas você tinha perdido o bebê e eu, bem... Eu não conseguia partir.

A dor nos olhos dele a deixa ainda mais irritada, não tem o direito de fazê-la se sentir tão culpada.

— Eu não queria que você sentisse pena de mim — ela retruca. — Como pôde ficar comigo apenas porque sentiu pena?

— Ah, não, Valentina, você realmente não me entende. — Ele a olha nos olhos e a raiva dela começa a ceder. — Eu queria encontrar uma maneira de fazer com que nosso relacionamento desse certo. Foi tão maravilhoso quando

começamos a sair que eu queria trazer aqueles momentos de volta à nossa vida. Por isso fui ver Mattia, queria conhecer você melhor, saber mais sobre você.

— Não cogitou me perguntar?

— Você não falava comigo. Não sobre coisas importantes.

Valentina olha para a mesa e para sua xícara de café vazia. Finalmente está começando a entender. Depois de um ano, começava a ver o lado de Théo, mas não consegue, ainda, saber como aquelas sensações a afetam. Continua muito brava com ele, por se intrometer em sua vida, por ter ido ver Mattia escondido dela. Mas percebe que ele sempre teve sentimentos fortes por ela, desde a primeira noite. Será que aquilo seria realmente possível? Ou ele estava iludido?

— Mas por que você trouxe o álbum da casa de Mattia? — Ela perguntou, andando em volta do tema principal daquela conversa.

— Ele o ofereceu a mim. Disse que você poderia ampliar os negativos. Quando voltei e vi o que eram em sua mesa de luz, tive uma ideia. Achei que poderia usá-los para me aproximar de você. Se eu conseguisse fazer você embarcar em uma jornada de amor com esses negativos, talvez você conseguisse entender o que eu estava tentando, sem sucesso, dizer de maneira clara. Achei que nunca ia conseguir que você ouvisse e acreditasse apenas nas palavras. Achei que assim você entenderia a mensagem.

— E qual é a mensagem? — ela pergunta, espantada com o trabalho a que esse homem tinha se dado para chegar até ela.

— Você ainda não entendeu?

Ele a captura com o olhar. Valentina se lembra, agora, das vezes em que pensou como esses olhos azuis eram intimidantes, mas como podiam ser ao mesmo tempo tão puros e claros. Já não está mais nervosa, passa a sentir vergonha de si mesma... De sua incapacidade de confiar e de se comunicar...

— São fotos eróticas dos anos 1920, o que significa que minha bisavó era uma pessoa de espírito livre.

Ela olha para o álbum nas mãos dele, agora incapaz de encarar seu olhar intenso.

— E tem essa incrível conexão que sinto com ela também...

Théo coloca sua mão sobre a dela e seu corpo parece ser energizado com o toque. Como se ele tivesse acendido uma luz em seu coração. Se não estivessem na Praça San Marco, em plena luz do dia, ela pularia em cima dele agora.

— Foi isso o que eu pensei que você diria. Quando vi os negativos, descobri que eram eróticos e então me lembrei das fotos que você tinha feito em Veneza. Foi quando percebi a conexão entre você e sua bisavó, essa impressionante dama do passado, Va. Achei que ela poderia me ajudar a fazer com que você entendesse a mensagem.

Valentina sabe que essas fotos são mais do que meras imagens, são parte da história dela, contam quem ela realmente era.

— E então? — Théo pergunta novamente, inclinando-se para ela e trazendo-a para perto, puxando-a pelo queixo e olhando dentro de seus olhos novamente.

“Ele está me obrigando a mostrar o meu coração”, ela pensa, desesperadamente tentando permanecer controlada.

— O que o álbum diz a você? — Ele pergunta, com a voz rouca.

Ela vira sua cabeça para o lado, confusa e nervosa.

— É muito sexy?

— É só isso o que você vê?

Molhou os lábios e encarou Théo de frente.

— O que você quer que eu diga?

Ele parece desapontado. Leva as mãos dela até seus lábios e as beija. O toque faz com que ela se vire para ele e deseje beijá-lo na boca. Valentina queria muito sentir aqueles lábios em seu corpo. Tem um desejo enorme dentro dela por seu amor.

— Théo — ela pede baixinho —, vamos voltar ao *Locanda La Corte*.

Assim que fecham a porta do quarto, eles se abraçam e se beijam com intensidade, andando como se fossem um só, devagar, em direção à cama. Valentina sente que chegou nela quando a parte de trás de seus joelhos toca no colchão. Então se deita, puxando Théo. Tira a jaqueta dele enquanto ele tira as suas calças. Ela desabotoa o jeans dele e, em segundos, estão nus. Eles se acariciam, tomando contato novamente com seus corpos, ela toca a pequena cicatriz que ele tem no peito. A mão dele encontra os seus mamilos; começa a beijá-los.

— Você sentiu saudades nessa semana? — ele pergunta com tanto carinho que quase a machuca. “Sim, sim, sim!”, ela ouve sua resposta em sua cabeça, mas resiste à tentação de deixá-lo saber da verdade.

— Por que você ficou longe tanto tempo? — Ela responde com outra pergunta, sem conseguir esconder a dor em sua voz.

— Estive com você o tempo todo, Valentina — ele sussurra. Ela olha para ele intensamente. Claro, no fundo, ela sabia disso. Mas não consegue pensar direito agora, não com seu corpo tomando o controle de tudo. Ela quer dar a ele tanto prazer que ele nunca mais iria querer abandoná-la. Valentina nunca sentira com outros homens algo tão intenso. Não conseguia se faltar de Théo.

Começa a beijar todo o corpo do seu amante, os braços fortes, o peito e seus mamilos, as pernas longas e torneadas, se aproximando devagar do pênis. Era

tão bom sentir o gosto dele de novo em sua boca... Théo também a estava tocando, mas ele faz com que ela se vire sobre ele, sabendo o que ele está tentando fazer. Valentina fica tensa por um momento, mas logo relaxa. Tinha deixado que Rosa e Célia a beijassem ali, por que não deixaria seu amante fazer o mesmo?

Ela tenta se concentrar em idolatrar o pênis dele, lambendo-o e acariciando-o, tentando levá-lo ao limite. Ao mesmo tempo, sente-se perdendo o controle com a língua dele se movendo dentro dela, fazendo com que a tensão se dissipe até se tornar uma torrente de emoções em seu corpo. Deixa que suas essências se unam.

E agora, ela imagina que não estão apenas em uma cama de hotel em Veneza, mas na sua cama, casados. Estão fazendo amor como fizeram na primeira vez em que tinham se visto, um perfume de rosas se misturando ao odor forte da excitação. Hoje ela estava livre. No momento em que Théo dissera “aceito”, todo o medo dela desaparecera, seu coração estava preso e seguro, amarrado em sua promessa de amor. Ela imagina um dia iluminado de Veneza, a luz do sol entrando pela janela aberta, caindo sobre sua mão e iluminando um anel de ouro em seu dedo, brilhando com a promessa de felicidade.

Eles estão caindo juntos em uma cascata, tão carinhosos um com o outro como a chuva num dia de verão. Ela está espantada com sua própria sensação de liberdade, sem nenhuma de suas neuroses a segurando. Nunca tinha se sentindo dessa maneira. “Eu amo você!”. As palavras se formaram claras como cristal em sua cabeça, não tem certeza se as disse. Seu amante está em silêncio, acariciando-a, abraçando-a contra o corpo dele, sem se dar conta de sua declaração de amor silenciosa. Devagar, eles desembaraçam seus corpos e se sentam encostados à cabeceira da cama; Théo a abraça, puxando-a para ele. Adoraria ficar ali para sempre, no conforto daquele momento, na calma de sua paixão aplacada, apenas ouvindo os cantos de Veneza: os passos na rua sob a janela, o italiano misturado aos idiomas dos turistas, o marulhar da água batendo contra as paredes do canal e o ruído dos barcos a motor à distância, os fantasmas de amantes do passado sussurrando pelas persianas.

Um relógio mostra que são 2 horas da tarde. Théo se mexe na cama quebrando o abençoado silêncio em que estavam.

— Você pensou em meu pedido, Valentina?

— Qual pedido? — Ela pergunta gentilmente, afagando seus ombros, inalando seu cheiro delicioso.

Ele tira os braços dos ombros dela e a olha dentro dos olhos.

— O pedido que fiz dez dias atrás, quando parti.

Ela sacode a cabeça, tentando fingir que tinha se esquecido e que isso não

tinha importância agora.

— Quero que você seja minha namorada — Théo pede novamente, acariciando os cabelos dela. — Você acha que pode confiar em mim agora? Você acha que consegue me amar?

Dentro dela, sua voz grita que sim. Uma voz silenciada há muito tempo, deixada de lado, isolada quando ela ainda era jovem. Tinha se esquecido dessa voz e agora sente vontade de deixar que ela se manifeste livremente. Exatamente naquela manhã decidira dizer a ele que o amava. Enquanto estavam fazendo amor, aquelas palavras tinham feito seu corpo todo dançar. Mas agora, quando mais precisava daquela voz, as palavras que tanto queria dizer estavam engasgadas em sua garganta. Não consegue abrir a boca e dizer a Théo o que ele precisa ouvir. Ele tem de ouvi-la dizer.

— Valentina — ele começa, com um olhar abrasador. — Eu amo você. Desde o momento em que a vi pela primeira vez no metrô, eu me apaixonei por você...

Ela se senta contra os travesseiros, como se tivesse levado um tapa no rosto.

— Não, isso não é possível. Por favor, não diga isso... — Ela fala baixinho, tentando espantar as lágrimas.

— Mas eu amo — ele repete, transpassando-a com a paixão em seus olhos. — Eu sei que você não se acha merecedora deste amor, mas você é. Não consegue entender?

Ela apenas balança a cabeça, incapaz de falar.

— Na noite em que a conheci, apaixonei-me porque você era dona de um espírito livre e encantador. Finalmente havia encontrado alguém que não queria me controlar. Você me deixou ser livre, Valentina. E eu amo você por isso.

Ela olha para ele espantada, a compreensão, difícil para ela, começando a penetrar sua razão.

— Você se lembra de como éramos? Quando nos encontrávamos em hotéis como dois desconhecidos? E então fazíamos amor? Era tão erótico e emocionante, aquilo tudo me deixava ainda mais apaixonado.

— Claro — ela respondeu, a voz já rouca. — Mas você não pode fazer esse tipo de coisas para sempre. Não é normal.

— Por que não? Quem sabe se daqui a 15 anos não estaremos fazendo exatamente as mesmas coisas? Jogando nossos jogos eróticos, fingindo ser amantes secretos?

Ele suspira.

— Eu me apaixonei por aquela Valentina, livre, mas tímida, liberada, mas elegante, passional, mas nunca vulgar. Nunca quis que as coisas mudassem, que você mudasse.

Ela olha para ele sem entender.

— Mas você mudou, meu amor. Logo que eu fui morar em seu apartamento, você se fechou completamente para mim e oprimiu a garota que eu tinha conhecido. Por quê?

As palavras dele magoam seu coração. Valentina olha para Théo com os olhos cheios de lágrimas.

— Não quero me tornar a minha mãe. — Sua voz falha.

— Eu não entendo o que você quer dizer com isso — e completa com traços de amargura em sua voz —, mas também como eu poderia compreender? Você se recusa a falar comigo sobre ela. Tudo o que eu sei sobre sua mãe é de conversar com Mattia. — A voz dele se suaviza um pouco. — Entendo que ela seja uma pessoa difícil.

— Muito — Valentina diz com dureza. — Eu acho que ela afastou meu pai de nós. Sempre foi tão obcecada com sua liberdade que tratou mal todos os homens de sua vida. — Sua respiração está pesada, faz uma pausa para se acalmar. — Eu pedi a você que se mudasse para minha casa porque tenho medo de ficar como ela.

— E não porque você realmente quisesse morar comigo?

Ela sacode a cabeça devagar.

— Não queria naquela época. Mas agora eu quero, Théo. — Ela se vira para olhar para ele, esperando que ele consiga ver a verdade de seus sentimentos naquela frase.

— O que mudou?

— Antes de você ir embora, eu achei que conseguiria suprimir quem eu realmente era para fazer nosso relacionamento funcionar. E isso estava me enlouquecendo. No fundo, eu sabia que era exatamente igual à minha mãe e ficava furiosa por não conseguir me libertar para ser eu mesma.

Théo segura as mãos dela nas suas.

— Foi o que eu sempre quis, Va, que fosse exatamente quem você é. Mas você não falava comigo, não me explicava qual era o problema.

Ela se vira para ficar de frente para ele e beija seu ombro.

— Eu sinto muito. Vou tentar mais.

Théo sorri com tristeza para ela.

— Não, Valentina, não devemos fazer esforços. Nossa história tem de acontecer sem sacrifícios. Você tem de entender que o meu amor por você é incondicional. É isso o que o álbum erótico mostra, é o que ele significa. Essas fotos foram tiradas pelo amante de sua bisavó e, mesmo naquela época, mostram o quanto aquele homem amava o espírito livre dela. Eu queria mostrar que você poderia ser como ela e não precisava sentir vergonha por isso.

— Por isso você também estava no clube? Por isso todas as aquelas coisas

aconteceram?

— Sim, Leonardo é um velho amigo, pedi que ele me ajudasse com você.

Ela levanta as sobrancelhas sem acreditar.

— E você não se importou de ele transar comigo? Nem por eu dormir com aquelas duas mulheres, ou por eu ter concordado em me tornar submissa para Leonardo? Você não se importou de eu estar na Câmara Escura?

— Não. Na verdade, eu estava presente quase o tempo todo, olhando. — Ele respira fundo. — Era muito erótico, Valentina, ver você se abrir, enxergar seu coração puro e deixar fluir seu espírito livre...

— Mas não fiz sexo com Leonardo apenas no clube. — Ela coloca tudo para fora. Tem de contar para ele agora, tem de fazê-lo entender exatamente quem ela é. — Ele esteve no meu apartamento e transamos lá também! — Ela revelou, quase com brutalidade.

— Eu sei. — Théo suspira, mas fala com calma. — Também estava lá naquela noite.

Então era ele quem ela tinha ouvido caminhar pelo apartamento. Não era nenhum ladrão.

— Lembre-se de que eu fiz sexo com Célia bem na sua frente também — ele continuou. — Como você se sentiu?

Ela pensa um pouco e se lembra daquela noite, em que ela, Théo, Leo e Célia tinham ido para a cama juntos.

— Foi estranho... — Ela fala pausadamente. — Aquilo fez com que eu me sentisse ainda mais próxima de você.

Ele sorri para ela, triunfante.

— Entende então que não há regras rígidas? Eu não quero que você mude.

Ela olha para ele, maravilhada.

— Você é um homem tão estranho... Não acredito que seja de verdade.

— Para nós funcionarmos bem como um casal, preciso saber que você confia em mim. Temos de ser completamente abertos um com o outro. Mas se você não pode fazer isso...

Ele vira seu rosto para o lado, deixando-a surpresa. Que homem era aquele que abriu seu coração completamente para ela? Que arriscava tudo? O silêncio entre eles é pesado e carregado. Théo está esperando por sua resposta e precisa ouvi-la dizer tudo de maneira aberta e clara. Precisa ouvi-la dizer que o ama. Valentina quer dizer, ela sabe que o ama, mas não consegue falar. É difícil para ela abandonar seus medos antigos e se sentir segura.

Ela está feliz por amar Théo para o resto de sua vida, mas não consegue dizer isso para ele. Quer ficar do lado de fora da câmara secreta do amor porque, para ela, o amor é escuro, cheio de perigos que podem magoar. O amor oferece o

risco da humilhação, da rejeição, da fraqueza e da exposição. Ela o ouve suspirar e quase morre quando sente a dor dele. Está magoando o amor de sua vida e não consegue dizer as palavras para confortá-lo.

Théo se levanta da cama, ainda nu, e caminha para a cadeira em que deixou suas roupas. Começa a se vestir.

— Não posso mais fazer isso — ele diz, finalmente, se virando para ela enquanto abotoa sua camisa. Ainda espera desesperadamente ouvir as palavras de que precisa.

— Mas, Théo, não podemos deixar as coisas como eram antes? Como antes de você se mudar para casa? Não podemos ser amantes secretos novamente?

— Valentina, para mim não se trata só de sexo — ele diz, pegando sua jaqueta.

— Por favor, volte para a cama...

Ela dá seu meio sorriso para ele, tentando aliviar a tensão. Se puder fazer amor com ele novamente, talvez depois possa dizer que o ama...

— Não! — Théo agora responde com dureza em sua voz. — Quero que tenhamos algo mais do que isso.

Ele aperta seu cinto e ela percebe que está bravo. Finalmente ela havia conseguido. Théo estava furioso.

— Este era o objetivo desta semana, pelo amor de Deus! — Ele diz exasperado. — Queria mostrar a você que eu sabia quem você era. Conhecia seus medos, suas fantasias. Queria que soubesse que é a mulher mais corajosa que conheço, mas tem medo da única coisa na vida capaz de trazer apenas alegria: o amor.

— E também a maior dor. — Valentina acrescenta, em tom sombrio.

Théo olha para ela com tristeza. Caminha até a cama e acaricia-lhe o rosto, passando delicadamente seus dedos em todo o contorno.

— Eu sei. — Ele diz com cuidado. — Você diz isso sempre. Sempre. Sempre. Esperei que comigo fosse diferente.

Ele caminha para a porta e se volta para ela.

— Sinto tanto, Valentina, mas acaba aqui.

— Théo, calma, não seja tão dramático...

Mal acabara de dizer, já sabe que suas palavras são completamente inadequadas.

— Acabou — ele sentencia.

Ela sabe que deveria correr para ele, deixar seus sentimentos explodirem, contar a ele exatamente como se sentia. Em vez disso, deixa a raiva falar mais alto e, quando fala, sua voz não parece pertencer a ela.

— Então vá. Vá embora.

Ele se vira e olha para ela com tanta pena que Valentina se contorce na cama, mas não volta atrás. Olha para ele furiosa. O que importa? Ele é exatamente como a mãe dele, exigindo coisas o tempo todo. Como se atrevia? No entanto, no fundo ela sabia que estava sendo tola; precisa fazê-lo ficar. Ela respira e tenta se acalmar. Fecha os olhos e se concentra, reunindo coragem para se aproximar das palavras. Tão perto de dizê-las, estão ali em sua boca, ela pode dizer, ela vai conseguir.

— Théo, eu... — ela começa, mas quando abre os olhos, ele não está mais lá. Os minutos passam e Théo não volta, mas vai voltar. Claro que vai. É só mais um dos seus jogos estúpidos. Ela anda pelo quarto, segurando as coisas, a ansiedade machucando o seu coração. Pega o álbum e começa a olhá-lo para se distrair. O olhar de desapontamento de Théo, quando ele perguntou o que tinha achado daquelas fotos, vem à sua mente. Então, ela olha para a imagem de Belle Louise Brzezinska, a linguagem de seu corpo inteiro expressando os seus sentimentos para o fotógrafo anônimo, seu amante. Pela primeira vez, ela entende que interpretou mal os gestos de sua bisavó. Sim, o corpo dela estava carregado de desejo, mas não era apenas sexo. Era amor.

Valentina olha para o álbum e percebe, então, que se tratava de um livro sobre como o amor deveria ser. Falava sobre como dar e receber prazer, como fazer com que o amor aumentasse e não diminuísse. Agora, ela entende o que Théo estava tentando lhe dizer. A força mais intensa do erotismo é o erotismo do amor. E ele queria que ela tivesse tudo aquilo.

Como ele tinha dito incontáveis vezes, não queria aprisioná-la. Queria libertá-la.

— Eu te amo!

Ela sussurra as palavras no quarto vazio e lúgubre do hotel em Veneza. Mas agora é tarde demais. Théo não está mais lá para ouvi-las. Agora Valentina sabe que ele foi embora para sempre. Sabia que o tinha perdido, apesar de ele ter dado todas as oportunidades a ela. Sua incapacidade de dizer que o amava o tinha afastado. Tudo o que ele queria era ouvi-la dizer que o amava. E ela não podia. Tinha de deixá-lo ir embora.

Valentina veste o camisão de seda de sua avó, calça um par de tênis e abre as janelas. Olha para as águas esverdeadas do canal, tão turvas quanto suas emoções. Ela se sente péssima, quer apenas se deitar ali no chão do quarto e deixar que o mundo siga sem ela.

Pega o álbum de volta e reza em silêncio por orientação. Precisa de uma luz sobre o que deve fazer enquanto vira suas páginas, sua dor embaçando a visão e

as imagens se tornando um borrão preto e branco. A dor que agora vai em seu coração faz com que ela comece a rasgar o livro. Quer destruí-lo completamente, e a tudo quanto ele representa. Ao rasgar a primeira página, no entanto, percebe um papel escondido no álbum. Era uma carta escrita numa caligrafia elaborada, provavelmente de sua bisavó.

Toda a minha vida eu vivi para este momento abençoado, quando confesso ao amor da minha vida que o amo.

A frase a atingiu tão diretamente que Valentina sentiu-se como se tivesse levado um soco no estômago. Recuperou o fôlego e se abraçou, tentando se confortar da dor que sentia. Théo era o amor de sua vida, sabia disso agora. Olha para seu reflexo no espelho e seus olhos veem uma outra mulher, cujo poder fala diretamente a Valentina. Dura apenas um segundo, como a projeção de uma lanterna mágica: Valentina se torna Louise e Louise se torna Valentina. O que sua ancestral faria?

Ela sabe, é claro: não desistiria, iria atrás de Théo e o conquistaria novamente.

Veneza faz novamente sua mágica funcionar. Louise Brzezinska pega Valentina pela mão e a gira.

Acorde, Valentina, acorde.

Ela gira mais e mais rápido, fazendo com que toda sua dor, sua tristeza, sua raiva e seu medo se distanciem. Ao longe, no oceano azul, escuta um pássaro cantar.

Assim, Louise tira Valentina da câmara escura de seu passado e a leva ao futuro. Em direção ao amor.

* * *

Agradecimentos

Agradeço a Vicki Satlow por me apresentar ao mundo de Valentina e acreditar em mim para realizar este projeto. E também a Marianne Gunn O'Connor por sua fé, confiança e visão. E obrigada a ambas, Vicki e Marianne, por sua perfeita dedicação ao trabalho como agentes literárias e como mulheres inspiradoras.

A Antonio Crepas e a toda sua família, obrigada por confiarem em mim com Valentina e pela honra que me concederam pela oportunidade de trazer o personagem icônico de Guido Crepax à vida nas páginas deste livro.

Agradeço a Leah Woodburn, minha editora, cujo trabalho inspirador e perspicaz fez este livro se tornar realidade, e a Veronique Norton, Lynsey Sutherland, Kim Hardie, Emily Kitchin e a todo time da Headline, em especial a Imogen Taylor. Obrigada a Emma Herdman, da Waterstones, por seu entusiasmo.

Obrigada a todos aqueles em Milão que me fizeram sentir tão bem-vinda e me ajudaram com as pesquisas na cidade: Angela, Agata e Roberto, Giancarlo, Daniela e Giulio.

Obrigada a Carol e Michel, por me ajudarem com minha pesquisa sobre a Polônia; a Monica, por seu apoio, e a Kate, por sua crítica, valiosa como sempre.

Obrigada aos meus amigos em Bergen, que me apoiaram tanto: Nina, Ila, Tracey, Hege, Anne, Synnøve, Louise, Ane, Elisa e Charlotte.

Agradeço a meu irmão Fintan e a sua esposa Eimear e a todos os meus amigos na Irlanda, Inglaterra e em todo o mundo.

O maior agradecimento é para meus queridos Barry, Corey e Helena, com todo o meu amor.

— Evie Blake

Valentina seduziu você?
Não perca suas novas aventuras
no próximo livro da série.

Valentina, ícone de uma geração

A Valentina do romance escrito por Evie Blake foi inspirada na famosa personagem criada nos anos 1960 pelo celebrado ilustrador italiano Guido Cripax (1933-2003).



As *graphic novels* de Valentina ilustradas por Cripax se tornaram famosas por seus roteiros psicodélicos e alta dose de erotismo.

Viajando pela Europa em seus projetos fotográficos, Valentina se envolve com a elite artística dos anos 1960, vivendo situações glamourosas, emocionantes e muitas vezes perigosas, sempre com muita sensualidade e erotismo.

Moderna, sofisticada, independente e capaz de estar no lugar certo na hora certa, Valentina se tornou rapidamente símbolo de uma era de espírito livre e se manteve um ícone para os italianos e amantes da arte em todo o mundo.

Table of Contents

<u>Frontispício</u>
<u>Expediente</u>
<u>Sobre este livro</u>
<u>Sobre a autora</u>
<u>Dedicatória</u>
<u>01 Belle</u>
<u>02 Valentina</u>
<u>03 Belle</u>
<u>04 Valentina</u>
<u>05 Belle</u>
<u>06 Valentina</u>
<u>07 Belle</u>
<u>08 Valentina</u>
<u>09 Belle</u>
<u>10 Valentina</u>
<u>11 Belle</u>
<u>12 Valentina</u>
<u>13 Belle</u>
<u>14 Valentina</u>
<u>15 Belle</u>
<u>16 Valentina</u>
<u>17 Belle</u>
<u>18 Valentina</u>
<u>19 Belle</u>
<u>20 Valentina</u>
<u>21 Belle</u>
<u>22 Valentina</u>
<u>23 Belle</u>
<u>24 Valentina</u>
<u>25 Belle</u>
<u>26 Valentina</u>
<u>27 Belle</u>
<u>28 Valentina</u>
<u>29 Belle</u>
<u>30 Valentina</u>

[31 Belle](#)

[32 Valentina](#)

[33 Belle](#)

[34 Valentina](#)

[35 Belle](#)

[36 Valentina](#)

[37 Belle](#)

[38 Valentina](#)

[Agradecimentos](#)

[Próximo livro da série](#)

[Valentina, ícone de uma geração](#)